



**Universidade de
Aveiro**
2018

Departamento de Economia, Gestão,
Engenharia Industrial e Turismo

**Cátia Maria Teixeira de
Sousa**

**Constrangimentos à visita a atrações culturais em
Ribeira de Pena**



**Universidade de
Aveiro
2018**

Departamento de Economia, Gestão,
Engenharia Industrial e Turismo

**Cátia Maria Teixeira de
Sousa**

**Constrangimentos à visita a atrações culturais em
Ribeira de Pena**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de mestre em Gestão e Planeamento em Turismo, realizada sob a orientação científica da Doutora Maria João Aibéo Carneiro, Professora Auxiliar do Departamento de Economia, Gestão, Engenharia Industrial e Turismo da Universidade de Aveiro e coorientação do Doutor Nuno Rosmaninho, Professor Associado com Agregação do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

Dedico este trabalho aos meus pais, às minhas irmãs, sobrinhos e restante família mais particularmente ao meu avô Manuel que era o meu porto seguro e nos deixou tão cedo fazendo com que este mundo ficasse muito pobre.

Neste ano difícil de 2018, agradeço também em especial ao meu pai por ter lutado por nós por mais que fosse complicado e por vezes parecesse impossível, foi um guerreiro e incentivou-me a continuar para o deixar orgulhoso como sempre “continua filha, acaba isso!! Ganha forças por mim”.

À minha irmã gêmea Joana, não tendo palavras que descrevam o quanto lhe agradeço por me ajudar de forma incondicional e por tudo que faz por mim “my twin”.

Aos meus amigos, que foram pacientes e me ajudaram a conseguir ter forças para alcançar os meus objetivos e estiveram comigo nos bons e maus momentos Nelson, Céu, Marisa, Edinho, Phillips, Natacha, Steven e Walter.

o júri

Presidente

Prof.Doutora Elisabeth Kastenholz
Professora Associada da Universidade de Aveiro

Vogal – arguente principal

Prof.Doutora Cristina Maria Jesus Barroco Novais
Professora Adjunta do Instituto Politécnico de Viseu

Vogal – orientador

Prof.Doutora Maria João Aibéo Carneiro
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

Agradecimentos

Ao longo da realização do meu projeto de dissertação tive a preciosa ajuda de muitas pessoas que fizeram de tudo para que o conseguisse completar apesar de todas as dificuldades e adversidades que encontrei ao longo deste percurso. Em primeiro lugar, os meus mais sinceros e grandiosos agradecimentos vão para a minha orientadora a professora Doutora Maria João Aibéo Carneiro pela sua preciosa ajuda, por toda a dedicação, compreensão e dádiva de incentivo ao longo de toda a elaboração do projeto. Agradeço também muito ao coordenador dos museus do Município de Ribeira de Pena, o Doutor Emanuel Guimarães pela simpatia e sobretudo pela magnífica colaboração que me forneceu ao longo destes dois anos de mestrado ao me ajudar não só neste trabalho mas em outros que tive que realizar neste âmbito, assim como agradeço às funcionárias que com ele trabalham a Dona Celeste e a Dona Sara pelo empenho de distribuição dos questionários. Por fim, agradeço ao coordenador de atividades do Pena Aventura Park, Marco Pereira por me ter acompanhado e orientado ao longo do meu estágio e por se mostrar disponível em ajudar na destrubuição dos questionários.

palavras-chave

Constrangimentos, atração cultural, estratégias, segmentação, satisfação, atividades.

resumo

As atrações culturais constituem componentes relevantes dos destinos, que podem influenciar, em grande medida, a sua competitividade. Contudo, existem ainda diversos constrangimentos que dificultam ou impedem a visita a atrações culturais. Embora os constrangimentos tenham vindo a merecer um crescente interesse por parte dos investigadores em turismo, o número de estudos que analisa os constrangimentos para visitar as atrações culturais é ainda reduzido e não se conhecem estudos empíricos que examinem, de forma abrangente, os constrangimentos para visitar as diversas atrações culturais.

A presente dissertação tem como principal objetivo identificar os potenciais constrangimentos para visitar as diversas atrações culturais e analisar os constrangimentos da visita às atrações culturais do concelho de Ribeira de Pena. Pretende-se, não só, perceber a razão pela qual algumas pessoas que visitam o Concelho não visitam este tipo de atrações, mas também identificar estratégias para fomentar a visita às atrações culturais e melhorar a gestão destas atrações, incluindo as atividades e eventos desenvolvidos. Para alcançar estes objetivos foi realizado um estudo empírico resultante da administração de questionários (N=104) a pessoas que estavam a visitar ou já tinham visitado o concelho de Ribeira de Pena.

Observa-se que existem ainda consideráveis constrangimentos para visitar as atrações culturais do Concelho. Esta dissertação permitiu verificar que os principais constrangimentos para visitar as atrações culturais de Ribeira de Pena foram constrangimentos intrapessoais como a preferência por outro tipo de atividades e a falta de interesse nas atrações culturais do Concelho, constrangimentos interpessoais como a falta de companhia, mas também constrangimentos estruturais como a falta de informação e conhecimento sobre as atrações culturais do Concelho. Foi ainda possível obter uma melhor perceção sobre segmentos de visitantes do Concelho que possuem diferentes constrangimentos para visitar estas atrações e identificar o que é mais importante fazer para satisfazer as suas necessidades. O trabalho termina com linhas de orientação para aumentar o número de visitantes das referidas atrações, que poderão permitir também aumentar a competitividade deste Concelho.

keywords

Constraints, cultural attraction, strategies, segmentation, satisfaction, activities.

Abstract

Cultural attractions are relevant components of destinations that can largely influence their competitiveness. However, there are still several constraints that hinder or prevent the visit to cultural attractions. Although the constraints have earned a growing interest on the part of researchers in tourism, the number of studies analyzing the constraints to visit cultural attractions is still reduced and empirical studies are not known that examine, in a comprehensive way, the constraints to visit the various cultural attractions.

This thesis has as main objective to identify the potential constraints to visit the various cultural attractions and analyze the constraints of the visit to the cultural attractions of the municipality of Ribeira de Pena. It is intended, not only to perceive the reasons why some people visiting the municipality do not visit this type of attractions, but also to identify strategies to foster the visit to cultural attractions and improve the management of these attractions, including activities and events developed. To achieve these objectives, an empirical study was carried out resulting from the administration of questionnaires (N = 104) to people who were visiting or had already visited the municipality of Ribeira de Pena.

It is observed that there are still considerable constraints to visit the cultural attractions of the Municipality. This dissertation allowed to observe that the main constraints to visit the cultural attractions of Ribeira de Pena were intrapersonal constraints like the preference for other type of activities and the lack of interest in the cultural attractions of the Municipality, interpersonal constraints like the lack of company, but also structural constraints such as the lack of information and knowledge about the cultural attractions of the Municipality. It was also possible to obtain a better perception about segments of visitors of the Municipality who have different constraints to visit these attractions and identify what is most important to do to meet their needs. The work ends with guidelines to increase the number of visitors to these attractions which may also allow to increase the competitiveness of this Municipality.

Índice

Capítulo 1. Introdução	1
1.1.Relevância e objetivos da dissertação	1
1.2.Metodologia da dissertação.....	5
1.3. Estrutura da dissertação	7
Capítulo 2 - Turismo cultural e tipologias das atrações culturais	9
2.1. Introdução	9
2.2. Definição de turismo cultural e tipologias das atrações culturais.....	9
2.3. Potenciais motivações para visitar atrações culturais	23
2.4. Potenciais benefícios do turismo cultural	31
2.5. Conclusões	35
Capítulo 3 - Constrangimentos à visita de atrações culturais.....	37
3.1. Introdução	37
3.2.Definição de constrangimentos.....	37
3.3. Classificação dos constrangimentos para realizar atividades de lazer.....	40
3.4. Constrangimentos para visitar atrações culturais.....	42
3.5. Conclusões	64
Capítulo 4 - Caracterização do concelho de Ribeira de Pena	66
4.1. Introdução	66
4.2.Caraterização geral do concelho de Ribeira de Pena	66
4.3.Oferta de atrações turísticas do concelho de Ribeira de Pena	69
4.3.1. Museus	70
4.3.2. Imóveis classificados	72
4.3.3. Lendas, costumes, tradições, gastronomia e património literário do concelho de Ribeira de Pena	75
4.3.4. Eventos e atividades culturais.....	77
4.3.5. Património natural.....	82

4.3.6. Outras atrações turísticas	84
4.4. Infraestruturas, equipamentos e serviços de apoio ao turismo	85
4.5. Conclusões	90
Capítulo 5 - Metodologia do estudo empírico.....	92
5.1. Introdução	92
5.2. Metodologia de recolha de dados	92
5.3. Metodologia de análise de dados	102
5.4. Conclusão.....	103
Capítulo 6 - Análise e discussão dos resultados do estudo empírico	104
6.1. Introdução	104
6.2. Caracterização sociodemográfica da amostra.....	104
6.3. Características gerais da visita ao concelho de Ribeira de Pena.....	109
6.4. Visita a atrações culturais ou participação em eventos culturais no concelho de Ribeira de Pena.....	111
6.5. Motivações para visitar as atrações culturais.....	114
6.6. Constrangimentos para visitar as atrações culturais	116
6.7. Sugestões para melhorar as atrações culturais em Ribeira de Pena.....	121
6.8. Segmentação dos inquiridos com base nos constrangimentos sentidos para visitar as atrações culturais de Ribeira de Pena.....	124
6.9. Conclusões	131
Capítulo 7 - Conclusões e Recomendações.....	134
7.1. Conclusões	134
7.2. Recomendações	138
7.3. Limitações e sugestões de pesquisa futuras	142
Referências	144
Apêndices	155
Apêndice 1 - Relatório de estágio.....	156

Apêndice 2 - Tabela dos constrangimentos dos 25 artigos analisados	190
Apêndice 3 - Oferta cultural do concelho de Ribeira de Pena.....	213
Apêndice 4 - Questionário	218

Índice de tabelas

Tabela 1: Evolução do número total de visitantes de monumentos, museus e palácios	10
Tabela 2: Evolução do número total de visitantes por tipo de equipamento	10
Tabela 3: Princípios da sustentabilidade propostos pela Lorton Consulting	18
Tabela 4: Tipologias das atrações culturais propostas por Julião, baseado em Ignarra (2001)	21
Tabela 5: Tipologias dos recursos culturais portugueses proposta por Julião (2013)	22
Tabela 6: Motivações para visitar atrações culturais (continua)	29
Tabela 6: Motivações para visitar atrações culturais (continuação)	30
Tabela 7: Potenciais benefícios económicos do turismo cultural	33
Tabela 8: Potenciais benefícios políticos do turismo cultural	33
Tabela 9: Potenciais benefícios socioculturais do turismo cultural (continua)	33
Tabela 9: Potenciais benefícios socioculturais do turismo cultural (continuação)	34
Tabela 10: Potenciais benefícios ambientais do turismo cultural (continua)	34
Tabela 10: Potenciais benefícios ambientais do turismo cultural (continuação)	35
Tabela 11: Constrangimentos considerados nos 25 artigos analisados (continua)	54
Tabela 11: Constrangimentos considerados nos 25 artigos analisados (continuação 1)	55
Tabela 11: Constrangimentos considerados nos 25 artigos analisados (continuação 2)	56
Tabela 12: Constituição de Ribeira de Pena por freguesias	67
Tabela 13: Estatísticas dos museus de Ribeira de Pena	71
Tabela 14: Gastronomia do Concelho de Ribeira de Pena	76
Tabela 15: Fauna e flora do “Parque Ambiental do Bocheiro”	83
Tabela 16: Atividades promovidas pela Natourtracks	85
Tabela 17: Alojamento presente no concelho de Ribeira de Pena	87
Tabela 18: Alojamento local presente em alguns sites	88
Tabela 19: Motivações para a visita a atrações culturais (continua)	94
Tabela 19: Motivações para a visita a atrações culturais (continuação)	95
Tabela 20: Constrangimentos intrapessoais presentes no questionário (continua)	96
Tabela 20: Constrangimentos intrapessoais presentes no questionário (continuação)	97
Tabela 21: Constrangimentos interpessoais presentes no questionário	98
Tabela 22: Constrangimentos estruturais ou situacionais presentes no questionário (continua)	99
Tabela 22: Constrangimentos estruturais ou situacionais presentes no questionário (continuação)	100
Tabela 23: Perfil sociodemográfico dos inquiridos	105
Tabela 24: Existência de filhos	106
Tabela 25: Número de filhos	107
Tabela 26: Local de residência dos inquiridos, por NUT II, III e IV	108
Tabela 27: Pessoas do grupo de viagem com mobilidade reduzida	110
Tabela 28: Visita, contemplação ou participação em atrações culturais de Ribeira de Pena	111
Tabela 29: Aspetos que gostou mais e menos nas atrações culturais que visitou, contemplou ou em que participou	114
Tabela 30: Importância das motivações	116
Tabela 31: ACP dos constrangimentos para visitar atrações culturais	118
Tabela 32: Importância dos constrangimentos para visitar as atrações culturais	120

Tabela 33: Atividades sugeridas pelos inquiridos	121
Tabela 34: Sugestões de atividades propostas pelos inquiridos	122
Tabela 35 - Propostas de melhoria na qualidade de serviços prestados nas atrações culturais	123
Tabela 36 - Comparação dos clusters ao nível dos constrangimentos à visita às atrações culturais, idade e despesas realizadas, testes da ANOVA e Kruskal-Wallis	125
Tabela 37 - Comparação dos clusters ao nível das características sociodemográficas dos clusters identificados, testes do qui-quadrado	126
Tabela 38 - Comparação dos clusters ao nível das características da visita às atrações culturais, testes do qui-quadrado	127
Tabela 39 - Comparação dos clusters ao nível da apreciação das atrações culturais pelos clusters identificados, testes do qui-quadrado	128
Tabela 40: Comparação dos clusters ao nível das sugestões dadas pelos inquiridos, testes do qui-quadrado (continua)	130
Tabela 40: Comparação dos clusters ao nível das sugestões dadas pelos inquiridos, testes do qui-quadrado (continuação)	131

Índice de figuras

Figura 1: Quatro componentes do turismo cultural identificadas por McKercher e Du Cros (2002)	14
Figura 2: Componentes do turismo cultural identificadas por Cunha & Abrantes (2013)	15
Figura 3: Sistema de inter-relações do turismo	16
Figura 4: Produto turístico cultural	20
Figura 5: Modelo de segmentação dos turistas culturais	27
Figura 6: Tipologias dos artigos analisados	53
Figura 7: Constrangimentos intrapessoais considerados nos 25 artigos analisados	58
Figura 8: Constrangimentos intrapessoais considerados nos artigos analisados por tipo de artigo	59
Figura 9: Constrangimentos interpessoais considerados nos 25 artigos analisados	60
Figura 10: Constrangimentos interpessoais considerados nos artigos analisados, por tipo de artigo	61
Figura 11: Constrangimentos estruturais ou situacionais considerados nos 25 artigos analisados	63
Figura 12: Constrangimentos estruturais ou situacionais considerados nos artigos analisados, por tipo de artigo	64
Figura 13: Mapa de Portugal onde se assinala o concelho de Ribeira de Pena e o mapa constituinte do concelho	67
Figura 14: Ponte Romana em Alvite (Cerva)	73
Figura 15: Vista panorâmica do Castro de Cabriz	73
Figura 16: Desenho rupestre na Estação de arte rupestre de Lamelas	74
Figura 17: Pelourinho de Cerva	74
Figura 18: Mapa do Roteiro Camiliano ou PR1- Caminho do Abade	79
Figura 19: Roteiro Maria Moisés ou PR2- Levada de Santo Aleixo	80
Figura 20: Roteira Tessouros de Ribeira de Pena ou PR3-Vale do Poio	81
Figura 21: Mapa do "Parque Ambiental do Bocheiro"	84
Figura 22: Posto de Turismo da freguesia do Salvador- Ribeira de Pena	86
Figura 23: Posto de Turismo de Cerva e Limões	86
Figura 24: Inquiridos, segundo as habilitações literárias	106
Figura 25: Inquiridos, segundo o país de residência	107
Figura 26: Número de pessoas com quem viaja	109
Figura 27: Número de pessoas com menos de 10 anos de idade com quem viaja	109
Figura 28: Despesas dos inquiridos	111
Figura 29: Visita aos museus de Ribeira de Pena	112
Figura 30: Visita a outro tipo de atrações culturais	113
Figura 31: Participação em eventos culturais	113

Lista de Acrónimos

ATLAS - Association for Tourism and Leisure Education

CMRP - Câmara Municipal de Ribeira de Pena

CITC - Carta Internacional sobre o Turismo Cultural

DGPC - Direção-Geral do Património Cultural

GV - Gestão de Visitantes

ICOMOS - Concelho Internacional de Monumentos e Sítios

ICCROM - Centro Internacional de Estudos de Conservação e Restauro de Bens Culturais

IGESPAR - Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico

INE - Instituto Nacional de Estatística

IMC - Instituto dos Museus e da Conservação

OMT - Organização Mundial de Turismo

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNWTO - World Tourism Organization

PLCP - Projeto de Luta Contra a Pobreza

Capítulo 1. Introdução

1.1. Relevância e objetivos da dissertação

O turismo, de acordo com Božić, Jovanović, Tomić, & Vasiljević (2017), Chen, Hua, & Wang (2013), Tan (2017) e Thapa (2012) é um dos principais impulsionadores do progresso socioeconómico dos destinos, criando empregos e empresas, receitas de exportação e desenvolvimento de infraestruturas, contribuindo para a valorização das comunidades e do seu património. Para que estes impactes positivos aconteçam é importante garantir uma experiência de qualidade aos visitantes nos destinos turísticos, entre outros aspetos, através do constante *feedback* que se obtém desses mesmos visitantes, realizando diversos estudos no âmbito do turismo e diversas áreas temáticas, como pesquisas sobre os constrangimentos da visita a esses locais.

Os **estudos sobre os constrangimentos em atividades de lazer** que foram realizados durante décadas contribuíram para o conhecimento dos comportamentos no que respeita à participação neste tipo de atividade. Os primeiros estudos realizados no âmbito dos constrangimentos e barreiras de lazer sugeriram em 1960, através da *Outdoor Recreation Resources Review Commission* (Ferriss, 1962; Mueller, Gurin, & Wood, 1962), mas somente nas décadas de 80 e 90 estes estudos se amplificaram (Crawford, Jackson, & Godbey, 1991; Crawford & Godbey, 1987; Iso-Ahola, 1986; Jackson, 1988; Jackson & Scott, 1999; Searle & Jackson, 1985; Tian, Crompton, & Witt, 1996).

Os referidos estudos sobre os constrangimentos em atividades de lazer contribuem para a implementação de estratégias de gestão de lazer, bem como para um desenvolvimento e implementação de recreação que permite que as dificuldades encontradas e vividas pelos visitantes em atividades de lazer (relacionadas com a participação e satisfação) sejam ultrapassadas e haja um aumento da procura (Jackson, 1988).

Outros investigadores realçam também a relevância da realização de pesquisas sobre os constrangimentos para participar em atividades de lazer. No estudo realizado por Tian et al. (1996) sobre os constrangimentos relativamente às visitas aos museus de Galveston, enfatiza-se a enorme necessidade de se desenvolverem modelos que tenham, tanto em conta os benefícios como os constrangimentos referentes à participação nessas visitas. Tanto na literatura existente sobre turismo como na do comportamento dos consumidores, se sugere

que “nas fases iniciais do processo de tomada de decisão, se consideram mais as preferências e os benefícios procurados, mas que quanto mais próximo se está de tomar a decisão final, mais os constrangimentos exercem uma influência modificadora”, mostrando que os benefícios e os constrangimentos podem ser utilizados para a identificação de mercados-alvo (Tian et al., 1996, p.44).

Ainda outros autores (Boothby et al. 1981; McGuire, 1984) revelam a importância do estudo dos constrangimentos em atividades de lazer, evidenciando que, ao ser avaliada a forma como as pessoas são inibidas (constrangidas) relativamente ao seu envolvimento em atividades de lazer, é possível a criação de programas que removam esses constrangimentos que, conseqüentemente, levarão ao aumento da quantidade e qualidade da participação (Crawford et al., 1991; Jackson, 1988: 207-208).

Iso-Ahola e Mannell (1985) propõem que os fornecedores de recreação e praticantes, de acordo com os papéis que desempenham, trabalhem para que se removam as barreiras relativas à participação em atividades de lazer e se facilite a obtenção de satisfação nas experiências de lazer. Também em 1985, Godbey defende que identificar os constrangimentos pode ajudar a criar estratégias para atrair os chamados “não usuários” dos serviços públicos de lazer.

Os vários estudos que, ao longo dos tempos, foram realizados sobre os constrangimentos na área do lazer, levaram à identificação de aspectos fundamentais como constrangimentos que afetam a participação, grupos da população que possam ter especial desvantagem no acesso aos serviços de lazer mediante os constrangimentos surgidos na sua participação e, por fim, estratégias que podem ser desenvolvidas para atenuar os efeitos dos constrangimentos (Boothby et al. 1981; Crawford & Godbey, 1987; Crawford et al., 1991; Iso-Ahola & Mannell, 1985; Jackson, 1988; Jackson & Scott, 1999; McGuire, 1984; Searle & Jackson, 1985; Tian et al., 1996).

No caso específico das atrações culturais, Wong e Polonsky (2009) evidenciam que efetuar estudos acerca dos constrangimentos relativos à visita a atrações culturais permite compreender a razão pela qual as pessoas visitam ou não visitam estas instituições no sentido de criar formas eficazes de marketing de combate às barreiras que levam as pessoas a não realizar a visita às atrações culturais. Elaborar este tipo de pesquisa no âmbito das atrações culturais, de uma forma geral, permite também explorar outros grupos de visitantes, tendo

em conta as prioridades das instituições e os seus recursos financeiros, e contribui para saber lidar melhor com os constrangimentos específicos de cada segmento.

Existem estudos sobre os constrangimentos no âmbito do lazer em diversas áreas do turismo, como por exemplo, no âmbito do ecoturismo (Albayrak et al., 2017; Ghimire et al., 2014), do turismo desportivo (Hudson et al., 2010) do turismo de aventura (Fredman e Herberlein, 2005; Mowen et al., 2005), e do turismo cultural, sendo estes últimos sobretudo relativos à visita a museus (Jun et al., 2006; Lawton & Daniels, 2009; Prentice et al., 1997; Tian et al., 1996). De acordo com a revisão de literatura efetuada, há muito poucos estudos que identificam os constrangimentos relativamente à visita a atrações culturais de uma forma geral e não se encontraram estudos deste tipo realizados em Portugal (este aspeto será discutido mais pormenorizadamente mais à frente, na secção 3.2).

Devido ao número reduzido de estudos sobre os constrangimentos em atrações culturais e ao facto de não terem sido encontrados estudos sobre os constrangimentos para a visita de atrações culturais em geral em Portugal, torna-se importante a elaboração de um estudo onde se analisem os constrangimentos para visitar atrações culturais em geral, inclusive para participar em eventos culturais.

O concelho de Ribeira de Pena é um concelho com características mistas de vale e montanha, com cerca de 6.544 habitantes, com 30 habitantes por Km² e uma área de cerca de 217,46 Km² (INE, 2017). **O município de Ribeira de Pena revela uma enorme preocupação no que respeita à promoção da cultura do Concelho**, em possuir equipamentos e serviços de apoio para promover essa cultura e em apresentar de forma constante atividades, programas e eventos de índole cultural - nomeadamente feiras, romarias, festas em honra dos santos, atividades relacionadas com as artes (teatro, música, fotografia, artes) e atividades relacionadas com a exploração do património cultural do destino como caminhadas solidárias e *peddy papers* (CMRP, 2014). Existe um enorme esforço, por parte das várias entidades responsáveis, para promover a cultura de Ribeira de Pena ao nível do turismo, uma vez que muitos visitantes deste concelho parecem não visitar ainda as atrações culturais deste concelho. Uma das motivações para realizar esta investigação foi, efetivamente, o facto de a autora ter realizado um estágio no Pena Aventura Park, em Ribeira de Pena (ver Apêndice 1), e ter ficado com a perspetiva de que a maior parte dos visitantes deste parque não visitavam atrações culturais no Concelho.

Neste contexto, poderá haver, eventualmente, a possibilidade de desenvolver estratégias de modo a fomentar uma maior visitação de atrações culturais por parte dos visitantes que já visitam o Concelho como o Pena Aventura Park. No entanto, são necessários estudos para perceber que estratégias seriam mais viáveis neste âmbito.

Nos últimos anos, Ribeira de Pena tem sido promovida em canais televisivos como por exemplo o Porto Canal, em termos culturais e de imagem (Porto Canal, 2017). O *website* do Pena Aventura Park (Pena Aventura, 2018) apresenta a oferta que existe relativamente às atividades dinamizadas pelo parque e respetivos locais de realização, não referindo a oferta em termos de atrações culturais existentes no Concelho. Ainda não foram estudadas as razões pelas quais os visitantes de algumas atrações do referido concelho, tais como o Pena Aventura Park, não visitam atrações culturais em Ribeira de Pena. Efetuar o estudo sobre os constrangimentos para visitar as atrações culturais localizadas no concelho de Ribeira de Pena, contribuir , deste modo, para que as entidades proprietárias e gestoras destas atrações culturais possam perceber o que pode ser mudado para atenuar os constrangimentos em relação   visitação dessas atrações, removendo barreiras à visita. Esta alteração poderá contribuir para o desenvolvimento de estratégias que fomentem o aumento da atratividade da região, e conseqüente dinamização da sua economia.

Os **objetivos gerais da presente disserta o**, tendo em considera o o que já foi mencionado anteriormente nesta sec o, são:

- Identificar os tipos de constrangimentos existentes para visitar atrações turísticas e, especificamente, para visitar atrações culturais;
- Identificar os principais constrangimentos dos visitantes para visitar atrações culturais e participar nas atividades culturais no concelho de Ribeira de Pena.

Como **objetivos específicos**, apresentam-se os seguintes:

- Perceber o que são constrangimentos;
- Identificar os tipos de constrangimentos e motivações para visitar atrações turísticas e, especificamente, para visitar atrações culturais;
- Perceber que oferta existe em termos de atrações culturais no concelho de Ribeira de Pena;
- Identificar os principais constrangimentos e motivações dos visitantes para visitar atrações culturais e participar nas atividades culturais no concelho de Ribeira de Pena;

- Identificar segmentos de visitantes das atrações culturais do mesmo concelho segundo os constrangimentos para visitar essas atrações;
- Identificar estratégias para a resolução de problemas de gestão e planeamento no concelho de Ribeira de Pena e, conseqüentemente, para fomentar o aumento da procura de atrações culturais neste concelho.

1.2. Metodologia da dissertação

O modelo de investigação usado nesta dissertação inclui, primeiramente, uma abordagem teórica de caráter multidisciplinar e, posteriormente, um estudo empírico para avaliar quais os potenciais constrangimentos relativos à visita das atrações culturais do concelho de Ribeira de Pena.

A realização e desenvolvimento deste estudo passou por **quatro fases** distintas:

- A 1ª fase diz respeito à construção da base teórica deste estudo, que inclui a delimitação e análise do objeto de estudo - atrações culturais e constrangimentos para visitar estas atrações - com base em revisão da literatura;
- A 2ª fase consistiu na caracterização do concelho de Ribeira de Pena e, em particular, das suas atrações culturais;
- A 3ª fase contempla a recolha de dados – através de um inquérito por questionário;
- A 4ª fase consistiu na análise dos dados recolhidos no sentido de responder aos objetivos propostos.

A primeira fase desta dissertação consistiu numa **revisão de literatura** em que se discutiu o conceito de turismo cultural, tendo nesta vertente sido identificadas as principais motivações que levam as pessoas a visitar as atrações culturais, bem como os benefícios do turismo cultural nos destinos e para as várias entidades envolvidas. No entanto, uma parte crucial desta revisão da literatura esteve relacionada com os constrangimentos relativos à participação em atividades de lazer e turismo, sendo apresentadas as perspetivas defendidas pelos vários autores e, conseqüentemente, as diferentes definições e classificações de constrangimentos. Esta revisão de literatura permitiu, para além de perceber qual a melhor classificação de constrangimentos a ser utilizada, revelar a importância que detêm a avaliação e identificação dos constrangimentos relativos à visita a atrações culturais de um

destino. Esta abordagem teórica foi efetuada através da análise de artigos e livros científicos, bem como de teses e dissertações já publicadas.

Foi posteriormente realizada uma **caracterização do concelho de Ribeira de Pena**, com particular ênfase na oferta cultural existente no Concelho, particularmente no que se refere às atrações construídas, atividades, eventos e programas culturais. Esta caracterização da oferta teve como principal objetivo perceber e evidenciar o dinamismo de Ribeira de Pena de uma forma geral, no que respeita também às atividades, programas e eventos organizados. A informação sobre a oferta e procura foi recolhida através do *website* do município de Ribeira de Pena, do Anuário Estatístico da Região Norte, publicado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), bem como de monografias, panfletos, desdobráveis, livros e documentos existentes sobre Ribeira de Pena.

Na segunda fase foi realizado um **inquérito por questionário aos visitantes do concelho de Ribeira de Pena**, que teve com principais objetivos a identificação dos potenciais constrangimentos relativos à visita a atrações culturais em Ribeira de Pena e a identificação de estratégias capazes de aumentar a atratividade destas atrações. Este inquérito foi realizado pessoalmente pela investigadora em vários locais do Concelho, tendo algumas pessoas já previamente identificadas como visitantes do concelho sido contactadas através de um questionário *online*, enviado através de email.

Numa terceira e última parte foi realizada a **análise estatística dos dados** recolhidos através do inquérito para que fossem identificados os maiores constrangimentos relativos à visita a atrações culturais no Concelho, motivações para a realização dessa mesma visita e estratégias para aumentar essas visitas. Para tal, foram feitas várias análises estatísticas utilizando um *software* de tratamento de dados – o *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS). As análises estatísticas permitiram, além de identificar as principais motivações e constrangimentos para visitar as atrações culturais do Concelho, fazer uma caracterização da amostra dos inquiridos, e identificar os diferentes segmentos de visitantes existentes em termos de constrangimentos à visita a este tipo de atrações. Estes resultados permitiram chegar a diversas conclusões e sugerir potenciais estratégias, com a ajuda da revisão de literatura já efetuada, no sentido de aumentar as visitas às atrações culturais pertencentes ao Concelho e a conquista de novos visitantes para as atrações culturais.

1.3. Estrutura da dissertação

Esta dissertação encontra-se dividida em sete capítulos. No **primeiro capítulo** apresenta-se um enquadramento no âmbito dos constrangimentos em turismo e lazer, onde se evidencia a relevância e objetivos da investigação a ser realizada. Logo a seguir é feita a descrição da metodologia utilizada ao longo da dissertação e uma apresentação da estrutura da dissertação.

No **segundo capítulo** são discutidos vários conceitos existentes de turismo cultural, sendo identificadas as diferentes tipologias de atrações culturais. Neste capítulo são ainda identificadas potenciais motivações que levam as pessoas a visitar atrações culturais. São também identificados os benefícios do Turismo cultural para o destino e respetivas entidades envolvidas.

No **terceiro capítulo** são abordadas as teorias sobre os constrangimentos em atividades de lazer e discutem-se a definição e classificação destes constrangimentos apresentadas por diferentes autores. De seguida são identificados os potenciais constrangimentos à visita a atrações culturais.

No **quarto capítulo** é feita uma caracterização do concelho de Ribeira de Pena, sendo feita uma caracterização geral, bem como uma caracterização da oferta e procura turísticas. São caracterizadas várias componentes pertencentes à oferta (ex. recursos naturais e culturais, infraestruturas básicas, equipamentos de apoio, acessibilidades e transportes), sendo dada particular ênfase à componente da oferta existente em termos culturais e ao dinamismo existente em termos culturais no Concelho.

No **quinto capítulo** é apresentada, de forma detalhada, a metodologia utilizada no estudo empírico em termos de métodos de recolha de dados e métodos de análise de dados.

No **sexto e penúltimo capítulo** é realizada a análise e discussão dos resultados do estudo empírico onde, de forma detalhada, é feita uma descrição dos resultados obtidos, através de métodos de análise descritiva, sendo caracterizados os visitantes do Concelho, bem como as suas motivações e constrangimentos para visitar atrações culturais no Concelho. São também analisadas sugestões para aumentar a atratividade do Concelho em termos de atrações culturais. No sentido de segmentar os visitantes do Concelho em termos de constrangimentos

para visitar atrações culturais, foi primeiramente realizada uma análise fatorial e, depois, uma análise de *clusters*.

No **sétimo e último capítulo** são apresentadas as principais conclusões da dissertação. Ainda neste capítulo procura-se identificar estratégias e sugestões que possam ser implementadas para melhorar a atratividade das atrações culturais e, particularmente, das atrações culturais de Ribeira de Pena. São também apresentadas limitações da presente dissertação e sugestões de estudos que podem ser realizados futuramente, tanto no concelho de Ribeira de Pena como em diversos outros concelhos, localidades ou regiões.

Capítulo 2 - Turismo cultural e tipologias das atrações culturais

2.1. Introdução

No decorrer deste capítulo será feita uma revisão de literatura sobre o turismo cultural, incluindo algumas definições propostas por várias entidades e investigadores importantes. Ainda neste capítulo serão identificados os principais tipos de atrações culturais existentes e será discutida a sua classificação por tipologias.

De seguida são identificadas as potenciais motivações que levam as pessoas a visitar atrações culturais, discriminando, numa fase posterior, as vantagens (benefícios) do turismo cultural num dado destino para todas as partes interessadas.

2.2. Definição de turismo cultural e tipologias das atrações culturais

Existe uma enorme variedade de motivações que induzem o Homem a viajar. De forma a satisfazer a necessidades dos visitantes, surgem as várias vertentes do turismo relacionadas com a natureza, negócios, saúde e bem-estar, desporto, espaço rural e património cultural. O turismo cultural encontra-se associado a este último tipo de património.

De acordo com Richards (2009), o turismo cultural tem vindo a ser considerado a área de maior crescimento e desenvolvimento ao nível dos produtos turísticos e uma das maiores responsáveis pela diversificação do turismo. As motivações de índole cultural têm vindo a substituir, parcialmente, as motivações de sol e praia de alguns visitantes (Pèrez, 2009). Segundo Cunha (2013), o turismo cultural é um dos produtos de maior expansão a nível mundial, estando a crescer, em Portugal, cerca de 15% por ano.

O turismo cultural em Portugal, segundo dados da Direção-Geral do Património Cultural (DGPC), **tem vindo a crescer** uma vez que o número de visitantes a monumentos, museus e palácios, de 2012 a 2017 aumentou 59,4%, existindo em 2017 um total de 5.060.780 visitantes (tabela 1) (DGPC, 2018a).

Tabela 1: Evolução do número total de visitantes de monumentos, museus e palácios

	2016-2017		2012-2017
	Total de visitantes	Variação positiva	Taxa de crescimento
2012	3.175.585		
2013	3.474.749		
2014	3.577.433		
2015	4.055.974		
2016	4.682.777		
2017	5.060.780	8,1%	59,4%

Fonte: DGPC (2018a).

Segundo a DGPC (2018a) as visitas aos vários tipos de equipamentos culturais anteriormente mencionados (monumentos, museus e palácios) têm vindo a crescer desde 2012, tendo aumentado em cada um deles, mais de 50% entre 2012 e 2017 (tabela 2).

Tabela 2: Evolução do número total de visitantes por tipo de equipamento

	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2016-2017	2012-2017	2017
		Total de visitantes	Total de visitantes	Total de visitantes	Total de visitantes	Total de visitantes	Variação positiva/negativa	Taxa de crescimento	% do nº de entradas por tipo de equipamento no nº total de entradas
monumentos	1.914.774	2.025.028	2.125.735	2.435.151	2.806.074	2.999.932	6,9%	56,7%	59,3%
museus	975.076	951.574	1.123.909	1.251.717	1.479.227	1.556.647	5,2%	59,6%	30,8%
palácios	285.735	498.147	327.789	369.106	397.476	504.201	26,9%	76,5%	10,0%
TOTAL M-M-P	3.175.585	3.474.749	3.577.433	4.055.974	4.682.777	5.060.780	8,1%	59,4%	100,0%

Fonte: DGPC (2018a).

O turismo cultural é um fenómeno de difícil definição. Para uns, a viagem para uma cultura diferente da sua já se trata de turismo cultural, havendo algumas pessoas que remarcam que o turismo cultural é sinónimo de consumo de diferentes culturas relativamente ao que se observa e aos sons, estando este tipo de turismo associado a culturas que não são familiares aos visitantes (Mckercher & Cros, 2003).

O Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS) (1999), na “Carta Internacional sobre o Turismo Cultural” (CITC), evidencia que, a nível nacional e internacional, o turismo continua a constituir um fenómeno de intercâmbio cultural que permite conhecer o passado através da observação do presente, tendo um carácter muito positivo e possibilitando a conservação de todo um património (natural e cultural). Este documento salienta também que o turismo cultural traz inúmeras vantagens para as comunidades de acolhimento, fazendo com que seja possível a preservação do património e práticas culturais, ao permitir, através da gestão desse mesmo património de forma sustentável, obter benefícios económicos, sociais e culturais através da educação, da formação, da criação de oportunidades e empregos de intérpretes e guias locais que levam a que os valores, sítios, práticas e tradições culturais sejam respeitados, e se preserve a sua autenticidade e os recursos para as gerações futuras.

Neste sentido, a CITC apresenta seis princípios (1999):

- Princípio 1: O turismo nacional e internacional é um dos principais veículos do intercâmbio cultural. A proteção do património cultural deve oferecer oportunidades responsáveis e bem geridas aos membros das comunidades de acolhimento e aos visitantes, para fruição e compreensão do património e da cultura das diversas comunidades;
- Princípio 2: A relação entre os conjuntos patrimoniais e o turismo é dinâmica e deve ultrapassar os conflitos de valores;
- Princípio 3: As ações de valorização dos conjuntos patrimoniais devem assegurar aos visitantes uma experiência enriquecedora e agradável;
- Princípio 4: As comunidades de acolhimento e as populações locais devem participar em programas de valorização turística dos sítios patrimoniais;
- Princípio 5: As atividades de turismo e a proteção do património cultural devem beneficiar as comunidades de acolhimento;
- Princípio 6: Os programas de promoção turística devem proteger e valorizar as características do património cultural e natural.

A *Association for Tourism and Leisure Education* (ATLAS) define o turismo cultural como “o movimento de pessoas para fora do seu lugar de residência com a intenção de recolher novas informações e experiências para satisfazer as suas necessidades culturais” (citada por Cunha, 2013: 222).

O turismo cultural, de acordo com Cunha (2013), encontra-se muitas vezes associado aos recursos ou património que correspondem a uma herança. Timothy e Boyd (2003) identificam vários tipos de recursos associados ao património cultural: recursos tangíveis imóveis, como por exemplo os edifícios; recursos móveis, como os objetos presentes nos museus e os documentos; recursos intangíveis como os costumes, valores e os eventos culturais em geral, incluindo festivais e outras cerimónias (Cunha, 2013).

Existe uma forte e profunda relação entre turismo e cultura (Cunha, 2013; Pèrez, 2009; Richards, 2009). De acordo com Pèrez (2008:12) o “binómio cultura-turismo é o resultado da mercantilização e retificação da cultura e do património cultural”. Já Richards (2009:1) evidencia que a cultura é quase tão vasta como o próprio turismo”, ao incorporar fenómenos culturais tais como a gastronomia, educação, o artesanato, o contar de histórias e o modo de vida dos destinos.

O turismo e a cultura detêm uma profunda relação que contém um “duplo sentido”, onde o turismo funciona, por um lado, como um ato ou forma de cultura e, por outro lado, como um instrumento de promoção cultural que detém a função de agente formador de estilos, atitudes, gostos e experiências, permitindo que o Homem adquira um sentido de vida na sociedade. Em combinação com as dimensões económica e social que também o gerem e impulsionam, o turismo assume uma dimensão cultural que exige um fenómeno de compatibilidade entre os valores materiais e os elementos de expressão de ordem espiritual e afetiva que têm uma forte contribuição na valorização do indivíduo e criação de memória futura (Cunha, 2013:221).

O turismo cultural é um meio promotor das relações entre culturas e é visto como um meio através do qual o indivíduo tem acesso às formas de expressão cultural, que permite ao indivíduo usufruir de um episódio de expressão cultural ou uma outra manifestação cultural, herança histórica ou científica, ou mesmo, do estilo de vida da comunidade local (Cunha, 2013:221).

Baseado na definição proposta pela Organização Mundial de Turismo (OMT), Richards (2009:1) descreve turismo cultural como “um movimento de pessoas em busca de motivações essencialmente culturais, tais como excursões de estudo, teatralizações, e excursões culturais, viagens para festivais e outros eventos culturais, visitas a localidades e monumentos, viagens para estudar a natureza, folclore ou arte e peregrinações.

Já Cunha (2013:221) define turismo cultural como “o conjunto de meios que permite aos visitantes conviverem com os modos de vida autênticos de outros povos ou comunidades e poderem desfrutar de todas as suas heranças e dos seus conhecimentos seja qual for o modo como se expressam”.

O turismo cultural, de acordo com a definição da OMT, é entendido como um fenómeno em que as pessoas se movimentam de acordo com as suas motivações culturais, realizam atividades como viagens de estudo e culturais, bem como visitas a sítios e monumentos históricos. Julião (2013) e McShea (2007) acrescentam que se trata de um fenómeno associado a uma experiência de visita a atrações culturais e históricas no sentido de aumentar o conhecimento relativamente ao passado de um país ou região.

O turismo cultural, segundo Munsters (2004), é constituído pelas seguintes entidades:

- Indústria (ex. hotelaria e restauração, agentes de viagens, operadores turísticos e comércio retalhista);
- Organizações turísticas (ex. gabinetes de informação turística);
- Associações turísticas (ex. órgãos governamentais locais, regionais, nacionais e internacionais);
- Instituições culturais (ex. museus, teatros, serviços e sociedades para preservação de monumentos e edifícios históricos).

De acordo com McKercher e Du Cros (2002), o turismo cultural é caracterizado pelas quatro dimensões que se apresentam em seguida (figura 1) e deve reger-se pelos princípios a seguir definidos:

1. Turismo: na perspetiva dos autores, a decisão de desenvolver este tipo de turismo deve, primeiramente, basear-se em razões comerciais e, só posteriormente, no âmbito das questões sobre o património. O objetivo deste tipo de turismo deve ser melhorar a qualidade de vida dos residentes ao trazer-lhes benefícios económicos, sociais, culturais e outro tipo de benefícios.

2. Uso de bens patrimoniais e culturais: os bens materiais devem ser avaliados, não através do seu valor como atração turística, mas pelo seu valor intrínseco e relevância para a comunidade.

3. Consumo de bens e serviços: os turistas devem usar os bens patrimoniais culturais só depois de serem transformados num produto turístico ou, mesmo, numa experiência.

4. Turista cultural: o turista cultural difere dos outros tipos de turista por causa das suas motivações. O turista cultural é aquele que viaja no sentido de explorar e adquirir uma maior aprendizagem e experiências.

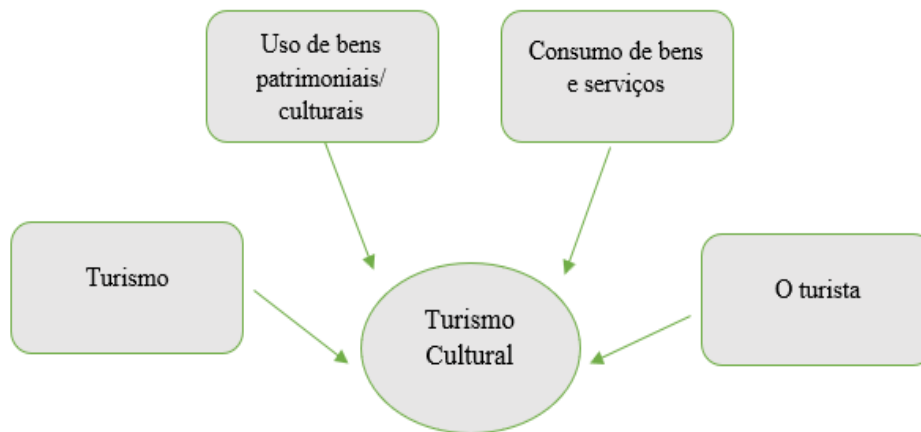


Figura 1: Quatro componentes do turismo cultural identificadas por McKercher e Du Cros (2002)

Fonte: McKercher e Du Cros (2002).

Num estudo mais recente, Cunha e Abrantes (2013:246) identificam como principais componentes do turismo cultural as indicadas na figura 2, tendo como base o modelo de Swarbrooke (2002).

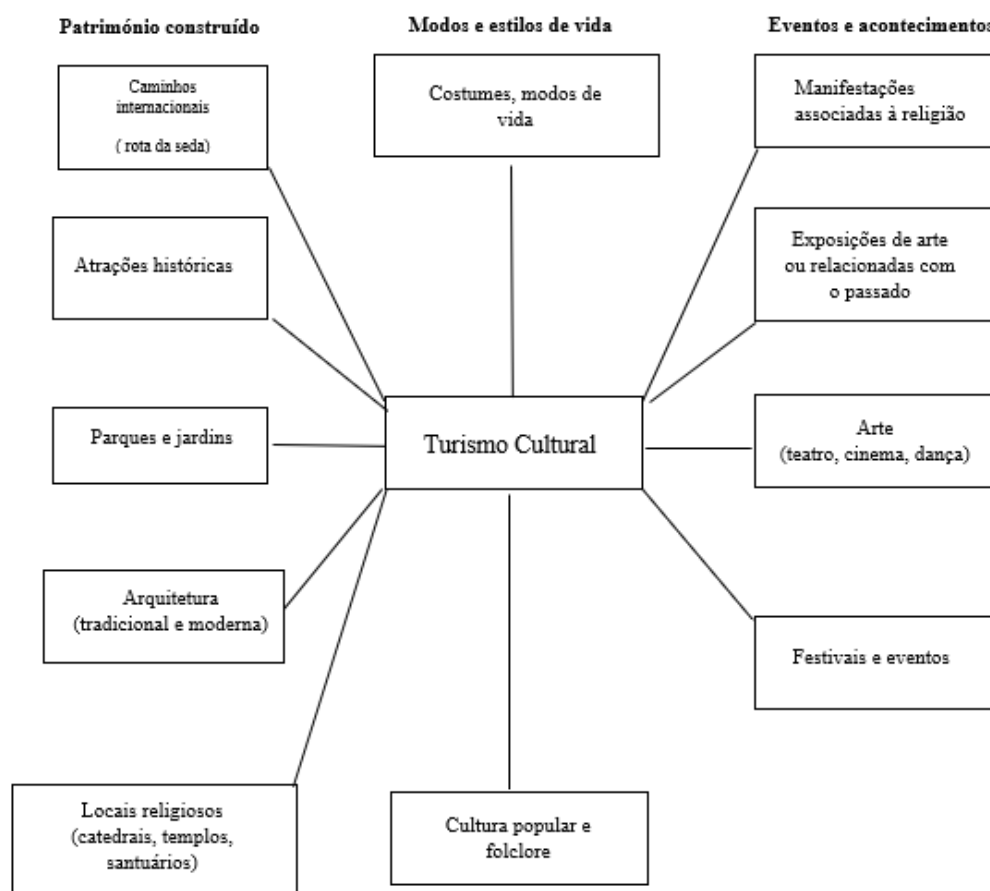


Figura 2: Componentes do turismo cultural identificadas por Cunha & Abrantes (2013)

Fonte: Cunha e Abrantes (2013) baseados em Swarbrooke (2002)

Não existem barreiras de separação entre os vários tipos de turismo pois, num determinado destino, podem existir vários tipos de turismo de acordo com as motivações que levam o visitante a visitá-lo (Cunha & Abrantes, 2013:103).

De acordo com Cunha e Abrantes (2013), o turismo cria inter-relações e interdependências entre diversos sistemas que, não só influenciam fortemente o “sistema funcional do turismo”, como são influenciados por ele. Esses sistemas são os seguintes (Cunha & Abrantes, 2013,104) (Figura 3):

- Sistema económico e financeiro;
- Sistema social;
- Sistema ambiental e ecológico;
- Sistema político;
- Sistema jurídico-institucional;

- Sistema cultural;
- Sistema sanitário;
- Sistema educativo e científico;
- Sistema tecnológico.

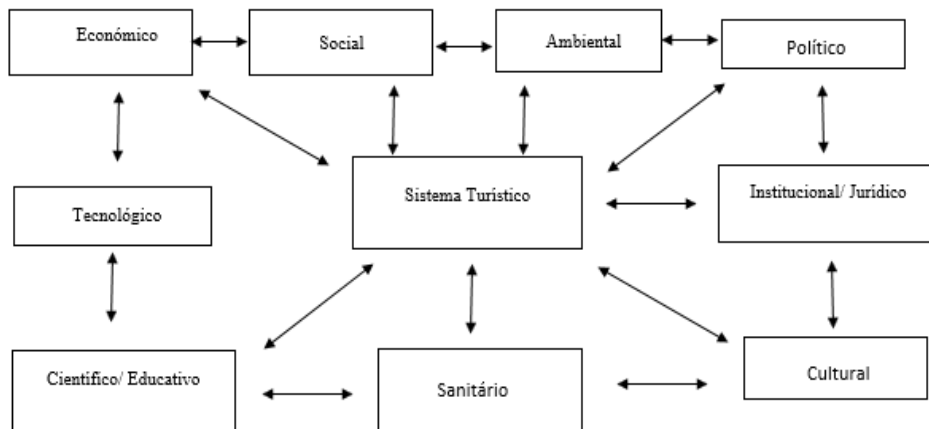


Figura 3: Sistema de inter-relações do turismo

Fonte: Cunha e Abrantes (2013)

Segundo Cunha e Abrantes (2013), o turismo cultural encontra-se muito relacionado com o sistema cultural, na medida em que a cultura é um dos fatores mais importantes do turismo, e que, juntamente com outros aspetos, pode dar origem a um destino turístico. No entanto, pode também haver, por vezes, um efeito negativo caso o turismo cultural se torne num fenómeno de “aculturação” e de perda de autenticidade, ao surgirem ofertas turísticas baseadas em pessoas com comportamentos, hábitos e níveis culturais diferentes dos das populações locais.

De acordo com a UNWTO (World Tourism Organization) os procedimentos e técnicas necessários para desenvolver o turismo sustentável devem ser aplicados nos vários tipos de turismo e em todos os destinos. A sustentabilidade do turismo baseia-se em princípios relacionados com os aspetos económicos, ambientais e socioculturais relativos ao desenvolvimento protagonizado pelo turismo e ao equilíbrio existente entre essas dimensões, no sentido de garantir um desenvolvimento sustentável ao longo do tempo (UNWTO, 2018). De acordo com a UNWTO, o desenvolvimento sustentável do turismo baseia-se na satisfação das necessidades presentes ao mesmo tempo que se asseguram as oportunidades

futuras. Tudo isto é conseguido através da gestão dos recursos económicos, sociais e estéticos, do progresso ecológico, diversidade biológica e sistemas de apoio à vida, mas também da manutenção da “integridade cultural” (UNWTO, 2018).

A OMT revela que a sustentabilidade social e cultural se trata de um princípio que assegura o aumento do desenvolvimento e controlo dos destinos por parte das pessoas, compatível com a cultura das comunidades afetadas, mantendo a sua identidade cultural (Cunha, 2013, 400).

Munsters (2004: 17) refere que o objetivo do turismo cultural sustentável é a existência de um equilíbrio entre as diversas forças presentes dentro das chamadas “tensões culturais” do turismo agregadas às forças que constituem a sustentabilidade do turismo cultural.

Segundo Munsters (2004: 17-18) os quatro Ps que representam princípios importantes ao nível do turismo cultural são:

1. Preservação (otimizar o sistema de preservação, garantindo a autenticidade do património cultural, tradições, costumes e histórias de uma determinada população local);

2. População (aumentar ou maximizar as vantagens económicas e socioculturais da comunidade anfitriã caso esta respeite o ambiente e a sua identidade cultural ao envolver-se no desenvolvimento do turismo);

3. Público (otimizar as férias dos turistas no sentido de obter uma experiência satisfatória e enriquecedora);

4. Proveito (maximizar, ao longo do tempo, os lucros e a manutenção da atividade turística).

Segundo a Lorton Consulting (2018), todas as entidades constituintes do turismo cultural têm interesses e benefícios mútuos no sentido de proporcionar um adequado acesso ao público, proteger a importância dos lugares, evidenciando a necessidade de sustentabilidade tanto para as empresas como para os lugares patrimoniais e a sua comunidade. De acordo com a Lorton Consulting (2018) os princípios da sustentabilidade do património são os apresentados na tabela 3.

Tabela 3: Princípios da sustentabilidade propostos pela Lorton Consulting

1. Reconhecer a importância dos locais históricos	Reconhecimento, descrição, compreensão e comunicação dos significados no sentido de conservar e pôr em prática um tipo de turismo responsável em locais patrimoniais.
2. Cuidar dos lugares históricos	Conservação do património no sentido de manter os significados e autenticidade dos lugares (naturais e culturais) uma vez que cada lugar possui os seus requisitos específicos para conservar o seu património.
3. Desenvolver parcerias mutuamente benéficas	Desenvolver parcerias, alianças e linhas de comunicação ativas que estejam disponíveis para todas as entidades constituintes do turismo (ex. operadores turísticos, gestores locais, outros negócios, comunidades locais e povos indígenas).
4. Incorporar questões patrimoniais no planeamento de negócios	Criar um plano de negócios que permita estabelecer de forma clara a finalidade e natureza da operação no sentido de atingir os objetivos comerciais e patrimoniais.
5. Investimentos em pessoas e lugares	Desenvolvimento de estratégias que tragam benefícios mútuos tanto para o local como para as várias entidades envolvidas e comunidades a nível local ou regional.
6. Comercializar e promover produtos com responsabilidade	Os significados e os desejos têm que ser respeitados para que exista o processo de comercialização e promoção, tendo ao mesmo tempo que estabelecer o equilíbrio entre as necessidades dos turistas (promoção, marketing e posicionamento do produto) e as necessidades do património (planeamento futuro dos sítios e uso aprimorado de imagens).
7. Proporcionar experiências aos visitantes de alta qualidade	Para alcançar este objetivo é necessário entender quais as necessidades e motivações dos visitantes através dos operadores turísticos e gestores do património, sendo esta a base para criar experiências de alta qualidade para os turistas.
8. Respeitar os desejos e obrigações indígenas	Respeito pelos protocolos culturais e controlo da propriedade intelectual da população indígena aquando do desenvolvimento do turismo (acesso a locais, divulgação de informação confidencial, uso de <i>designs</i> , fotografias, performances e objetos).

Fonte: Lorton Consulting (2018).

O turismo cultural, tendo por base as várias definições anteriormente apresentadas, refere-se ao movimento que as pessoas estabelecem de “intercâmbio cultural” que lhes permite ter acesso a novas formas, expressões e manifestações culturais de diferentes indivíduos e/ou comunidades locais, preservando a sua herança histórica (identidade e autenticidade) (Cunha, 2013). Ao longo desta dissertação será utilizada esta definição de

turismo cultural que, na profunda relação que estabelece entre turismo e cultura, evidencia os princípios do turismo cultural sustentável, salientando que deve existir um equilíbrio entre os diferentes meios, os valores materiais e os vários elementos de expressão cultural existentes.

As **atrações** são um dos elementos que compõem um destino juntamente com as infraestruturas, equipamentos e serviços de apoio e hospitalidade, sendo um dos elementos centrais do turismo que detém a capacidade de atrair as pessoas, correspondendo à componente fundamental da oferta turística (Cunha, 2013; Gonçalves, 2007; Mill & Morrison, 2002). Estas procuram garantir a satisfação através da experiência percebida, e o gestor das atrações tem de criar e gerir essas atrações para proporcionar uma visita ao potencial visitante, garantindo a qualidade dessa visita e disponibilizando serviços suficientes (Mill & Morrison, 2002:20).

De acordo com o modelo de competitividade de um destino proposto por Ritchie e Crouch (2013), as **atrações culturais** são um dos principais motivadores da visita a um destino e são, conjuntamente com outros elementos entre os quais a gestão, uma das determinantes da competitividade dos destinos, sendo uma das razões que pode levar um indivíduo a escolher um destino em vez de outro. Segundo Ritchie e Crouch (2010), um destino turístico deve desenvolver-se de forma sustentável a nível económico, ecológico, social, político e cultural, e estes aspetos evidenciam que as atrações culturais são uns dos principais potenciadores de um destino que, juntamente com outros recursos e restantes fatores de suporte, asseguram o desenvolvimento de um determinado destino. Os autores anteriormente referidos revelam que a componente de gestão de um destino turístico envolve, entre outros aspetos, gerir e implementar de forma diária políticas de planeamento de um destino, no sentido de apelar ao uso das atrações culturais (recursos culturais), aumentar a eficácia e qualidade dos serviços (fatores e recursos de apoio) e adaptar-se aos constrangimentos ou oportunidades que surjam para os destinos estarem preparados para receber os visitantes, desempenhando assim um papel fundamental na gestão da competitividade de um destino (Ritchie & Crouch, 2010).

Segundo Munsters (2004: 8), o produto turístico cultural é composto pelo chamado *core product* ou produto principal, que inclui a componente de atrações culturais como museus, edifícios históricos, eventos e serviços específicos pertencentes ao turismo cultural, e pelo produto adicional, que é constituído pelos elementos ou componentes gerais dos destinos

turísticos ou *stakeholders* e seus serviços adicionais, tais como associações de turismo, agências de viagens, operadores turísticos, hotelaria e restauração e infraestruturas de transporte (figura 4).

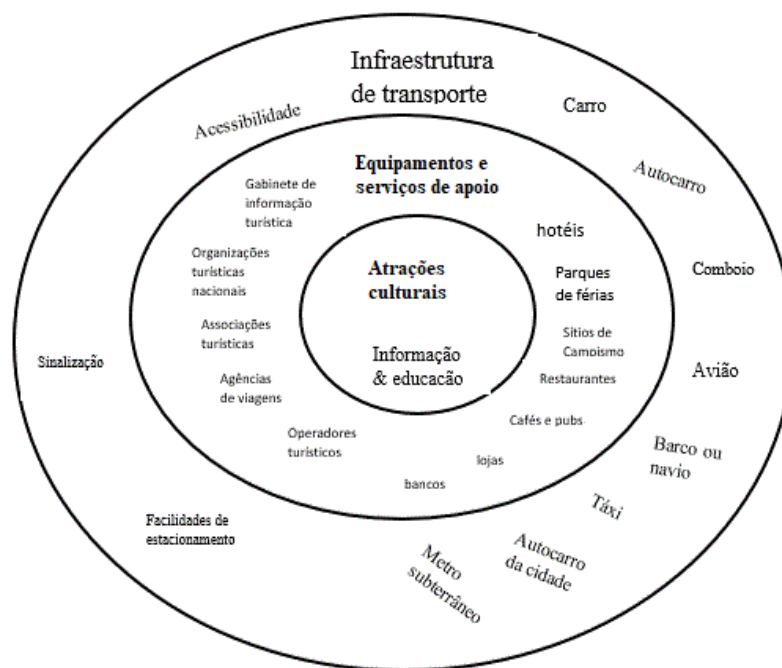


Figura 4: Produto turístico cultural

Fonte: Munsters (2004).

As atrações culturais podem ser divididas em diferentes tipologias, que permitem um melhor entendimento do turismo cultural, evidenciando o que leva as pessoas a visitar os destinos associados a este tipo de turismo. McInosh et al. (1995:208) referem que, no âmbito do turismo cultural, os atrativos gerais para as pessoas viajarem são:

- Belas artes;
- Música e dança;
- Artesanato;
- Indústria e negócio;
- Educação;
- Literatura e linguagem;
- Ciências;
- Governo;

- Religião;
- Comida e bebida;
- História e pré-história.

No que concerne, especificamente, às atrações culturais, Duhme (2012) revela a existência de oito categorias de atrações culturais:

1. Sítios arqueológicos e museus;
2. Arquitetura;
3. Arte, escultura, galerias, festivais e eventos;
4. Música e dança;
5. Drama;
6. Linguagem e estudos de literatura;
7. Festividades religiosas e peregrinações;
8. Cultura abrangente e subcultura.

Estas oito categorias servem para mostrar a abrangência das atrações e atividades relacionadas com o turismo cultural (Duhme, 2012).

Uma outra classificação das atrações culturais é a proposta por Julião (2013:23), baseada na proposta de Ignarra (2001) (tabela 4).

Tabela 4: Tipologias das atrações culturais propostas por Julião, baseado em Ignarra (2001)

Tipos	Subtipos
Monumentos	Arquitetura civil, religiosa, industrial, militar, ruínas, esculturas, pintura
Sítios	Sítios históricos, arqueológicos e científicos
Instituições e estabelecimentos de pesquisa e lazer	Museus, bibliotecas, institutos históricos e geográficos, centros de ciência viva, planetários e oceanários
Tradições e manifestações culturais	Festas, comemorações, atividades religiosas, culturais, populares e folclóricas, comemorações cívicas, gastronomia típica, feiras e mercados
Realizações técnicas e científicas contemporâneas	Jardins zoológicos, barragens, edifícios para arqueologia industrial
Eventos e acontecimentos programados	Feiras, congressos e convenções, eventos desportivos, artísticos, culturais, sociais, religiosos, gastronómicos e musicais

Fonte: Julião (2013).

Julião (2013:25), baseando-se em Carvalho (1996), apresenta também uma proposta de classificação dos recursos culturais, especificamente para classificar os recursos culturais portugueses (tabela 5).

Tabela 5: Tipologias dos recursos culturais portugueses proposta por Julião (2013)

Património cultural	Monumentos Arte Outros
Atividades culturais	Religião Folclore Artes Ciências Atividades populares tradicionais
Recursos culturais	Religião Folclore Espetáculos Ciências

Fonte: Julião (2013) baseado em Carvalho (1996)

As categorias das atrações culturais são as propostas por Julião (2013) que, no caso especificamente dos recursos portugueses, estabelece a nítida distinção entre recursos, património e atividades culturais, são muito frequentemente utilizadas. No estudo empírico realizado no âmbito desta dissertação, serão também distinguidos alguns destes tipos de atrações culturais.

De acordo com a Constituição da República, artigo 9º, é o Estado que tem o papel principal de **proteção, valorização e promoção do património cultural** português. Esta constituição evidencia que todos os cidadãos, tal como os agentes culturais, têm a responsabilidade de preservação, defesa e valorização do património português. Esta constituição estabelece ainda o direito à “ação popular”, que consiste numa ação social que todas as pessoas podem ter no sentido de promover a proteção, cessação ou perseguição judicial de infrações contra o património cultural (Assembleia da República, 2016, citada pela Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2018).

A DGPC gere o património cultural a nível nacional e, entre as suas várias outras atividades, detém a responsabilidade de conservação do património mais importante

nacional, bem como a gestão dos museus e monumentos classificados como património mundial. Esta entidade nacional tem também, como responsabilidade, inventariar, preservar, valorizar e dar a conhecer todo o património cultural, a gestão dos mais importantes museus classificados pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) e a articulação das entidades nacionais e internacionais a um nível normativo, fiscal, de investigação científica, ação educativa e formativa e administração territorial (DGPC, 2018b).

No ano de 2017, o parlamento português esteve prestes a decidir criar o “Instituto dos Museus e Monumentos”, que pretendia integrar os até agora extintos “Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico” (IGESPAR)” e o “Instituto dos Museus e da Conservação (IMC)” mas, até aos dias de hoje, não existe qualquer indicação ou notícia da eventual criação deste instituto (Canelas, 2017).

A um nível internacional, as mais conhecidas entidades responsáveis pela preservação, conservação e valorização do património cultural são a UNESCO, a ICOMOS e a ICCROM (Centro Internacional de Estudos para a Conservação e Restauro de Bens Culturais) (ICCROM, 2018; ICOMOS, 2018; UNESCO, 2018).

2.3. Potenciais motivações para visitar atrações culturais

De acordo com Crompton e McKay (1997:427) as **motivações** são definidas como sendo um “processo dinâmico de fatores psicológicos internos (necessidades e desejos)” e são descritas por vários autores (Crompton & McKay, 1997:427; Khan et al., 2017:1140; Yang et al., 2011:380) como “uma necessidade psicológica/biológica que desperta, direciona e integra o comportamento e a atividade humana”. **No âmbito do turismo, os fatores motivacionais** levam a uma correção do “desequilíbrio psicológico” das pessoas através de viagens, que resulta na satisfação das necessidades (Crompton, 1979b; Crompton & Ankomah, 1993; Dann, 1981; Khan et al. 2017: 1140; Li & Cai, 2012; Park & Yoon, 2009; Yang et al. 2011:380; Yoon & Uysal, 2005). Samdahl e Jekubovich (1997) evidenciam que as pessoas que possuem um elevado grau de motivação são aquelas que, possivelmente, têm melhores condições para superar os constrangimentos.

De acordo com Crompton e McKay (1997: 427) existem três teorias taxonómicas que explicam e ordenam os motivos das pessoas em categorias: (i) Hierarquia das necessidades

de Maslow (1943); (ii) Dicotomia de *seeking* (procura) - evasão ou escape de Iso-Ahola (1982); e (iii) a classificação das motivações em fatores *push* e *pull*, proposta e seguida por diversos autores.

Maslow, em 1943, ao ter a ideia de que as pessoas se esforçam para satisfazer as suas necessidades pessoais e profissionais, apresenta uma classificação relativa às necessidades humanas dividindo-as em cinco categorias, dependendo estas das necessidades fundamentais do ser humano. Estas categorias, colocadas por ordem ascendente, são: (i) Necessidades fisiológicas; (ii) Necessidades de segurança; (iii) Necessidades interpessoais ou sociais; (iv) Estima; e (v) Auto-atualização. Esta classificação pressupõe que existe uma “progressão hierárquica”, devendo as necessidades de nível mais baixo ser satisfeitas primeiro do que as de nível superior, no sentido de atingir um nível pleno de autorrealização (Acevedo, 2018; Crompton & McKay, 1997).

Colocando em causa esta teoria de Maslow (1943), ao considerar tratar-se de uma teoria “intuitiva” que apela somente aos princípios básicos, Iso-Ahola (1982) estabelece uma outra definição de motivação (Crompton & McKay, 1997). De acordo com Iso-Ahola (1982:256-257), e utilizando a definição de Dann (1981), as motivações turísticas são entendidas como um “estado de espírito relevante” que, de forma adequada, colocam um indivíduo ou um conjunto de indivíduos num ato de viagem, estado de espírito este que funciona como justificação desse mesmo ato.

Segundo o “Modelo Psicológico Social das Motivações turísticas”, proposto por Iso-Ahola (1982), as motivações turísticas podem ser divididas em dois tipos de “forças motivacionais” ou componentes - *seeking* (procura) - e evasão ou escape. Estas “forças motivacionais” são entendidas, respetivamente, como desejos de procurar recompensas psicológicas através da viagem e de deixar o ambiente onde a pessoa se encontra. Foram encontrados problemas metodológicos na teoria de Iso-Ahola (1982), uma vez que, entre outros motivos, este autor não teve em consideração, de forma geral, a psicologia social no estudo do comportamento em lazer e, em particular, no estudo das motivações (Iso-Ahola, 1982:262).

Segundo Božić et al. (2017), as escalas que existem para avaliar as motivações em turismo são bastante gerais, não detendo indicadores específicos relacionados com o tipo de atrações (naturais, culturais ou históricas) existentes num destino, que poderão funcionar

como “motivadores de viagem”. Estes autores consideram ainda que devem existir diferentes escalas de motivações para cada tipo de turismo específico.

Crompton e McKay (1997), no contexto de uma atração cultural específica - os festivais -, identificam as motivações como uma das muitas variáveis utilizadas para explicar o comportamento de um indivíduo ou de um conjunto de indivíduos e, considerando os modelos de Maslow (1943) relativos à “Hierarquia das Necessidades” e o de Iso-Ahola (1982) - “Modelo Psicológico Social das Motivações Turísticas” - distinguem sete categorias de motivações consideradas como fatores *push* (Crompton & McKay, 1997: 430-432):

- A “novidade /regressão”, que passam a ser vistas como um único fator que, por sua vez, assenta no desejo de viver novas experiências, aventureiras e emocionantes e de alívio do tédio, que incluem o envolvimento em comportamentos diferentes;
- A “exploração cultural”, que corresponde ao desejo de adquirir novos conhecimentos e expansão intelectual em termos de horizontes culturais;
- A “recuperação do equilíbrio”, que corresponde ao desejo de reduzir o stress mental e físico provocado pela vida do dia-a-dia;
- “Socialização num grupo conhecido”, que se refere à interação com os amigos e conhecidos existentes;
- “Interação externa / socialização”, que representa o desejo de interagir com novos grupos e com os membros pertencentes a esses mesmos grupos. Os principais motivos de interação passam então a ser divididos em dois fatores diferentes: a “Interação externa/socialização”, correspondente à ligação que existe com “estranhos (externa)” e “socialização com um grupo conhecido”, que envolve a relação com amigos;
- “*Gregariousness*”, desejo de participar em eventos com outras pessoas em vez de sozinho.

Segundo Packer e Ballantyne (2002), os fatores motivacionais têm grande impacto na direção, energia e persistência ao nível do comportamento dos visitantes. No caso do turismo cultural, tendo os turistas um papel fundamental no processo cultural, influenciado pelas suas motivações culturais, é muitas vezes importante a realização de uma **segmentação dos visitantes culturais em termos de motivações**, para que seja possível “subdividir um mercado heterogéneo em diferentes subconjuntos” (Cho et al., 2014:416). Devido à necessidade anteriormente referida, surgem várias propostas de segmentação de mercado

onde são identificados vários tipos de turistas culturais de acordo com as suas motivações de visita.

Bywater (1993) faz uma segmentação de mercado em que identifica três tipos de turistas culturais. Este autor descreve como “turista culturalmente motivado” uma pessoa movida ou atraída por causas culturais, que reflete o seu interesse nos equipamentos de origem cultural presentes nos destinos que visita. Identifica como “turista culturalmente inspirado” aquele que é atraído por temas culturais tais como sítios e património cultural, visitando grandes exposições e eventos durante curtos períodos e não tendo pretensão de voltar a esses locais. Este autor define ainda o “turista culturalmente atraído” como sendo aquele que não é movido por razões culturais, visitando os sítios, lugares ou monumentos apenas como uma forma de acrescentar algo positivo à sua viagem.

Uma outra classificação dos turistas culturais é a proposta por McKercher (2002) (figura 5), que faz a segmentação do mercado tendo por base duas dimensões: a centralidade da experiência e a profundidade da experiência, dizendo que os turistas diferem de acordo com o reconhecimento da centralidade ou preferência pelo turismo cultural na decisão de visitar um destino. Este investigador defende que existem pessoas mais motivadas para visitar determinados locais do que outras e salienta que todos os turistas procuram benefícios ao visitar um determinado destino, mas que possuem diferentes “capacidades” ao nível das atrações culturais e patrimoniais. McKercher (2002) identifica cinco tipos de turistas considerando as duas dimensões anteriormente referidas:

1. O “*Purposeful cultural tourist*” (turista cultural intencional) é descrito como tendo uma elevada centralidade e profunda experiência, ao deter uma maior motivação para visitar um destino e obter conhecimento acerca da sua cultura e património.

2. O “*Sightseeing cultural tourist*” (turista cultural de *sightseeing*) é caracterizado pela sua elevada centralidade e uma superficial experiência pois, apesar de obter conhecimento sobre a cultura e património de um determinado destino e ter motivação para o visitar, possui uma baixa experiência orientada, relacionada com o entretenimento.

3. O “*Casual cultural tourist*” (turista cultural casual) possui uma moderada centralidade e superficial experiência, sendo a sua motivação cultural limitada aquando da decisão de visitar um determinado destino, sendo um tipo de turista que pouco ou nada se envolve com o destino visitado.

4. O “*Incidental cultural tourist*” (turista cultural acidental) possui uma baixa centralidade e superficial experiência e, embora participe nas atividades culturais, possui um pequeno ou nenhum papel no processo de tomada de decisão na visita a um certo destino.

5. O “*Serendipitous cultural tourist*” (turista cultural *serendipitous*) é caracterizado pela sua baixa centralidade e experiência profunda, não tendo qualquer poder no processo de tomada de decisão relativo à visita a um determinado destino. Ao estar no destino visita ou participa em atividades culturais acabando por beneficiar de uma experiência profunda (turista que ao ver o que se passa num destino se envolve).

Esta segmentação de mercado evidencia a existência de um “Mix de turistas culturais” que varia de destino para destino e de atração para atração, sendo influenciado por um conjunto de fatores relativos à posição que um destino possui no mercado e à sua própria reputação como destino turístico cultural e patrimonial (McKercher, 2002).

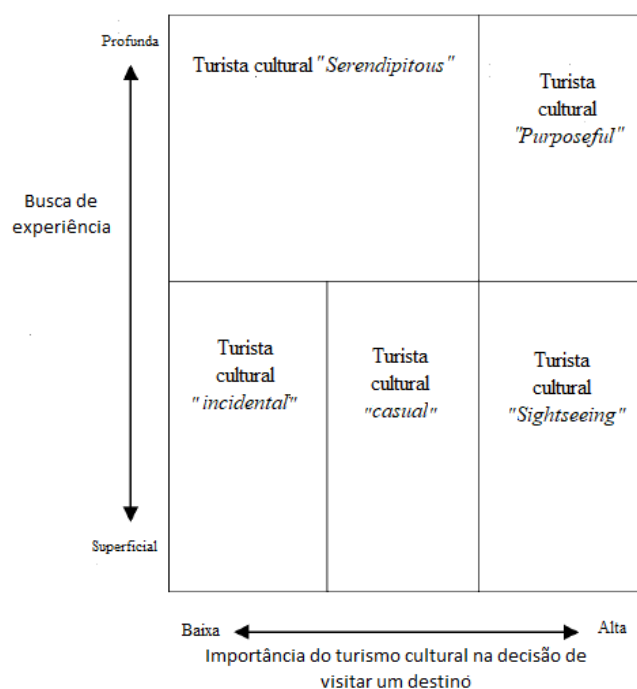


Figura 5: Modelo de segmentação dos turistas culturais

Fonte: McKercher (2002).

Uma outra categorização de turistas culturais é a proposta por Smith (2003), que estabelece uma distinção entre pós-turista e turista cultural, com base nas motivações e expectativas. Este autor define pós-turista como sendo aquele que gosta de experiências simuladas e aceita a mercantilização da cultura. Trata-se de um turista que evidencia

indiferença perante as experiências e situações, revela pouco interesse em distinguir a realidade da fantasia e interessa-se por experiências para além do que é real. Smith (2003) identifica como turista cultural alguém que revela interesse pessoal relativamente ao lugar e ao destino e valoriza a noção de viagem, que procura uma autenticidade existencial e envolvimento do eu, uma forte interação com os habitantes e respetivos lugares, possuindo expectativas idealizadas neste âmbito. Trata-se ainda de um turista que está interessado em experiências reais, desvalorizando as simulações e representações.

Uma outra abordagem que é importante ter em consideração quando se analisam as motivações no âmbito do turismo cultural é a classificação das motivações em “*push*” e “*pull*”, proposta por Dann (1977) e que é utilizada por vários autores (Božić et al., 2017; Caber & Albayrak, 2016; Khan et al., 2017; Kozak, 2002; Newman et al., 2014; Yang et al., 2017). Esta classificação supõe a existência de dois tipos de motivos que funcionam como forças internas e externas que estimulam os visitantes a viajar e os atraem para viajarem para um determinado destino. As pessoas viajam de acordo com necessidades e preferências, bem como com a oferta existente no destino (Božić et al., 2017). Os fatores “*push*” estão relacionados com a origem, desejos intrínsecos e intangíveis, enquanto fatores de pressão do viajante individual, associados aos atributos de um destino - ex. desejo, fuga, descanso, relaxamento e aventura (Caber & Albayrak, 2016; Khan et al., 2017; Kozak, 2002; Yang et al., 2017). Os fatores “*pull*” estão associados à atratividade de um determinado destino e às suas características tangíveis e intangíveis, ou seja, aos diferentes tipos de produtos específicos desse mesmo destino - ex. praias, meios de alojamento e recreação e recursos culturais e históricos (Caber & Albayrak, 2016; Khan et al., 2017; Kim et al., 2003; Kozak, 2002; Newman et al., 2014; Yang et al., 2017).

Nesta dissertação, irão focar-se maioritariamente os fatores “*push*”, ao analisar as motivações dos visitantes para visitar atrações culturais em Ribeira de Pena, embora se evidenciem parcialmente os potenciais fatores “*pull*”, ao efetuar a caracterização de Ribeira de Pena em termos de oferta.

Tendo por base diversos artigos e estudos efetuados para analisar as **motivações para visitar atrações culturais** (tabela 6), é possível obter alguma perspetiva sobre as principais motivações para visitar estas atrações.

Tabela 6: Motivações para visitar atrações culturais (continua)

Motivações	Autores
1. Divertimento	Delgado (2008); Newman et al. (2014); Marques (2011).
2. Fuga à rotina	Delgado (2008); Prentice et al. (1997); Packer & Ballantyne (2002).
3. Recarregar baterias, descanso e relaxamento	Delgado (2008); Prentice et al. (1997); Newman et al. (2014); Packer & Ballantyne (2002).
4. Escape (distanciar-se dos problemas e frustrações do dia a dia)	Delgado (2008); Prentice et al. (1997); Newman et al. (2014); Gomes (2017); Fredman & Heberlein (2005).
5. Socialização (Interação com outras pessoas)	Delgado (2008); Prentice et al. (1997); Newman et al. (2014); Marques (2011); Gomes (2017); Packer & Ballantyne (2002); Yang et al. (2011).
6. Valorização social (fortalecimento da sua personalidade e auto-estima, obter aprovação por parte de familiares e/ou amigos ou conhecidos, aumento do prestígio, auto-realização)	Delgado (2008); Prentice et al. (1997); Newman et al. (2014); Packer & Ballantyne (2002); Fredman & Heberlein (2005).
7. Obtenção de novos conhecimentos e competências	Delgado (2008); Prentice et al. (1997); Newman et al. (2014); Marques (2011); Gomes (2017); Packer & Ballantyne (2002); Yang et al. (2011).
8. Descoberta de coisas novas e satisfação da curiosidade	Delgado (2008); Prentice et al. (1997); Newman et al. (2014); Gomes (2017); Packer & Ballantyne (2002); Yang et al. (2011).
9. Obter novos desafios e experiências	Delgado (2008); Newman et al. (2014); Gomes (2017); Packer & Ballantyne (2002); Yang et al. (2011).
10. Obter um maior conhecimento sobre a história e cultura da região	Delgado (2008); Prentice et al. (1997); Marques (2011); Yang et al. (2011).

Tabela 7: Motivações para visitar atrações culturais (continuação)

11. Acompanhar familiares ou amigos na visita	Delgado (2008); Prentice et al. (1997); Newman et al. (2014); Packer & Ballantyne (2002); Yang et al. (2011).
12. Participação ativa nas atividades e eventos da região	Prentice et al. (1997); Marques (2011); Gomes (2017); Yang et al. (2011).
13. Interesse pelo património cultural e natural da região	Marques (2011); Gomes (2017); Yang et al. (2011).

Fonte: Elaboração própria.

Ao analisar a tabela 6 é possível concluir que as eventuais motivações para visitar as atrações culturais são divertimento, fuga à rotina, recarregar baterias, descanso e relaxamento, escape (fugir dos problemas e frustrações do dia a dia), socialização (interação com outras pessoas), valorização social (fortalecimento da personalidade e autoestima, obter aprovação por parte de familiares e/ou amigos ou conhecidos, aumento do prestígio, autorrealização), obtenção de novos conhecimentos e competências, descoberta de coisas novas e satisfação da curiosidade, obter novos desafios e experiências, obter um maior conhecimento sobre a história e cultura da região, acompanhar familiares ou amigos na visita, participação ativa nas atividades e eventos da região e interesse pelo património da região.

A socialização, a obtenção de novos conhecimentos e competências, bem como a descoberta de coisas novas e a satisfação da curiosidade são consideradas, pela maioria dos autores (Delgado, 2008; Gomes, 2017; Marques, 2011; Newman et al., 2014; Packer & Ballantyne, 2002; Prentice et al., 1997; Yang et al., 2011), como sendo as principais motivações de turismo cultural, uma vez que é possível, ao interagir com diferentes pessoas e suas culturas e ao visitar os museus e monumentos, a obtenção de novos conhecimentos e competências relativamente às tradições, costumes, valores e crenças culturais de um determinado destino e da sua comunidade.

2.4. Potenciais benefícios do turismo cultural

Para que ocorra o desenvolvimento sustentável do turismo de um determinado destino é necessário e fundamental determinar tanto os benefícios como os impactos negativos, maximizar os benefícios (impactos positivos) sociais, económicos, ambientais e minimizar os impactos negativos de todas as partes interessadas nesse destino (Kreag, 2001:5). As entidades ou indústrias interessadas no turismo na comunidade anfitriã devem fazer uma monitorização no sentido de diminuir os impactos ou influências negativas sobre o bem-estar da população ao longo do tempo (Jeon et al., 2016: 105). O sucesso do desenvolvimento do turismo de cariz sustentável exige um equilíbrio adequado entre o apoio local, a oferta da sociedade moderna e o respeito pela cultura e tradições, bem como uma avaliação geral ao longo do tempo (Okech, 2010:350). Ao ser praticado um turismo sustentável ocorrem melhorias ao nível da qualidade de vida dos residentes de uma comunidade, protegendo, ao mesmo tempo, o ambiente e cultura, e garantindo, simultaneamente, a satisfação dos visitantes (Jeon et al., 2016: 107).

Os impactos do turismo, tanto positivos como negativos, são descritos como modificações ou diversidade sequencial de acontecimentos, resultantes do desenvolvimento turístico de um determinado destino e da interação complexa existente entre o turista, a comunidade e os meios ou elementos recetores. A avaliação feita destes mesmos impactos é difícil de determinar uma vez que envolve, ao mesmo tempo, modificações ao nível dos aspetos físicos e sociais e de uma diversidade de outros setores económicos, sendo estes impactos determinados pela natureza da sociedade em que ocorrem (Ruschmann, 2008: 34).

A existência de fenómenos de turismo cultural num destino traz, segundo diversos autores (Ayad e Shujun, 2013; Jeon et al., 2016; Jimura, 2011; Kreag, 2001; McIntosh et al., 1995; Okech, 2010; Oliveira, 2009; Ryan et al., 2011), benefícios económicos e políticos, ambientais e socioculturais, principalmente para as comunidades, afetando tanto positiva como negativamente as atrações culturais e todo um património de um determinado destino em termos de conservação, preservação e valorização.

Segundo Ruschmann (2008:42) o turismo detém um papel imprescindível na economia de um determinado país ou região, sobretudo em países ou regiões com elevado potencial turístico.

Ao efetuar uma abrangente revisão de literatura sobre os impactos positivos (benefícios) e negativos pode concluir-se que os principais potenciais **benefícios económicos** advindos

do turismo cultural são os representados na tabela 7, e que a visita a atrações culturais pode ter um efeito positivo nas comunidades, na economia e desenvolvimento local.

Tabela 7: Potenciais benefícios económicos do turismo cultural

Benefícios	Referências
1. Aumento das receitas	Ayad e Shujun (2013); Jimura (2011); Kang et al. (2016); Kreag (2001); McIntosh et al. (1995); Okech (2010); Oliveira (2009); Ryan et al. (2011).
2. Criação de emprego	Ayad e Shujun (2013); Jeon et al. (2016); Kreag (2001); McIntosh et al. (1995); Okech (2010); Oliveira (2009); Ryan et al. (2011).
3. Aumento das receitas fiscais	Ayad e Shujun (2013); Jeon et al. (2016); Kreag (2001); Okech (2010); Oliveira (2009).
4. Maior investimento estrangeiro e investimentos em infraestruturas	Ayad e Shujun (2013); Jeon et al. (2016); Kreag (2001); McIntosh et al. (1995); Okech (2010); Oliveira (2009); Ryan et al. (2011).
6. Crescimento da economia local	Ayad e Shujun (2013); Jeon et al. (2016); Kreag (2001); McIntosh et al. (1995); Okech (2010); Oliveira (2009).
7. Aumento do consumo e desenvolvimento dos produtos locais	McIntosh et al. (1995); Oliveira (2009).
8. Aumento dos níveis profissionais e culturais	McIntosh et al. (1995); Okech (2010); Oliveira (2009).
9. Criação de novas oportunidades de negócio	Ayad e Shujun (2013); McIntosh et al. (1995); Oliveira (2009).

Fonte: Elaboração própria.

Os **impactes políticos** dizem respeito à forma com é gerida uma determinada região ou país face ao seu desenvolvimento turístico (planeamento, cooperação e modo de criação da indústria turística), podendo esta gestão trazer benefícios tanto para a comunidade como para o próprio destino, ao resolver muitos dos seus problemas (Kreag, 2001:5). Marujo (2015:9) evidencia que os benefícios políticos derivados do turismo cultural estão relacionados com a imagem de um determinado local e, também, com a forma como é gerido e planeado o desenvolvimento do turismo nesse mesmo local (tabela 8).

Tabela 8: Potenciais benefícios políticos do turismo cultural

Benefícios políticos	Referências
Obtenção de prestígio nacional e internacional; Promover a imagem; Promover novos investimentos; Coesão social; Desenvolvimento administrativo.	Kreag (2001); Marujo (2015); McIntosh et al. (1995).

Fonte: Elaboração própria.

No que respeita aos **impactes socioculturais** (tabela 9), estes incluem aspetos que afetam a população ou comunidade, os visitantes e a relação de ambos (Marujo, 2015; Okech, 2010). Estes efeitos socioculturais podem manifestar-se não só através das artes, arquitetura, costumes e rituais, mas também pelo comportamento da comunidade e do visitante (Marujo, 2015:8). Os benefícios socioculturais presentes na tabela 9 são o resultado de um potencial contacto entre a comunidade anfitriã e o turista no caso de ser realizado um turismo cultural sustentável onde prevaleça a autenticidade e preservação cultural e patrimonial.

Tabela 8: Potenciais benefícios socioculturais do turismo cultural (continua)

Benefícios	Referências
1. Promove o intercâmbio cultural	Ayad e Shujun (2013); Kreag (2001); McIntosh et al. (1995); Oliveira (2009).
2. Preserva a identidade cultural de um destino e sua comunidade	Jeon et al. (2016); Kreag (2001); McIntosh et al. (1995); Oliveira (2009); Ryan et al. (2011).
3. Maior tolerância das diferenças sociais	Kreag (2001); McIntosh et al. (1995); Oliveira (2009); Ryan et al. (2011).
4. Facilita o encontro e a relação entre os residentes e os visitantes de um determinado destino	Kreag (2001); McIntosh et al. (1995); Oliveira (2009); Ryan et al. (2011).
5. Preservação e reabilitação de monumentos, edifícios e locais históricos	Jeon et al. (2016); Kreag (2001); McIntosh et al. (1995); Oliveira (2009); Ryan et al. (2011).
6. Partilha de conhecimento entre os residentes e a comunidade local	Kreag (2001); McIntosh et al. (1995); Ryan et al. (2011).
7. Melhoria da qualidade de vida dos residentes	Ayad e Shujun (2013); Kreag (2001); McIntosh et al. (1995); Oliveira (2009); Ryan et al. (2011).

Tabela 9: Potenciais benefícios socioculturais do turismo cultural (continuação)

8. Orgulho étnico	Ayad e Shujun (2013); Kreag (2001); McIntosh et al. (1995); Oliveira (2009).
9. Utilização da população local como mão de obra direta ou indireta	McIntosh et al. (1995); Oliveira (2009).
10. Incentiva uma variedade de novas atividades culturais	Ayad e Shujun (2013); Kreag (2001); McIntosh et al. (1995).
11. Quebra das barreiras linguísticas, socioculturais, de classe, políticas, raciais e religiosas	Kreag (2001); McIntosh et al. (1995).

Fonte: Elaboração própria.

Os **benefícios ambientais** são obtidos através do desenvolvimento do turismo quando este ocorre mediante os princípios da sustentabilidade, uma vez que, neste caso, o ambiente é protegido e preservado (tabela 10). Caso se verifique um desenvolvimento sustentável, as receitas provenientes do turismo vão permitir preservar, restaurar e melhorar o património pertencente a um determinado destino que poderá até ser mais procurado pelos visitantes (Kreag, 2001:8), por se encontrar mais preservado. De acordo com Ruschmann (2008:65) e o referido na tabela 10, deve existir um equilíbrio entre o turismo e o meio ambiente, gerado, por exemplo, através da garantia de equilíbrio entre a proteção ambiental e a programação da criação de equipamentos. Por isso, devem avaliar-se os impactes que os equipamentos necessários ao turismo podem provocar, e garantir uma boa administração do território e da implementação de políticas, que, de forma consciente, considerem a economia e o meio ambiente.

Tabela 10: Potenciais benefícios ambientais do turismo cultural (continua)

Benefícios	Referências
1. Revalorização do meio natural (conservação e melhoria da qualidade ambiental)	Jeon et al. (2016); Kreag (2001); McIntosh et al. (1995); Oliveira (2009).
2. Restauração/ preservação dos edifícios e locais históricos	Kreag (2001); McIntosh et al. (1995); Oliveira (2009).
3. Adoção de medidas para preservar o meio ambiente (parques nacionais)	Kreag (2001); Oliveira (2009).
4. Maior envolvimento da população (consciencialização ecológica / ambiental)	Oliveira (2009); Ryan et al. (2011).

Tabela 11: Potenciais benefícios ambientais do turismo cultural (continuação)

5. Maior envolvimento da administração (introdução de iniciativas de planeamento/ ambientais)	Oliveira (2009).
6. Promover a descoberta e acessibilidade a regiões não exploradas.	Oliveira (2009).

Fonte: Elaboração própria.

2.5. Conclusões

O **turismo cultural** é um fenómeno que tem vindo a crescer muito nos últimos tempos a nível nacional e internacional. As motivações culturais têm vindo parcialmente a substituir as motivações de sol e mar. O turismo cultural é um fenómeno que, embora de difícil definição, diz respeito a um fenómeno de “intercâmbio cultural”, que permite aos indivíduos ter acesso a diferentes formas, expressões e manifestações culturais de uma diversidade de indivíduos e/ou comunidade anfitriã, sem colocar em causa os seus valores históricos (identidade e autenticidade).

O turismo cultural deve desenvolver-se através dos princípios da sustentabilidade no sentido de que, ao mesmo tempo que se satisfazem as necessidades presentes, é necessário garantir as oportunidades futuras e conservar e preservar a autenticidade de todo um património cultural, bem como a identidade cultural de um determinado local, estabelecendo o equilíbrio entre os valores materiais e o valor das expressões.

As **atrações culturais** são entendidas como um dos elementos constituintes de um destino e são vistas como um dos principais motivadores das visitas aos destinos. Existem várias formas de classificar as atrações culturais, tendo sido a abordagem adotada nesta dissertação, o modelo de Julião (2013) de categorização das atrações culturais a nível geral e dos recursos culturais portugueses. Existem vários tipos de atrações culturais que vão desde os monumentos e sítios, até aos eventos.

No sentido de **proteger as atrações e património cultural** em Portugal, o Estado tem um papel imprescindível de proteção, valorização e promoção do património cultural juntamente com as várias entidades de proteção do património, como por exemplo a DGPC.

No que respeita às principais **motivações para visitar atrações culturais**, de acordo com os vários autores dos artigos ou estudos analisados, a obtenção de novos conhecimentos e competências, a descoberta de novas coisas e satisfação da curiosidade, bem como a

interação com outras pessoas, são as principais motivações subjacentes à visita de atrações culturais.

O Turismo cultural traz muitas vezes benefícios de cariz económico, político, sociocultural e ambiental para as comunidades, afetando, conseqüentemente, as atrações culturais, nomeadamente a sua preservação e valorização. Para que ocorra um bom desenvolvimento deve existir a cooperação entre as várias entidades envolvidas no sentido de mitigar os impactes negativos e beneficiar dos positivos. No próximo capítulo discutir-se-ão os constrangimentos para visitar atrações culturais.

Capítulo 3 - Constrangimentos à visita de atrações culturais

3.1. Introdução

Ao longo do capítulo que se segue será feita uma ampla e abrangente revisão de literatura sobre os constrangimentos em atividades de lazer, relativa, nomeadamente, ao conceito, classificação dos constrangimentos e identificação dos constrangimentos para visitar atrações culturais. São discutidos a evolução e contributos dos estudos e pesquisas realizados neste âmbito. Numa primeira parte será discutido o conceito de constrangimentos para realizar atividades de lazer e turismo e é descrita a evolução e as mudanças que as pesquisas sobre constrangimentos em lazer sofreram ao longo das diferentes décadas. Posteriormente, são abordadas as principais classificações de constrangimentos relativamente a atividades de lazer propostas por diferentes autores. Realçam-se ainda as vantagens da realização de pesquisa sobre os constrangimentos para realizar atividades de lazer.

Por fim, e uma vez que não existem estudos acerca dos constrangimentos para visitar atrações culturais de uma forma geral, com base numa revisão de literatura procuraram identificar-se os constrangimentos mais referidos na literatura relativa a visitas a destinos turísticos e atrações turísticas e que, portanto, poderão ser particularmente relevantes no âmbito das visitas a atrações culturais. Neste âmbito, procuraram identificar-se, sobretudo, os constrangimentos que podem ser mais inibidores das visitas a atrações culturais ou da participação em atividades culturais.

3.2. Definição de constrangimentos

As pesquisas sobre os constrangimentos e barreiras em atividades de lazer surgiram na década de 60 através da *Outdoor Recreation Resources Review Commission*, embora apenas se tenham desenvolvido e amplificado entre as décadas 80 e 90 (Jackson, & Scott, 1999, 302).

O foco das pesquisas no âmbito dos constrangimentos relativos às atividades de lazer foi mudando e evoluindo e a definição de constrangimentos foi-se alterando (Jackson & Scott, 1999, 300).

De acordo com Jackson e Scott (1999), nas décadas de 50 e 60 as pesquisas eram sobretudo de caráter empírico, incluindo pesquisas quantitativas, em que um dos principais focos era os antecedentes socioeconômicos dos constrangimentos. Nas décadas de 70 e 80 as pesquisas encontravam-se direcionadas, entre outros aspetos, para a participação nas atividades e concepções do tempo de lazer, no sentido de compreender melhor o significado e valor da participação nas referidas atividades.

Nas décadas de 80 e 90 surgiram outros avanços na investigação dos constrangimentos, tendo-se aprofundado a pesquisa sobre os benefícios do lazer, as motivações e experiências de lazer, bem como sobre a relação entre a participação e a não participação em atividades de lazer.

Na década de 80 todos partilhavam a noção de que os constrangimentos “inibem a capacidade das pessoas em participar em atividades de lazer, passar mais tempo a fazer essas atividades, aproveitar os serviços de lazer ou alcançar o nível desejado de satisfação” (Jackson, 1988: 205). De acordo com Jackson (1988: 204), a investigação relativa à não participação e constrangimentos na década de 80 segue uma perspectiva tradicional que evidencia que, primeiramente, deve existir uma preferência por uma atividade e, só posteriormente, ocorre a intervenção das barreiras que irão fazer com que o indivíduo participe ou não e, caso essas barreiras não existam, irá ocorrer a participação por parte do indivíduo.

Algumas classificações dos constrangimentos foram sinais de grande progresso no que respeita às **conceptualizações de constrangimentos de lazer**. Crawford et al. (1991: 310) evidenciam que “vários investigadores fizeram distinção entre participantes e não participantes, subdividindo mais tarde os não participantes naqueles que gostariam de participar numa nova atividade, mas que são incapazes de o fazer por causas das barreiras e naqueles que nem sempre expressavam esse desejo”. Estes autores propuseram outra classificação dos indivíduos, de acordo com os seus constrangimentos e a sua experiência, da seguinte forma:

- Participação continuada versus cessação da participação na atividade;
- Participação ativa versus não seguidores passivos;

- Pessoas que desejam, mas são incapazes de aumentar a frequência ou a variedade da sua participação versus aqueles que não o desejam;
- Utilizadores e não utilizadores de serviços específicos de lazer;
- Pessoas que cessam completamente a sua participação versus aquelas que escolhem outra atividade (substituição).

O foco da investigação sofreu grandes mudanças evoluindo, portanto, do estudo de “barreiras à participação em atividades recreativas” para os “constrangimentos em lazer” (Crawford & Godbey, 1987; Crawford et al., 1991). Neste âmbito, uma alteração na investigação consistiu em não restringir os potenciais impactos dos constrangimentos à participação em atividades de lazer e em alargar a perspectiva relativamente a estes impactos, reconhecendo que os constrangimentos têm uma influência que vai além da escolha entre participar e não participar em determinada atividade, podendo influenciar, por exemplo, a derivação do prazer, a especialização e a facilidade de escolha da atividade a realizar (Jackson & Scott, 1999:300).

Jackson (2000) considera os constrangimentos como “fatores que são identificados pelos investigadores e/ou percebidos ou experimentados pelos indivíduos como fatores limitadores da formação de preferências em lazer, proibitivos da participação e usufruto do lazer” (p.62). Os constrangimentos podem, portanto, levar à diminuição da participação numa determinada atividade, à interrupção de um hábito de participação numa atividade ou a que não se considere a participação nessa mesma atividade (Jackson, 2000:62).

Outra alteração que ocorreu no conceito de constrangimentos em lazer foi o facto de os constrangimentos em lazer passarem a ser entendidos, não como algo insuperável, mas como algo negociável, ou seja, algo passível de ser ultrapassado mediante a utilização de determinadas estratégias (Jackson & Scott, 1999, 309-310). Autores como Crawford et al. (1991), Jackson et al. (1993), Kay e Jackson (1991) e Shaw et al. (1991) corroboram esta perspectiva e propõem teorias em que os constrangimentos são considerados como negociáveis. De acordo com Jackson e Scott (1999), embora exista a perspectiva de que os constrangimentos são negociáveis, é importante perceber que nem todas as pessoas os negociam (p.309).

Jackson et al. (1993) propõem uma nova perspectiva sobre os constrangimentos em lazer assente em seis proposições (Jackson & Scott, 1999:309):

- “A participação não depende da ausência de constrangimentos (embora isto possa ser verdadeiro para algumas pessoas), mas depende sobretudo da sua negociação”;
- “Variações na descrição dos constrangimentos podem ser vistas não unicamente como variações na experiência de constrangimentos, mas também como variações no sucesso de negociação”;
- “A ausência de desejo de mudar os atuais constrangimentos em lazer pode ser parcialmente explicada pela negociação anterior bem-sucedida de constrangimentos estruturais”;
- “A antecipação de um ou mais constrangimentos interpessoais ou estruturais insuperáveis pode suprimir o desejo de participar”;
- “A antecipação consiste, não simplesmente na antecipação da presença ou intensidade de um constrangimento, mas também na antecipação da capacidade para o negociar”;
- “Tanto a iniciação como os resultados de um processo de negociação dependem da força relativa e interação entre os constrangimentos e participação numa atividade e da motivação para tal participação”.

A partir da perspectiva anteriormente referida de constrangimentos foi possível estabelecer a distinção entre as seguintes pessoas (Jackson & Scott, 1999:309): pessoas que não participam nas atividades desejadas, pessoas que participam nas atividades apesar de sentirem constrangimentos, pessoas que participam nas atividades, mas de uma maneira diferente daquela como participariam se não sentissem constrangimentos.

3.3. Classificação dos constrangimentos para realizar atividades de lazer

De acordo com Dumazedier (1988 citado por Cunha, 2013: 2) o lazer “é a atividade à qual as pessoas se entregam livremente, fora das suas necessidades e obrigações profissionais, familiares e sociais, para se descontraírem, divertir, aumentar os seus conhecimentos e a sua espontânea participação social, livre exercício e capacidade criativa”. Segundo este autor, o lazer abrange três dimensões: a descontração (descanso), a diversão e o desenvolvimento, que, por sua vez, dizem respeito à procura de descanso e fuga às preocupações da vida quotidiana, à realização de atividades que permitem divertimento e ao aumento dos conhecimentos (Cunha, 2013: 2).

Dando origem a um modelo teórico, Crawford e Godbey (1987) definem constrangimentos como “barreiras” que, por sua vez, são caracterizadas como sendo “qualquer fator que intervém entre a preferência por uma atividade e a sua participação na mesma” (p.120). No modelo teórico apresentado por estes autores é feita a classificação dos constrangimentos em **intrapessoais, interpessoais e estruturais**. Crawford e Godbey (1987) definem constrangimentos intrapessoais como “estados psicológicos individuais e atributos que interagem com preferências de lazer em vez de intervir entre preferências e participação” (p.122). Estes autores identificam constrangimentos interpessoais como sendo “resultado da interação pessoal ou da relação entre as características dos indivíduos...afetando assim a preferência conjunta por atividades de lazer específicas” (p. 123). Por último, definem constrangimentos estruturais como sendo aqueles que “representam restrições como são comumente concetualizadas, como fatores intervenientes entre preferência de lazer e participação (p. 124).

Vários outros autores sugerem diferentes classificações dos constrangimentos. Francken e Van Raaij (1981), distinguem **constrangimentos internos** (atributos individuais) e **externos**, sendo os constrangimentos internos “capacidades, habilidades, conhecimentos e interesses pessoais que inibem o alcance do estado desejado” e, os constrangimentos externos, “as circunstâncias do consumidor, falta de dinheiro, falta de tempo, distância geográfica, falta de meios de transporte, circunstâncias familiares, falta de instalações que bloqueiam caminhos para a situação desejada” (Francken & Raiij, 1981: 121). Ainda no que respeita à dicotomia interno - externo, Boothby et al. (1981) estabelecem a distinção entre constrangimentos pessoais (capacidade física e interesse) e constrangimentos sociais (tempo, custo, acesso a instalações e redes sociais) e distinguem constrangimentos intervenientes “aqueles que ocorrem relacionados especificamente com a oportunidade de recreação” de constrangimentos antecedentes - “atividades associadas com barreiras tais como capacidades pessoais, personalidades, fatores de socialização, interesse, etc” (Jackson 1988, 208). Os autores que seguem a dicotomia acima mencionada não têm um método consensual relativamente à classificação deste tipo de constrangimentos pois têm noções diferentes na sua definição (Jackson, 1988: 207).

Searle e Jackson (1985) fazem a distinção entre os **constrangimentos de inibição e bloqueio**. Os constrangimentos de bloqueio são definidos como sendo “aqueles que impedem absolutamente a participação” e os constrangimentos de inibição como “aqueles

que apenas servem para inibir a capacidade de participar em maior ou menor grau”. Estes autores sugerem ainda que “o *status* de barreira como bloqueio ou inibição não é absoluto, mas pode variar de pessoa para pessoa (Searle & Jackson, 1985b). Nesta linha, Boothby et al. (1981) e Iso-Ahola e Mannell (1985) também realizaram investigações sobre os constrangimentos onde se distinguem, por sua vez, os constrangimentos “absolutos” e “relativos”, “permanentes” e “temporários” (Jackson, 1988: 208).

Parker (2007) apresenta uma tipologia específica de Hagerstrand (1970, citado por Parker, 2007:4) no que respeita ao processo de negociação dos constrangimentos, onde os estes são classificados como “constrangimentos de capacidade” - os derivados das restrições físicas e biológicas -, como “constrangimentos de agregação” - os resultantes da combinação com outras pessoas, ferramentas e materiais necessários aquando da participação nas atividades - e “constrangimentos de autoridade” - resultantes do controlo da acessibilidade das atividades de lazer que, neste contexto, são reguladas pelo exercício do poder (Parker, 2007:4). Ainda este autor confirma o hibridismo no que respeita à natureza de negociação dos constrangimentos em certos acontecimentos de lazer, aspeto corroborado também por Jackson (2000).

Embora haja uma grande diversidade de sistemas de classificação de constrangimentos, o sistema de classificação que será utilizado na presente dissertação para classificar os constrangimentos à visita a atrações culturais será o do modelo de Crawford e Godbey (1987), que distingue os constrangimentos em intrapessoais, interpessoais e estruturais, por ser uma das contribuições mais frequentemente referidas e, também, por ser mais específica do que a simples dicotomia interno - externo proposta por diversos autores.

3.4. Constrangimentos para visitar atrações culturais

A decisão de visitar ou não atrações culturais possui um carácter bastante complexo, envolvendo tanto as motivações para visitar como as barreiras constrangedoras ou inibidoras da visita (Wong & Polonsky, 2009). Reforçando o referido anteriormente, Gilbert e Hudson (2000) sugerem que não se devem ter em conta apenas os fatores positivos (motivações), mas também os fatores negativos (constrangimentos), pois estes influenciam significativamente a tomada de decisão num processo de viagem, ou relativamente a um contexto de visita (Božić et al., 2017). Davies e Prentice (1995:495) referem que os

constrangimentos no caso da visita a museus e outras atrações patrimoniais inibem aqueles que não visitam esses locais e inibem os antigos visitantes, afetando não só a participação, mas também a sua satisfação.

De acordo com Wong e Polonsky (2009:834) as atrações culturais são instituições que têm como principal objetivo fornecer valor aos diversos “segmentos” da comunidade e que, ao serem instituições públicas apoiadas por financiamentos públicos, devem satisfazer as necessidades e expectativas dos clientes. Estes autores evidenciam que, caso exista o decréscimo das visitas a essas atrações, o “capital social” criado por elas diminuirá. As razões da realização da visita ou não a estas atrações podem estar relacionadas com características específicas de cada uma dessas atrações, devendo ser desenvolvidas estratégias específicas para cada atração, que combatam o baixo número de visitas.

Como já foi possível referir nesta dissertação, o número de estudos empíricos sobre os constrangimentos à visita a atrações culturais, de uma forma geral, é muitíssimo reduzido, existindo, ao nível dos constrangimentos para visitar atrações culturais, sobretudo estudos específicos relativos aos constrangimentos para visitar museus. Considerando este facto, será abordada, na primeira parte desta secção, **investigação** realizada por vários autores **sobre os potenciais constrangimentos à visita a diversos tipos de atrações culturais**, analisando-se algumas **preocupações relativas aos constrangimentos e considerações feitas** por investigadores relativamente **a esta temática**.

Começando pelo caso específico dos estudos sobre museus, os profissionais de lazer têm-se deparado frequentemente com uma realidade que corresponde ao facto de existirem pessoas que nunca entraram num museu e que, portanto, nunca participaram neste tipo de atividades - os não participantes (Hood, 1983:50). Hood (1983, 1989, 1993), na pesquisa que realizou aos visitantes de museus, revela ser necessário deter o foco da investigação na forma como os indivíduos decidem ocupar o seu tempo de lazer e energia, concentrando-se nas suas características psicográficas (os valores, os interesses, as suas perceções, as suas expectativas e satisfação), no sentido de estabelecer a diferença entre participantes e não participantes, e determinar se os museus oferecem experiências que estejam de acordo com o esperado pelos não participantes (Hood, 1983,53). Hood (1993:24) salienta que, os indivíduos atribuem uma grande relevância à forma como são tratados nos museus, aspeto que afeta muito a decisão de eles visitarem ou não estes locais.

Os estudos de público, no caso das atrações culturais tais como os museus, têm-se revelado fundamentais nos processos de desenvolvimento de mercado, em termos de produtos e estratégias. Estes estudos têm como objetivo, entre outros aspetos, identificar as motivações, avaliar a satisfação e necessidades dos visitantes e, ainda, averiguar os benefícios que as pessoas esperam obter, uma vez que pode ser incorreto assumir que as pessoas efetuam a visita somente por curiosidade ou interesse específico nas coleções (Prentice et al., 1997:53). O grande problema destes estudos de público é que se tratam, na maioria dos casos, de estudos relativos aos visitantes dessas atrações culturais, raramente abrangendo os não visitantes e tendo em conta o que leva a que os não visitantes não efetuem a visita (Prentice et al., 1997). Ou seja, estes estudos raramente identificam quais são os constrangimentos que levam a que as pessoas não efetuem a visita aos museus ou a outras atrações culturais.

De acordo com Bailey et al. (1997:356), por exemplo o debate relativo às cobranças de ingressos de entrada nos museus e galerias, que pode estar relacionado com os constrangimentos financeiros, iniciou-se com mudanças nas políticas do governo que há muito eram debatidas e que englobam “questões ideológicas, políticas, institucionais” e “questões ligadas ao lazer e recreio, às perspetivas dos profissionais da cultura e das políticas sociais”.

Delgado (2008), num estudo que realizou sobre o Pavilhão do Conhecimento (centro de ciência) constatou que existiam, por exemplo, esforços para captar os públicos que ainda não visitavam esta atração, e que deviam ser desenvolvidas novas estratégias de marketing e comunicação, devendo haver também um investimento numa maior diversidade de atividades interativas, lúdicas e competitivas, que promovessem a participação em família e em grupo, possibilitassem o convívio e proporcionassem uma maior aprendizagem e descoberta.

Drule et al. (2015) realçam a importância de identificar o tipo de visitantes que visitam o património cultural religioso, defendendo que se devem reconhecer as diferenças que existem entre os vários tipos de visitantes, no sentido de adaptar as ações, para melhor responder às suas expectativas e proporcionar-lhes uma maior satisfação. Para além disso, esta informação poderá possibilitar aos gestores melhorar a gestão das pessoas que visitam esses sítios (Drule et al., 2015:269). Estes aspetos são também relevantes para outras atrações culturais, que não são de cariz religioso.

Por sua vez, Hood (1983) remarca a relevância de perceber aquilo que de facto é relevante para o público que visita as atrações culturais e a razão pela qual existem programas que funcionam num grupo de visitantes de um museu e falham noutros museus (Hood,1983:50). De acordo com este autor, os indivíduos selecionam, de entre as várias alternativas, aquelas que lhes fornecem mais benefícios, tendo por base as expetativas que possuem relativamente à experiência de lazer que vão obter (p.51).

Segundo os autores Davies e Prentice (1995:492) os museus são muitas vezes vistos como espaços de carácter formal e inacessíveis que limitam a interação social e a participação ativa dos indivíduos. Nestes locais, a falta de socialização foi entendida como a razão principal para que os não visitantes vissem os museus “como inacessíveis e [onde é percebida] a ansiedade como a incapacidade de compreender o código do museu”.

No estudo que efetuou em 1980-81 em cooperação com o Museu de arte de Toledo, Ohio, Hood realizou um inquérito que permitiu distinguir três tipos de audiências: os visitantes habituais/frequentes, os ocasionais e os não visitantes (Hood, 1983). Os visitantes habituais/frequentes correspondem aos visitantes que efetuam a visita aos museus pelo menos três vezes por ano, valorizando atributos de lazer identificados por Hood (1983), especialmente as oportunidades que lhes são dadas relativamente à aprendizagem, obtenção de novos desafios e experiências, e de fazer algo que realmente valha a pena. Para este tipo de visitantes os benefícios que os museus lhes proporcionam conseguem superar qualquer custo em termos de “tempo, dinheiro, viagens, saturação mental, fadiga e inconveniência” (Hood, 1983:52). Os visitantes ocasionais são aqueles que visitam os museus pelo menos uma ou duas vezes por ano e diferem dos visitantes habituais/frequentes através dos seus padrões de socialização e valores de lazer (Hood, 1983:54-55). As atividades direcionadas para a família são mais importantes para os visitantes ocasionais e para os não visitantes do que para os visitantes habituais/ frequentes. uma vez que estes últimos são capazes de efetuar essa visita sozinhos (Hood, 1983). Estes visitantes ocasionais procuram nos locais de lazer conforto, sentindo que estes museus lhe oferecem pequenas formas de conforto, não somente físico, mas psicológico (ex. sensação de à-vontade). Os não visitantes, são o contrário dos visitantes habituais/frequentes relativamente aos valores, preferências e expectativas. Estes não visitantes dão valor aos atributos que os visitantes habituais/frequentes não davam, interação social (interagir com outras pessoas), participação ativa e conforto e à-vontade no ambiente que os rodeia. Os não visitantes reconhecem poucos benefícios proporcionados

pelos museus e, por essa razão, não investem numa visita ao museu por considerar este tipo de atrações inacessíveis e formais (Hood, 1983: 54). Através deste estudo, os profissionais dos museus compreenderam que tinham que arranjar soluções para resolver os problemas de audiências dos museus que incluíam o reconhecimento de que os visitantes ocasionais e os não visitantes tinham a pretensão de encontrar novas e diferentes experiências e recompensas das encontradas nos museus no momento.

Houve já **investigação** realizada por alguns autores **onde se procurou analisar**, de forma mais sistemática, **constrangimentos para visitar atrações culturais**. Partindo do geral para o particular, Wong e Polonsky (2009), na abrangente revisão de literatura que efetuaram sobre as atrações culturais relativamente aos constrangimentos e barreiras que impedem a realização da visita, e de acordo com um modelo que propuseram no sentido de observar inter-relações entre diversos fatores, identificam como principais constrangimentos os seguintes:

1. Acesso físico;
2. Acesso pessoal;
3. Custo;
4. Tempo;
5. Produto;
6. Interesse pessoal;
7. Compreensão e socialização;
8. Informação.

De acordo com estes autores, estas oito barreiras estabelecem uma relação entre si uma vez que os visitantes vêm a experiência como sendo um conjunto de atividades e interações, e a não realização da visita resulta da combinação de todos estes fatores (Wong & Polonsky, 2009:845). Estes autores, no sentido de combater estes constrangimentos, sugeriam:

- a) Promoção das atrações ou eventos para criar consciência;
- b) Fornecimento de informação detalhada sobre um evento antes de ser realizado;
- c) A multidimensionalidade desta questão exemplifica a natureza complexa do fenómeno da não visitação.

Os estudos relativos aos constrangimentos para visitar atrações culturais que incluem estudos empíricos são, na sua maioria, referentes a museus, como por exemplo os estudos de Jun et al. (2006), Lawton e Daniels (2009) e Prentice et al. (1997).

Prentice et al. (1997), no estudo que realizaram sobre os constrangimentos à visita dos museus de Edimburgo (capital da Escócia), identificaram como principais constrangimentos referidos pelos inquiridos, os seguintes:

- Falta de tempo (indicada por 36,9% dos inquiridos);
- Falta de interesse (33,8%);
- Preferência por outras atividades (26,7%).

Estes autores revelam que os diretores dos museus não devem ser demasiado exigentes no que respeita às motivações intelectuais dos seus clientes. Os museus são visitados, com frequência, para obter conhecimentos gerais, por curiosidade e como uma forma de fugir à rotina com amigos e família.

Bailey et al. (1997), no estudo que realizaram às galerias e museus procuraram perceber se, de facto, os museus deviam implementar a cobrança de ingressos e, até que ponto a sua cobrança afeta “o conjunto total dos visitantes, a sua composição social ou a propensão que têm de voltar”. Tal como na altura da implementação deste tipo de cobranças nos museus, na década de 90, o autor também não registou grande impacto no número de turistas com a sua implementação.

Estes autores evidenciam que o impacto da introdução de encargos pode ser compensado por estratégias de marketing. Neste contexto, os museus podiam, por exemplo:

- Aumentar as visitas de grupos de visitantes, por exemplo alunos da escola, direcionando o marketing para as suas organizações de pais;
- Oferecer mais exposições temporárias especiais com ênfase nos eventos mais procurados;
- Informar os visitantes do uso que é feito das receitas provenientes da cobrança das entradas.

Jun et al. (2006), no estudo que realizam sobre os constrangimentos à visita aos museus de arte durante um ano, identificam constrangimentos internos tais como fatores sociodemográficos (género, idade e rendimento), a presença de crianças e o local de residência (as pessoas que vivem em áreas metropolitanas são aquelas que detêm um maior interesse em visitar museus).

Lawton e Daniels (2009), no estudo que realizaram sobre o facto de os residentes não participarem no Centro Udvar-Hazy, identificam como principais constrangimentos, de

acordo com uma escala de Likert de 5 pontos relativa à influência dos constrangimentos de 1 (sem influência) a 5 (influência muito forte):

- Tempo insuficiente (2,8);
- Percepção de um estacionamento elevado (2,72).

Embora estes sejam os fatores que têm maior importância em termos de influência, é possível ainda identificar os seguintes aspectos, que têm também uma influência considerável:

- Existência de compromissos de trabalho (2,29)
- Horários conflitantes com família e amigos (2,20)

Os autores concluem que o decréscimo do número de visitas constitui uma grande ameaça para os museus ao colocar em causa a sua existência. Para que isto não aconteça é necessária a implementação de estratégias agressivas de marketing que enfatizem o desenvolvimento do público e o envolvimento da comunidade (Lawton & Daniels, 2009: 28).

Na investigação relativa aos constrangimentos para visitar atrações culturais, mais especificamente museus e outro património cultural, Davies e Prentice (1995), na sua ampla revisão de literatura sobre a visita a museus e outras atrações patrimoniais, evidenciam que a literatura direcionada para este tipo de atrações, tendo evoluído de diversas disciplinas, passou a focar-se em três aspetos do comportamento do visitante: (i) o comportamento no que respeita à participação ou não participação em atividades de lazer; (ii) percepção em relação aos motivos positivos e negativos para a participação em lazer; e (iii) reação aos constrangimentos, verificando-se se estes são percebidos e também superados.

Tian et al. (1996), no estudo que realizaram sobre os constrangimentos relativamente a cinco atrações culturais no Texas, que incluem alguns museus e uma galeria (*County Museum, Texas Seaport Museums/ Sailing Ship Elisa, Samuel May Williams Home, Ashton Villa, American National Tower Viewing Gallery*) identificam como principais constrangimentos os seguintes:

- Custo (preço de ingressos de entrada e falta de dinheiro);
- Tempo (o tempo livre era insuficiente);
- Dificuldades de acesso (distância, difícil acesso, localização inconveniente);
- Repetição (depois de ter efetuado a visita a essa atração, uma vez não existe motivo para a repetir);

- Falha dos produtos (museus poucos atraentes, de má qualidade, ou mesmo falta de interesse em realizar essa mesma visita).

Drule et al. (2015), no estudo que realizaram no sentido de identificar os segmentos de visitantes através das motivações e constrangimentos relativos aos mosteiros ortodoxos (património imóvel cultural), mostram a dinâmica que existe neste tipo de atrações culturais. Os autores identificam vários grupos de viajantes, com base nos benefícios e constrangimentos:

- Grupo 1: são designados como “viajantes de lazer” (representa 7,70 % da amostra e inclui 123 indivíduos), correspondendo a viajantes para os quais os benefícios religiosos são pouco importantes, estando os benefícios mais importantes associados às tradições e a encontrar uma paz interior. São maioritariamente influenciados pelos constrangimentos estruturais: dinheiro e preocupações diárias. Para estes viajantes os constrangimentos superam os benefícios.

- Grupo 2: são designados por “viajantes religiosos moderados” de modo emocional (representa 9,8% da população e inclui 156 indivíduos), para os quais os benefícios religiosos têm uma importância média. Este tipo de viajantes são afetados por constrangimentos intrapessoais (questões pessoais), interpessoais (falta de convivência) e estruturais (preocupações).

- Grupo 3: são designados como “viajantes religiosos” que viajam por razões existenciais e emocionais (representam 21,85% da amostra e inclui 352 indivíduos), sendo aqueles que viajam por motivos existenciais e razões emocionais, para os quais os principais benefícios consistem em encontrar Deus e fortalecer a sua fé. Para estes a parte emocional é mais importante do que a participação nas atividades e cerimónias religiosas. Estes viajantes são restringidos por constrangimentos intrapessoais (problemas pessoais) e constrangimentos estruturais (preocupações diárias e falta de dinheiro).

- Grupo 4: designados por viajantes religiosos “moderados” de modo emocional e parcialmente existencial (representa 16,08% da amostra e inclui 259 indivíduos). Estes viajantes têm benefícios relativamente baixos. Os benefícios mais importantes são encontrar paz, proximidade com Deus, rezar e agradecer. Estes viajantes são maioritariamente influenciados por constrangimentos estruturais (falta de dinheiro e preocupações diárias) embora tenham uma baixa sensibilidade aos custos;

- Grupo 5: designados por “viajantes religiosos de forma emocional” (representa 9,50% da amostra e inclui 153 indivíduos), têm benefícios religiosos elevados e estão essencialmente preocupados em encontrar a paz interior, estabelecer uma relação com Deus e rezar, mas não tão disposto em se envolver nas atividades e rituais religiosos que se sobreponham aos serviços religiosos e confissão dos pecados. Estes viajantes são afetados por constrangimentos intrapessoais (problemas pessoais e medo de não encontrar o que procura) e constrangimentos estruturais (falta de tempo);

- Grupo 6: são designados como “viajantes religiosos de uma forma existencial, participativa e emocional” (representa 19,68% da amostra e inclui 317 indivíduos), sendo aqueles cujos benefícios religiosos têm valores elevados, com exceção daqueles benefícios que se encontram relacionados com o arrependimento. Este tipo de viajantes não são influenciados por qualquer tipo de constrangimentos ao tomar a decisão de viajar para sítios “sagrados”;

- Grupo 7: designados como viajantes religiosos “devotos” (representam 15,52% da amostra e inclui 250 indivíduos) de um modo existencial, participativo e emocional, são os que sentem maiores benefícios religiosos. Os maiores constrangimentos são constrangimentos estruturais (custos financeiros) e preocupações diárias.

Este estudo permitiu aos gestores deste tipo de atrações perceber o comportamento dos viajantes religiosos ao obter um conhecimento amplo deste tipo de mercado, e perceber também quais os principais problemas com que os responsáveis por estes locais religiosos, os operadores turísticos e outras organizações se vão deparar neste tipo de atrações (Drule et al., 2015:269).

Zheng et al. (2017), num estudo que realizaram no âmbito do *dark tourism*, com visitantes dos locais relacionados com a morte no sentido de perceber porque é que as pessoas não visitam ou não revisitam estes locais, identificam como principais constrangimentos os seguintes (Zheng et al., 2015:30):

- Constrangimentos intrapessoais: memórias traumáticas; emoções de medo e depressão; tabus e ideias culturais; e falta de interesse em visitar este tipo de locais;

- Constrangimentos interpessoais: as pessoas que ainda não visitam estes locais reportam a existência de fortes constrangimentos intrapessoais, apesar de não existir uma consistência interna numa dimensão deste tipo de constrangimentos;

- Constrangimentos estruturais: atributos de lugar; custo; e falta de tempo.

Um outro estudo importante sobre atrações culturais, mais especificamente sobre constrangimentos relativos à visita a museus e centros de ciência foi o realizado por Delgado (2008) sobre o Pavilhão do Conhecimento. Delgado conseguiu identificar como principais constrangimentos à visita, os seguintes:

- Constrangimentos intrapessoais: Formalidades; isolamento; reduzida variedade; falta de interesse relativamente às atividades;
- Constrangimentos interpessoais: Não proporciona convívio entre os visitantes;
- Constrangimentos estruturais: Desconhecimento sobre a existência do Pavilhão do Conhecimento; existência de informação pouco atrativa; reduzida acessibilidade ao Pavilhão do Conhecimento (devido à distância); viagem para lá é cara; desconhecimento das atividades do Pavilhão do Conhecimento.

Delgado (2008:78) conclui que os principais constrangimentos relativos à visita aos centros de ciência, como é o caso do Pavilhão do Conhecimento, influenciam fortemente o número de visitas a esses locais. Os constrangimentos que levam as pessoas a não visitar este tipo de atração cultural são, na sua maioria, como foi possível verificar, estruturais.

Embora as atrações culturais sejam o principal foco da presente dissertação, devido ao reduzido número de artigos existentes sobre constrangimentos para visitar atrações culturais, analisaram-se também outros estudos sobre constrangimentos no âmbito do turismo, designadamente **estudos que examinaram os constrangimentos para visitar destinos turísticos, para visitar atrações turísticas em geral e para visitar outros tipos de atrações**. Cho et al. (2013; 2014), Khan et al. (2017), Tan (2017) e Thapa (2012) realizaram estudos relacionados com os constrangimentos para visitar destinos em que se analisam, por exemplo, os constrangimentos intrapessoais, interpessoais e estruturais existentes aquando da viagem aos seguintes países ou regiões: Flórida, Penang (Malásia), Uganda e Zâmbia (neste último caso são apenas evidenciados os constrangimentos estruturais). Existem ainda estudos relativos aos constrangimentos associados ao turismo desportivo (Hudson et al., 2010) e estudos sobre os constrangimentos em áreas rurais (Parker, 2007).

Božić et al. (2017) fizeram um estudo sobre constrangimentos para visitar atrações turísticas em geral e Gedecho (2017), num estudo recente, refere-se aos constrangimentos para visitar atrações culturais e naturais existentes em South Omo, Etiópia. Existem inúmeros estudos sobre os constrangimentos no âmbito do lazer e em diversas áreas do turismo, que englobam tanto constrangimentos para visitar as atrações naturais como

culturais da região e que foram realizados em vários países do mundo, tais como os EUA (Cho et al., 2013; Jun et al., 2006; Jun & Kyle, 2011; Mowen et al., 2005; Tian et al., 1996), Inglaterra (Parker, 2007), Turquia (Albayrak et al., 2017), Malásia (Khan et al., 2017), Uganda (Lepp et al., 2014) Geórgia (Samdahl & Jekubovich, 1997), Etiópia (Gedecho, 2017), Suécia (Fredman & Heberlein, 2005), Canadá (Hudson et al., 2010), Zâmbia (Thapa, 2012), China (Chen et al., 2013), Taiwan e Nanjing (Tan, 2017; Zheng et al., 2017) e Roménia (Drule et al., 2015).

Em outros estudos, os autores apenas analisam constrangimentos para visitar atrações naturais. São exemplo disso os estudos realizados por Albayrak et al. (2017), Ghimire et al. (2014), Fredman e Heberlein (2005) e Mowen et al. (2005), que estudam, respetivamente, os constrangimentos para participar em atividades de aventura na Anatólia (República da Turquia), atividades de recreação ao ar livre na Geórgia, para visitar o parque de Cleveland e para visitar as montanhas da Suécia.

No que concerne às atrações culturais, existem maioritariamente estudos sobre constrangimentos associados a museus, onde são explorados os constrangimentos intrapessoais, interpessoais e estruturais relativos à visita aos mesmos (Jun et al., 2006; Lawton & Daniels, 2009; Prentice et al. 1997), e, ainda, estudos sobre constrangimentos relacionados com o *dark tourism* (Zheng et al., 2017) e sobre mosteiros ortodoxos (Drule et al., 2015). Foi ainda identificada investigação sobre constrangimentos em atrações culturais apenas baseada na revisão da literatura (ex. Davies & Prentice, 1995; Wong & Polonsky, 2009). Tian et al. (1996) foi o único estudo empírico específico sobre constrangimentos em atrações culturais que se conseguiu identificar, que engloba mais do que um tipo de atrações culturais (museus e galerias).

Em Portugal, de acordo com a revisão de literatura, não existem estudos que analisem os constrangimentos relativamente à visita a atrações culturais de uma forma geral, evidenciando as barreiras que poderão funcionar como inibidoras da participação em atividades e eventos culturais. Somente foi identificado um estudo sobre os constrangimentos relativos à visita aos centros de ciência (Delgado, 2008).

Foi efetuada uma **revisão da literatura de 25 artigos no âmbito do lazer e turismo**, onde foram identificados constrangimentos em atividades de lazer. Foram considerados nesta análise artigos relativos a **constrangimentos para visitar destinos** (designados, daqui em diante, de artigos de destinos), **para visitar atrações naturais** (designados de artigos de

natureza) e **para visitar atrações culturais** (designados de artigos de cultura). Em termos de percentagem na amostra, os artigos de cultura são os mais representados (40 %), seguindo-se os artigos de natureza (24%) e os artigos de destino (36%) (figura 6).

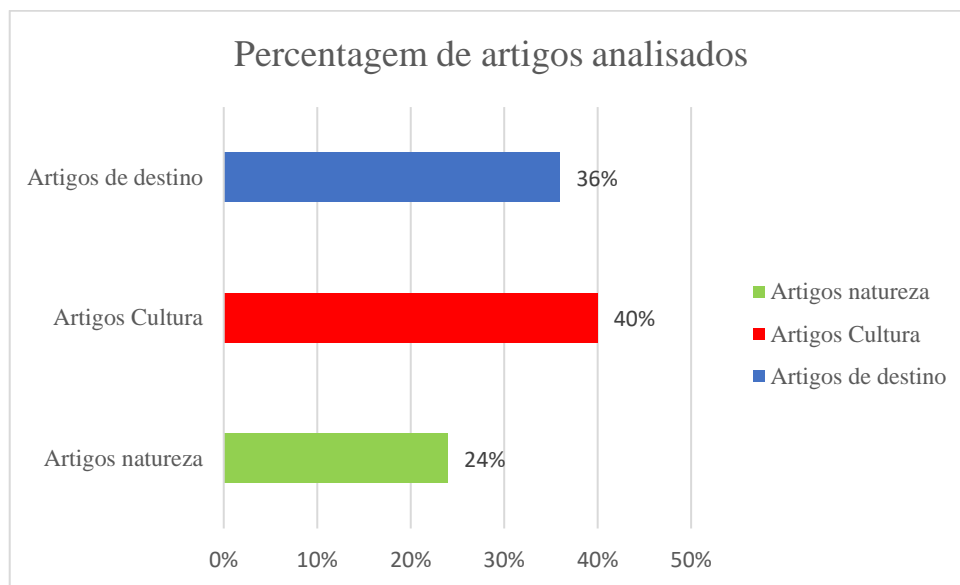


Figura 6: Tipologias dos artigos analisados

Fonte: Elaboração própria.

Utilizando a tipologia de classificação de Crawford e Godbey (1987) foram identificados os constrangimentos intrapessoais, os interpessoais e os estruturais presentes nos 25 artigos analisados (tabela 11 e apêndice 2).

Tabela 12: Constrangimentos considerados nos 25 artigos analisados (continua)

Constrangimentos intrapessoais	Referências	Constrangimentos interpessoais	Referências	Constrangimentos estruturais ou situacionais	Referências
<p>1. Falta de interesse</p> <ul style="list-style-type: none"> - Falta de interesse nas atividades; - Preferências por outras atividades; 	<p>Davies & Prentice (1995); Tian, Crompton, & Witt (1996); Prentice, Davies & Beeho, (1997); Mowen, Payne, & Scott (2005); Delgado (2008); Wong & Polonsky (2009); Lawton & Daniels (2009); Cho, Bonn, & Brymer (2014); Albayrak, Caber, & Crawford (2017); Božić, Jovanović, Tomić, & Vasiljević (2017); Khan, Chelli, & Ahmed (2017); Zheng, Zhang, & Quian (2017)</p>	<p>1. Falta de companhia</p> <ul style="list-style-type: none"> - Familiares e amigos têm outras preferências - Familiares e amigos não têm o hábito de participar; - Falta de companhia por outros motivos. 	<p>Samdahl & Jekubovich (1997); Samdahl & Jekubovich (1997); Mowen, Payne, & Scott (2005); Delgado (2008); Jun, Kyle, & O'Leary (2006); Wong & Polonsky (2009); Lawton & Daniels (2009); Hudson, Hinch, Gordon, & Simpson (2010); Jun & Kyle (2011); Chen, Hua, & Wang (2013); Ghimire, Green, Poudyal, & Cordell (2014); Lepp, Gibson, & Lane (2014); Albayrak, Caber, & Crawford (2017); Božić, Jovanović, Tomić, & Vasiljević (2017); Gedecho (2017); Khan, Chelli, & Ahmed (2017); Tan (2017)</p>	<p>1. Falta de acesso</p> <ul style="list-style-type: none"> - Acessibilidade (falta de transporte, más condições de estradas e acessos); - Elevada distância; - Sinalização. 	<p>Davies & Prentice (1995); Tian, Crompton, & Witt (1996); Prentice, Davies & Beeho (1997); Fredman & Heberlein (2005); Mowen, Payne, & Scott (2005); Jun, Kyle, & O'Leary (2006); Jun, Kyle, & O'Leary (2006); Parker (2007); Delgado (2008); Wong & Polonsky (2009); Lawton & Daniels (2009); Thapa (2012); Chen, Hua, & Wang (2013); Cho, Bonn, & Brymer (2014); Ghimire, Green, Poudyal, & Cordell (2014); Božić, Jovanović, Tomić, & Vasiljević (2017)</p>
<p>2. Falta de segurança/ confiança</p> <ul style="list-style-type: none"> - Falta de segurança no local - Falta de confiança/ autoconfiança 	<p>Davies & Prentice (1995); Prentice, Davies & Beeho, (1997); Jun, Kyle, & O'Leary (2006); Parker (2007); Delgado (2008); Ghimire, Green, Poudyal, & Cordell (2014); Drule, Băcilă, Ciornea, & Chiş (2015); Gedecho (2017); Khan, Chelli, & Ahmed (2017); Tan (2017)</p>	<p>2. Responsabilidades familiares/trabalho (sociais)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Restrições que resultam da presença de crianças, no grupo de viagem ou família; - Diversos outros compromissos familiares e sociais. 	<p>Samdahl & Jekubovich (1997); Prentice, Davies & Beeho, (1997); Mowen, Payne, & Scott (2005); Jun, Kyle, & O'Leary (2006); Delgado (2008); Lawton & Daniels (2009); Hudson, Hinch, Gordon, & Simpson (2010); Jun & Kyle (2011); Ghimire, Green, Poudyal, & Cordell (2014); Lepp, Gibson, & Lane (2014).</p>	<p>2. Recursos financeiros (custos e despesas)</p>	<p>Davies & Prentice (1995); Tian, Crompton, & Witt (1996); Prentice, Davies & Beeho, (1997); Samdahl & Jekubovich (1997); Fredman & Heberlein (2005); Mowen, Payne, & Scott (2005); Jun, Kyle, & O'Leary (2006); Parker (2007); Delgado (2008); Wong & Polonsky (2009); Lawton & Daniels (2009); Hudson, Hinch, Gordon, & Simpson (2010); Thapa (2012); Chen, Hua, & Wang (2013); Ghimire, Green, Poudyal, & Cordell (2014); Lepp, Gibson, & Lane (2014); Drule, Băcilă, Ciornea, & Chiş (2015); Albayrak, Caber, & Crawford (2017); Božić, Jovanović, Tomić, & Vasiljević (2017); Gedecho (2017); Tan (2017).</p>

Tabela 13: Constrangimentos considerados nos 25 artigos analisados (continuação 1)

<p>3. Falta de consciência</p>	<p>Davies & Prentice (1995); Jun & Kyle (2011)</p>	<p>3. Falta de socialização - Falta de envolvimento e convivência nas suas relações e atividades.</p>	<p>Davies & Prentice (1995); Wong & Polonsky (2008); Cho, Bonn, & Brymer (2014); Lepp, Gibson, & Lane (2014); Drule, Băcilă, Ciornea, & Chiș (2015); Gedecho (2017)</p>	<p>3. Falta de informação e conhecimento</p>	<p>Mowen, Payne, & Scott (2005); Delgado (2008); Wong & Polonsky (2009); Lawton & Daniels (2009); Hudson, Hinch, Gordon, & Simpson (2010); Thapa (2012); Chen, Hua, & Wang (2013); Cho, Bonn, & Brymer (2014); Ghimire, Green, Poudyal, & Cordell (2014); Lepp, Gibson, & Lane (2014); Albayrak, Caber, & Crawford (2017); Khan, Chelli, & Ahmed (2017); Tan (2017).</p>
<p>4. Falta de Conhecimento e informação - Falta de informação sobre o do funcionamento e/ou códigos de conduta das atividades; - Falta de experiência - Falta de conhecimento sobre uma atividade, atração ou destino.</p>	<p>Davies & Prentice (1995); Tian, Crompton, & Witt (1996); Prentice, Davies & Beeho, (1997); Parker (2007); Jun & Kyle (2011); Albayrak, Caber, & Crawford (2017);</p>	<p>4. Falta de aprovação social - Falta de aprovação da participação por parte de outras pessoas.</p>	<p>Parker (2007); Delgado (2008)</p>	<p>4. Falta de tempo - Compromissos profissionais;</p>	<p>Davies & Prentice (1995); Crompton, & Witt (1996); Prentice, Davies & Beeho, (1997); Samdahl & Jekubovich (1997); Fredman & Heberlein (2005); Mowen, Payne, & Scott (2005); Jun, Kyle, & O'Leary (2006); Parker (2007); Delgado (2008); Wong & Polonsky (2009); Lawton & Daniels (2009); Hudson, Hinch, Gordon, & Simpson (2010); Thapa (2012); Ghimire, Green Poudyal, & Cordell (2014); Lepp, Gibson, & Lane (2014); Drule, Băcilă, Ciornea, & Chiș (2015); Albayrak, Caber, & Crawford (2017); Božić, Jovanović, Tomić, & Vasiljević (2017); Tan (2017).</p>
<p>5. Motivos de saúde</p>	<p>Samdahl & Jekubovich (1997); Prentice, Davies & Beeho, (1997); Fredman & Heberlein (2005); Mowen, Payne, & Scott (2005); Delgado (2008); Lawton & Daniels (2009); Chen, Hua, & Wang (2013); Ghimire, Green Poudyal, & Cordell (2014); Lepp, Gibson, & Lane (2014)</p>	<p>-</p>	<p>-</p>	<p>5. Clima</p>	<p>Davies & Prentice (1995); Delgado (2008); Thapa (2012); Chen, Hua, & Wang (2013); Khan, Chelli, & Ahmed (2017).</p>

Tabela 14: Constrangimentos considerados nos 25 artigos analisados (continuação 2)

<p>6. Problemas Psicológicos - Capacidade psicológica (stress, depressão e frustração) - Pensamentos e percepções</p>	<p>Parker (2007); Delgado (2008); Wong & Polonsky (2009); Jun & Kyle (2011); Drule, Băcilă, Ciornea, & Chiș (2015); Božić, Jovanović, Tomić, & Vasiljević (2017)</p>	-	-	<p>6. Problemas com instalações</p>	<p>Tian, Crompton, & Witt (1996); Jun, Kyle, & O'Leary (2006); Ghimire, Green Poudyal, & Cordell (2014)</p>
<p>7. Falta de habilidade/Auto habilidade</p>	<p>Fredman & Heberlein (2005); Jun, Kyle, & O'Leary (2006);</p>	-	-	<p>7. Equipamentos e serviços de apoio</p>	<p>Delgado (2008); Wong & Polonsky (2009); Thapa (2012); Chen, Hua, & Wang (2013); Ghimire, Green, Poudyal, & Cordell (2014); Gedecho (2017); Khan, Chelli, & Ahmed (2017).</p>
<p>8. Falta de capacidades físicas e motoras</p>	<p>Parker (2007); Delgado (2008); Lawton & Daniels (2009); Jun & Kyle (2011); Ghimire, Green Poudyal, & Cordell (2014)</p>	-	-	<p>8. Dificuldades de Planeamento</p>	<p>Mowen, Payne, & Scott (2005); Wong & Polonsky (2009); Lawton & Daniels (2009); Hudson, Hinch, Gordon, & Simpson (2010); Chen, Hua, & Wang (2013); Cho, Bonn, & Brymer (2014); Ghimire, Green, Poudyal, & Cordell (2014); Gedecho (2017); Khan, Chelli, & Ahmed (2017); Tan (2017).</p>
<p>9. Barreiras linguísticas</p>	<p>Ghimire, Green Poudyal, & Cordell (2014); Gedecho (2017)</p>	-	-	<p>9. Atividades e programas inadequados ou não atraentes</p>	<p>Jun, Kyle, & O'Leary (2006); Delgado (2008); Cho, Bonn, & Brymer (2014)</p>
<p>10. Razões sociodemográficas - Idade; - Género; - Etnia.</p>	<p>Samdahl & Jekubovich (1997); Prentice, Davies & Beeho, (1997); Fredman & Heberlein (2005); Jun, Kyle, & O'Leary (2006); Hudson, Hinch, Gordon, & Simpson (2010); Cho, Bonn, & Brymer (2014); Gedecho (2017).</p>	-	-	<p>10. Outras Questões - Atratividade/ qualidade do recurso</p>	<p>Wong & Polonsky (2009); Delgado (2008);</p>
<p>11. Medo relativo a uma ação associada à prática de uma atividade</p>	<p>Mowen, Payne, & Scott (2005); Jun, Kyle, & O'Leary (2006); Delgado (2008); Ghimire, Green Poudyal, & Cordell (2014); Lepp, Gibson, & Lane (2014); Drule, Băcilă, Ciornea, & Chiș (2015)</p>	-	-	-	-

12. Más experiencias infantis dos visitantes	Davies & Prentice (1995)	-	-	-	-
--	--------------------------	---	---	---	---

De acordo com a tabela 11, foram identificados os seguintes **constrangimentos intrapessoais** nos 25 artigos analisados:

- Falta de interesse (falta de interesse em viajar para um determinado destino, visitar as suas atrações culturais, falta de interesse na história e cultura desse mesmo destino e pela obtenção de novos conhecimentos ou, mesmo, deter a preferência por outro tipo de atividades);
- Falta de segurança/confiança, incluindo falta de segurança no local (ex. segurança policial nas ruas) ou falta de confiança/ autoconfiança (confiança e segurança em si mesmo e demonstração de autoconfiança ao visitar as atrações culturais);
- Falta de consciência (falta de noção sobre as consequências de um determinado comportamento (tendo dificuldade em avaliar se um comportamento é ou não apropriado) aquando da realização de uma determinada atividade ou visita a uma atração turística, ou seja, dificuldade de avaliação da sua própria conduta aquando da realização dessas atividades (ex. tocar em objetos ou mesmo mesmo danificá-los);
- Falta de conhecimento (dificuldade em perceber o modo de funcionamento de uma determinada atividade ou atração turística ou, mesmo, falta de experiência relativa à participação ou realização de determinadas atividades);
- Motivos de saúde (existência de problemas de saúde que impedem que a pessoa realize a atividade, falta de saúde);
- Problemas psicológicos (o individuo encontra-se afetado psicologicamente ao ter stress, depressão, ou mesmo frustração, ou tem pensamentos e percepções que podem não ser favoráveis à visita a um determinado local ou à realização de uma atividade);
- Falta de habilidade (falta de experiência relativamente à realização de uma determinada atividade, ou mesmo de competência para a realizar);
- Falta de capacidades físicas e motoras (limitações em termos físicos e/ou motores para visitar um determinado local ou participar em atividades das mais diversas índoles);
- Barreiras linguísticas (limitações ao nível do entendimento de uma determinada língua ou, mesmo, falta de entendimento do paradigma cultural);

- Razões sociodemográficas (o indivíduo pode não realizar a atividade devido, por exemplo, a não ter a idade ou género adequados);
- Medo relativo a uma ação associada à prática de uma atividade (medo de realizar uma determinada atividade ou de visitar um determinado local, medo de ser repreendido ou de não encontrar o que procura);
- Más experiências infantis dos visitantes (más experiências na infância relativamente à participação numa determinada atividade ou na visita a um certo destino).

O gráfico relativo ao número de total de artigos analisados (relativos a destinos, atrações culturais e atrações naturais) onde se apresenta cada um dos constrangimentos intrapessoais considerados nos estudos (figura 7), revela que a falta de interesse é o constrangimento que se encontra mais frequentemente representado nos 25 artigos (12 dos 25 artigos), seguida dos constrangimentos de saúde (10) e da falta de segurança/confiança (9).

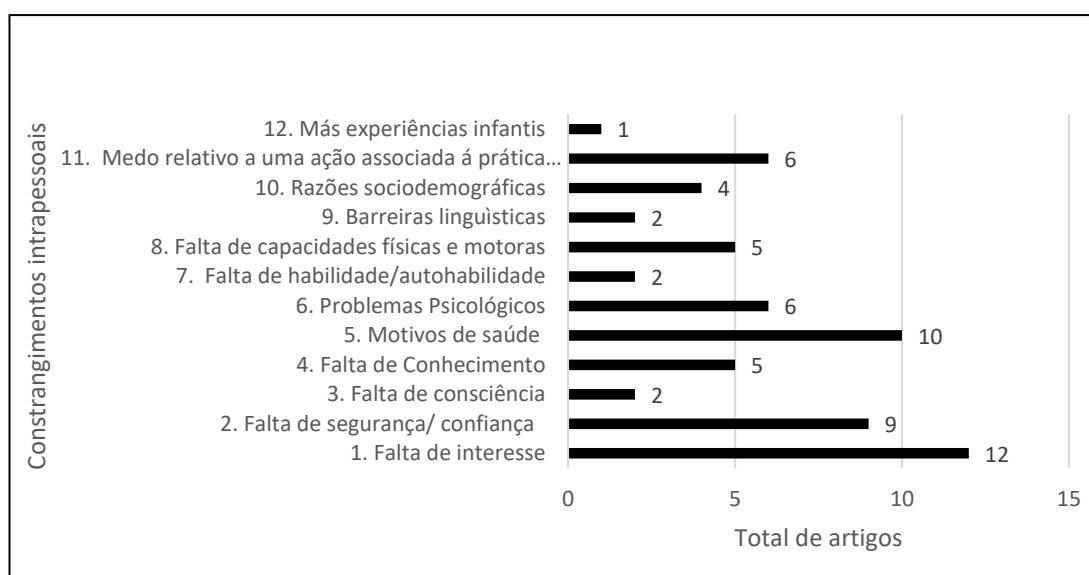


Figura 7: Constrangimentos intrapessoais considerados nos 25 artigos analisados

Fonte: Elaboração própria.

Analisando agora os constrangimentos intrapessoais considerados, mas por tipo de artigo (artigos sobre destinos, artigos sobre atrações culturais e artigos sobre atrações naturais) (figura 8), observa-se que os constrangimentos intrapessoais mais considerados nos artigos sobre atrações culturais são também os anteriormente mencionados - a falta de interesse (considerada em 70% artigos), a falta de segurança/confiança (40%) e os constrangimentos de saúde (40%) – bem como a falta de conhecimento, problemas

psicológicos e medo relativo a uma ação associada à prática de uma atividade (cada um deles representado em 30% dos artigos culturais).

Os constrangimentos intrapessoais que são mais frequentemente mencionados nos artigos culturais do que nos artigos de natureza e destino são: a falta de interesse (em 70% dos artigos de cultura e em 33% dos artigos de natureza e destino) e as más experiências infantis (em 10% dos artigos de cultura e em 0% dos artigos de natureza e de destino).

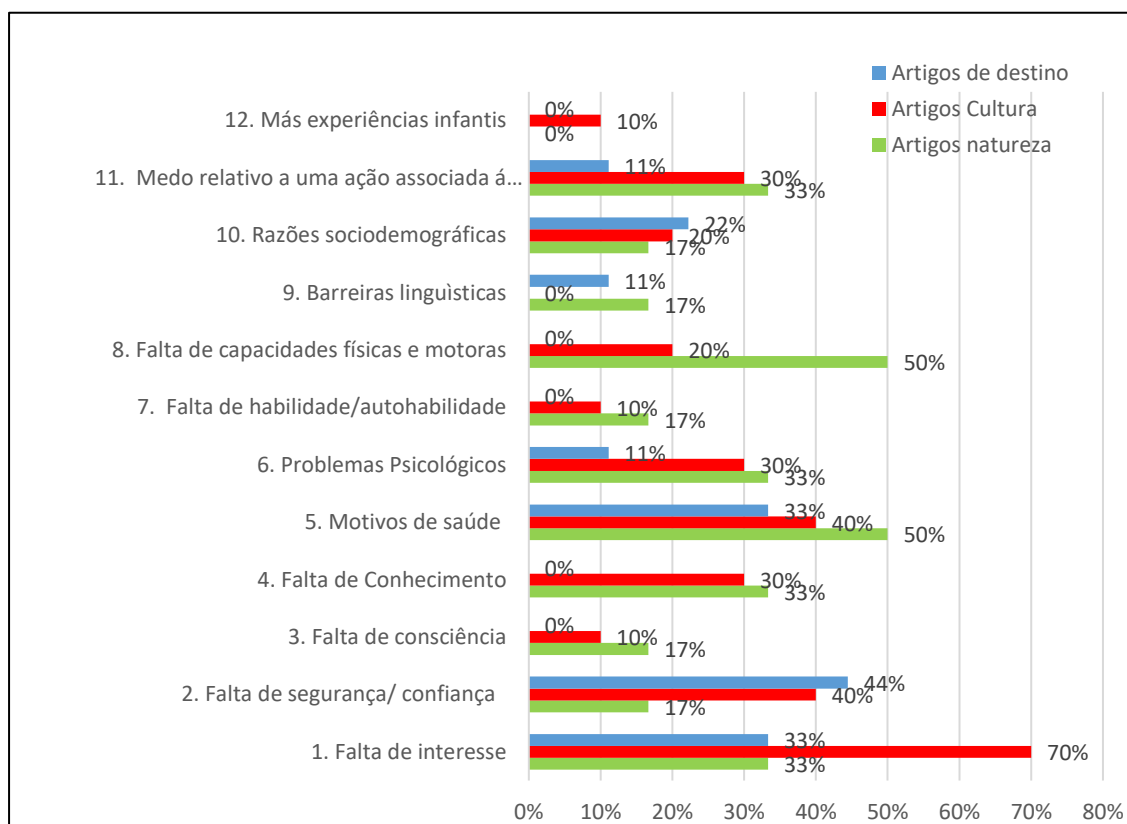


Figura 8: Constrangimentos intrapessoais considerados nos artigos analisados por tipo de artigo

Fonte: Elaboração própria.

Os constrangimentos interpessoais estão relacionados com o contexto social onde o individuo se insere, as suas relações e percepções ao nível de interação. Também de acordo com a tabela 11, são identificados os seguintes **constrangimentos interpessoais** identificados nos 25 estudos analisados:

- Falta de companhia (quando os familiares e/ou amigos têm outras preferências, quando estes não têm o hábito de participar em determinadas atividades ou visitar determinados locais, ou mesmo falta de companhia por qualquer outro motivo);
- Responsabilidades familiares/ de trabalho (sociais) (restrições que resultam na presença de crianças no grupo de viagem e também devido a outros compromissos familiares ou sociais);
- Falta de socialização (resulta da falta de envolvimento e convivência nas suas relações e atividades);
- Falta de aprovação social (falta de aprovação relativamente à participação numa determinada atividade, ou mesmo na visita a um certo destino, por parte de outras pessoas).

Os constrangimentos interpessoais que se encontram mais frequentemente considerados no total de artigos analisados são a falta de companhia e a existência de responsabilidades familiares e de trabalho (referidas, respetivamente, em 15 e 11 dos 25 artigos) (figura 9). A falta de aprovação social e socialização não parecem assumir grande relevância, estando presentes em apenas 2 e 4 dos 25 artigos analisados. Nenhum dos constrangimentos foi considerado mais frequentemente nos estudos sobre atrações culturais do que noutra tipo de estudos (figura 9).

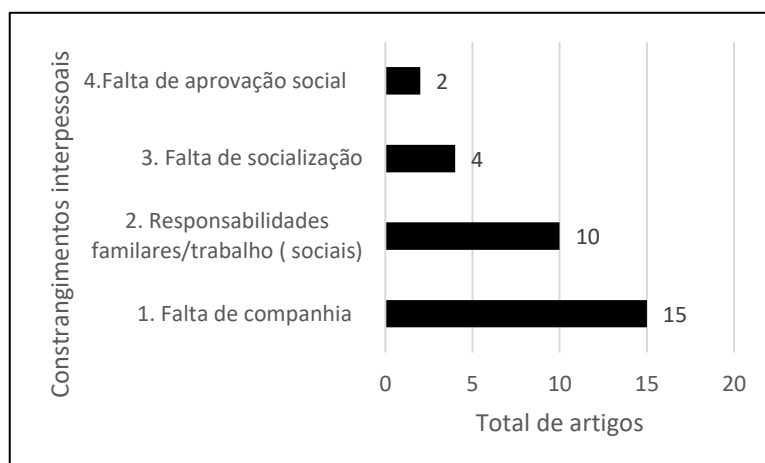


Figura 9: Constrangimentos interpessoais considerados nos 25 artigos analisados

Fonte: Elaboração própria.

Analisando os constrangimentos interpessoais considerados nos diferentes tipos de artigos, observa-se que os constrangimentos interpessoais que foram considerados mais

frequentemente nos artigos sobre atrações culturais foram os dois constrangimentos que foram também mais encontrados no conjunto dos 25 artigos - a existência de responsabilidades familiares e de trabalho (presente em 50% dos artigos culturais) e a falta de companhia (40%) (figura 10).

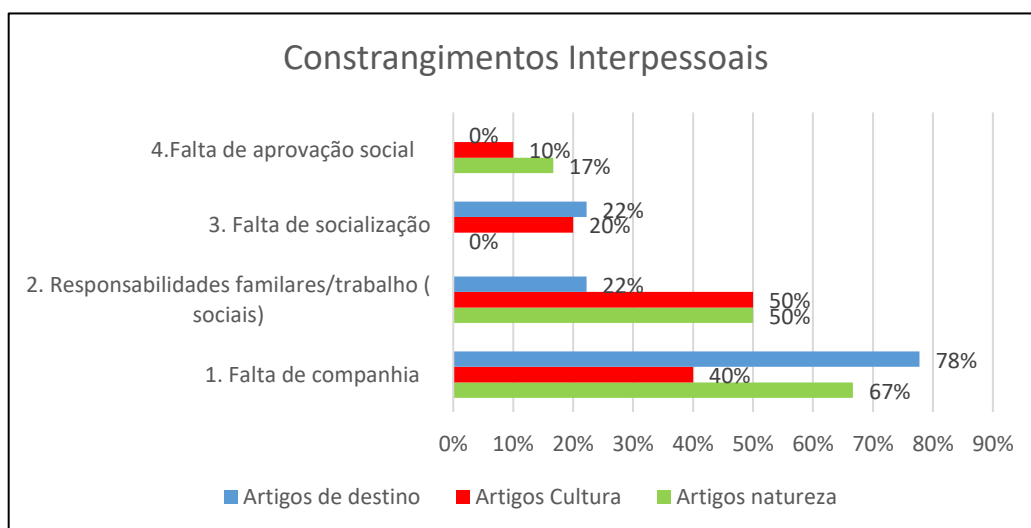


Figura 10: Constrangimentos interpessoais considerados nos artigos analisados, por tipo de artigo

Fonte: Elaboração própria.

Ainda com base na tabela 11 são identificados os seguintes **constrangimentos estruturais**:

- Falta de acesso (problemas no que respeita às acessibilidades, relativamente à falta de transporte, más condições de estradas e acessos, também pela elevada distância e fraca sinalização);
- Recursos financeiros (custos e despesas) (elevados custos de transporte e entrada nas atrações, elevados custos totais de viagem ou mesmo falta de dinheiro);
- Falta de informação e conhecimento (falta de conhecimento e informação sobre uma determinada atividade, atração, ou mesmo sobre um determinado destino);
- Falta de tempo (falta de tempo para participar numa determinada atividade, visitar uma atração ou mesmo um destino, por diversas razões);

- Clima (condições climáticas adversas, estação do ano não apropriada para participar numa determinada atividade, visitar uma atração ou um destino, ou mesmo a existência de poluição ambiental);
- Problemas com instalações (instalações insuficientes, inapropriadas e falta de condições nas mesmas)
- Equipamentos e serviços de apoio (falta de equipamentos e serviços de apoio que garantam a satisfação e a boa qualidade de serviço prestada ao visitante aquando da participação numa determinada atividade, visita a uma atração ou mesmo a um destino);
- Dificuldades de planeamento (falta de planeamento, gestão e organização de atividades), falta de organização relativa à visita (ordem, número e comportamento dos visitantes) a atrações turísticas;
- Atividades e programas inadequados ou não atraentes (programas e atividades insuficientes, falta de oferta ao nível de pacotes turísticos para visitar um determinado destino ou atração);
- Outras questões (atratividade/qualidade do recurso).

Os constrangimentos estruturais ou situacionais mais frequentemente considerados nos 25 artigos analisados (figura 11), são a falta de acesso e a falta de tempo (ambos representados em 15 dissertações), logo seguidos dos recursos financeiros (custos e despesas) (14) (figura 11). A falta de informação/conhecimento e as dificuldades de planeamento também são encontradas muito frequentemente nos artigos (em 11 e 10 artigos, respetivamente). Os problemas com instalações e as atividades e programas inadequados ou não atraentes encontram-se, cada uma delas, apenas evidenciada em 3 dos 25 artigos analisados.

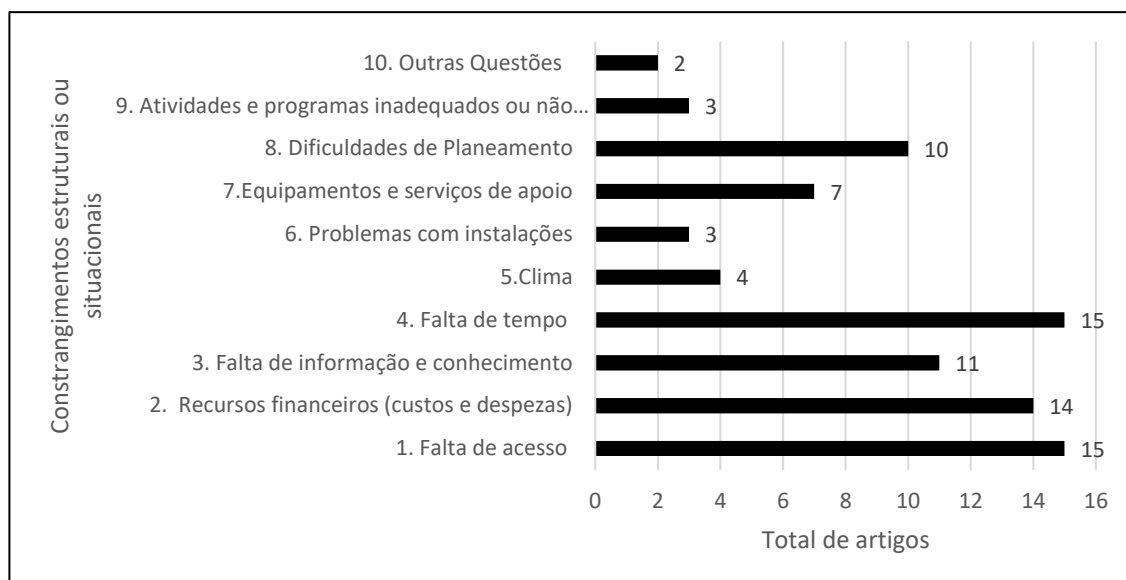


Figura 11: Constrangimentos estruturais ou situacionais considerados nos 25 artigos analisados

Fonte: Elaboração própria

Os constrangimentos estruturais ou situacionais mais representados nos artigos sobre atrações culturais são os três mais considerados no conjunto dos 25 artigos – falta de tempo e falta de recursos financeiros (associada a custos e despesas) (ambos encontrados em 70 % dos artigos de cultura) – e falta de acesso (50%) (figura 12). Os únicos constrangimentos estruturais encontrados em mais artigos culturais do que em artigos de outro tipo são a falta de recursos financeiros (em 70% dos artigos das atrações culturais, em 67% dos de natureza e em 33% dos de destinos) e o facto de haver atividades e programas inadequados ou não atraentes (em 20% dos artigos de atrações culturais, em 11% dos artigos de destinos e em nenhum dos referentes a atrações naturais). Estes resultados sugerem que as atrações culturais tendem a ser percecionadas como mais caras do que as naturais, provavelmente porque o acesso a elas é, muitas vezes, pago, e tendem também a não satisfazer os visitantes em termos de atividades e programas, provavelmente porque os visitantes criam mais expectativas a este nível relativamente a este tipo de atrações.

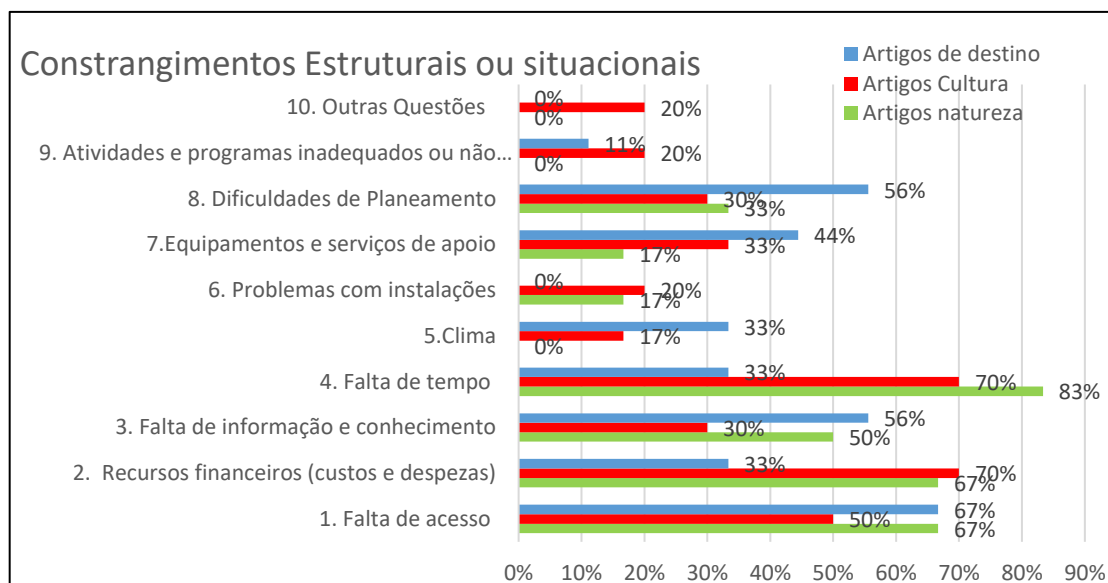


Figura 12: Constrangimentos estruturais ou situacionais considerados nos artigos analisados, por tipo de artigo

Fonte: Elaboração própria.

3.5. Conclusões

Ao longo das diferentes décadas do século XX foram surgindo cada vez mais teorias resultantes de pesquisas e estudos realizados por diversos autores relativamente às restrições que as pessoas encontram ou têm relativamente à participação em atividades no âmbito do turismo, que podem conduzir à não participação ou a uma participação modificada em função dos constrangimentos existentes.

Foi adotada a expressão “constrangimentos em lazer” e a investigação sobre constrangimentos tem permitido identificar dificuldades ou obstáculos na área do turismo e obter uma melhor compreensão sobre o que leva as pessoas a participar ou a não participar numa atividade, ou a ter uma participação diferente da que gostariam. Esta investigação é particularmente relevante pois permite identificar estratégias que possibilitem efetuar melhorias na qualidade de serviço, aumentar a satisfação dos visitantes e, conseqüentemente, aumentar a procura.

A negociação dos constrangimentos no turismo tem permitido uma maior resolução de conflitos, remoção de obstáculos e aumento da satisfação pessoal.

Ao efetuar uma revisão de literatura foi possível perceber que o modelo de Crawford e Godbey (1987) é o modelo que tem sido mais frequentemente utilizado para distinguir os vários tipos de constrangimentos, designadamente em constrangimentos de caráter intrapessoal, interpessoal e estrutural.

Através da análise de 25 artigos de constrangimentos da área do turismo de três categorias diferentes (artigos relativos a constrangimentos para visitar atrações naturais, para visitar atrações culturais e para visitar destinos), foi possível identificar os constrangimentos que têm sido mais considerados na investigação em turismo, que correspondem também aos mais considerados nos artigos sobre constrangimentos de visita a atrações culturais (maioritariamente sobre constrangimentos à vista de museus). Ao nível dos constrangimentos intrapessoais destacam-se a falta de interesse, motivos de saúde e a falta de segurança/confiança. Nos constrangimentos interpessoais realça-se a falta de companhia e as responsabilidades familiares/ de trabalho (sociais) e, ao nível dos constrangimentos estruturais ou situacionais, destacam-se a falta de acesso, falta de tempo e problemas ao nível dos recursos financeiros.

Os constrangimentos que se verificaram estar mais presentes em artigos sobre atrações culturais do que em artigos sobre destinos turísticos ou atrações naturais foram a falta de interesse, as más experiências infantis, os problemas com recursos financeiros e as atividades e programas inadequados. Estes resultados sugerem que os visitantes, quando querem visitar atrações culturais, se podem sentir mais constrangidos do que noutros contextos do turismo por estas atrações não lhes suscitarem tanto interesse, por considerarem que os seus programas e atividades são inadequados, por considerarem o acesso a estas atrações mais dispendioso ou por terem tido más experiências nestas atrações em crianças (ex. visitas aborrecidas).

Tal como em outras atividades de lazer, a visita a atrações culturais carece da existência de um processo de gestão e planeamento que tem como principal objetivo detetar as necessidades dos visitantes, estudar as perceções dos não visitantes e a razão pela qual eles não efetuam a visita a essas atrações ou não realizam determinadas atividades nessas atrações e, ainda, compreender até que ponto os constrangimentos os afetam, para que seja possível encontrar soluções e novas estratégias de marketing para resolver os principais problemas associados à visita a este tipo de atrações.

Capítulo 4 - Caracterização do concelho de Ribeira de Pena

4.1. Introdução

Neste capítulo é realizada uma caracterização da oferta turística do concelho de Ribeira de Pena. Em primeiro lugar é feita uma caracterização geral do Concelho, onde é realizado um enquadramento geográfico de Ribeira de Pena, e onde são apresentadas algumas características do Concelho ao nível de diversos aspetos, tais como clima, situação demográfica e serviços de saúde.

De seguida, é feita a descrição da oferta turística do Concelho por diversos autores (Alves, 2014; Cruz & Magalhães, 1995; Ribeiro et al., 2012) e pelo município de Ribeira de Pena (CMRP, 2014,2018), sendo dada particular ênfase aos recursos culturais, que são o principal foco de análise da presente dissertação. Neste âmbito, além das atrações turísticas, são também mencionados os equipamentos e serviços de apoio que existem no concelho de Ribeira de Pena e que satisfazem as necessidades dos visitantes e dos próprios residentes relativamente, entre outros aspetos, à restauração e alojamento. É ainda referida a situação do Concelho em termos de acessibilidade.

4.2. Caracterização geral do concelho de Ribeira de Pena

O concelho de Ribeira de Pena é um concelho pertencente ao distrito e diocese de Vila Real, com características mistas de vale e montanha, com cerca de 6.544 **habitantes** e com 30 habitantes por Km² e uma área de cerca de 217,46 Km² (figura 13). A nível de acessos, as autoestradas permitem um acesso mais cómodo e fácil para todos os que queiram visitar o Concelho através da A3, A7, A24 e A25 (INE, 2018; Ribeiro et al., 2012).



Figura 13: Mapa de Portugal onde se assinala o concelho de Ribeira de Pena e o mapa constituente do concelho

Fonte: CMRP (2014).

Trata-se de um Concelho composto por cinco freguesias (tabela 12) - Salvador e Santo Aleixo de Além Tâmega, Santa Marinha, Alvadia, Canedo e Cerva e Limões.

Tabela 15: Constituição de Ribeira de Pena por freguesias

Salvador e Santo Aleixo de Além Tâmega	Santa Marinha	Alvadia	Canedo	Cerva e Limões
Balteiro, Bacelar, Bustelo, Caminho, Cavalinho, Concelho, Brunhedo, Daivões, Escarei, Friúme, Fontes, Portela de Santa Eulália, Póvoa, Reboriça, Ruival, Santa Eulália, Senra, Trofa, Vilarinho, Santo Aleixo, Bragadas e Manscos	Abelheira, Aldeia do Ouro, Boavista, Capão, Gardunho, Choupica, Cruz, Ferreiros, Fonte do Mouro, Fragalhinha, Granja Nova, Granja Velha, Lamedo, Lomba, Melhe, Ouro, Paçô, Padrozelos, Seixas, St ^a Marinha, Simães, Sobrado, Sobrado Velho, Tuande, Venda Nova e Viela	Alvadia, Lamas e Favais	Canedo, Penalonga, Seirós e Alijó	Adoria, Agunchos, Alvite, Asnela, Barreiro, Cabo da Costa, Cabriz, Casas Novas, Cerva, Eirinha da Lomba, Escoureda, Formoselos, Mourão, Outeirinho, Penaformosa, Quintela, Rio Mau, S. João,

				Seixinhos e Feira da Lomba à povoação de Limões, Azeveda, Cadaval, Tojais e Macieira
--	--	--	--	--

Fonte: Elaboração própria com base em CMRP (2014).

Relativamente ao **clima**, Ribeira de Pena é influenciada pelas correntes mediterrânicas e atlânticas. As correntes mediterrânicas fazem-se sentir por altura do verão, tendo o Concelho verões quentes e secos. As correntes atlânticas são características do inverno, sendo caracterizadas pelo seu ar húmido deslocado de oeste (W) para este (E), o que explica os elevados índices de precipitação (Alves, 2014).

Entre as **atividades características** do concelho de Ribeira de Pena, destacam-se a agricultura, a pecuária, a apicultura e a silvicultura. Em termos agrícolas destacam-se os produtos produzidos em vários locais do Concelho, tais como o azeite, os vinhos e as frutas, devido às boas condições do solo, à sua qualidade constitutiva e de cultivo. Quanto à pecuária, o gado bovino é aquele que predomina, identificando-se duas raças de grande prestígio: a barrosã e a maronesa. Esta atividade é aquela que, de certa forma, compensa as perdas do setor vinícola. Pouco menos importante, e sendo uma atividade com um peso relativo na economia, a apicultura permite, através das boas condições naturais, rica variedade florística e clima adequados às abelhas, a produção de mel de alta qualidade e predominantemente natural (Cruz & Magalhães, 1995). Ainda assim, a maior fonte de riqueza do concelho de Ribeira de Pena é a floresta, devido ao tipo povoamento florestal adequado, sendo a área de floresta administrada segundo as normas do regime florestal e todas as ações planeadas e organizadas tendo por base os conceitos técnicos silvícolas (Cruz & Magalhães, 1995)

Em termos de **empregabilidade** o Concelho apresenta grandes fraquezas ao apresentar pouca diversidade e oferta de emprego devido às fraquezas do tecido empresarial, falta de indústria e regressão da atividade agrícola. No ano de 2017, a percentagem de pessoas dos 15 aos 64 anos inscritas no centro de emprego e de formação profissional foi de 8,3%, existindo, no entanto, uma diminuição bastante significativa em relação a 2016, onde este valor era 11,7% (PORDATA, 2018).

Em termos **habitacionais** existem problemas de degradação e problemas de habitabilidade (saneamento, água e luz), sendo estes problemas combatidos através do programa SOLARH (Programa de Solidariedade de Apoio à Recuperação Social) e através de projetos PLCP (Projeto de Luta contra a Pobreza) (CMRP, 2014). Por fim, ao nível de **ação social**, o Concelho, para combater as suas debilidades criou várias soluções, entre as quais o cartão de idosos, que traz inúmeros benefícios no que respeita a despesas de saúde, transporte e participação em atividades culturais. Ao nível de instituições sociais, existem em Ribeira de Pena duas Santa Casa da Misericórdia, em Salvador e Cerva) (CMRP, 2014).

4.3. Oferta de atrações turísticas do concelho de Ribeira de Pena

Segundo Cunha (2013:177) e Cunha e Abrantes (2013:161), a oferta turística é de difícil delimitação devido às inúmeras motivações que levam à movimentação sendo, no entanto, definida como o conjunto de todos os recursos naturais e artificiais, bens, serviços e equipamentos, que gerem a deslocação dos visitantes e “satisfaçam as necessidades resultantes da deslocação e de permanência, e sejam exigidos por estas necessidades”. Revelando a existência de uma diferença na definição entre património turístico e recurso turístico, ao basear-se na OMT, Cunha (2013) refere-se ao património turístico como o “elemento fundamental para o homem” que faz com que os recursos se transformem por meio da técnica, economia e finanças, dizendo que um recurso turístico são os elementos constituídos pelo património turístico que, com a intervenção humana, se tornam utilizáveis (p.176).

A oferta turística é composta por cinco componentes: (i) recursos turísticos (naturais, culturais, artísticos e históricos) que dão origem a uma atração turística; (ii) Infraestruturas básicas (equipamentos e infraestruturas) que satisfazem as necessidades básicas dos visitantes; (iii) Equipamentos, que dão respostas a necessidades dos visitantes; (iv) Acessibilidades e transportes; e (v) Acolhimento e cultura, ou seja, comportamentos e atitudes dos residentes face à presença dos turistas e manifestações culturais (Cunha, 2013:182; Cunha & Abrantes 2013:164).

Procede-se, nas próximas secções, à caracterização da oferta turística de Ribeira de Pena.

4.3.1. Museus

Em termos de património cultural, o concelho de Ribeira de Pena possui, entre outro património, um pequeno grupo de museus e uma casa museu. Relativamente aos museus, existe o museu da Venda Nova, o museu do Linho, o museu da Escola - Casa da Cultura -, o museu do Minério - o Museu do Volfrâmio e a casa Museu - Casa de Camilo Castelo Branco (CMRP, 2014).

A visita a esses museus é coordenada pelo museu central. O Museu da Escola é o que tem uma maior afluência de visitantes, situando-se no centro de Ribeira de Pena. Neste museu é fornecida informação sobre os restantes museus existentes no Concelho e pode fazer-se uma marcação para visitar os outros museus através de visitas guiadas e acompanhamento adequado por parte dos responsáveis e colaboradores dos respetivos museus (CMRP, 2014).

Embora se possa observar a existência destes museus e casa museu, não se encontra registado o número de museus em atividade em Ribeira de Pena, no Anuário Estatístico da Região Norte do INE (2016). No entanto, nesta publicação está registada a existência de despesas com atividades culturais e criativas por habitante de cerca de 115,8 euros.

No caso particular dos museus, é possível perceber um pouco do seu dinamismo a partir dos dados fornecidos pelo município de Ribeira de Pena sobre os **visitantes** (tabela 13). De acordo com os dados fornecidos do ano de 2017 sobre o número de visitas a cada um dos museus, verifica-se que os museus são mais visitados por visitantes domésticos, revelando ainda pouca divulgação a nível internacional (CMRP,2018).

O Ecomuseu de Ribeira de Pena - Museu da Escola - é o que tem um maior número de visitantes (1.926 visitantes), seguido da Casa Museu - Casa de Camilo Castelo Branco (550 visitantes), apesar de esta ter estado encerrada devido a obras de manutenção (CMRP, 2018).

Tabela 16: Estatísticas dos museus de Ribeira de Pena

	Turistas Nacionais	Turistas Estrangeiros	Estudantes	Público Local	Total
Museu da Venda Nova	16	3	2	37	58
Casa de Camilo-Friúme ¹	527	13	0	10	550
Museu do Linho	344	45	0	6	395
Museu da Escola	1.126	108	246	446	1.926
TOTAL	2.013	169	248	499	2.929

Fonte: CMRP (2018).

No que respeita aos **eventos realizados pelas entidades que gerem os museus de Ribeira de Pena**, mais propriamente pelo museu central Museu da Escola - Ecomuseu de Ribeira de Pena -, destacam-se (CMRP, 2014):

- Comemoração do dia Internacional dos Museus (intenção de promover os museus através de uma caminhada que vai desde o museu da Escola até ao museu da Venda Nova, passando pelos pontos de interesse que mostram alguma da história do Concelho);
- Comemoração internacional dos monumentos e sítios (visita a locais do roteiro “Tessouros de Ribeira de Pena” e outros sítios de especial interesse arqueológico);
- Semana Camiliana (semana dedicada à vida e obra de Camilo Castelo Branco, promovendo a literatura importante da região);
- Participação no projeto EULAC-MUSEUMS, promovido pela DGPC a convite do Museu Nacional de Arqueologia, no sentido de promover o linho e o Museu do Linho;

O Museu da Escola: Ecomuseu de Ribeira de Pena acolhe muitas vezes exposições temporárias, tanto para mostrar diversas artes e culturas, como para mostrar o trabalho realizado por pessoas pertencentes à comunidade do Concelho, tais como (CMRP, 2014):

- Exposição dos centros de convívio (demonstração dos trabalhos manuais realizados pelas pessoas que frequentam os centros de convívio);
- Exposição “Caminha para dentro: Não te há-de faltar a distância” (exposição de pintura da autoria de Pedro dos Santos Silva);

¹ Este museu esteve encerrado no mês de outubro devido a obras de manutenção.

- Exposição “No interior” (exposição de artes plásticas apresentada pela faculdade de Artes da Universidade do Porto);

- Exposição de desenho e pintura - Alfredo Cabeleira.

Para além de tudo isto, o Ecomuseu de Ribeira de Pena - Museu da Escola -, ao ser o polo central dos restantes museus disponibiliza, no sentido de melhorar e preservar o património Ribeirapense, através dos serviços educativos, diversas atividades exploratórias de exposições relativas ao património de Ribeira, preparadas para qualquer público infantil, bem como serviços de inventário para realizar uma inventarização e conservação do património cultural (CMRP, 2014).

4.3.2. Imóveis classificados

Ao nível de imóveis de património cultural, Ribeira de Pena apresenta uma considerável diversidade cultural, com a presença de igrejas, capelas, solares e relógios de sol nas várias freguesias do Concelho. Muito deste património encontra-se aberto ao público e pode ser visitado através dos programas culturais já existentes, os designados roteiros culturais: o roteiro “Tesouros de Ribeira de Pena”, “Maria Moisés” e “Camiliano” (ver apêndice 3) (Alves, 2014; CMRP, 2014).

De acordo com a Direção-Geral do Património Cultural (2018c) encontram-se registados e classificados quatro bens imóveis no concelho de Ribeira de Pena. Três destes imóveis estão classificados na categoria de arqueologia – a Ponte Romana e o Castro da Cerva ou Monte do Castelo e a Estação de Arte Rupestre de Lamelas - e um está classificado como Arquitetura Civil - o Pelourinho de Cerva.

A Ponte Romana situada na aldeia de Alvite (figura 14), pertence a uma das vilas do Concelho (Cerva). Esta ponte permaneceu intacta aquando das cheias de 1935, sendo feita de pedra e tendo um tabuleiro assente sobre dois arcos redondos um tanto abatidos. Esta ponte terá servido na época Medieval de ligação entre o Vale do Tâmega e Vila Real (CMRP, 2014).



Figura 14: Ponte Romana em Alvite (Cerva)

Fonte: Alves e Lourenço (2014).

De **teor arqueológico**, encontra-se ainda no concelho, numa aldeia pertencente à vila de Cerva (Cabriz) o chamado Castro da Cerva, classificado como património de interesse público (figura 15), relativo a uma ocupação ocorrida há cerca de cinco mil anos, correspondente à idade do cobre que durou até à idade media. Vestígios cerâmicos, monetários e artísticos da época medieval, dos quais se destaca um arreio de cavalo visigótico, a comprovar este povoamento. No presente, apesar da destruição das últimas décadas do século XX, ainda se podem visualizar as muralhas e respetivas estruturas superiores, que têm uma vista deslumbrante para o Rio Poio (CMRP, 2014).



Figura 15: Vista panorâmica do Castro de Cabriz

Fonte: CMRP (2014)

Ainda na vertente arqueológica, o Concelho possui a chamada “Estação de arte rupestre de Lamelas” (figura 16), classificada em 1986, que consiste num aflorado de granito de interesse público de grandes dimensões, cuja parte superior se encontra embutida por esculturas rupestres formadas por figuras geométricas simples e compostas (CMRP, 2014).



Figura 16: Desenho rupestre na Estação de arte rupestre de Lamelas

Na **vertente arquitetónica**, o Concelho possui um imóvel de interesse público - o Pelourinho de Cerva (figura 17) -, que é uma estrutura simples de granito, cuja tipologia o integra com Pelourinho de Pinha com uma forma quadrangular, construída ou mesmo reconstruída em 1617, cem anos após a atribuição do foral em 1514, por D. Manuel I.



Figura 17: Pelourinho de Cerva

Ao nível do património cultural construído, apesar de se ter identificado uma considerável oferta deste tipo de património, incluindo algum património classificado, os próprios visitantes não têm acesso à totalidade do património cultural histórico e religioso, pois muitas vezes as igrejas e capelas, solares e casas emblemáticas encontram-se encerradas ou, no caso de alguns solares e casas privadas, não é permitido o livre e constante acesso a esses locais, fazendo com que parte da história do concelho ainda seja desconhecida para os visitantes. Os locais em que são permitidas as visitas livres e constantes são os museus, a Igreja do Salvador, a Capela de Nossa Senhora da Guia, a Casa de Barroso, a Casa da Têmpora, Casa do Cimo de Vila e Casa do Enxertado (com horário estipulado) (CMRP, 2014).

4.3.3. Lendas, costumes, tradições, gastronomia e património literário do concelho de Ribeira de Pena

Ribeira de Pena é um concelho que possui lendas, tradições e costumes que o caracterizam e que têm passado de geração em geração.

No que respeita às lendas, a mais conhecida e mais referida pelos populares é a da chamada “Pedra Cavalari” que, de uma forma muito resumida, conta que um cavaleiro dotado de coragem e sem nome, caminhava sem destino. De repente caiu uma tempestade muito grande e ele teve necessidade de se abrigar. Viu-se confrontado com a insegurança do abrigo que procurara e, ao procurar outro, encontrou perigos e caminhos perigosos. Encostou-se a uma grande pedra e, com o sentimento de que nada mais lhe restava senão as suas crenças, começou a rezar a Deus e à Virgem Maria. Foi então que Deus o ajudou transformando a pedra num abrigo. Naquela gruta não ficou qualquer sinal do que realmente aconteceu ao cavaleiro, ficando apenas o rumor de que, pela suas “obras e coragem”, mereceu o paraíso (Cruz & Magalhães, 1995).

Existem muitas tradições que até hoje se preservam no Concelho, tais como o cantar das janeiras (que acontece anualmente em quase todas as freguesias), bem como as novenas de novembro e maio (em Honra da Nossa Senhora). Existem ainda as seguintes tradições: (i) do “pão do povo”, em que as pessoas iam pelas ruas pedir dinheiro, compravam farinha, confeccionavam o pão e o distribuíaam pelos mais desfavorecidos; e (ii) da visita da imagem

peregrina da Nossa Senhora de Fátima, em que as pessoas a esperavam ao longo do percurso (CMRP, 2014; Cruz & Magalhães, 1995).

As pessoas que vivem no Concelho têm também a superstição de que, ao tosquiarem as ovelhas na Lua Nova, a lã se vai tornar mole e, por isso, deve-se realizar a tosquia nessa altura (Cruz & Magalhães, 1995). Ao nível de contos, existem contos acerca das designações de algumas terras, como é exemplo Formuselos e Asnela, contadas pelos populares mais antigos (Cruz & Magalhães, 1995).

A nível gastronómico, o concelho de Ribeira de Pena apresenta uma considerável variedade de iguarias tradicionais e típicas (tabela 14, apêndice 3).

Tabela 17: Gastronomia do Concelho de Ribeira de Pena

Gastronomia
Pratos: Milhos, Arroz de Bacalhau na Hora, Couves com Feijão, Arroz de Morcela, Quequelinho, Carne Maronesa, Alheiras e morcelas de cerva, Fritada de peixes do rio, Capotes de Bacalhau.
Vinhos: vinho verde da região.
Doçarias: leite creme, rabanadas, formigos, bolos de farinha, morcelas doces, sarabulho doce, doce de chila com amêndoa no forno, mel.

Fonte: CMRP (2014)

Uma grande riqueza em termos de património cultural são as **obras literárias** do Concelho, o “Romanceiro”, as “Rezas e Benzuras”, as “Cantigas de escárnio e mal-dizer” e os “Rimances” que, por sua vez, dizem respeito a tradição de literatura oral que contém uma certa veracidade e semelhança com acontecimentos reais, são orações que podem ser ou não acompanhadas de rituais, são cantigas de despeito perante alguém e, por fim, tratam-se de contos que relatam acontecimentos amorosos de alguém que é rejeitado (Cruz & Magalhães, 1995).

Em termos de riqueza literária existe ainda o chamado “Foral de Cerva”, que consiste numa carta escrita pelo rei D. Manuel à Vila de Cerva com o objetivo de regular os direitos e deveres (Alves & Lourenço, 2014).

Uma das mais antigas e tradicionais atividades do concelho de Ribeira de Pena é o **artesanato** e, no Museu do Linho, é possível perceber o modo de confeção das peças de linho, onde o vestuário tem particular proeminência. No sentido de mostrar o trabalho

realizado pelos artesãos, associações e cooperativas neste âmbito, existe anualmente a Feira do Linho, que já vai na vigésima edição (CMRP, 2014; Cruz & Magalhães, 1995).

4.3.4. Eventos e atividades culturais

O município de Ribeira de Pena revela uma enorme preocupação no que respeita à promoção da cultura do concelho, organizando atividades, programas e eventos de índole cultural - nomeadamente feiras, romarias, festas em honra dos santos, atividades relacionadas com as artes (teatro, música, fotografia, artes) e atividades relacionadas com a exploração das oportunidades do património cultural do Concelho, como caminhadas solidárias e *Peddy Papers* (ver tabela no apêndice 3) (CMRP, 2014).

No entanto, apesar de todo o esforço já realizado, de acordo com o “Plano de Desenvolvimento social”, e apesar de o concelho de Ribeira de Pena possuir associações de cariz cultural em quase todas as freguesias (ver tabela no apêndice 3), essas mesmas associações revelam pouco dinamismo e vitalidade, levando a que exista pouca diversidade no tipo de atividades que se desenvolvem. As principais causas que justificam este facto é a falta de recursos humanos e financeiros. Muitas das associações culturais apenas cumprem algumas tradições relativas a eventos ou festividades existentes anualmente no Concelho (ex. organização de festas e romarias em honra dos santos, organização de eventos gastronómicos, Carnaval, organização de feiras de artes, eventos musicais e eventos de pesca e caça).

No Concelho, realizam-se, de forma esporádica, eventos culturais abertos a todo o público. São feitas **palestras, formações, *workshops* e palestras de sensibilização** a respeito de diversos temas, normalmente em dias em que se comemoram determinados acontecimentos (ex. dia internacional do ambiente, dia da cultura) (ver apêndice 3) (CMRP, 2014).

De acordo com Getz (2008), os eventos funcionam como um importante motivador de viagens turísticas e um fator fundamental de atratividade. De uma forma mais específica, Liu (2014) descreve os eventos culturais como uma solução para problemas de sazonalidade, revitalização económica, transformação urbana, reposicionamento dos destinos, melhoria da imagem, investimento interno e geradores de receitas do turismo.

Ribeira de Pena, anualmente, promove **eventos de cariz cultural** (apêndice 3), **onde a população residente mostra um pouco da sua história e tradição cultural**, através da realização de festas emblemáticas onde desfilam mulheres caracterizadas com as vestes das famosas mulheres de antigamente “as carranhosas”, viúvas e carpideiras. Através da realização de teatros sobre as obras de Camilo Castelo Branco, bem como exposições e congressos sobre este escritor, é possível caracterizar e descrever ao pormenor as vestes e comportamentos das pessoas que viviam no Concelho e na aldeia de Frúme enquanto Camilo lá residia. Anualmente, são também realizadas festas e romarias religiosas, comemorações de dias emblemáticos (ex. dia da criança, 25 de Abril, dia internacional dos museus), galas ao nível das artes e teatros (CMRP, 2014).

Em termos **gastronómicos**, o concelho de Ribeira de Pena, através de festas, feiras e *workshops*, demonstra a sua riqueza e património gastronómicos com pratos e outras iguarias feitas à maneira antiga à frente dos visitantes, tais como (CMRP, 2014): Feira do vinho e do mel, feira das sopas, fim-de-semana gastronómico dos milhos, e Convívio da Castanha.

Ao nível das **artes**, são feitas apresentações esporádicas pelas várias associações artísticas existentes, pela academia de artes de Ribeira de Pena, criada em 2018, que promove a formação cultural, musical e sociais, pela academia de Artes do Douro e Tâmega, onde é possível ter aulas de Ballet clássico e onde são calendarizados alguns espetáculos de demonstração desta arte, e pela academia de artes marciais, onde é possível realizar e observar a arte marcial “Kempo”, através de demonstrações ao público. (Associação Vale Douro, 2015; CMRP, 2014; Notícias de Vila Real, 2018).

O concelho de Ribeira de Pena, em termos de programas de índole cultural, revela já, também, um considerável desenvolvimento, pois possui os chamados **roteiros ou percursos culturais**: o roteiro Camiliano que corresponde ao PR1- Caminho do Abade, o roteiro Maria Moisés que corresponde ao PR2 - Levada de Santo Aleixo e o roteiro Tesouros de Ribeira de Pena que corresponde ao PR3 - Vale do Poio.

O roteiro Camiliano ou PR1 - Caminho do Abade (figura 18) - corresponde a um caminho com cerca de 6 km, ao que tudo indica, percorrido pelo senhor “Abade” para celebrar as missas de domingo. Tem início na Igreja Matriz de Ribeira de Pena (Igreja do Salvador) e vai até à Igreja Paroquial de Santo Aleixo de Além Tâmega, passando por sítios e tendo acesso a paisagens deslumbrantes (ex. quedas de água e rios). Ao longo do percurso é possível encontrar, para além da fauna e flora características da zona, a casa de Camilo

Castelo Branco, onde este escritor terá vivido com a sua esposa de 1840 a 1842, a Capela da Granja Velha, a Ponte de Arame e a Casa do Barroso (Ribeiro et al., 2012).

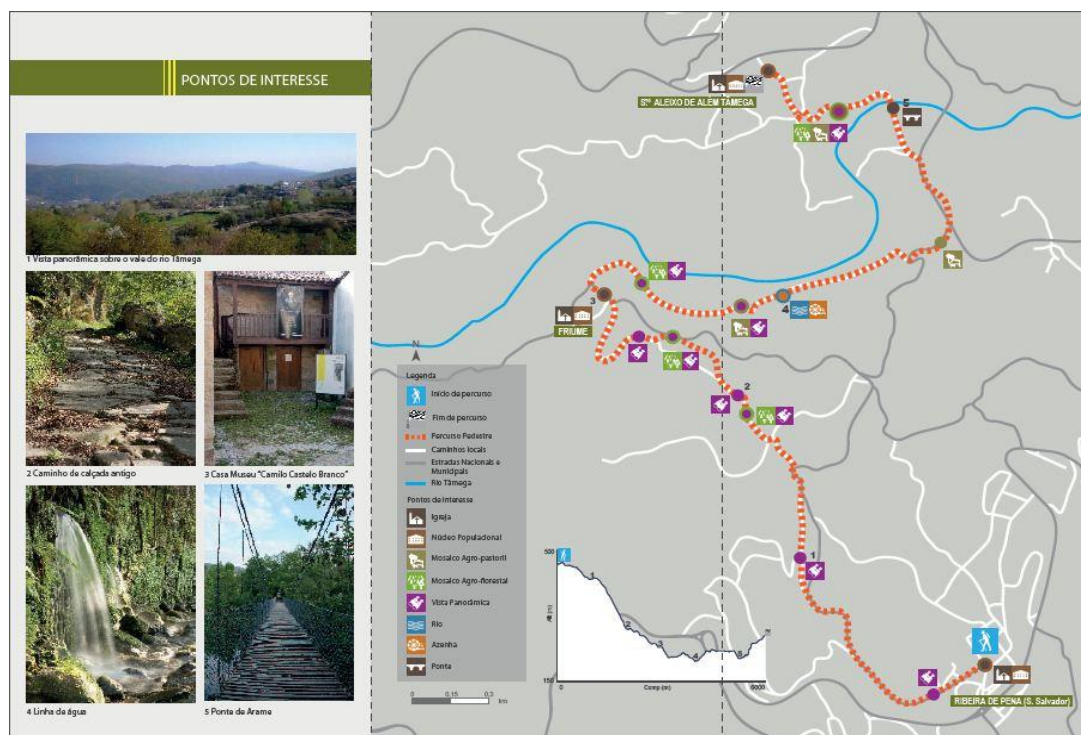


Figura 18: Mapa do Roteiro Camiliano ou PR1- Caminho do Abade

Fontes: CMRP (2014) e Ribeiro et al. (2012).

O roteiro Maria Moisés ou PR2 - Levada de Santo Aleixo (figura 19), cujo nome teve origem na existência de uma levada que percorre territórios pertencentes à Freguesia, tem cerca de 13,8 km (15, 23 km de derivação) e inicia-se na Igreja Paroquial de Santo Aleixo de Além Tâmega (Igreja de Santo Aleixo). Passa por paisagens e sítios fascinantes, tais como: as Poldras de Santo Aleixo (pontes que permitiam a travessia segura dos rios a pessoas e bens); Casa da Temporã (solar brasonado situado no vale de Ribeira de Pena, descrito no foral de Ribeira de Pena, pertencente à época medieval); Casa do Cimo da Vila (casa de Manuel Joaquim Pereira da Sylva, sargento-mor descrito no Foral de Ribeira de Pena; Casa da Quinta da Fêcha (casa emblemáticas com adegas e lagares em granito do século XVII), Casa do Enxertado (propriedade rural do vale de Ribeira de Pena inscrita no Foral), moinhos e o parque de lazer de Bragadas (Parque de Campismo) (CMRP, 2014; Ribeiro et al., 2012).

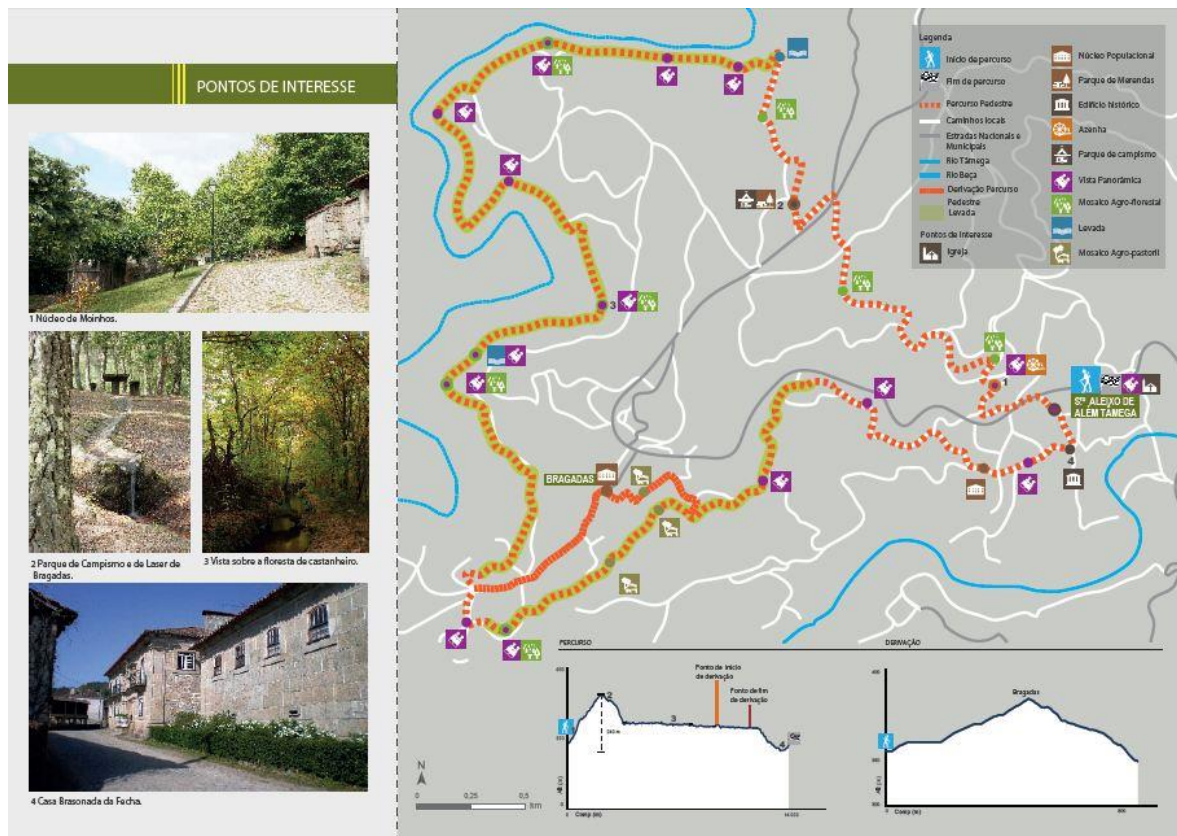


Figura 19: Roteiro Maria Moisés ou PR2- Levada de Santo Aleixo

Fontes: CMRP (2014) e Ribeiro et al. (2012)

O roteiro Tesouros de Ribeira de Pena ou PR3 - Vale do Poio (figura 20), assim denominado por se estender pelo Vale do Poio, trata-se de um percurso com cerca de 11,4 Km (12,3 km com a derivação). Neste percurso é possível provar a gastronomia vinícola da região, visitar a aldeia de Limões, Eira ou Estação Rupestre de Lamelas (rochedos com gravuras rupestres), moinhos de Bustelo (reveladores da energia que caracteriza o curso de água do rio Lourêdo), Necrópole da Póvoa (sepulturas escavadas na rocha granítica que terá sido parte de um antigo cemitério medieval), Castro de Cabriz (povoado com cerca de 5000 anos), Ponte de Alvite (estabelece a ligação entre as margens do rio Poio, ligava o Vale do Tâmega a Vila Real), Pelourinho de Cerva (marco que preserva a autonomia da antiga vila de Cerva), Ponte do Lourêdo (permitia a deslocação entre Ribeira de Pena e Cerva), Menir de Pedra d'Anta (menir de grandes dimensões localizado entre Alvadia e Macieira), Ponte de Arame (liga as freguesias de Ribeira de Pena e Santo Aleixo d'Além Tâmega) e Castro do Lesenho (povoado de grandes dimensões da idade do Cobre, Ferro e época Romana) (CMRP, 2014; Ribeiro et al., 2012).

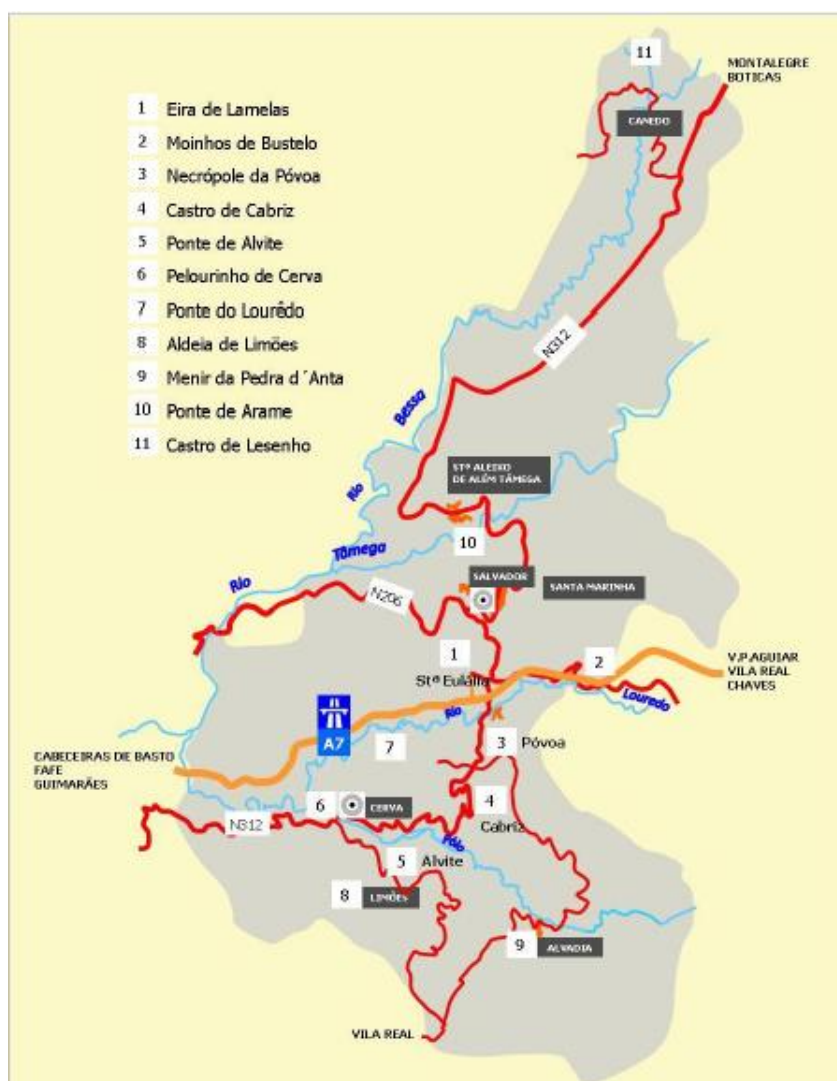


Figura 20: Roteira Tessouros de Ribeira de Pena ou PR3-Vale do Poio

Fontes: CMRP (2014) e Ribeiro et al. (2012).

Ao nível de programas culturais, Ribeira de Pena possui ainda os chamados **circuitos culturais**, o Circuito entre a Serra e o Vale, e o Circuito de Canedo por carro, BTT, moto quatro, cavalo e outros meios de transporte.

O circuito entre a Serra e o Vale com 34,68 km (35,01 km com derivação), começa na Estrada Municipal 313, no km 2,5, passando por Favais, Lamas, Alvadia e atravessando a Serra do Alvão. Neste percurso é possível visualizar a “ocupação agrícola dos vales e socalcos junto aos aglomerados rurais”, zonas de planícies por vezes rochosas e zonas de mato que, por sua vez, proporcionam pastagens naturais e uma grande variedade territorial.

É possível ainda apreciar as diversas espécies de fauna e flora, o património cultural existente na zona e as várias povoações e aldeias circundantes (Ribeiro et al., 2012).

O circuito de Canedo, com 6,66 km, inicia-se na aldeia de Canedo, e nele é possível visualizar uma diversidade cromática da paisagem e o património cultural da aldeia de Fontelos. Neste percurso é também possível observar as atividades agrícolas, “os recortes de terreno e o pastoreio”, a cultura, incluindo as tradições e uma grande diversidade de espécies de fauna e flora presentes ao longo do percurso (Ribeiro et al., 2012).

4.3.5. Património natural

Em termos de recursos turísticos naturais, Ribeira de Pena é um concelho diversificado em termos de **paisagem**. O Concelho, de acordo com a Agência Portuguesa do Ambiente, possui quatro tipos de paisagem - Gandara (tojal, sub-serra noroestina), Montanhas de Granito e Xisto (nível pastoril), Relevos Calcários e Ribeira Atlântica (regadio extremo) -, onde é possível observar uma extensa área florestal com diferentes habitats, espécies faunísticas e florísticas com características maravilhosas. A relação existente entre as componentes naturais e antrópicas é o principal fator responsável pela construção da identidade do Concelho (Ribeiro et al., 2012).

O concelho de Ribeira de Pena possui ainda uma **área protegida** localizada à entrada da vila de Ribeira de Pena designada por “Parque Ambiental do Bocheiro”. A criação deste espaço teve como principais objetivos a preservação e valorização do património ambiental do Concelho, criação de atividades que eduquem e consciencializem a população relativamente à preservação do meio ambiente, promover atividades interpretativas da natureza e a investigação científica (CMRP, 2014).

No que respeita à **fauna e flora**, o parque estende-se por uma área de cerca de 18 hectares e tem lugar para diversas espécies (tabela 15- alguns exemplos) colocadas ao longo do percurso criado, podendo ainda ser observadas em liberdade espécies de aves migratórias. Todos os animais se encontram em recintos o mais naturais possível para que aconteça a reprodução. Ao longo do percurso é permitido observar uma diversidade de flora autóctone, podendo o visitante visitar também uma horta pedagógica constituída por plantas aromáticas, medicinais e de tempero (CMRP, 2014; Ribeiro et al., 2012).

Tabela 18: Fauna e flora do “Parque Ambiental do Bocheiro”

<p>Fauna</p> <p><u>Mamíferos:</u> Raposa (<i>Vulpes vulpes</i>); javali (<i>Sus scrofa</i>); geneta (<i>Genetta genetta</i>), coelho-bravo (<i>Oryctolagus cuniculus</i>), lobo (<i>Canis lupus</i>)</p> <p><u>Aves:</u> Chapim- rabilongo (<i>Aegithalos caedatus</i>); poupa (<i>Upa epops</i>); perdiz (<i>Alectoris rufa</i>); pintassilgo (<i>Carduelis carduelis</i>); mocho-galego (<i>Athene noctua</i>);</p> <p><u>Anfíbios:</u> Sapo (<i>Bufo bufo</i>); sapo-parteiro (<i>Alytes obstetricans</i>); rã-verde (<i>Rana perezi</i>), salamandra (<i>Salamandra salamandra</i>);</p> <p><u>Répteis:</u> cobra-rateira (<i>Malpolon monspessulanus</i>); sardão (<i>Lacerta lepida</i>); licranço (<i>Anguis fragilis</i>); largartixa-ibérica (<i>Podarcis hispanica</i>).</p> <p>Flora</p> <ul style="list-style-type: none">• Pinheiro bravo (<i>Pinus pinaster</i>), Salgueiro –anão, choupo-preto (<i>Populus nigra</i>), amieiro (<i>Alnus glutinosa</i>), carvalho-alvarinho (<i>Quercus robur</i>), plátano (<i>Platanus Sp.</i>), castanheiros, copas de carvalhais.
--

Fonte: Ribeiro et al. (2012)

No sentido de cumprir os objetivos principais de preservação e conservação do património natural e própria segurança do visitante, o “Parque do Bocheiro” possui um regulamento que indica que os visitantes devem respeitar o percurso sinalizado, evitar fazer ruídos ou barulhos, fazer fogueiras, deitar lixo para o chão, indicando a proibição de serem acompanhados por animais, de alimentar os animais pertencentes ao parque e o dever de deixar a natureza intacta. Para que o visitante siga o regulamento do parque é disponibilizada uma brochura onde se encontra representado o mapa do respetivo parque, igual ao da figura 21 (Ribeiro et al., 2012).

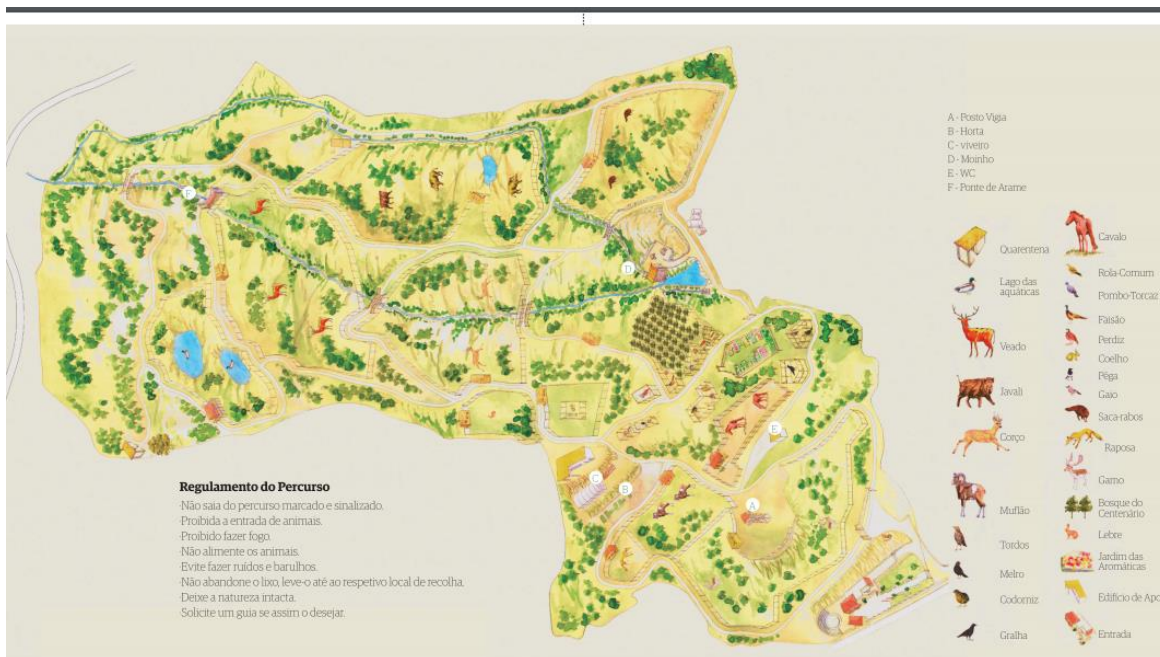


Figura 21: Mapa do "Parque Ambiental do Bocheiro"

Fonte: Ribeiro et al. (2012)

4.3.6. Outras atrações turísticas

Promovendo o contacto direto com a natureza através de experiências de aventura, existe no concelho de Ribeira o Pena Aventura Park. Este parque é considerado como sendo “um parque de atividades lúdicas e de desportos de aventura” e a empresa que gere o parque foi criada em 2007. O Pena Aventura promove várias atividades, tais como: percursos pedestres (Caminho do Abade, Levada de Louredo e Levada de Agunchos) e atividades aquáticas (*stand up paddleboarding*, *rafting*, *canoagem*, *canyoning*, *canoa raft* e caminhadas aquáticas) (Pena Aventura Park, 2018) (para obter informação mais detalhada sobre estas atividades ver apêndice 1). Para proporcionar um contacto mais direto com a natureza possui ainda vários percursos pedestres (Caminho do Abade, Levada de Louredo e Levada de Agunchos) e algumas atividades aquáticas (*Stand up Paddleboarding*, *Rafting*, *Canoagem*, *Canyoning*, *Canoa Raft* e *Caminhadas aquáticas*) (Pena Aventura Park, 2018).

Outra empresa, a NatourTracks, promove passeios bicicleta, passeios 4x4, caminhadas que permitem, com a ajuda de um guia, conhecer a gastronomia, vinhos, lendas, tradições e

restante cultura do concelho de Ribeira de Pena (tabela 16) (CMRP,2014; NatourTracks, 2017).

Tabela 19: Atividades promovidas pela Natourtracks

NatourTracks
<u>Caminhadas</u> : Subida ao Cai D´Alto – Rio Poio, Ciclo do Linho, Trilho do Lobo (Alvão), Levada de Santo Aleixo, Caminho do Abade;
<u>Tours 4x4</u> : Rota do Linho 4x4, Rota das Fiskas 4x4, Passeios 4x4 Aldeias serranas e descobrir RPN.
<u>Wine Tours</u> : Canoa Rafting Wine Tour, 4x4 Tour, Kayak Wine Tour.

Fonte: Natourtracks (2017)

4.4. Infraestruturas, equipamentos e serviços de apoio ao turismo

Relativamente aos equipamentos de apoio, Ribeira de Pena possui um centro de turismo em Ribeira de Pena, o gabinete de apoio à cultura presente na Câmara Municipal, um **posto de turismo** situado na vila do Salvador (figura 22) e o mais recente inaugurado no dia 19 de julho de 2018, o posto de turismo de Cerva/ Limões (figura 23). Contudo, em termos promocionais, os responsáveis pelo setor cultural da Câmara Municipal de Ribeira de Pena têm vindo a desenvolver estratégias *pull* (dirigida ao consumidor final, que consistem em fomentar que o comprador solicite o produto, ou seja, o «puxe» para o canal de distribuição) e *push* (dirigida aos canais de distribuição, visando “empurrar” a oferta para o consumidor através dos canais de distribuição, despertando a vontade de vender o produto ao consumidor) (Madeira, 2010). Estas entidades colocam à disponibilidade dos visitantes, materiais pertencentes às várias atrações culturais, tais como brochuras, panfletos, livros, catálogos, mapas e desdobráveis, tendo vindo a criar ao longo dos últimos 2 ou 3 anos tecnologias interativas com todo o tipo de oferta que existe, bem como livros que contêm informação relevante (Alves, 2014; Alves & Lourenço, 2014; CMRP, 2014; Cruz & Magalhães, 1995; NatourTracks, 2017; Ribeiro et. al., 2012).

No sentido de ajudar a promover a cultura, as tradições, os costumes, riqueza nas diferentes áreas temáticas e todo um património, a Câmara Municipal de Ribeira de Pena possui o chamado **auditório Municipal** onde são realizadas a maior parte das atividades e

eventos de índole cultural, tais como congressos, palestras teatros, musicais, espetáculos de Ballet e artes marciais. Para apoio aquando da realização dos roteiros culturais, existem a Zona de Lazer, o parque de Lamelas, o parque de Santa Marinha e o de Bragadas das meadas, que disponibiliza equipamentos tais como piscina, parque infantil, campo de futebol de areia, balneários, equipamentos de exercício, bar e snack-bar de apoio (Ribeiro et al., 2012).



Figura 22: Posto de Turismo da freguesia do Salvador- Ribeira de Pena

Fonte: CMRP (2014).



Figura 23: Posto de Turismo de Cerva e Limões

Fonte: Elaboração própria.

Em termos de equipamentos que satisfazem as necessidades dos visitantes, o concelho de Ribeira de Pena possui também meios de alojamento e restauração, entretenimento e

diversão com equipamento e serviços considerados de qualidade, que correspondem às expectativas dos visitantes e garantem a sua satisfação (CMRP, 2014).

De acordo com o Anuário Estatístico da Região Norte (2017), existem no concelho de Ribeira de Pena quatro estabelecimentos de **alojamento** registados, um hotel (Pena Park Hotel), dois alojamentos locais e um empreendimento de turismo no espaço rural. No entanto, dados da Câmara Municipal (CMRP, 2014) apontam para a existência de três meios de alojamento de turismo em espaço rural (Casa de Fecha, Casa do Cerrado, Casa Rústica da Lenha e Casa do Cabresto), um de turismo de habitação (Casa de Fecha), três estabelecimentos hoteleiros (Pena Park Hotel, Hotel Boguinhas, Hotel Baia das Giestas), um parque de campismo (parque de campismo de bragadas) e 5 outros estabelecimentos (tabela 17). Contudo, verifica-se ainda falta de unidades hoteleiras e falta de parque de campismo na freguesia de Cerva.

Tabela 20: Alojamento presente no concelho de Ribeira de Pena

Alojamento
■ TH, TER
Casa de Fecha (TH)
Casa do Cerrado (CC)
Casa da Mota (TR)
Casa do Souto do Cerco (TR)
■ Alojamento coletivo (hotéis e estabelecimentos para-hoteleiros)
Pena Park Hotel
Pena Aventura Park (Bungalows)
Hotel Boguinhas
■ Parques de campismo
Parque de campismo de Bragadas
■ Outros meios de alojamento
Casa Rústica da lenha
Casa do Caminho Velho
Casa de Cabresto
Pensão Central
Hospedagem Baia das Giestas

Fonte: Elaboração própria baseada em CMRP (2014).

É possível verificar, através de *websites* como o do Airbnb (2018), que existe também algum alojamento local no Concelho (tabela 18).

Tabela 21: Alojamento local presente em alguns sites

Sites	Alojamento
Airbnb	Casa do Caminho Velho (T1) Casa Campelos-Cerva (Ribeira de Pena) Pena Aventura Park (casa da natureza) Casa do Barroso (Bragadas) Quinta de Santo Aleixo Turismo Cultural- Retiro da Arminda Cerva Cosy Chalet

Fonte: Airbnb (2018).

No que concerne à **procura** dos estabelecimentos de alojamento turístico, com base em dados do INE (2017) é possível observar que estes estabelecimentos possuem a capacidade de prolongar a estada dos turistas estrangeiros até 1,4 noites, sendo 29,9% dos turistas estrangeiros. O número total de hóspedes, no ano de 2016, foi de cerca de 6329, e o número total de dormidas de 8998, possuindo estes estabelecimentos uma taxa de ocupação total-cama de cerca de 33,6%.

Em termos de **restauração**, o concelho de Ribeira de Pena apresenta um serviço diverso nas duas diferentes partes que constituem o Concelho, Ribeira de Pena e Cerva, com diversos restaurantes, uma churrascaria, uma pizaria, uma tasca e uma marisqueira (CMRP,2014).

A nível de **acessos**, dependendo da sua origem, os potenciais visitantes do concelho de Ribeira de Pena têm várias alternativas para chegar ao Concelho. Quem vem do Porto apanha a A3 e, posteriormente, a A7, até atingir a saída para o Concelho. Quem vem de ou por Vila Real apanha a A24 e depois a A7. Para os visitantes que vêm de Espanha também existem várias opções, tal como a entrada pela fronteira Tuy/ Valença pela A3, seguir pela A11 em direção a Guimarães e, posteriormente, pela A7, até encontrar a saída para Ribeira de Pena. A segunda alternativa é a entrada pela fronteira de Verín/ Vila Verde da Raia (Chaves), entrando pela A24, apanhando de seguida a A7 até Ribeira de Pena. Uma outra opção é a

entrada pela fronteira de Fuentes de Oñoro (Ciudad Rodrigo) /Vilar Formoso (Guarda), seguindo pela A25 e entrando posteriormente na A7 (CMRP, 2014; Ribeiro et al., 2012).

No entanto, de acordo com o programa intitulado “Programa de Rede Social”, o concelho de Ribeira de Pena revela ainda a existência de inúmeras falhas em termos de acessibilidade e redes de transporte, nomeadamente uma “Rede de transporte insuficiente, principalmente no meio rural”, “Deterioração de estradas e caminhos municipais e caminhos rurais” e “Caminhos rurais desajustados (estreitos e por arranjar)”. No Concelho existe apenas o transporte disponibilizado pelo município para os doentes e estudantes a uma específica hora da manhã e, da tarde, para o regresso (CMRP, 2014).

Relativamente aos **meios de comunicação**, de acordo com o Anuário Estatístico da Região Norte (2016), o Concelho apresenta números ainda muito baixos neste âmbito, nomeadamente 34,84 telefones por cada 100 habitantes, 23,33 telefones públicos por cada 100 habitantes e, ainda, 16,8 estações de correio e 32,55 postos de correio por cada 100000 habitantes.

Ao nível de **serviços de saúde**, Ribeira de Pena possui um centro de saúde que se estende à freguesia de Cerva, que presta cuidados de saúde infantil, maternos, planeamento familiar e cuidados médicos base. Os principais problemas a este nível são a dificuldade de deslocação da população devido à existência de poucos transportes públicos, custo elevado dos transportes privados e, ainda, à falta de médicos (INE, 2016, CMRP, 2014). O concelho de Ribeira de Pena tem também apostado bastante e feito progressos no âmbito da saúde ao realizar sessões de sensibilização e sessões de esclarecimento, caminhadas que promovem a saúde (ex. Caminhada do coração), sessões de educação para a saúde, rastreios de saúde e a implantação da unidade móvel de saúde para que esta possa chegar a toda a população do concelho de Ribeira de Pena (CMRP, 2014) (apêndice 3).

Segundo Rita e Antunes (2014), a Câmara Municipal de Ribeira de Pena, ao ter adotado um plano de marketing, conseguiu perceber melhor os recursos que pode utilizar, os produtos que devem ser valorizados, os planos a adotar ou estratégias a serem implementadas no sentido de assegurar os serviços básicos aos habitantes, empresas e residentes, criar novas atrações que melhorem as condições de vida dos residentes e assegurar, ao mesmo tempo, a manutenção dos negócios e serviços públicos já existentes no Concelho e atrair novos investimentos. A Câmara procura também divulgar, através do seu *website*, uma imagem demonstrando a qualidade de vida do Concelho e criar uma imagem que promova a

hospitalidade de Ribeira de Pena para conseguir obter novos investimentos e visitantes. Embora, de facto, o plano tenha sido adotado, ainda existem falhas e lacunas que têm que ser preenchidas no sentido de fomentar um maior número de visitas ao Concelho (Rita & Antunes, 2014).

4.5. Conclusões

Ao efetuar esta abrangente caracterização da oferta de índole cultural do concelho de Ribeira de Pena, é possível verificar, não só a existência de alguns museus e imóveis classificados, como um considerável dinamismo cultural, ancorado tanto no património anteriormente referido, como também, grandemente, no património de caráter intangível. Contudo, poderão ainda existir aspetos que devem ser melhorados a este nível.

Em termos de acesso, o património cultural construído, que inclui o património classificado, como é o caso do património cultural histórico e religioso do concelho de Ribeira de Pena (ex. casas emblemáticas e solares), nem todo tem livre acesso para os visitantes, por se tratarem de imóveis de caráter privado. Sendo somente possível as constantes e livres visitas a determinados locais patrimoniais, tais como a igreja matriz do Divino Salvador, a capela da Nossa Senhora da Guia, a Casa de Barroso, a Casa da Temporã, a casa do cimo da Vila e a Casa do Exertado, num determinado horário (CMRP,2014).

No que respeita ao património natural, o concelho de Ribeira de Pena possui paisagem diversificada e uma área protegida designada por “Parque Ambiental do Bocheiro”, que permite a preservação e valorização do património natural, incluindo as várias espécies de fauna e flora existentes ao longo do percurso, percurso este regulado através do regulamento existente no próprio parque. Para obter um contacto direto com todo um património natural e cultural, através da experiência de aventura, as empresas Pena Aventura Park e a Natourtracks disponibilizam várias atividades (caminhadas, caminhadas aquáticas, passeios 4x4) (Natourtracks, 2017; Pena Aventura Park, 2018).

Relativamente aos eventos e atividades de índole cultural, o município de Ribeira de Pena revela ter uma grande preocupação com diferentes temáticas, promovendo também atividades e eventos gastronómicos no sentido de dar a conhecer a gastronomia do Concelho.

Em termos de infraestruturas, equipamentos e serviços de apoio, o concelho de Ribeira de Pena possui dois postos de turismo, um situado na vila do Salvador e um outro recém-inaugurado na vila de Cerva/Limões. Possui um auditório municipal onde se realizam a maioria das atividades e eventos de índole cultural e possui ainda uma Zona de lazer das meadas, o parque de Lamelas, o parque de Santa Marinha e o de Bragadas, que servem de apoio aquando da realização de um dos roteiros culturais, disponibilizando equipamentos tais como balneários, piscinas, campos de futebol, zonas de exercício físico, bar e *snack-bars* para melhorar essa experiência.

Capítulo 5 - Metodologia do estudo empírico

5.1. Introdução

O estudo empírico que é desenvolvido nesta dissertação tem como principais objetivos:

- Identificar os principais constrangimentos dos visitantes para visitar atrações culturais e participar nas atividades culturais no concelho de Ribeira de Pena;
- Identificar as motivações dos visitantes para visitar atrações culturais e participar nas atividades culturais no concelho de Ribeira de Pena;
- Identificar os segmentos dos visitantes das atrações culturais do mesmo concelho segundo os constrangimentos para visitar essas atrações.

O objetivo da realização deste estudo empírico é, posteriormente, identificar estratégias para promover o aumento da procura a atrações e restante património cultural do concelho de Ribeira de Pena, bem como contribuir para a gestão e planeamento de todas estas atrações.

O capítulo está dividido em duas secções. Na primeira apresenta-se a metodologia de recolha de dados e na segunda a metodologia de análise de dados.

5.2. Metodologia de recolha de dados

Para que os objetivos pudessem ser atingidos, foi feito um inquérito por questionário a visitantes do concelho de Ribeira de Pena. A população em estudo corresponde às pessoas, com 18 anos ou mais, que estavam a visitar o Concelho no período em que foi realizado o estudo empírico, ou que o tinham visitado nos últimos dois anos.

No que concerne à **estrutura do questionário**, este começa por uma introdução onde é explicado o âmbito e objetivos do questionário, a importância do estudo e é garantida a confidencialidade dos dados. Realça-se também a importância da colaboração no preenchimento do questionário e agradece-se essa colaboração.

Para garantir que o questionário só seria preenchido por visitantes do concelho de Ribeira de Pena, e não por residentes deste concelho, foi colocada uma questão sobre o concelho de residência dos inquiridos, servindo esta questão, posteriormente, para traçar o perfil sociodemográfico dos inquiridos.

De acordo com os objetivos do projeto de investigação, o questionário foi dividido em 6 partes diferentes:

- 1ª parte - Apreciação das atrações culturais no concelho de Ribeira de Pena;
- 2ª parte - Motivações para visitar atrações culturais no concelho de Ribeira de Pena;
- 3ª parte - Constrangimentos à apreciação de atrações culturais em Ribeira de Pena
- 4ª parte - Sugestões para melhorar as atrações culturais no concelho de Ribeira de Pena;
- 5ª parte - Caracterização da visita ao concelho de Ribeira de Pena;
- 6ª parte - Caracterização sociodemográfica.

Numa primeira parte do questionário, foi perguntado aos visitantes do concelho de Ribeira de Pena se tinham visitado, contemplado ou participado nas atrações culturais deste concelho, incluindo eventos. No caso de a resposta ser afirmativa pedia-se ao inquirido para assinalar, de uma lista de atrações culturais (incluindo museus e eventos culturais, entre outras atrações), as atrações que tinham visitado, contemplado e, no caso dos eventos culturais, aqueles em que eles tinham participado. O conjunto de atrações culturais foi identificado com base na caracterização da oferta de atrações culturais de Ribeira de Pena feita na secção 4. Seguidamente, para perceber que aspetos os inquiridos consideravam mais positivos ou negativos nestas, foram colocadas 2 questões abertas onde se solicitava ao inquirido que referisse os aspetos de que tinha gostado mais e menos, nas atrações culturais que apreciou (i.e., que visitou, contemplou ou em que participou).

Na segunda parte, foi utilizada uma escala de tipo Likert com valores de 1 (nada importante) a 5 (muito importante), para perceber a importância de 13 motivações para o inquirido ter decidido apreciar atrações culturais no concelho de Ribeira de Pena. As motivações identificadas no questionário baseiam-se na revisão de literatura sobre motivações para visitar atrações culturais apresentada na secção 2 (tabela 19). As motivações apresentadas foram as mais frequentemente referidas na literatura e que se considerou serem potenciais razões para apreciar estas atrações em Ribeira de Pena.

Tabela 22: Motivações para a visita a atrações culturais (continua)

Motivações	Autores	Itens adaptados inseridos no questionário
1. Divertimento	Delgado (2008); Newman et al. (2014); Marques (2011).	Divertir-se
2. Fuga à rotina	Delgado (2008); Prentice et al. (1997); Packer & Ballantyne (2002).	Fuga da rotina
3. Recarregar baterias, descanso e relaxamento	Delgado (2008); Prentice et al. (1997); Newman et al. (2014); Packer & Ballantyne (2002).	Recarregar baterias, descansar e relaxar
4. Escape (distanciar-se dos problemas e frustrações do dia a dia)	Delgado (2008); Prentice et al. (1997); Newman et al. (2014); Gomes (2017); Fredman & Heberlein (2005).	Distanciar-se dos problemas e frustrações do dia a dia
5. Socialização (Interacção com outras pessoas)	Delgado (2008); Prentice et al. (1997); Newman et al. (2014); Marques (2011); Gomes (2017); Packer & Ballantyne (2002); Yang et al. (2011).	Interagir com outras pessoas
6. Valorização social (fortalecimento da sua personalidade e auto-estima, obter aprovação por parte de familiares e/ou amigos ou conhecidos, aumento do prestígio, auto-realização)	Delgado (2008); Prentice et al. (1997); Newman et al. (2014); Packer & Ballantyne (2002); Fredman & Heberlein (2005).	Obter valorização social: - Fortalecimento da personalidade e auto-estima; - Obter aprovação por parte de familiares e/ou amigos ou conhecidos; - Aumento do prestígio; - Auto-realização.
7. Obtenção de novos conhecimentos e competências	Delgado (2008); Prentice et al. (1997); Newman et al. (2014); Marques (2011); Gomes (2017); Packer & Ballantyne (2002); Yang et al. (2011).	Obter novos conhecimentos e competências
8. Descoberta de coisas novas e satisfação da curiosidade	Delgado (2008); Prentice et al. (1997); Newman et al. (2014); Gomes (2017); Packer & Ballantyne (2002); Yang et al. (2011).	Descobrir coisas novas e satisfazer curiosidade
9. Obter novos desafios e experiências	Delgado (2008); Newman et al. (2014); Gomes (2017); Packer & Ballantyne (2002); Yang et al. (2011).	Ter novos desafios e experiências

Tabela 23: Motivações para a visita a atrações culturais (continuação)

10. Obter um maior conhecimento sobre a história e cultura da região	Delgado (2008); Prentice et al. (1997); Marques (2011); Yang et al. (2011).	Saber mais sobre a história e cultura de Ribeira de Pena
11. Acompanhar familiares ou amigos na visita	Delgado (2008); Prentice et al. (1997); Newman et al. (2014); Packer & Ballantyne (2002); Yang et al. (2011).	Acompanhar familiares e/ou amigos (crianças ou adultos) na visita
12. Participação ativa nas atividades e eventos da região	Prentice et al. (1997); Marques (2011); Gomes (2017); Yang et al. (2011).	Participar ativamente nas atividades e eventos culturais do concelho de Ribeira de Pena
13. Interesse pelo património cultural e natural da região	Marques (2011); Gomes (2017); Yang et al. (2011).	Interesse pelo património cultural ou natural do concelho de Ribeira de Pena

Fonte: Elaboração própria.

Na terceira parte do questionário, novamente utilizando uma escala de tipo Likert com valores 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente), procurou-se perceber se haveria potenciais constrangimentos que tinham dificultado a apreciação das atrações culturais no concelho de Ribeira de Pena. Foram apresentados 22 potenciais constrangimentos aos inquiridos e perguntou-se-lhes em que medida estes aspetos tinham dificultado que apreciassem as atrações culturais do concelho de Ribeira de Pena. Estes constrangimentos foram selecionados com base na revisão da literatura sobre constrangimentos para visitar atrações culturais efetuada na secção 3 (tabelas 20 a 22 e apêndice 2), e representam constrangimentos que podem colocar dificuldades à visita de atrações, especialmente de atrações culturais.

Na quarta parte, para obter informação sobre o que poderia ser feito para melhorar as atrações culturais do concelho de Ribeira de Pena, numa primeira fase foram propostas 13 atividades para que os inquiridos pudessem indicar quais eram as atividades que gostariam que existissem no concelho de Ribeira de Pena. Estas atividades foram identificadas com base na caracterização das atrações culturais e atividades culturais realizadas em Ribeira de Pena (algumas delas nas atrações), feita na secção 4. De seguida colocaram-se duas questões abertas para que os inquiridos mencionassem duas outras atividades que gostariam que decorressem no Concelho e apontassem estratégias que poderiam levar à melhoria da qualidade do serviço prestado nas atrações culturais do referido concelho.

Tabela 24: Constrangimentos intrapessoais presentes no questionário (continua)

Constrangimentos intrapessoais	Referências	Itens adaptados inseridos no questionário
<p>Falta de interesse</p> <ul style="list-style-type: none"> - Falta de interesse nas atividades; - Preferências por outras atividades. 	<p>Davies & Prentice (1995); Tian, Crompton, & Witt (1996); Prentice, Davies & Beeho, (1997); Mowen, Payne, & Scott (2005); Delgado (2008); Wong & Polonsky (2008); Lawton & Daniels (2009); Cho, Bonn, & Brymer (2014); Albayrak, Caber, & Crawford (2017); Božić, Jovanović, Tomić, & Vasiljević (2017); Khan, Chelli, & Ahmed (2017); Zheng, Zhang, & Quian (2017); Tan (2017).</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Falta de interesse na cultura e em experiências culturais; - Ter preferência por outro tipo de atividades.
<p>Falta de segurança no local;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Falta de confiança/ autoconfiança. 	<p>Davies & Prentice (1995); Prentice, Davies & Beeho, (1997); Jun, Kyle, & O’Leary (2006); Parker (2007); Delgado (2008); Ghimire, Green, Poudyal, & Cordell (2014); Drule, Băcilă, Ciornea, & Chiș (2015); Gedecho (2017); Khan, Chelli, & Ahmed (2017); Tan (2017).</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Falta de segurança no local.
<p>Falta de conhecimento</p> <ul style="list-style-type: none"> - Percepção da informação ou códigos de conduta das atividades; - Falta de experiência; - Desconhecimento do modo como se pratica a atividade; - Falta de informação sobre uma atividade, atração ou destino. 	<p>Tian, Crompton, & Witt (1996); Prentice, Davies & Beeho (1997); Jun & Kyle (2011); Albayrak, Caber, & Crawford (2017).</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Não ter conhecimento das atrações culturais existentes no Concelho.
<p>Motivos de saúde</p>	<p>Samdahl & Jekubovich (1997); Prentice, Davies & Beeho, (1997); Fredman & Heberlein (2005); Mowen, Payne, & Scott (2005); Delgado (2008); Lawton &</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Falta de saúde e mobilidade para apreciar atrações culturais e participar nas suas atividades.

	Daniels (2009); Chen, Hua, & Wang (2013); Ghimire, Green, Poudyal, & Cordell (2014); Lepp, Gibson, & Lane (2014).	
--	---	--

Tabela 25: Constrangimentos intrapessoais presentes no questionário (continuação)

Problemas psicológicos - Capacidade psicológica (stress, depressão e frustração); - Pensamentos e percepções	Parker (2007); Delgado (2008); Wong & Polonsky (2008); Jun & Kyle (2011); Drule, Băcilă, Ciornea, & Chiș (2015); Božić, Jovanović, Tomić, & Vasiljević (2017).	- Stress.
Falta de capacidades físicas e motoras	Parker (2007); Delegado (2008); Lawton & Daniels (2009); Jun & Kyle (2011); Ghimire, Green, Poudyal, & Cordell (2014).	- Falta de mobilidade para apreciar atrações culturais existentes no concelho.
Barreiras linguísticas	Ghimire, Green, Poudyal, & Cordell (2014); Gedecho (2017).	- A linguagem e a informação existente nestas atrações são difíceis de compreender e de grande complexidade.
Medo relativo a uma ação associada à prática de uma atividade	Mowen, Payne, & Scott (2005); Jun, Kyle, & O'Leary (2006); Delgado (2008); Ghimire, Green, Poudyal, & Cordell (2014); Lepp, Gibson, & Lane (2014); Drule, Băcilă, Ciornea, & Chiș (2015).	- Tenho medo de realizar alguma ação durante a visita a estas atrações (ex. medo de subir escadas elevadas, medo de alturas).

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 26: Constrangimentos interpessoais presentes no questionário

Constrangimentos interpessoais	Referências	Itens adaptados inseridos no questionário
<p>Falta de companhia</p> <ul style="list-style-type: none"> - Familiares e amigos têm; outras preferências; - Familiares e amigos não têm o hábito de participar; - Falta de companhia por outros motivos. 	<p>Samdahl & Jekubovich (1997); Mowen, Payne, & Scott (2005); Delgado (2008); Jun, Kyle, & O’Leary (2006); Wong & Polonsky (2008); Lawton & Daniels (2009); Hudson, Hinch, Gordon, & Simpson (2010); Jun & Kyle (2011); Chen, Hua, & Wang (2013); Ghimire, Green Poudyal, & Cordell (2014); Lepp, Gibson, & Lane (2014); Albayrak, Caber, & Crawford (2017); Božić, Jovanović, Tomić, & Vasiljević (2017); Gedecho (2017); Khan, Chelli, & Ahmed (2017); Tan (2017);</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Familiares ou amigos preferem visitar outras atrações/locais; - Familiares ou amigos têm outros compromissos.
<p>Responsabilidades familiares/trabalho (sociais)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Restrições que resultam da presença de crianças, no grupo de viagem ou família; - Diversos outros compromissos familiares e sociais. 	<p>Samdahl & Jekubovich (1997); Prentice, Davies & Beeho, (1997); Mowen, Payne, & Scott (2005); Jun, Kyle, & O’Leary (2006); Delgado (2008); Lawton & Daniels (2009); Hudson, Hinch, Gordon, & Simpson (2010); Jun & Kyle (2011); Ghimire, Green Poudyal, & Cordell (2014); Lepp, Gibson, & Lane (2014).</p>	<ul style="list-style-type: none"> - A presença de crianças torna difícil a visita a estas atrações culturais ou a participação nas atividades culturais.
<p>Falta de socialização</p> <ul style="list-style-type: none"> - Falta de envolvimento e convivência nas suas relações e atividades. 	<p>Wong & Polonsky (2008); Cho, Bonn, & Brymer (2014); Lepp, Gibson, & Lane (2014); Drule, Băcilă, Ciornea, & Chiș (2015); Gedecho (2017).</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Prefiro visitar locais onde seja possível uma maior interação com outras pessoas.

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 27: Constrangimentos estruturais ou situacionais presentes no questionário (continua)

Constrangimentos estruturais ou situacionais	Referência	Itens adaptados inseridos no questionário
<p>Falta de acesso:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Acessibilidade (falta de transporte, más condições de estradas e acessos); - Elevada distância; -Sinalização. 	<p>Tian, Crompton, & Witt (1996); Fredman & Heberlein (2005); Mowen, Payne, & Scott (2005); Jun, Kyle, & O’Leary (2006); Parker (2007); Delgado (2008); Wong & Polonsky (2008); Lawton & Daniels (2009); Thapa (2012); Chen, Hua, & Wang (2013); Cho, Bonn, & Brymer (2014); Ghimire, Green, Poudyal, & Cordell (2014); Božić, Jovanović, Tomić, & Vasiljević (2017); Gedecho (2017); Khan, Chelli, & Ahmed (2017); Tan (2017).</p>	<p>- Os transportes públicos que permitem ter acesso a essas atrações são inadequados.</p>
<p>Recursos financeiros (custos e despesas)</p>	<p>Tian, Crompton, & Witt (1996); Prentice, Davies & Beeho, (1997); Samdahl & Jekubovich (1997); Fredman & Heberlein (2005); Mowen, Payne, & Scott (2005); Jun, Kyle, & O’Leary (2006); Parker (2007); Delgado (2008); Wong & Polonsky (2008); Lawton & Daniels (2009); Hudson, Hinch, Gordon, & Simpson (2010); Thapa (2012); Chen, Hua, & Wang (2013); Ghimire, Green, Poudyal, & Cordell (2014); Lepp, Gibson, & Lane (2014); Drule, Băcilă, Ciornea, & Chiș (2015); Albayrak, Caber, & Crawford (2017); Božić, Jovanović, Tomić, & Vasiljević (2017); Gedecho (2017); Tan (2017).</p>	<p>- O custo de entrada nestas atrações é elevado.</p>
<p>Falta de conhecimento e informação</p>	<p>Mowen, Payne, & Scott (2005); Delgado (2008); Wong & Polonsky (2008); Lawton & Daniels (2009); Hudson, Hinch, Gordon, &</p>	<p>- Não ter conhecimento das atrações culturais existentes no Concelho.</p>

	Simpson (2010); Thapa (2012); Chen, Hua, & Wang (2013); Cho, Bonn, & Brymer (2014); Ghimire, Green, Poudyal, & Cordell (2014); Lepp, Gibson, & Lane (2014); Albayrak, Caber, & Crawford (2017); Khan, Chelli, & Ahmed (2017); Tan (2017).	
--	---	--

Tabela 28: Constrangimentos estruturais ou situacionais presentes no questionário (continuação)

Dificuldades de planeamento	Mowen, Payne, & Scott (2005); Wong & Polonsky (2008); Lawton & Daniels (2009); Hudson, Hinch, Gordon, & Simpson (2010); Chen, Hua, & Wang (2013); Cho, Bonn, & Brymer (2014); Ghimire, Green, Poudyal, & Cordell (2014); Gedecho (2017); Khan, Chelli, & Ahmed (2017); Tan (2017)	<ul style="list-style-type: none"> - Os transportes públicos que permitem ter acesso a essas atrações são inadequados; - Neste momento existem poucas atividades culturais (ex. palestras, encenações, demonstrações) nestas atrações culturais; - Considero que não vou encontrar nada de novo nestas atrações.
Equipamentos e serviços de apoio	Delgado (2008); Wong & Polonsky (2008); Thapa (2012); Chen, Hua, & Wang (2013); Ghimire, Green, Poudyal, & Cordell (2014); Gedecho (2017); Khan, Chelli, & Ahmed (2017).	<ul style="list-style-type: none"> - Equipamentos e serviços de apoio existentes nestas atrações são inadequados ou insuficientes. - Prefiro locais que proporcionem um maior à vontade e conforto.
Atividades e programas inadequados ou não atraentes	Jun, Kyle, & O’Leary (2006); Delgado (2008); Cho, Bonn, & Brymer (2014)	<ul style="list-style-type: none"> - Neste momento existem poucas atividades culturais (ex. palestras, encenações, demonstrações) nestas atrações culturais.

Fonte: Elaboração própria.

A quinta e penúltima parte deste questionário diz respeito a uma breve caracterização da visita ao concelho de Ribeira de Pena. Nesta parte são efetuadas questões sobre o meio de transporte utilizado para chegar ao Concelho e para se deslocar nele. Quanto ao grupo de viagem, perguntou-se se o inquirido tinha visitado o Concelho sozinho ou acompanhado e, no caso de o ter visitado acompanhado, solicitava-se a identificação do número total de pessoas que o tinham acompanhado nessa visita, de quantas tinham menos de 10 anos e de quantas pessoas tinham mobilidade reduzida. Ainda nesta quinta parte é realizada uma

questão onde se questiona que tipo de alojamento os inquiridos utilizaram, sendo indicados 3 tipos de meios de alojamento que podem ter sido utilizados, deixando também em aberto a possibilidade do visitante mencionar um outro tipo de alojamento ou, mesmo, de referir que não pernoitou no concelho. Na sexta parte do questionário são colocadas questões com o objetivo, sobretudo, de efetuar uma breve caracterização sociodemográfica do inquirido, onde se solicita que o inquirido forneça informação sobre o género, idade, estado civil, habilitações literárias, situação perante o trabalho, e onde se pergunta aos inquiridos se têm ou não filhos. No caso de term filhos é perguntado o número de filhos e respetivas idades, para perceber depois, sobretudo, o papel motivacional que a presença dessas mesmas crianças pode ter na apreciação de atrações culturais aquando da visita ao concelho de Ribeira de Pena. Foi também solicitado aos inquiridos que indicassem quanto dinheiro pensavam gastar, durante esta viagem, no Concelho. Estes dois tipos de caracterização – da visita ao concelho e do perfil sociodemográfico –, bem como a pergunta final sobre as despesas, foram colocados na parte final do questionário para que os inquiridos pudessem responder primeiramente às questões que detêm maior relevância para o estudo a realizar no âmbito desta dissertação.

Foi feito um teste piloto do questionário com cinco visitantes do concelho de Ribeira de Pena. Na sequência deste teste foram introduzidas no questionário algumas alterações, sobretudo relativamente à ordem e modo de redação de algumas questões. Uma das alterações diz respeito a ter colocado a questão “Como viaja?” (com as opções de resposta sozinho e acompanhado), como questão de filtragem, apresentando somente depois as questões sobre quantas pessoas acompanham o visitante, quantas dessas pessoas têm menos de 10 anos e quantas dessas pessoas têm mobilidade reduzida (Questão 12). A versão final do questionário em várias línguas pode ser encontrada no apêndice 3.

A **administração dos questionários** ocorreu de março a agosto de 2018. A grande maioria dos questionários foram administrados pessoalmente a pessoas que estavam a visitar o concelho de Ribeira de Pena no período em que o estudo empírico foi realizado. Foram inquiridos visitantes do Concelho, alguns dos quais estavam a visitar atrações culturais, nomeadamente museus, ou outras atrações como o Pena Aventura Park. Os restantes questionários foram administrados *online*, tendo sido enviados para pessoas que se sabia que tinham visitado o concelho de Ribeira de Pena nos últimos dois anos. Importa referir que

nos questionários *online* foram introduzidas, no início do questionário, questões que permitem assegurar que os requisitos relativos aos visitantes são cumpridos.

Quanto ao **processo de amostragem**, foi utilizado nesta dissertação o método de amostragem por conveniência, por não ser possível identificar todos os visitantes do concelho de Ribeira de Pena e, devido à dificuldade em encontrar muitos visitantes do Concelho dispostos a responder ao questionário. Foram obtidos, no total, 104 questionários válidos.

5.3. Metodologia de análise de dados

Quanto aos métodos de análise de dados, para realizar a análise do perfil sociodemográfico dos inquiridos, para fazer a caracterização da visita a Ribeira de Pena e para analisar as sugestões para melhorar as atrações culturais no concelho de Ribeira de Pena, irão ser utilizadas **análises univariadas**, onde cada variável é analisada de forma isolada. Este tipo de análises será também adotado para analisar os dados das restantes partes do questionário, embora esses dados vão ser também examinados através de outras análises estatísticas.

Para identificar dimensões dos constrangimentos para visitar atrações culturais no concelho de Ribeira de Pena, na análise dos questionários irá ser utilizado um método de análise multivariada - a **análise fatorial de componentes principais (ACP)** com rotação varimax -, que irá permitir a simplificação da informação, identificando fatores comuns subjacentes aos diversos constrangimentos, eliminando a informação que possa ser considerada como redundante, garantindo a perda mínima de informação, e evidenciando a estrutura fundamental implícita nos dados iniciais. Esta análise irá também contribuir para compreender, posteriormente, através de outra análise estatística, quais os grupos que apresentam mais constrangimentos à visita às atrações, o que poderá permitir a identificação de estratégias para diminuir esses constrangimentos.

Para identificar segmentos de visitantes das atrações culturais em Ribeira de Pena com base nos constrangimentos para visitar atrações culturais no Concelho, será necessário efetuar uma **análise de clusters**, que permitirá detetar e criar grupos homogêneos relativamente aos constrangimentos sentidos para visitar atrações culturais. Para comparar

os grupos de inquiridos deverão ser realizadas **análises bivariadas** como a ANOVA ou testes t (consoante o número de segmentos identificados) e testes de qui-quadrado. Caso os pressupostos da ANOVA ou dos testes t não se cumpram, deverão realizar-se, respetivamente, testes de Kruskal-Wallis ou de Mann-Whitney U (Pestana & Gageiro, 1998). Todas estas análises serão realizadas utilizando o software SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*).

Por fim, após toda uma revisão de literatura e posterior análise de dados, será possível identificar as estratégias ou sugestões para o aumento da procura e resolução de problemas de gestão e planeamento no concelho de Ribeira de Pena, com base na análise dos constrangimentos para visitar atrações culturais.

5.4. Conclusão

De acordo com os objetivos identificados nesta dissertação, foram utilizados meios para alcançar, de forma correta e adequada, os referidos objetivos.

No sentido de identificar quais as motivações que levam os visitantes a visitar as atrações culturais de Ribeira de Pena, bem como os constrangimentos que dificultam essa visita, e identificar segmentos de visitantes com diferentes constrangimentos para visitar as atrações culturais, foi aplicado um questionário constituído por questões não só sobre os constrangimentos e motivações, mas por várias questões relativas à visita ao Concelho, sugestões para melhorar essas mesmas atrações culturais e ao perfil sociodemográfico dos inquiridos. Foram inquiridas pessoas com idade igual ou superior a 18 anos que visitaram o concelho no período em que foi realizado o estudo empírico ou que tinham efetuado essa visita, no máximo, há dois anos.

Os questionários foram administrados por conveniência, a maioria deles pessoalmente, a pessoas que estavam a visitar o concelho, principalmente a pessoas que estavam a visitar atrações culturais (ex. museus) ou outras atrações (ex. Pena Aventura Park). Por fim, através do *software* SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*) foram feitas análises descritivas de dados, análises fatoriais e análises de *clusters*, sendo estas últimas utilizadas para criar grupos de visitantes com diferentes constrangimentos relativamente à visita a atrações culturais no concelho de Ribeira de Pena.

Capítulo 6 - Análise e discussão dos resultados do estudo empírico

6.1. Introdução

O estudo empírico apresentado tem como principal objetivo o cumprimento de grande parte dos objetivos específicos presentes nesta dissertação:

- Identificar os principais constrangimentos e motivações dos visitantes para visitar atrações culturais e participar nas atividades culturais no concelho de Ribeira de Pena;
- Identificar segmentos de visitantes das atrações culturais do mesmo concelho segundo os constrangimentos para visitar essas atrações;
- Identificar estratégias para a resolução de problemas de gestão e planeamento no concelho de Ribeira de Pena e, conseqüentemente, para fomentar o aumento da procura de atrações culturais neste concelho.

No decorrer deste capítulo é realizada a análise e discussão de resultados obtidos aquando da aplicação dos questionários. São efetuadas análises univariadas no sentido de traçar o perfil sociodemográfico dos inquiridos e de caracterizar a amostra em termos da visita ao concelho de Ribeira de Pena, da motivação para visitar atrações culturais neste concelho e dos constrangimentos sentidos para visitar essas mesmas atrações. São também realizadas algumas análises fatoriais para identificar dimensões que possam representar bem os itens utilizados para medir os constrangimentos. Posteriormente, são realizadas também outro tipo de análises multivariadas – análises de *clusters* -, para identificar segmentos de visitantes com diferentes constrangimentos para visitar atrações culturais.

6.2. Caracterização sociodemográfica da amostra

Ao efetuar a caracterização da amostra em termos sociodemográficos verifica-se que, relativamente ao **género** dos inquiridos, a maioria (54,8%) são do género feminino e 45,2% são do género masculino (tabela 23). A amostra de inquiridos abrange pessoas de diferentes faixas etárias com **idade** igual ou superior a 18 anos, embora mais de três quartos tenham entre 25 e 34 anos (45,1%) ou entre 18 e 24 anos (34,3%). A média de idades é de 29 anos e a moda é de 21 anos. No que respeita ao **estado civil**, verifica-se que os inquiridos solteiros são aqueles que detêm um maior peso na amostra (56,7%), seguindo-se os casados (36,5%),

existindo também na amostra pessoas com outro estado civil, por exemplo em união de facto (1,9%).

Tabela 29: Perfil sociodemográfico dos inquiridos

Variável		Frequência (N)	Percentagem (%)
Género:	Feminino	57	54,8
	Masculino	47	45,2
Idade	15-24	35	34,3
	25-34	46	45,1
	35-44	9	8,8
	45-56	12	11,8
Estado Civil	Solteiro(a)	59	56,7
	Casado(a)	38	36,5
	Divorciado(a)	4	3,8
	Viúvo(a)	1	1,0
	Outro ²	2	1,9
País de residência dos inquiridos	Portugal	72	69,2
	França	4	3,8
	Espanha	21	20,2
	Bélgica	2	1,9
	Suiça	3	2,9
	Luxemburgo	2	1,9
Habilitações Literárias	Ensino básico – 1º ciclo	0	0
	Ensino básico – 2º ciclo	6	5,8
	Ensino básico – 3º ciclo	8	7,7
	Ensino secundário	48	46,2
	Licenciatura	28	26,9
	Mestrado	12	11,5
	Doutoramento	0	0
	Outros	2	1,9
Situação perante o trabalho	Estudante	16	15,4
	Doméstico(a)	1	1,0
	Reformado(a)	2	1,9
	Empregado(a)	78	75,0
	Desempregado(a)	6	5,8
	Outra ³	1	1,0

Fonte: Elaboração própria.

Em relação às **habilitações literárias**, verifica-se que a maioria dos inquiridos (46,2%) possui o ensino secundário, e mais de um terço apresentam um grau de escolaridade ainda superior – grau de licenciatura (26,8%) ou mestrado (11,5%). Não existem inquiridos com o ensino básico (tabela 23, figura 24).

² União de facto

³ Estagiário

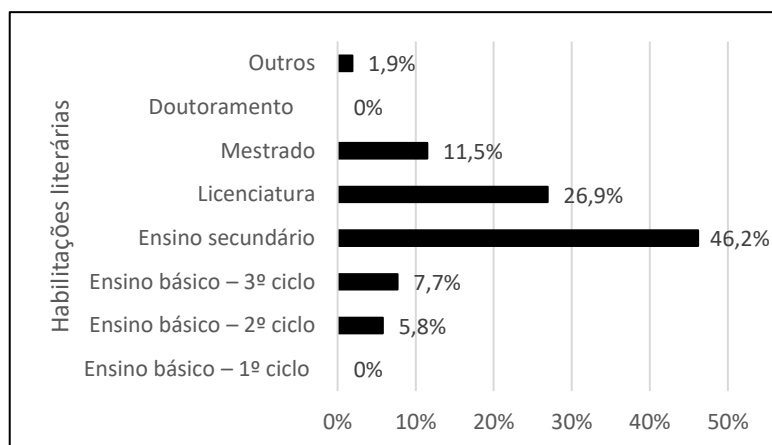


Figura 24: Inquiridos, segundo as habilitações literárias

Fonte: Elaboração própria.

Relativamente à **situação dos inquiridos perante o trabalho**, constata-se que estão na maioria empregados (75,0%) e, embora em bastante menor percentagem, há também uma quantidade considerável de estudantes (15,4%), verificando-se um nível de desemprego bastante baixo (5,8%) (tabela 23). Em termos europeus, verifica-se uma percentagem de desemprego bastante considerável em países como a França (9,8%) e Portugal (8,4%) (PORDATA, 2018).

No que respeita à **existência de filhos**, verifica-se que 58,7% dos inquiridos não têm filhos e que 41,3 % têm filhos (tabela 24). Os que têm filhos têm, na sua maioria, 1 filho (26,0% da amostra total) ou 2 filhos (10,6%) (tabela 25) de idades muito variadas, entre o 1 e os 35 anos de idade, onde as mais referidas são as idades 1, 2, 4, 5 e 12 anos.

Tabela 30: Existência de filhos

Existência de filhos	Frequência	Percentagem (%)
Não	61	58,7
Sim	43	41,3

Fonte: Elaboração própria

Tabela 31: Número de filhos

Número de Filhos	Frequência (N)	Percentagem (%)	Percentagem acumulada (%)
0	61	58,7	58,7
1	27	26,0	84,6
2	11	10,6	95,2
3	4	3,8	99,0
4	1	1,0	100,0
Total	104	100,0	100,0

Fonte: Elaboração própria.

No que concerne ao **país de residência**, os inquiridos são na sua maioria portugueses (69,2%), seguidos dos espanhóis (20,2%) (figura 25).

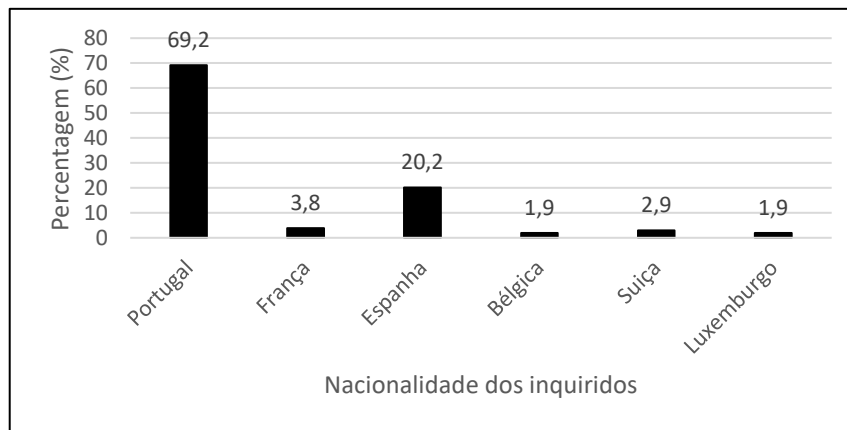


Figura 25: Inquiridos, segundo o país de residência

Fonte: Elaboração própria.

Quanto ao **local de residência** dos portugueses, verifica-se que, a maioria (69,2%) dos residentes em Portugal), residem na NUT II Norte (tabela 26).

A tabela 26 mostra também as NUT III e IV onde residem os inquiridos, revelando que o concelho de Vila Real (15,3%) é a zona de residência de um maior número de inquiridos, seguindo-se o concelho do Porto (com 13,9%).

Tabela 32 – Local de residência dos inquiridos, por NUT II, III e IV

Nut II	NUT III	Concelho	Frequência (N)	Percentagem (%)
Norte	Alto Tâmega	Chaves	2	2,8
Norte	Alto Tâmega	Boticas	1	1,4
Norte	Alto Tâmega	Vila Pouca de Aguiar	6	8,3
Norte	Terras de Trás-os-Montes	Mondim de Basto	2	2,8
Norte	Douro	Régua	2	2,8
Norte	Douro	São João da Pesqueira	2	2,8
Norte	Douro	Vila Real	11	15,3
Norte	Douro	Bragança	3	4,2
Norte	Douro	Miranda do Douro	1	1,4
Norte	Tâmega e Sousa	Penafiel	4	5,6
Norte	Tâmega e Sousa	Paços de Ferreira	1	1,4
Norte	Tâmega e Sousa	Lousada	1	1,4
Norte	Ave	Fafe	2	2,8
Norte	Ave	Cabeceiras de Basto	6	8,3
Norte	Ave	Guimarães	2	2,8
Norte	Ave	Arco de Baúlhe	2	2,8
Norte	Ave	Famalicão	1	1,4
Norte	Área Metropolitana do Porto	Porto	10	13,9
		Maia	2	2,8
		Leça da Palmeira	1	1,4
Lisboa	Área Metropolitana de Lisboa	Lisboa	2	2,8
		Amadora	2	2,8
Centro	Beira Baixa	Castelo Branco	3	4,2
Centro	Região de Coimbra	Coimbra	2	2,8
Alentejo	Lezíria do Tejo	Rio Maior	1	1,4
		Total	72	69,2%
		Omissos	32	30,8%

Fonte: Elaboração própria.

6.3. Características gerais da visita ao concelho de Ribeira de Pena

Quanto à visita dos inquiridos a Ribeira de Pena, verifica-se que a maior parte dos visitantes realizam a visita ao Concelho **acompanhados** (83,7%) (figura 26), em **grupos** com até 10 pessoas (87,3%), na sua maioria compostos por 3 (20,4%) e 4 pessoas (15,5%), seguidos de grupos de 11 a 20 pessoas (5,8%). Um número elevado de inquiridos (47,6%) viajava em **grupos que integravam pessoas com menos de 10 anos** de idade, geralmente com uma (27,2%) ou duas (15,5%) pessoas desta faixa etária (figura 27). Uma pequena percentagem de pessoas (13,6%) **viajava ainda com pessoas com mobilidade reduzida** (tabela 27).

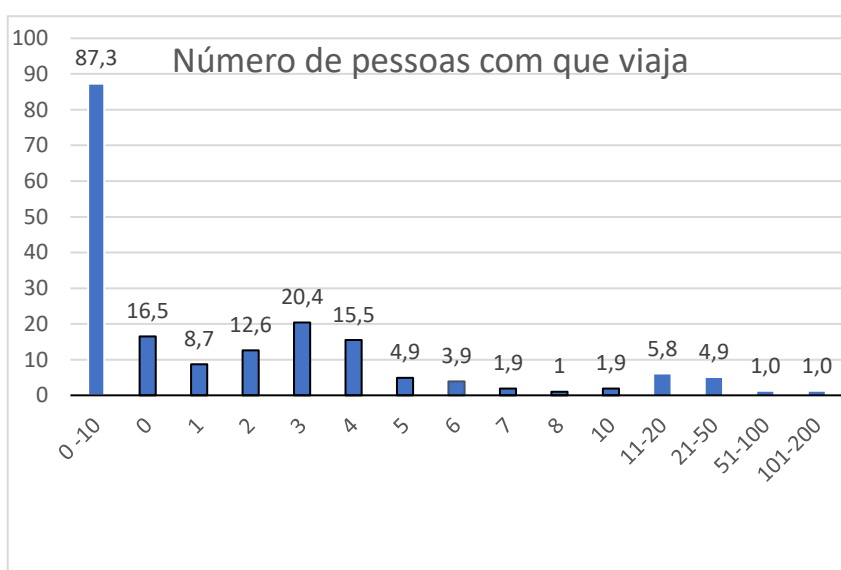


Figura 26: Número de pessoas com quem viaja

Fonte: Elaboração própria.

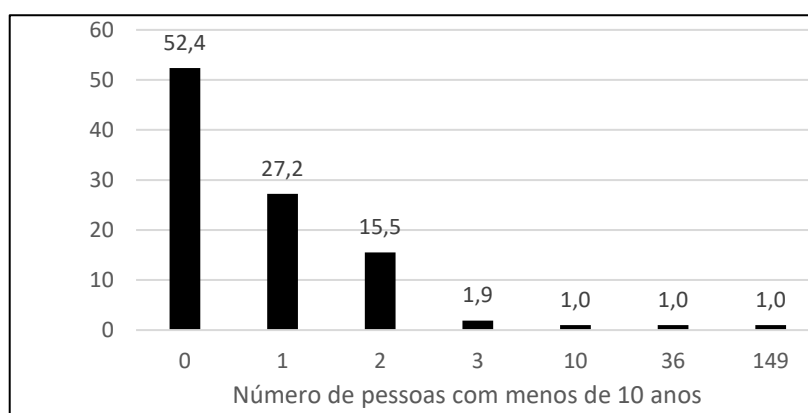


Figura 27: Número de pessoas com menos de 10 anos de idade com quem viaja

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 33: Pessoas do grupo de viagem com mobilidade reduzida

Número de pessoas com mobilidade reduzida	Frequência (N)	Percentagem (%)
0	87	84,5
1	14	13,6
2	2	1,9
Total	103	100,0

Fonte: Elaboração própria.

Ao nível do **alojamento**, verifica-se que a maioria dos inquiridos ficam hospedados em outros locais não identificados no questionário (52,9%), ficando mais na casa de familiares (19,2%), em casa própria no concelho (9,6%) (facto este que pode ser explicado porque muitos destes visitantes são ribeirapenenses residentes no estrangeiro) e em bungalows do Pena Aventura Park (8,7%). Verifica-se ainda que 12 inquiridos (11,5%) dizem não pernoitar no Concelho.

Dos meios de alojamento considerados no questionário, os mais utilizados pelos inquiridos são os estabelecimentos hoteleiros (35,6%), havendo menos de 8% dos inquiridos a utilizarem cada um dos outros meios - parques de campismo e turismo em espaço rural.

Em relação ao **dinheiro gasto pelos inquiridos no concelho de Ribeira de Pena**, pode concluir-se que quase metade dos inquiridos (44,6%) gastam maioritariamente entre 101 e 500 euros e a outra metade gasta até 100 euros (cerca de 28,7% gastam até 50 euros e 22,8% gastam entre 51 e 100 euros) (figura 28). O facto de um considerável número de inquiridos gastar até 50 euros pode ser explicado por muitos inquiridos ficarem na sua própria casa ou em casa de familiares, não possuindo encargos a nível do alojamento.

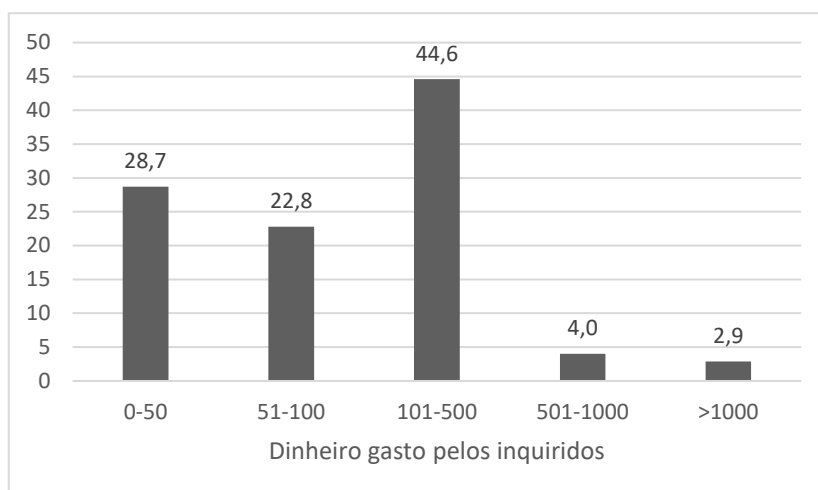


Figura 28: Despesas dos inquiridos

Fonte: Elaboração própria.

6.4. Visita a atrações culturais ou participação em eventos culturais no concelho de Ribeira de Pena

No que respeita à apreciação das atrações culturais do concelho de Ribeira de Pena (visita a atrações ou participação em eventos culturais), foi possível verificar que 52,9% dos inquiridos não visitaram, contemplaram ou participaram em atrações culturais do Concelho e apenas 47,1% realizaram uma ou mais destas ações (tabela 28).

Tabela 34: Visita, contemplação ou participação em atrações culturais de Ribeira de Pena

Visita a atrações culturais	Frequência (%)	Percentagem (%)
Não	55	52,9
Sim	49	47,1
Total	104	100,0

Fonte: Elaboração própria.

No que concerne aos **museus**, verifica-se que a Casa Museu - Casa de Camilo Castelo Branco - é a mais visitada (sendo visitada apenas por 23,1% dos inquiridos, seguida do Museu do Linho (18,3%) e do Museu da Escola - Casa da Cultura (16,3%) (figura 29). Este facto não está em completo acordo com os dados facultados pelo coordenador dos museus Doutor Emanuel Guimarães, que mostram que o Museu da Escola (Casa da Cultura) é o museu mais visitado pelos turistas nacionais e estrangeiros e por estudantes (1926 pessoas),

seguido só depois pela Casa de Camilo Castelo Branco (550 pessoas) (CMRP, 2018). No entanto, esta situação pode estar associada ao facto de o inquérito do estudo empírico desta dissertação ter sido realizado durante seis meses. Embora estes seis meses sejam, provavelmente, dos meses em que os museus são mais visitados por pessoas que não residem no Concelho, o período em que o inquérito foi realizado poderá ter determinado parcialmente os resultados ao nível dos visitantes dos museus. No estudo empírico realizado na presente dissertação, o Museu do Minério é o menos visitado (4,8%).

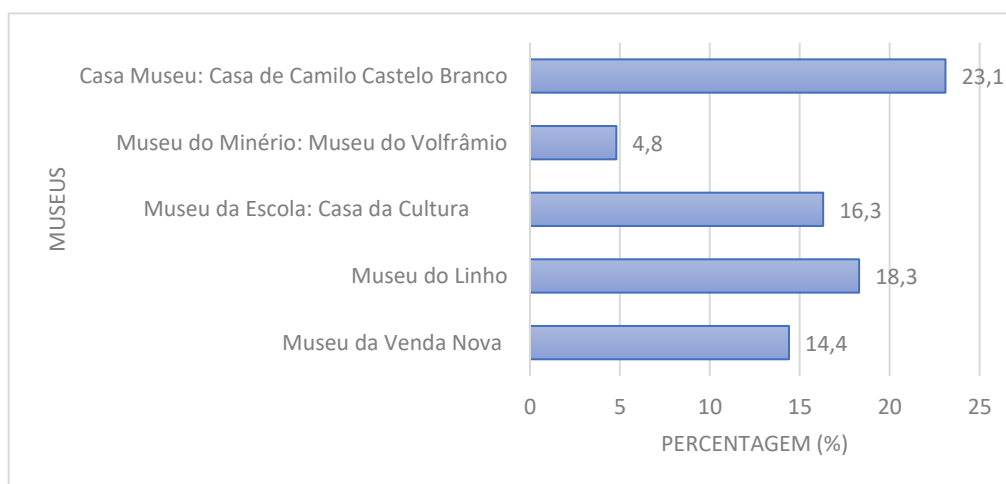


Figura 29: Visita aos museus de Ribeira de Pena

Fonte: Elaboração própria.

No que concerne à visita e contemplação de **outro tipo de atrações culturais** pertencentes ao concelho de Ribeira de Pena, é possível também apurar que o número de inquiridos que visita este tipo de atrações é consideravelmente menor do que aqueles que não as visitam ou contemplam (figura 30). Os outros tipos de atrações culturais mais visitados ou contemplados foram as igrejas (38,5%), a ponte romana (28,8%) e as capelas (27,9%), o que significa que estas são as atrações que mais interesse despertam nos visitantes. A seguir a estas, as outras atrações mais apreciadas são os relógios de sol (17,3%) e o santuário rupestre de Lamelas (16,5%). Há, no entanto, atrações culturais consideradas neste contexto que revelam ter um poder de atração muito baixo – o pelourinho de Cerva e o castro de Cerva -, tendo cada uma delas merecido o interesse de menos de 12% dos visitantes.

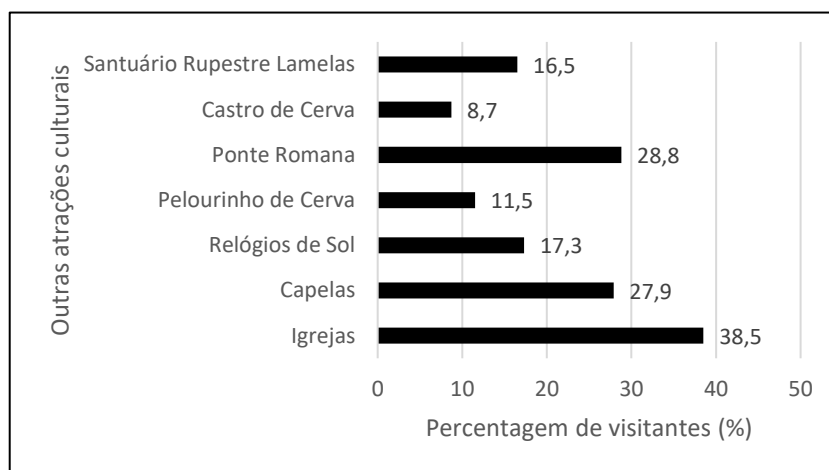


Figura 30: Visita a outro tipo de atrações culturais

Fonte: Elaboração própria.

A respeito da participação dos inquiridos em **eventos culturais** no concelho de Ribeira de Pena, constata-se que grande parte dos inquiridos não participa neste tipo de eventos, verificando-se que as festas e romarias são os eventos em que um maior número de inquiridos participa (39,4%), seguidos das feiras (37,5%) (figura 31). Nos restantes eventos a participação é reduzida (inferior a 12%).

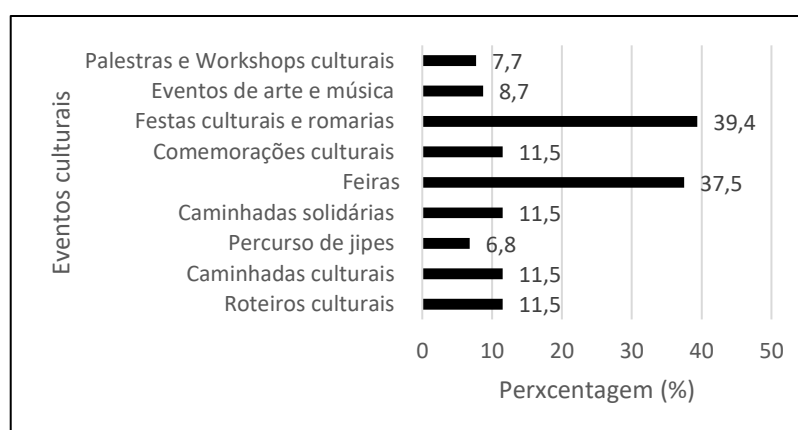


Figura 31: Participação em eventos culturais

Fonte: Elaboração própria.

Ao questionar os inquiridos sobre os **aspetos que gostaram mais ou menos nas atrações culturais** de Ribeira de Pena (tabela 29), é possível identificar algumas forças e fraquezas relativas a este tipo de atrações, constatando-se que, apesar das muitas melhorias introduzidas ao longo dos anos, ainda existem aspetos muito importantes que devem ser

melhorados. Como aspetos que gostaram mais, os inquiridos apontam a cultura, tradição e história (6 inquiridos), as festas, feiras e romarias culturais (6 inquiridos) e a ligação com a natureza/paisagem rural (6 inquiridos). Foram apontados como aspetos que gostaram menos a falta de publicidade, divulgação dos locais (4 inquiridos), a sujidade nas ruas (3 inquiridos) e o descontentamento com algum património e eventos culturais (3 inquiridos).

Tabela 35: Aspetos que gostou mais e menos nas atrações culturais que visitou, contemplou ou em que participou

N	Aspetos que gostou mais	Aspetos que gostou menos	N
6	Cultura, tradição e história do Concelho	Falta de publicidade, divulgação dos locais	4
6	Festas, feiras e romarias culturais do Concelho	Falta de apoio logístico	1
6	Ligação com a natureza/paisagem rural	Falta de organização	1
4	Contato com o património cultural e imóvel	Falta de informação	1
1	Demonstrações culturais	Problemas de sinalização	1
2	Diversão	Sujidade das ruas	3
3	Preservação de todo um património	Perigos nas estradas	2
1	Gosto pelos recursos culturais (museus)	Risco de atropelamento	1
4	Simpatia e organização	Degradação	1
		Problemas de conservação do património	2
		Pouca influência da juventude	1
		Descontentamento com algum património e eventos culturais (feira do linho, roteiros culturais e ponte de arame)	3
		Falta de uma agenda cultural mais completa	1

Fonte: Elaboração própria.

6.5. Motivações para visitar as atrações culturais

Para determinar quais as motivações que levam os inquiridos a visitar as atrações culturais do concelho de Ribeira de Pena foi perguntado aos inquiridos qual tinha sido a importância de 13 motivações para terem decidido apreciar atrações culturais no concelho de Ribeira de Pena. Os inquiridos tinham então que responder numa escala de 1 (nada importante) a 5 (muito importante). Ao efetuar a análise das motivações que levam os inquiridos a realizar a visita às atrações culturais do concelho de Ribeira de Pena destacam-se como principais motivações (média igual ou superior a 4,2) a ânsia de descobrir coisas novas e satisfazer a curiosidade, o saber mais sobre a história e cultura de Ribeira de Pena,

o divertimento, bem como o descanso e relaxamento, logo seguidos de aspetos relacionados com escape (fuga à rotina, distanciar-se dos problemas e frustrações do dia-a-dia) e, posteriormente, de aspetos que representam uma dimensão ativa de alargamento de competências e proporcionadora de desafios (obter novos conhecimentos e competências, ter novos desafios e experiências e participar ativamente em atividades e eventos culturais do concelho de Ribeira de Pena) (tabela 30).

Estes dados corroboram parcialmente os resultados de outros estudos como o de Delgado (2008), Gomes (2017), Packer e Ballantyne (2002), Prentice et al. (1997), e Yang et al. (2011), que evidenciam que a oportunidade de aprender, a autenticidade e tradição, a aquisição de novos conhecimentos, a aprendizagem e descoberta e o gosto pela gastronomia são as motivações importantes para visitar atrações culturais, seguindo-se, por sua vez, a descoberta de novidades, a gastronomia, lazer (gozo passivo), satisfação da curiosidade e novidade, que sugerem que as motivações para visitar atrações podem diferir consoante a atração, mas que podem existir, mesmo assim, algumas semelhanças entre as motivações para visitar este tipo de atrações.

Ainda com uma média de 4 está o acompanhamento de familiares e/ou amigos (crianças ou adultos) na visita, facto que poderá assumir grande relevância por quase todos os inquiridos estarem a visitar o Concelho acompanhados e por um considerável número estar acompanhado de crianças com menos de 10 anos. Não só as crianças com menos de 10 anos precisam do apoio de adultos durante a visita, como proporcionar uma experiência em atrações culturais a estas crianças, parece assumir, ao nível destes visitantes, uma particular importância. É interessante verificar que, apesar da vontade de saber mais sobre a história e cultura de Ribeira de Pena ser uma importante motivação da visita às atrações (4,24), o interesse pelo património cultural ou natural do concelho de Ribeira de Pena parece ser bastante mais reduzido (3,52), o que sugere que será necessário desenvolver esforços no sentido de tornar este património mais atrativo e capaz de dar a conhecer a história e cultura do Concelho.

A motivação que parece ter menor impacte nos visitantes é a obtenção de valorização social (2,65). De facto, a visita às atrações do Concelho não parece contribuir para este fim.

Tabela 36: Importância das motivações

Importância das motivações	Média	Desvio Padrão
Divertir-se	4,18	0,905
Fuga da rotina	4,16	0,800
Descansar e relaxar	4,18	0,905
Distanciar-se dos problemas e frustrações do dia-a-dia	4,10	0,963
Obter valorização social (ex. aprovação por parte de outros, prestígio)	2,65	1,267
Obter novos conhecimentos e competências	4,06	0,899
Descobrir coisas novas e satisfazer a curiosidade	4,29	0,866
Ter novos desafios e experiências	4,04	0,957
Saber mais sobre a história e cultura de Ribeira de Pena	4,24	0,804
Acompanhar familiares e/ou amigos (crianças ou adultos) na visita	4,04	0,935
Participar ativamente em atividades e eventos culturais do concelho de Ribeira de Pena	4,04	0,957
Interesse pelo património cultural ou natural do concelho de Ribeira de Pena	3,52	1,017

Fonte: Elaboração própria.

6.6. Constrangimentos para visitar as atrações culturais

Para identificar os principais constrangimentos para visitar as atrações culturais de Ribeira de Pena, foi perguntado aos inquiridos em que medida concordavam que 22 aspetos tinham feito com que fosse mais difícil apreciar atrações culturais no concelho de Ribeira de Pena. Os inquiridos tinham que responder utilizando uma escala de Likert de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente).

Primeiramente, no sentido de identificar quais as dimensões dos constrangimentos à visita às atrações culturais do concelho de Ribeira de Pena (N=104), foi efetuada uma análise fatorial de componentes principais (ACP) com rotação varimax (tabela 31). Após a realização da análise, foram identificadas 5 dimensões ou fatores de constrangimentos:

1. Falta de companhia e preferência por outro tipo de locais e/ou atividades: Constrangimentos interpessoais associados à falta de companhia para realizar a visita às atrações culturais e constrangimentos intrapessoais relacionados com a preferência por outro tipo de locais e atividades, mas que podem estar também associados à existência de outros compromissos (a nível pessoal, familiar e de amizade) e à vontade de maior interação.

2. Falhas de gestão e planeamento: Constrangimentos estruturais ou situacionais relacionados com a falta de planeamento de programas e atividades nas atrações e com as falhas existentes ao nível de equipamentos e serviços de apoio.

3. Falta de interesse nas atrações: Constrangimentos intrapessoais associados à falta de interesse na cultura e experiências culturais, atividades e temas desenvolvidos, mas que podem estar associados a aspetos estruturais como os temas e experiências terem pouco interesse e, também, por não se encontrar nada de muito novo aquando de uma visita.

4. Falta de conhecimento e informação: Constrangimentos estruturais ou situacionais associados à falta de informação e conhecimento sobre as atrações culturais existentes.

5. Saúde e segurança: Constrangimentos intrapessoais relacionados com a falta de segurança e com a falta de saúde e mobilidade para visitar as atrações culturais.

Foram retirados da análise 5 itens dos constrangimentos (Tenho más experiências infantis relativas à visita de atrações culturais, A presença de crianças torna difícil a visita a estas atrações culturais ou a participação nas atividades culturais do Concelho, Reduzir o stress, Os transportes públicos que permitem ter acesso a essas atrações são inadequados, O custo de entrada nestas atrações é elevado) devido ao facto de estes diminuírem os Cronbach's alpha (para valores inferiores a 0,7) ou por terem comunalidades inferiores a 0,5. Esta análise é de boa qualidade, uma vez que: o KMO é maior que 0,7 e o valor de p do teste de Batlett's é menor que 0,05 (o que indica a existência de uma considerável correlação entre os itens); a variância explicada pelos 5 fatores é superior a 60%; os Cronbach's alpha são todos (quando arredondados) maiores ou iguais a 0,7 (o que revela que os fatores identificados possuem um grau de confiabilidade elevado); e tanto os *factor loadings* como as comunalidades de todos os constrangimentos são maiores ou iguais a 0,5.

Tabela 37: ACP dos constrangimentos para visitar atrações culturais

Constrangimentos	Com.	Fator Loading	Eig.	Variância acumulada explicada	Cronbach's alpha
1. Falta de companhia e preferência por outro tipo de locais e/ou atividades			3,921	26,143	0,895
Familiares ou amigos preferem visitar outras atrações/locais	0,822	0,860			
Familiares ou amigos têm outros compromissos	0,779	0,843			
Tenho preferência por outro tipo de atividades	0,789	0,802			
Prefiro visitar locais onde seja possível uma maior interação com outras pessoas	0,718	0,791			
Falta de companhia	0,679	0,709			
Prefiro locais que proporcionem um maior à vontade e conforto	0,646	0,538			
2. Falhas de gestão e planejamento			2,084	40,035	0,696
Neste momento existem poucas atividades culturais nestas atrações culturais	0,705	0,810			
Equipamentos e serviços de apoio existentes nestas atrações são inadequados ou insuficientes	0,668	0,772			
Considero que não vou encontrar nada de novo nestas atrações	0,667	0,614			
3. Falta de interesse nas atrações			2,048	53,687	0,894
Falta de interesse na cultura e em experiências culturais no Concelho	0,887	0,934			
Existência de temas e atividades de pouco interesse nestas atrações	0,888	0,876			
4. Falta de informação e conhecimento			1,703	65,038	0,793
Não tenho conhecimento das atrações culturais existentes no Concelho	0,899	0,857			
Não tenho informação relativamente às atrações culturais localizadas no Concelho	0,804	0,817			
5. Saúde e segurança			1,699	76,366	0,674
Falta de saúde e mobilidade para apreciar atrações culturais e participar nas suas atividades	0,763	0,795			
Falta de segurança	0,795	0,828			
Nota: Com.-Comunalidades; Eig.-Eigenvalue	KMO=0,802	Bartlett's test	810,902	(p=0,000)	

Fonte: Elaboração própria.

Ao observar os dados apresentados na tabela 32 relativa aos constrangimentos, constata-se que os principais fatores que levam os inquiridos a não visitar as atrações culturais do concelho de Ribeira de Pena são: (i) a falta de companhia e preferência por outro tipo de

locais e/ou atividades (2,96), (ii) a falta de informação e conhecimento (2,78); e a (iii) falta de interesse nas atrações (2,77). Devido à especificidade das atrações culturais analisadas pelos autores Lawton e Daniels (2009) e Prentice et al. (1997), autores já referidos na revisão de literatura, verificam-se algumas diferenças relativamente aos constrangimentos que levam os inquiridos a visitar cada uma dessas atrações culturais específicas. A falta de tempo é o principal constrangimento apontado como principal inibidor da visita a essas atrações por Lawton e Daniels (2009) e por Prentice et al. (1997). Prentice et al. (1997) evidencia também a falta de interesse e a preferência por outras atividades como as principais razões da não visita aos museus, aspetos que se verificou serem um dos principais constrangimentos para visitar atrações culturais, pelo que o estudo empírico presente nesta dissertação corrobora parcialmente o que é defendido por Prentice et al. (1997).

Apesar da maior parte destes constrangimentos serem constrangimentos de cariz interpessoal, esta análise aponta também importantes aspetos que se podem modificar nestas atrações para tentar diminuir a importância destes constrangimentos. Estes aspetos serão discutidos um pouco mais à frente após uma análise um pouco mais detalhada dos principais constrangimentos para visitar as atrações culturais de Ribeira de Pena, ao nível de cada tipo de constrangimento – intrapessoais, interpessoais e estruturais.

A um nível **interpessoal**, os constrangimentos que apresentam maior impacto relativamente à realização da visita estão maioritariamente relacionados com o facto de os inquiridos terem preferência por locais que lhes proporcionem uma maior interação com outras pessoas e os seus familiares ou amigos terem preferência por outro tipo de atrações ou terem outro tipo de compromissos (tabela 32).

Em relação aos constrangimentos **estruturais ou situacionais**, aqueles que têm um maior impacto são a falta de informação relativamente às atrações culturais, a inadequação dos transportes públicos que permitem o acesso a estas atrações e o reduzido número de atividades existente nestas atrações culturais.

Quanto aos constrangimentos **intrapessoais**, aqueles que possuem um maior impacto nos inquiridos são a preferência por outro tipo de atividades, as atividades e temas presentes nestas atrações terem pouco interesse e a falta de interesse pela cultura e experiências culturais do Concelho (tabela 32).

Tabela 38: Importância dos constrangimentos para visitar as atrações culturais

Constrangimentos	N=104	Média	Desvio Padrão
1. Falta de companhia e preferência por outro tipo de locais e/ou atividades		2,96	1,127
Familiares ou amigos preferem visitar outras atrações/locais		3,16	1,394
Familiares ou amigos têm outros compromissos		3,19	1,366
Tenho preferência por outro tipo de atividades		3,25	1,378
Prefiro visitar locais onde seja possível uma maior interação com outras pessoas		3,02	1,393
Falta de companhia		2,54	1,513
Prefiro locais que proporcionem um maior à vontade e conforto		2,57	1,245
2. Falhas de gestão e planejamento		2,56	0,882
Neste momento existem poucas atividades culturais nestas atrações culturais		2,81	1,175
Equipamentos e serviços de apoio existentes nestas atrações são inadequados ou insuficientes		2,43	0,973
Considero que não vou encontrar nada de novo nestas atrações		2,44	1,97
3. Falta de interesse nas atrações		2,77	1,014
Falta de interesse na cultura e em experiências culturais no Concelho		2,76	1,102
Existência de temas e atividades de pouco interesse nestas atrações		2,79	1,03
4. Falta de informação e conhecimento		2,78	1,076
Não tenho conhecimento das atrações culturais existentes no Concelho		2,69	1,215
Não tenho informação relativamente às atrações culturais localizadas no Concelho		2,87	1,15
5. Saúde e segurança		2,11	1,017
Falta de saúde e mobilidade para apreciar atrações culturais e participar nas suas atividades		2,16	1,15
Falta de segurança		2,07	1,193

Fonte: Elaboração própria.

6.7. Sugestões para melhorar as atrações culturais em Ribeira de Pena

Na questão fechada colocada aos inquiridos sobre as atividades que gostariam que existissem no concelho de Ribeira de Pena, podendo estes selecionar mais do que uma opção de entre as sugestões apresentadas no questionário, estes revelam a necessidade de **existirem mais atividades direcionadas para crianças (79,8%) e visitas guiadas a todas as atrações culturais (68,3%)**, evidenciando poder existir ainda mais concertos e espetáculos musicais que promovam a cultura musical de Ribeira de Pena, um maior número de feiras e festas culturais de diferentes temáticas culturais e a organização de mais visitas guiadas em que se realizem os vários caminhos e roteiros disponibilizados no concelho de Ribeira de Pena (tabela 33).

Tabela 39: Atividades sugeridas pelos inquiridos

Atividades sugeridas	Total (N)	Percentagem (%)
Visitas guiadas a todas as atrações culturais	71	68,3
Maior número de palestras e seminários de índole cultural	18	17,3
Debates sobre diversas temáticas de índole cultural	17	16,3
Maior número de exposições sobre a história e a cultura do concelho de Ribeira de Pena	37	35,6
Formações sobre o património cultural e histórico do concelho de Ribeira de Pena	38	36,5
Existência de <i>workshops</i> acerca da cultura do concelho de Ribeira de Pena	43	40,4
Mais caminhadas em que se passe por atrações culturais	44	42,3
Mais representações teatrais onde se apresente a história e a cultura do concelho de Ribeira de Pena	46	44,2
Existência de um maior número de provas orientadas (ex. <i>peddy papers</i>) para descobrir mais sobre a cultura e a história do concelho de Ribeira de Pena	38	36,9
Organização de mais visitas guiadas em que se realizem os vários caminhos e roteiros disponibilizados no concelho de Ribeira de Pena	54	51,9
Existência de mais concertos e espetáculos musicais que promovam a cultura musical de Ribeira de Pena	56	53,8
Existência de um maior número de feiras e festas culturais de diferentes temáticas culturais	55	52,9
Existência de mais atividades culturais direcionadas para crianças (ex. teatros, caminhadas, histórias sobre a cultura da região, visitas esporádicas aos museus e suas exposições, aulas de dança típicas, atividades literárias sobre a história e cultura da região)	83	79,8

Fonte: Elaboração própria.

Ao colocar aos inquiridos uma **questão aberta sobre que outro tipo de atividades gostariam que decorressem nas atrações do concelho de Ribeira de Pena**, estes indicaram atividades de várias temáticas, sendo as atividades mais referidas pelos inquiridos a existência de mais eventos culturais (palestras, seminários e *workshops* de diferentes áreas temáticas), seguindo-se a existência de mais atividades de arte (arte marciais, dança individuais ou coletivas, zumba, teatro e demonstrações culturais).

Tabela 40: Sugestões de atividades propostas pelos inquiridos

Outras atividades	N
Concertos para atrair os jovens	2
Atividades de artes - Artes marciais - Dança individual ou coletiva, zumba - Teatros sobre a história do concelho - Demonstrações culturais	11
Atividades direcionadas para crianças de todas as idades (ex. <i>Walking tours</i> infantis) para obter novos conhecimentos	6
Atividades para pessoas com incapacidades (psicológicas, visuais ou motoras)	2
Atividades desportivas diversificadas (ex. Surf e futsal) e encontros desportivos	6
Atividades sobre a importância de conservação a todos os níveis	1
Atividades tradicionais	1
Caminhadas e visitas guiadas (ex. ambientais, nas aldeias)	7
Cinema, exposições e locais apropriados para programas em família	3
Campismo	1
Corridas de carros	2
Corridas de gado	2
Confrontos entre culturas	1
Feiras de divulgação	3
Festas literárias	1
Festas/festivais musicais, música ao vivo e concertos acústicos	9
Festas sobre diferentes culturas	1
Romarias	1
Atividades familiares divertidas para obter mais conhecimentos acerca da cultura do Concelho	1
Mais eventos : - Palestras - Seminários (ex. história e psicologia); - <i>Workshops</i> de diversas temáticas (ex. aproveitamento da riqueza do concelho)	14
Mais padarias e restaurantes abertos ao fim de semana	2
Provas de orientação e competições de <i>geocaching</i>	2
<i>Scaperoom</i>	1
Visitas a lugares românticos do Concelho	1

Fonte: Elaboração própria.

Foi também perguntado aos inquiridos que **estratégias deviam ser consideradas e implementadas no sentido de melhorar a qualidade de serviço prestado nas atrações culturais do Concelho**. As estratégias mais referidas são o desenvolvimento de mais estratégias de marketing, um melhor planeamento e a existência de um plano de gestão de visitantes (tabela 35).

Tabela 41 - Propostas de melhoria na qualidade de serviços prestados nas atrações culturais

Melhoria na qualidade de serviços	N
Código de conduta	2
Plano de gestão de visitantes	6
Mais estratégias de Marketing: - Divulgação da cultura existente (panfletos e brochuras) - Maior projeção a nível nacional e internacional	27
Formação dos colaboradores no sentido de obter mais competências	2
Contratar mais pessoas competentes	4
Exstência de um horário acessível em todas as atrações culturais	1
Melhorar o atendimento	1
Abranger e cativar mais jovens	2
Praia	1
Impor a igualdade entre jovens e idosos	1
Mais segurança	1
Melhorar os serviços de restauração	2
Aproveitamento dos produtos locais, apostar nos produtos locais	2
Melhor planeamento	9
Melhor rede de transportes públicos	4
Plano estratégico a longo prazo (ex. financeiro, ecológico)	1

Fonte: Elaboração própria.

Ao considerar as sugestões e estratégias propostas pelos inquiridos é possível ajudar a resolver alguns dos problemas ao nível da qualidade de prestação de serviços das atrações culturais pertencentes ao concelho de Ribeira de Pena, ao preencher as chamadas lacunas da empresa (compreensão do cliente, projeto e padrões de serviço, desempenho de serviços e a comunicação) que, por sua vez, por exemplo, se encontram relacionadas com as pesquisas marketing e aquisição de novos visitantes, com processos de desenvolvimento criados de acordo com as expetativas do cliente, com os recursos humanos e oferta e procura e, por fim, com os programas de marketing e educação adequada dos clientes (Zeithaml et al., 2014).

6.8. Segmentação dos inquiridos com base nos constrangimentos sentidos para visitar as atrações culturais de Ribeira de Pena

A fim de identificar grupos homogêneos de visitantes em termos de **constrangimentos para visitar as atrações culturais de Ribeira de Pena**, foi efetuada uma análise de *clusters* hierárquica de todos os inquiridos. A análise de *clusters* foi realizada utilizando como input as dimensões de constrangimentos que foram anteriormente identificadas na análise fatorial, utilizando o método de Ward e a distância euclidiana ao quadrado. Foram identificados três clusters, com base na tabela de aglomeração (tabela 36):

- **Cluster 1** - “Os mais constrangidos” - são assim designados porque são os que sentem mais as várias dimensões de constrangimentos, exceto a falta de interesse.
- **Cluster 2** - os “Pouco interessados” - são aqueles que têm menos interesse em visitar, participar ou apreciar as atrações culturais do Concelho.
- **Cluster 3** - “Os menos constrangidos” - são o grupo de visitantes que sentem menos as dimensões de constrangimentos para visitar ou apreciar as atrações culturais, identificadas na análise fatorial.

Na tabela 36, através dos resultados dos testes da ANOVA e Kruskal-Wallis realizados, é possível observar que existem diferenças estatisticamente significativas entre os clusters ao nível de todas as dimensões dos constrangimentos. O cluster 1 - “Os mais constrangidos” - representam 50,0% da amostra. O cluster 3 - “Os menos constrangidos” - são os menos representados na amostra, correspondendo apenas a 20,2% da amostra.

No que se refere à **caracterização sociodemográfica**, não se encontram diferenças estatisticamente significativas entre os *clusters* relativamente à idade dos inquiridos, revelando que o facto de as pessoas estarem mais ou menos constrangidas para visitar as atrações culturais é independente da idade (tabela 37).

Também não existem diferenças estatisticamente significativas entre os clusters ao nível das restantes características sociodemográficas consideradas no estudo, especificamente género, estado civil, existência de filhos e habilitações literárias (tabela 37).

Tabela 42 - Comparação dos *clusters* ao nível dos constrangimentos à visita às atrações culturais, idade e despesas realizadas, testes da ANOVA e Kruskal-Wallis

	Segmentos de mercado dos visitantes			tipo de teste	Valor do teste	Valor-p
	Cluster 1	Cluster 2	Cluster 3			
	Os mais constrangidos	Pouco interessados	Os menos constrangidos			
	N=52	N=21	N=31			
	50,0%	20,2%	29,8%			
Dimensões dos constrangimentos						
1. Falta de companhia e preferência por outro tipo de locais e/ou atividades	3,66	2,80	1,87	ANOVA	47,987	0,000
2. Falhas de gestão e planeamento	2,99	2,40	1,96	Kruskal Wallis	26,562	0,000
3. Falta de interesse	2,97	3,60	1,89	Kruskal Wallis	38,573	0,000
4. Falta de informação e conhecimento	3,54	1,52	2,35	Kruskal Wallis	58,355	0,000
5. Saúde e segurança	2,73	1,60	1,43	Kruskal Wallis	40,070	0,000
Idade	30,63	28,05	27,97	Kruskal Wallis	1,971	0,373
Pessoas que o acompanham na visita						
Número total de pessoas	10,92	4,90	2,43	Kruskal Wallis	5,040	0,080
Número de pessoas com menos de 10 anos	4,35	0,43	0,97	Kruskal Wallis	2,392	0,302
Número de pessoas com mobilidade reduzida	0,25	0,1	0,1	Kruskal Wallis	4,832	0,089
Quanto dinheiro pensa gastar	238,94	210,71	430,16	Kruskal Wallis	10,197	0,006
Nota: As médias com cores diferentes apresentam diferenças estatisticamente significativas. Cinzento: médias elevadas.						

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 43 - Comparação dos *clusters* ao nível das características sociodemográficas dos *clusters* identificados, testes do qui-quadrado

Segmentos de mercado dos visitantes						
	Cluster 1	Cluster 2	Cluster 3			
Caracterização sócio-económica	Os mais constrangidos	Pouco interessados	Os menos constrangidos	tipo de teste	Valor do teste	Valor-p
	N=52 50,0%	N=21 20,2%	N=31 29,8%			
Género				Qui- Quadrado	3,712	0,156
Feminino	46,2%	57,1%	67,7%			
Masculino	53,8%	42,9%	32,3%			
Estado Cívil				Qui- quadrado	0,764	4,941
Solteiro	53,8%	57,1%	61,3%			
Casado	38,5%	33,3%	35,5%			
Divorciado	3,8%	9,5%	0,0%			
Viuvo	1,9%	0,0%	0,0%			
Outro: união de facto	1,9%	0,0%	3,2%			
Existência de filhos				Qui- quadrado	1,022	0,600
Não	63,5%	52,4%	54,8%			
Sim	36,5%	47,6%	45,2%			
Habilitações literárias				Qui- Quadrado	3,712	0,156
Inferiores ao ensino superior	49,0%	76,2%	70,0%			
Ensino superior	51,0%	23,8%	30,0%			

Fonte: Elaboração própria.

Quanto à caracterização da **visita ao concelho de Ribeira de Pena**, verificam-se diferenças estatisticamente significativas entre os *clusters* no que concerne à utilização do carro como principal transporte. Os “Pouco interessados” pelas atrações culturais de Ribeira de Pena são os que têm maior tendência para utilizar este meio de transporte porque são aqueles que têm mais tendência a visitar locais situados ao longo de todo o concelho de Ribeira de Pena, podendo, possivelmente, ir à descoberta de coisas novas, novos desafios e experiências (tabela 38). Relativamente ao dinheiro que os inquiridos pensam gastar aquando da realização da visita, existem diferenças estatisticamente significativas entre os *clusters*, sendo onde os “menos constrangidos” os que pensam gastar mais dinheiro durante

essa visita (tabela 36). Isto pode acontecer porque este grupo está menos constrangido pelos vários constrangimentos identificados no estudo, não tendo tantas barreiras que o impeçam de visitar as atrações, podendo também ser o grupo que está mais receptivo a visitar e explorar outros aspetos do Concelho, o que poderá levar os inquiridos a gastar aí mais dinheiro. Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ao nível de mais nenhuma característica da visita ao Concelho, ou seja, ao nível da utilização de outros meios de transporte além do automóvel, da companhia de viagem nem do tipo de alojamento utilizado.

Tabela 44 - Comparação dos *clusters* ao nível das características da visita às atrações culturais, testes do qui-quadrado

Caracterização da visita	Segmentos de mercado dos visitantes			tipo de teste	Valor do teste	Valor-p
	Cluster 1	Cluster 2	Cluster 3			
	Os mais constrangidos	Pouco interessados	Os menos constrangidos			
	N=52 50,0%	N=21 20,2%	N=31 29,8%			
Transportes						
Carro	78,8%	100,0%	93,5%	Qui-Quadrado	7,597	0,022
Autocarro	36,5%	28,6%	32,3%	Qui-quadrado	0,793	7,597
Como viaja				Qui-Quadrado	3,339	0,188
Sozinho	15,4%	28,6%	9,7%			
Acompanhado	84,6%	71,4%	90%			
Alojamento						
Estabelecimento hoteleiro	26,9%	42,9%	45,2%	Qui-Quadrado	3,427	0,180
Nota: As percentagens com cores diferentes apresentam diferenças estatisticamente significativas. Cinzento: percentagens elevadas.						

Fonte: Elaboração própria.

No que concerne à **apreciação das atrações culturais** apenas foi possível verificar se existiam diferenças estatisticamente significativas entre os clusters ao nível da visita de algumas atrações, pois em diversas variáveis (que incluíram também as relativas à participação nos diversos eventos considerados no estudo), a análise do Qui-quadrado não era válida. Ao nível dos museus, “os menos constrangidos” são aqueles que têm uma maior tendência para visitar um museu mais relacionado com a cultura e história do Concelho - a

Casa Museu: Casa de Camilo Castelo Branco (45,2%) (tabela 39). Não se registam diferenças na tendência para visitar o Museu do Linho (28,6%), que se encontra mais ligado ao artesanato, nem o Museu da Escola - Casa da Cultura (25,8%) – entre os diversos segmentos de visitantes.

Tabela 45 - Comparação dos *clusters* ao nível da apreciação das atrações culturais pelos clusters identificados, testes do qui-quadrado

Apreciação das atrações culturais	Segmentos de mercado dos visitantes			tipo de teste	Valor do teste	Valor-p
	Cluster 1	Cluster 2	Cluster 3			
	Os mais constrangidos N=52 50,0%	Pouco interessados N=21 20,2%	Os menos constrangidos N=31 29,8%			
Museus						
Museu do Linho	9,6%	28,6%	25,8%	Qui-quadrado	5,280	0,071
Museu da Escola: Casa da Cultura	13,5%	9,5%	25,8%	Qui-quadrado	3,060	0,217
Casa Museu: Casa de Camilo Castelo Branco	9,6%	23,8%	45,2%	Qui-quadrado	13,83	0,001
Outras atrações culturais						
Igrejas	15,4%	57,1%	64,5%	Qui-quadrado	23,688	0,000
Capelas	9,6%	42,9%	48,4%	Qui-quadrado	17,452	0,000
Relógios de Sol	9,6%	19,0%	29,0%	Qui-quadrado	5,172	0,075
Monumentos arqueológico: Ponte Romana	15,4%	14,3%	61,3%	Qui-quadrado	22,658	0,000
Monumento arqueológico: Santuário Rupestre Lamelas	11,5%	5,0%	32,3%	Qui-quadrado	8,434	0,015
Nota: As percentagens com cores diferentes apresentam diferenças estatisticamente significativas. Cinzento: percentagens elevadas.						

Fonte: Elaboração própria.

Relativamente às outras atrações culturais, os “menos constrangidos” são aqueles que apresentam uma maior tendência para visitar o património cultural do concelho, como é o caso das igrejas e capelas, facto este que pode ser explicado pela existência de um maior conhecimento e informação no que respeita às atrações culturais por parte destes inquiridos

e por serem estes os que menos barreiras possuem para visitar as atrações culturais. As igrejas e capelas têm grande tendência a ser visitadas não só pelos “menos constrangidos”, mas também pelos “pouco interessados”, uma vez que estes últimos, embora revelem pouco interesse a respeito do património cultural do Concelho, podem eventualmente visitar estes locais por se localizarem, muitas vezes, perto de outro tipo de património ou locais que tencionam visitar. Os “menos constrangidos” são também os que tendem mais a visitar a ponte romana e o Santuário Rupestre de Lamelas. Estes resultados sugerem que os constrangimentos analisados no estudo constituem mesmo barreiras à visita às atrações culturais de Ribeira de Pena que, em grande medida, não são negociadas com sucesso por parte dos inquiridos.

Por fim, no que se refere às **sugestões** relativas a atividades que os inquiridos gostariam que existissem no concelho de Ribeira de Pena (tabela 40), não existem diferenças estatisticamente significativas entre os *clusters*, parecendo existir um consenso relativamente à vontade de que existissem mais visitas guiadas a todas as atrações culturais, mais atividades para crianças e mais caminhos e roteiros disponíveis no concelho de Ribeira de Pena.

Tabela 46: Comparação dos *clusters* ao nível das sugestões dadas pelos inquiridos, testes do qui-quadrado (continua)

Sugestões	Segmentos de mercado dos visitantes			tipo de teste	Valor do teste	Valor-p
	Cluster 1	Cluster 2	Cluster 3			
	Os mais constrangidos	Pouco interessados	Os menos constrangidos			
	N=52 50,0%	N=21 20,2%	N=31 29,8%			
Visitas guiadas a todas as atrações culturais	67,3%	57,1%	77,4%	Qui-quadrado	2,420	0,298
Maior número de palestras e seminários de índole cultural	15,4%	9,5%	25,8%	Qui-quadrado	2,588	0,274
Debates sobre diversas temáticas de índole cultural	15,4%	19,0%	16,1%	Qui-quadrado	0,148	0,929
Maior número de exposições sobre a história e a cultura do concelho de Ribeira de Pena	32,7%	38,1%	38,7%	Qui-quadrado	0,380	0,827
Formações sobre o património cultural e histórico do concelho de Ribeira de Pena	34,6%	28,6%	45,2%	Qui-quadrado	1,652	0,438
Existência de <i>workshops</i> acerca da cultura do concelho de Ribeira de Pena	44,2%	38,1%	35,5%	Qui-quadrado	0,674	0,714
Mais caminhadas em que se passe por atrações culturais	34,6%	42,9%	54,8%	Qui-quadrado	3,258	0,196
Mais representações teatrais onde se apresente a história e a cultura do concelho de Ribeira de Pena	36,5%	42,9%	58,1%	Qui-quadrado	3,668	0,160
Existência de um maior número de provas orientadas (ex. <i>peddy papers</i>) para descobrir mais sobre a cultura e a história do	35,3%	28,6%	45,2%	Qui-quadrado	1,591	0,451

concelho de Ribeira de Pena	
-----------------------------	--

Tabela 47: Comparação dos *clusters* ao nível das sugestões dadas pelos inquiridos, testes do qui-quadrado (continuação)

Organização de mais visitas guiadas em que se realizem os vários caminhos e roteiros disponibilizados no concelho de Ribeira de Pena	48,1%	71,4%	51,6%	Qui-quadrado	3,371	0,185
Existência de mais concertos e espetáculos musicais que promovam a cultura musical de Ribeira de Pena	46,2%	57,1%	61,3%	Qui-quadrado	1,977	0,372
Existência de mais atividades culturais direcionadas para crianças	67,3%	57,1%	77,4%	Qui-quadrado	1,197	0,550

Fonte: Elaboração própria.

6.9. Conclusões

No que respeita ao perfil sociodemográfico dos inquiridos, a amostra tem mais elementos do sexo feminino, pessoas pertencentes à faixa etária entre os 25-34 anos, solteiros e inquiridos com ensino secundário. Em termos de empregabilidade, os inquiridos, que são na sua maioria portugueses, revelam a existência de uma taxa de empregabilidade mais elevada do que a apontada pelos dados europeus.

Conclui-se que são mais as pessoas que não visitam as diversas atrações culturais consideradas no estudo, do que aquelas que efetuam essa visita. Observa-se que aqueles que realizam este tipo de visita visitam maioritariamente a Casa Museu: Casa de Camilo Castelo Branco, seguida do Museu da Escola: Ecomuseu de Ribeira de Pena.

Constata-se que os constrangimentos mais sentidos pelos inquiridos relativamente à apreciação das atrações culturais são a preferência por outro tipo de atividades, os familiares e/ou amigos terem outros compromissos e/ou preferirem visitar outro tipo de locais que lhes permitam uma maior interação com outras pessoas, que corresponde à posterior dimensão dos constrangimentos identificada a quando a análise fatorial “Falta de companhia e preferência por outro tipo de locais e/ou atividades”. A seguir a estes, os constrangimentos mais sentidos pelos inquiridos foram a falta de informação e conhecimento relativamente às atrações culturais do Concelho e a falta de interesse relativamente às mesmas.

Os fatores motivacionais que tiveram maior importância na decisão de visitar as atrações culturais do concelho de Ribeira de Pena foram motivações relacionadas com a vontade de alargar os conhecimentos e adquirir novas competências, incluindo descobrir coisas novas, a vontade de satisfazer a curiosidade e o querer saber mais sobre a história e cultura do Concelho, mas também o divertimento, o relaxamento e o acompanhar familiares e amigos na visita às atrações.

No sentido de fomentar um maior número de visitas às atrações culturais, os inquiridos sugerem a realização de mais concertos e espetáculos musicais que promovam a cultura musical do Concelho e a oferta de um maior número de visitas guiadas pelos vários caminhos e roteiros existentes no Concelho.

Foi possível segmentar os visitantes inquiridos com base nos constrangimentos sentidos para visitar as atrações. Foram identificados três *clusters* e é possível constatar que existem várias diferenças entre os clusters identificados.

O *cluster* 1 - “Os mais constrangidos” - é o de maior dimensão (50%) e abrange os inquiridos que sentem maiores constrangimentos em termos de todas as dimensões de constrangimentos identificadas no estudo, exceto a falta de interesse, especificamente, pelas atrações culturais do Concelho. Estes são os indivíduos que menos visitam as atrações culturais consideradas no estudo.

O *cluster* 2 - os “Pouco interessados” - correspondem ao grupo mais pequeno (20,2%). São os inquiridos que mais sentem falta de interesse por atrações culturais do concelho de Ribeira de Pena – uma dimensão dos constrangimentos identificada no estudo. Talvez por este motivo, não visitem tanto atrações que poderiam aumentar grandemente o conhecimento sobre a história e a cultura do Concelho. São também os inquiridos que mais utilizam o carro

como meio de transporte, o que lhes poderá permitir partir à descoberta e explorar mais o Concelho, não ficando restringidos a visitar as atrações culturais.

O cluster 3 - “Os menos contrangidos” - são o segundo grupo mais representado na amostra e são os indivíduos que menos são afetados pelas várias dimensões dos constrangimentos correspondendo, portanto, àqueles que mais visitam a maioria das atrações culturais do concelho de Ribeira de Pena. Um aspeto importante é o facto de estes inquiridos serem também os que mais dinheiro pretendem gastar no Concelho, provavelmente porque a visita às atrações culturais lhes implicará mais gastos, mas sobretudo, possivelmente porque são os inquiridos mais recetivos a explorar mais aspetos do Concelho e porque o facto de visitarem mais atrações e explorarem mais aspetos do Concelho os obrigará a permanecerem mais tempo no Concelho e a terem maiores despesas em consequência disso.

Com estes resultados é possível constatar que, para que possam satisfazer as necessidades dos vários tipos de visitantes identificados no estudo e garantir a constante satisfação dos já conquistados é necessário desenvolver novas estratégias de gestão e planeamento, tendo em conta as que foram também aqui sugeridas pelos inquiridos, em termos de programas, atividades, eventos, melhorias de serviço e equipamentos de apoio das atrações culturais.

Capítulo 7 - Conclusões e Recomendações

7.1. Conclusões

O **turismo cultural** é uma das vertentes do turismo que mais tem crescido e se tem desenvolvido a nível mundial (Cunha, 2013; Pérez, 2009; Richards, 2009). Trata-se de um tipo de turismo que, para além de poder proporcionar o “intercâmbio cultural” e dar a conhecer a cultura de um destino, traz também inúmeras vantagens para a comunidade recetora de cariz económico, político, social, cultural e ambiental (Ayad & Shujun, 2013; Jeon et al., 2016; Jimura, 2011; Kreag, 2001; McIntosh et al., 1995; Okech, 2010; Oliveira, 2009; Ryan et al., 2011). No entanto, para que o turismo cultural possa ter impactos positivos numa dada região ou comunidade anfitriã é importante monitorizar os impactos deste tipo de turismo, no sentido de poder implementar estratégias para minimizar os impactos negativos e maximizar os positivos (Jeon et al., 2016; Kreg, 2001).

Em Portugal, o número de visitas às **atrações culturais** tem vindo a aumentar de ano para ano desde 2012 a 2017, no que diz respeito à visita a monumentos, museus e palácios. Sendo uma das principais componentes dos destinos, as atrações culturais têm um papel fundamental no seu desenvolvimento. As atrações culturais têm como função garantir a satisfação das pessoas que as visitam, correspondendo às suas necessidades e expectativas.

A decisão de visitar ou não atrações culturais, está relacionada, entre outros aspetos, com os constrangimentos e motivações para visitar estas atrações. As principais motivações para visitar as atrações culturais parecem ser, como a literatura sugere, alargar os conhecimentos e adquirir novas competências, incluindo descobrir coisas novas, a vontade de satisfazer a curiosidade e o querer saber mais sobre a história e cultura do Concelho, mas também o divertimento, o relaxamento e o acompanhar familiares e amigos na visita às atrações.

Os constrangimentos podem ser definidos como “barreiras” inibidoras ou impeditivas que dificultam ou impedem a participação numa determinada atividade (Boothby et al., 1981; Crawford & Godbey, 1987; Francken & Van Raaij, 1981; Hendsen et al., 1987; Iso-Ahola & Mannell, 1985; Searle & Jackson, 1985). No entanto, os constrangimentos podem ser negociados de modo a ser possível ultrapassá-los utilizando diversas estratégias. Foram já sugeridas diferentes abordagens para classificar os constrangimentos, mas uma das mais consensuais é a que classifica os constrangimentos em intrapessoais, interpessoais e

estruturais ou situacionais, proposta por Crawford e Godbey (1987). De acordo com os vários autores de artigos de cariz cultural que foram analisados, pode haver diferentes tipos de constrangimentos para visitar diferentes tipos de atrações (ex. museus, galerias, património religioso, mosteiros ortodoxos, atrações de *Dark Tourism*), uma vez que a visita a cada uma destas atrações tem um carácter específico. No entanto, os constrangimentos mais frequentemente identificados em publicações relativas a atrações culturais ou turismo cultural são, no que respeita a constrangimentos intrapessoais, a falta de interesse, no que concerne a constrangimentos interpessoais, as responsabilidades familiares ou de trabalho e a falta de companhia (embora este último seja um pouco menos frequente que os outros) e, no que respeita aos constrangimentos estruturais, a falta de tempo ou de recursos financeiros e o difícil acesso às atrações (ver secção 3).

No caso particular de Ribeira de Pena, a realização deste estudo permitiu trazer uma nova visão e perceção daquelas que podem ser as grandes razões das pessoas não visitarem as atrações do Concelho. Este estudo contribuiu ainda para perceber quais os grupos que têm maior dificuldade relativamente à realização da visita, para que possam posteriormente ser criados programas e atividades que os cativem e que atraiam, assim, um maior número de visitantes.

Em termos oferta e dinamismo ao nível das atrações culturais, o concelho de Ribeira de Pena revela já um certo desenvolvimento a nível cultural ao ter cinco museus em plena atividade, sendo as suas visitas geridas pelo museu central - Ecomuseu de Ribeira de Pena (Museu da Escola) - e a sua divulgação feita por dois postos de turismo: o de Ribeira de Pena e o de Cerva. Em relação ao património cultural existe no Concelho património de uma grande diversidade, embora só quatro imóveis estejam classificados pela DGPC.

No que concerne ao dinamismo em termos de atividades, eventos e programas das atrações culturais, existe uma grande preocupação e esforço na organização e realização deste tipo de atividades e eventos, embora muitos destes sejam somente esporádicos e, muitos deles, ocorram em picos de procura específicos como é o caso das festas e romarias do Concelho, que acontecem no pico de maior procura, nos meses de verão.

Na realização do estudo empírico, os constrangimentos identificados através do inquérito por questionário realizado a visitantes do Concelho, são aspetos que têm grande influência na visita às atrações culturais do concelho de Ribeira de Pena, uma vez que interferem na tomada de decisão de as visitar ou não.

Conclui-se que os constrangimentos que detêm uma maior relevância e mais dificultam a apreciação das atrações culturais, e que, conseqüentemente, afetam a participação em atividades culturais, são o ter preferência por outro tipo de atividades, bem como os familiares ou amigos terem outros compromissos ou preferirem visitar outro tipo de locais que permitam uma maior interação com outras pessoas. Com base nos resultados é possível afirmar que estes constrangimentos intrapessoais e interpessoais foram aqueles que os inquiridos mais sentiram quando consideraram visitar atrações culturais em Ribeira de Pena. Outro importante constrangimento foi a falta de interesse pelas atrações culturais, especificamente de Ribeira de Pena. O presente estudo empírico corrobora, assim, a importância de diversos constrangimentos que são também identificados nos artigos e estudos anteriores sobre atrações culturais (ex. Davies & Prentice, 1995; Delgado, 2008, Hood, 1983; Prentice et al., 1997), na medida em que estes constrangimentos foram também identificados como relevantes nesses trabalhos de investigação. No entanto, os visitantes deste Concelho manifestaram também ter consideráveis constrangimentos estruturais ou situacionais, principalmente o facto de não terem informação ou conhecimento sobre as atrações em análise. Os responsáveis pelo desenvolvimento turístico de Ribeira de Pena e pela gestão das atrações turísticas deste Concelho devem estar particularmente atentos a este aspeto. Considera-se também, pelo anteriormente mencionado, que apesar de o estudo empírico realizado corroborar os resultados de investigação anteriormente desenvolvida ao identificar como relevantes alguns constrangimentos estruturais já considerados muitos importantes noutros artigos e estudos de atrações culturais, também realça a importância que outros constrangimentos, designadamente constrangimentos estruturais associados à falta de informação, podem ter em inibir a visita a atrações culturais.

Foi também possível identificar três *clusters* ou grupos homogêneos de visitantes, em termos de constrangimentos: Cluster 1 - “Os mais constrangidos”, Cluster 2 - os “Pouco interessados”, Cluster 3 - “Os menos constrangidos”. Os “mais constrangidos”, cluster de maior dimensão em termos da amostra, são os que mais sentem todas as dimensões dos constrangimentos identificadas no estudo. Os “Pouco interessados” são os que mais sentem “falta de interesse” pela história e cultura do Concelho – outra das dimensões dos constrangimentos identificadas no estudo. Estes inquiridos são os que mais utilizam o carro como meio de transporte, o que pode indicar que tentam explorar outros locais além das atrações, que lhes podem suscitar mais interesse. Já “Os menos constrangidos” são os que

menos sentem todas as dimensões dos constrangimentos identificadas no estudo empírico, sendo, por isso, aqueles que mais visitam as atrações culturais pertencentes ao concelho de Ribeira de Pena. Na verdade, são estes inquiridos que mais visitam a Casa Museu - Casa de Camilo Castelo Branco -, as igrejas e capelas do Concelho, a Ponte Romana e o Santuário Rupestre de Lamelas. São também os que fazem maiores despesas no Concelho, não especificamente na visita às atrações porque a entrada nestas atrações é gratuita, mas porventura porque, por terem mais interesse no Concelho e nas suas atrações culturais, aí permanecem mais tempo, tendo, conseqüentemente, a necessidade de fazer mais gastos.

Não existem diferenças estatisticamente significativas entre os três clusters ao nível de características sociodemográficas. Como já referido, “Os menos constrangidos” foram os que visitaram mais atrações culturais. Ao nível de outras características da visita só se encontraram diferenças entre os três segmentos de inquiridos em termos do uso do carro como transporte e das despesas realizadas no Concelho, como já mencionado. Os resultados do estudo sugerem, portanto, que os constrangimentos sentidos pelos visitantes inquiridos no estudo tendem a inibir, de facto, as visitas às atrações culturais, não demonstrando os inquiridos capacidade de negociar estes constrangimentos. Além disso, os resultados revelam que a intensidade dos constrangimentos tende a afetar negativamente as despesas realizadas pelos visitantes, sendo importante procurar reduzir os constrangimentos para fomentar que os visitantes gerem mais receitas nos destinos turísticos.

Por fim, ao nível das sugestões não são reveladas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos identificados, verificando-se que existe um consenso geral entre todos os grupos de que se deviam desenvolver esforços, sobretudo no sentido de aumentar o número de visitas guiadas às atrações culturais do Concelho, bem como nos vários caminhos e roteiros disponíveis no concelho de Ribeira de Pena.

7.2. Recomendações

No sentido de fomentar as visitas às atrações culturais do concelho de Ribeira de Pena e, ao mesmo tempo, satisfazer as necessidades dos potenciais visitantes, bem como a dos já existentes, de forma a atrair um maior número de visitantes e assegurar a sua satisfação, recomendam-se que sejam adotadas algumas estratégias de gestão e planeamento nestas atrações.

Considerando a existência de três segmentos de visitantes com diferentes constrangimentos, e as características específicas de cada um desses segmentos, seria particularmente importante os responsáveis pelo desenvolvimento turístico do Concelho e pela gestão das suas atrações culturais tentarem manter e cativar mais visitantes “Menos constrangidos”, uma vez que são estes visitantes que tenderão a visitar mais atrações culturais, que poderão ficar mais satisfeitos por terem tido uma visita enriquecedora a Ribeira de Pena e que, simultaneamente, vão contribuir mais para uma dinamização socioeconómica do Concelho por efetuarem mais despesas nessa área geográfica. Neste sentido, uma medida importante seria procurar compreender o melhor possível o visitante das atrações culturais de Ribeira de Pena e aquilo que o visitante realmente espera aquando da visita às atrações culturais. Neste contexto recomenda-se a obtenção de um constante *feedback* por parte destes visitantes, não só através dos já existentes comentários e louvores, mas também através do preenchimento de um pequeno questionário através do qual se procurem identificar os principais aspetos positivos e negativos das atrações, de forma a ter uma perceção das falhas em termos de qualidade e prestação de serviço. Uma alternativa seria criar um link no *website* do município para que os visitantes possam constantemente expressar a sua opinião relativamente às atrações culturais. Para melhorar o atendimento nestas atrações, sugere-se a constante formação dos colaboradores, de forma a adaptarem-se às novas tendências do setor e novas tecnologias, a obterem uma maior compreensão do conteúdo e importância das várias atrações, bem como a deterem mais conhecimentos e competências a respeito de como devem promover o contacto direto com os visitantes das atrações culturais e resolver problemas de forma a não colocar em causa a qualidade do serviço. A formação dos colaboradores foi também um dos aspetos referidos pelos inquiridos como sugestão de melhoria.

Para minimizar alguns potenciais problemas associados à visita às atrações culturais é necessário desenvolver também esforços para colmatar algumas lacunas de serviço: a lacuna

do cliente (diferença entre as expectativas e percepções do cliente) e, para esta ser colmatada, é preciso colmatar outras quatro potenciais lacunas – (i) lacuna da compreensão do cliente, (ii) lacuna do projeto e padrões de serviço em termos do serviço, (iii) lacuna do desempenho de serviço e a (iv) lacuna da comunicação (Zeithaml et al., 2014).

Sugere-se ainda, para aumentar as hipóteses de visita às atrações, o eventual alargamento do horário das visitas às atrações culturais por mais uma hora (18h-19h) durante os dias úteis, mas, principalmente, a abertura aos feriados e domingos (considerando que, atualmente, as atrações encontram-se abertas de terça a sábado). Contudo, para que tal aconteça existe a necessidade de recrutar alguém que ajude os restantes colaboradores de algumas das atrações a assegurar esse mesmo serviço, uma vez que muitas destas atrações detêm somente um colaborador diário.

No caso das atrações culturais do concelho de Ribeira de Pena devem ser desenvolvidas atividades, eventos e programas (esporádicos ou não) nos picos de menor procura, que são todos os meses do ano, exeto os meses de verão (junho, julho e agosto).

No sentido de dar a conhecer ao visitante o seu papel e responsabilidades aquando da visita às atrações culturais seria importante a implementação de um código de conduta, de modo a regular o seu comportamento, proteger, conservar e preservar todas as atrações. Este código permitiria não só aumentar a consciência dos residentes e dos visitantes relativamente à necessidade de adotar um comportamento adequado, como também encorajar a cooperação da comunidade de residentes e criar consciência relativamente à necessidade de haver uma gestão das atrações de forma sustentável.

Para que seja possível a identificação e incremento de medidas e projetos que encorajem uma relação harmónica entre os visitantes, o lugar e a comunidade recetora é extramente necessária a criação de um plano de gestão de visitantes (Caldeira, 2006). Este plano consiste num processo concreto de investigação, auscultação, estabelecimento de objetivos, medidas a serem tomadas, realização, monitorização e revisão. As medidas devem passar por estabelecer um plano de Marketing (surgimento de novas estratégias de marketing para assegurar o fornecimento de serviços, criação de novas atrações e divulgação das suas melhorias), desenvolver estratégias de interpretação e sinalética (melhorar a sinalização e divulgação das atrações culturais ao longo do Concelho e fora dele) e desenvolvimento de políticas de transportes e de gestão de tráfego (melhorar o sistema de transportes, colocar meios (autocarros) à disposição dos visitantes para as diversas atrações culturais). Devem

ser ainda desenvolvidos serviços de apoio aos visitantes tais como guias, centros de informação turística, serviços públicos (caixotes do lixo), bem como existirem intervenções ambientais e ao nível da conservação e ações dirigidas aos pontos críticos (oportunidade de visitar outras atrações culturais e outros equipamentos artísticos e recreativos para os visitantes de todas as atrações culturais) (Grant, 1994).

Também no sentido de garantir a boa qualidade de prestação de serviços das atrações culturais do concelho de Ribeira de Pena, recomenda-se ainda a criação e implementação de um plano de gestão de qualidade que permita o desenvolvimento de novos produtos e processos de acordo com os requisitos dos visitantes. Entre várias outras funcionalidades, este plano permitiria definir políticas e objetivos de qualidade, a identificação de processos e suas inter-relações (ex. melhor entendimento sobre o funcionamento das atrações culturais no sentido de definir responsabilidades e eliminar atividades repetidas), sistematizar processos (clarificar responsabilidades e sequência de atividades culturais, modo de execução e forma de medir os resultados desses processos), identificar e disponibilizar os recursos necessários (equipamentos, instalações e recursos humanos), executar os serviços conforme o especificado (produção controlada), medir, analisar e monitorizar os resultados (gestão com base na informação levando a grandes melhorias) e permitir uma melhoria contínua do sistema (Crato, 2010).

Outro aspeto importante, dado o elevado número de visitantes “Mais constrangidos” e dos “Pouco interessados” seria procurar responder a algumas das necessidades específicas dos inquiridos do estudo empírico realizado, designadamente as que possibilitassem aumentar a atratividade das atrações tanto para os inquiridos como para os seus amigos e familiares, de modo a diminuir grandes constrangimentos intrapessoais e interpessoais sentidos por muitos inquiridos. Considera-se que, neste sentido, devem existir melhorias em termos de planeamento de atividades, eventos e programas para que ocorram melhorias na agenda cultural do Concelho. De acordo com as necessidades evidenciadas pelos inquiridos propõe-se e destacam-se as seguintes medidas:

- Organização de mais visitas guiadas às atrações, roteiros e circuito culturais;
- Mais concertos e espetáculos musicais que promovam a cultura musical do Concelho e que cativem os jovens;
- Seminários de diferentes áreas temáticas de cariz cultural (ex. costumes, história e tradições do concelho), bem como em diferentes áreas temáticas (ex. psicologia);

- Palestras e *workshops* para os visitantes e residentes no sentido de valorizar a riqueza cultural e histórica do concelho de Ribeira de Pena;
- Atividades sobre a importância de conservação a todos os níveis;
- Debates sobre evolução, história e cultura de Ribeira de Pena que permitam uma maior interação entre as pessoas (visitantes e residentes), uma forte intervenção dos visitantes e, sobretudo, a participação e despertar do interesse das crianças pela cultura e história;
- Desenvolvimento de atividades e formas de despertar o interesse das crianças pelo conteúdo presente nas atrações e atividades que permitam um envolvimento familiar;
- Mais atividades de artes (artes marciais, dança individual ou coletiva, zumba, teatros sobre a história do concelho);
- Organização de festas (sobre diferentes culturas, literárias e musicais);
- Feiras de divulgação;
- Desenvolvimento de atividades tradicionais;
- Incentivar as associações culturais a organizar mais eventos e atividades culturais (além do Carnaval).

A existência de uma maior dinâmica ao nível das atrações culturais, poderá não só trazer benefícios para “Os mais constrangidos” e para os “Pouco interessados”, mas também para “Os menos constrangidos”, que poderão ficar mais satisfeitos por terem acesso a uma maior quantidade e variedade de atividades culturais. Considerando que a maior parte das atividades atualmente dinamizadas se concentram sobretudo nos períodos em que existe já maior procura, seria relevante desenvolverem-se alguns projetos e atividades mais inovadores que decorram também noutros períodos, no sentido de fomentar as visitas também em alguns períodos de menor procura.

Considerando também o facto de um dos maiores constrangimentos dos inquiridos para visitar atrações culturais em Ribeira de Pena ser a falta de informação ou conhecimento sobre estas, os responsáveis pela gestão destas atrações deviam também refletir sobre as estratégias de divulgação e promoção destas atrações.

7.3. Limitações e sugestões de pesquisa futuras

Ao longo da realização desta dissertação existiram algumas limitações a nível metodológico, geográfico e financeiro.

Em termos geográficos, o estudo empírico cingiu-se somente aos visitantes do concelho de Ribeira de Pena e às atrações culturais deste Concelho, não podendo ser incluídos os residentes do concelho, nem aqueles que tenham visitado o concelho há mais de dois anos (no caso do método de administração por questionário), o que dificultou a obtenção de resultados através do inquérito presencial.

O facto de ser um estudo específico do concelho de Ribeira de Pena e das suas atrações culturais, não permite extrapolar conclusões, com segurança, para outros concelhos e regiões, pois as atrações culturais de cada destino podem possuir algumas características e processos de desenvolvimento específicos.

Uma outra limitação foi a falta de colaboração dos visitantes de alguns locais onde foram administrados os questionários (Museu da Escola: Museu da cultura e Pena Aventura Park), por falta de interesse neste tipo de estudo, interesse em ajudar ou, também, por causa da dimensão do questionário, cujas questões eram imprescindíveis para a realização e cumprimento dos objetivos do estudo realizado.

Ao nível da análise, considerando o facto de o número de questionários preenchidos não ser muito elevado, foi impossível analisar se existia relação entre as motivações e os constrangimentos à visita às atrações culturais do Concelho. Este aspeto teria sido interessante, uma vez que as motivações têm influência na negociação e eventual resolução dos constrangimentos.

Em termos financeiros, a maior dificuldade foi a impressão de um elevado número de questionários ao meu encargo.

Relativamente a pesquisas futuras, recomenda-se ao município de Ribeira de Pena a atualização da análise SWOT relativamente ao Concelho e a realização de estudos de *Benchmarking* relativos ao desenvolvimento de atrações culturais a todos os níveis (ex. gestão, planeamento, atividades, eventos, programas, sistemas de conservação), no sentido de uma constante inovação e rejuvenescimento das atrações culturais em análise. Seria também interessante alargar a investigação realizada no estudo empírico desta dissertação, embora com algumas adaptações, no sentido de obter a opinião dos residentes relativamente às atrações culturais do Concelho. Sugere-se ainda a realização deste estudo em diferentes

concelhos e regiões de Portugal, e mesmo noutros países, para verificar se se encontram resultados semelhantes noutras áreas geográficas.

Referências

- Abayrak, T., Caber, M., & Crawford, D. (2007). Leisure Constraints and Pursuit of Adventure Activities in Turkey. *International Journal of Tourism and Hospitality Research*, 8(2), 243-254.
- Acevedo, A. (2018). A Personalistic Appraisal of Maslow's Needs Theory of Motivation: From "Humanistic" Psychology to Integral Humanism. *Bus Ethics*, 148, 741-763. doi:10.1007/s10551-015-2970.
- Airbnb (2018). *Descubra Casas na Airbnb: Ribeira de Pena*. Retrieved from 0Lo78aJ_lgsAM&redir_esc=y#v=onepage&q=cultural%20tourism&f=true.
- Alves, R. V. (2014). *Rede de Museus: Memória viva*. Ribeira de Pena. Câmara Municipal de Ribeira de Pena.
- Alves, R. V., & Lourenço, F. (2014). *Foral de Cerva 500 anos: Edição comemorativa do 5º centenário do foral*. Ribeira de Pena. Câmara Municipal de Ribeira de Pena, Junta de Freguesia de Cerva e Limões.
- Assembleia da República (2016). *Constituição da República Portuguesa (CRP) [versão actualizada, com índice (até à Lei n.º 1/2005, de 12 de Agosto)]* PDF. Retrieved from [https://dre.pt/applConstituição da República Portuguesa \(CRP\) \[versão actualizada, com índice \(até à Lei n.º 1/2005, de 12 de Agosto\)\]](https://dre.pt/applConstituição da República Portuguesa (CRP) [versão actualizada, com índice (até à Lei n.º 1/2005, de 12 de Agosto)]).
- Ayad, T., & Shujun, Y. (2013). Local People toward Economic and Environmental Impacts of Tourism in Siwa Oasis. *Life Science Journal*, 10(1), 20874-2883.
- Bailey, S. F., Foley, P., McPherson, M., Margaret, G. (1997). Charging for admission to museums and galleries: arguments and evidence. *Museum Management and Curatorship* 16(4), 355-369.
- Booking (2018). *Alojamento: Ribeira de Pena*. Retrieved from <https://www.booking.com>.
- Božić, S., Jovanović, T., Tomić, N., & Vasiljević, D. A. (2017). An analytical scale for domestic tourism motivation and constraints at multi-attraction destination: the case study of Serbia's Lower and Middle Danube region. *Tourism Management Perspectives*, 23, 97-111.
- Bywater, M. (1993), The Market for Cultural Tourism in Europe. *Travel and Tourism Analyst*, 6, 30-46.
- Caber, M., & Albayrak, T. (2016). Push or Pull? Identifying Rock Climbing tourist's motivations. *Tourism Management*, 55, 74-84.

- Caldeira, A. B. (2006). *Atrações e Gestão de visitantes: Uma abordagem de competitividade aplicada ao caso Português*. Tese de mestrado, Universidade de Aveiro. Retrieved from <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/1518/1/2007001390.pdf>.
- Câmara Municipal de Ribeira de Pena (2014). *Município de Ribeira de Pena: Ecomuseu Ribeira de Pena*. Retrieved from <http://www.ecomuseu-rpena.pt/visitas/>.
- Câmara Municipal de Ribeira de Pena (2014). *Ribeira de Pena// Convida Naturalmente: Rede Social: Plano de Desenvolvimento Social*. Retrieved from http://www.cm-rpena.pt/documentos/social/PDS_.pdf.
- Canelas, L. (2017). Política Cultural: Novo instituto para gerir museus e monumentos não é para esta legislatura. *Público*. Retrieved from <https://www.publico.pt/2017/11/09/culturaipsilon/noticia/novo-instituto-para-gerir-museus-e-monumentos-nao-e-para-esta-legislatura-1791868>
- Chen, P., Hua, N., & Wang, Y. (2013). Mediating Perceived Travel: The Role of Destination Image. *Journal of Travel & Tourism Marketing*, 30(3), 201-221.
- Cho, M., Bonn, M. A., & Brymer, R.A. (2014). Constraint-based approach to wine Tourism Market Segmentation. *Journal of Hospitality & Tourism Research*, 41(4), 415-444.
- Crato, C. (2010). *Qualidade: Condição de Competitividade*. Porto: SPI-Sociedade Portuguesa de Inovação.
- Crawford, D. W., & Godbey, G. (1987). Reconceptualizing barriers to family leisure. *Leisure Sciences*, 9(4), 309-320.
- Crawford, D. W., Jackson, E. L., & Godbey, G. (1991). A hierarchical model of leisure constraints. *Leisure Sciences*, 13(4).
- Crompton, J. L., & McKay, S. L. (1997). Motives of visitors attending festival events. *Annals of Tourism Research*, 24(2), 425-439.
- Cruz, M. C., & Magalhães, J. E. (1995). *Ribeira de Pena-Monografia do Concelho. As Fontes de Riqueza*. Câmara Municipal de Ribeira de Pena.
- Cunha, L. (2013). *Economia e Políticas do Turismo*. Lisboa, Portugal: LIDEL-Edições Técnicas Lda.
- Cunha, L., & Abrantes (2013). *Introdução ao Turismo*. Lisboa, Portugal: LIDEL-Edições Técnicas Lda.
- Davies, A., & Prentice, R. (1995). Conceptualizing the latent visitor to heritage attractions. *Tourism Management*, 16(7), 491-500.

- Delgado, M. F. (2008). *Constrangimentos às visitas aos centros de ciência: o caso do Pavilhão do Conhecimento*. Tese de mestrado, Universidade de Aveiro. Retrieved from <http://hdl.handle.net/10773/1623>.
- Direção- Geral do património Cultural (2018 a). *Estatísticas. Ano de 2017. Monumentos e Museus DGPC*[PDF]. Retrieved from http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/museus_e_monumentos/estatisticas1/ev2017.pdf
- Direção–Geral do património Cultural (2018b). *Bem-vindo ao Website da Direção-Geral do Património*. Retrieved from <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/quem-somos/>
- Direção- Geral do Património Cultural (2018c). *Património Imóvel: Pesquisa de Património classificado ou em vias de classificação*. Retrieved from <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/result/?name=&situation=&catprot=&invtema=&type=&concelho=2683&records=10>
- Diário de Notícias (2017). *Ministro anuncia criação de um Instituto dos Museus e monumentos*. Retrieved from <https://www.dn.pt/artes/interior/ministro-anuncia-criacao-de-um-instituto-dos-museus-e-monumentos-8900358.html>
- Drule, A. M., Băcilă, M. F., Ciornea, R., & Chiș, A. (2015). Segmenting visitors encountered at sacred sites based on travelling motivations and constraints. *Current Science*, 109(2), 2-25.
- Duhme, L. (2012). *Cultural tourism: Case study Portugal*. Hamburgo: Diplomatica
- Francken, D. A., & Raiij, M. F. (1981). Satisfaction with leisure time activities. *Journal of Leisure Research*, 13, 119-133.
- Fredman, P., & Heberlein, T. A. (2005). Visits to the Swedish Mountains: *Constraints and Motivations*. *Scandinavian Journal of Hospitality and Tourism*, 5(3), 177-192.
- Fundação Francisco Manuel dos Santos (2018). *Direitos e Deveres dos cidadãos: Perguntas e Respostas para uma Cidadania ativa e Responsável*. Retrieved from <https://www.direitosedeveres.pt/q/cultura-ambiente-e-desporto/historia-e-patrimonio/em-que-consiste-a-proteccao-do-patrimonio-cultural-que-entidades-sao-responsaveis-por-essa-proteccao>.

- Gedecho, E. K. (2013). Tourism potential and constraints: considering the natural and cultural attractions of South Omo, Ethiopia. *African Journal of Hospitality, Tourism and Leisure*, 6(1), 1-23.
- Getz, D. (2008). Event Tourism: Definition, Evolution and Research: Progress in Tourism Management. *Tourism Management*, 29, 403-428.
- Ghimire, R., Green, G. T., Poudyal, N. C., & Cordell, H. K. (2014). An Analysis of Perceived Constraints to Outdoor Recreation. *Journal of Park and Recreation Administration*, 32(4), 52-67.
- Gomes, T.C. (2017). O perfil as motivações turísticas: os turistas do concelho de Baião. Tese de mestrado. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Retrieved from https://sigarra.up.pt/flup/pt/teses.tese?p_aluno_id=110380&p_processo=22301&p_lang=0
- Grant, M. (1994). *Visitor Management, Insights*. Vol. Setembro, A-41-A46, ETB, Londres.
- Homestay (2018). *Book beaches houses, Cabins, Condos and more, worldwide*. Retrieved from <https://www.homeaway.com/>
- Hood, M. G. (1983). Staying away: Why people choose not to visit museums. *Museum News*, 61(4), 50-57.
- Hood, M. G. (1993). After 70 years of audience research, what have we learned? *Hood Association*, 16-27.
- Hudson, S., Hinch, T., Walker, G., & Simpson, B. (2010). Constraints to Sport Tourism: A Cross-Cultural Analysis. *Journal of Sport & Tourism*, 15(1), 71-88.
- ICCROM (2018). What is ICCROM. Retrieved from <https://www.iccrom.org/about/overview/what-iccrom>
- ICOMOS (2018). *O que é o ICOMOS: preservar e valorizar*. Retrieved from <http://www.icomos.pt/index.php/o-que-e-o-icomos/Dmissao>.
- INE (2017). *Estatísticas do Turismo*. Retrieved from https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=320462327&PUBLICACOESmodo=2
- INE (2018). *Portal do Instituto Nacional de Estatística: População Residente total. Censos 2011*. Portal do Instituto Nacional de Estatística. Retrieved from <http://mapas.ine.pt/map.phtml>

- INE (2017). *Anuário Estatístico da Região Norte 2016*. Instituto Nacional de Estatística, I.P. Retrieved from www.ine.pt/ngt_server/attachfileu.jsp?look_parentBoui...att...download
- Iso-Ahola, E. (1982). Towards a social psychology theory of tourism motivation: A rejoinder. *Annals of Tourism Research*, 9(2), 256-262.
- Jackson, E. L. (1988). Leisure constraints: a survey of past research. *Leisure Sciences*, 10(3), 203-215.
- Jackson, E. L. (2000). Will research on leisure constraints still be relevant in the twenty-first century? *Journal of Leisure Research*, 32(1), 62-68.
- Jackson, E. L., & Scott, D. (1999). Constraints to leisure. *Journal of Leisure Studies Prospects for the Twenty-First Century*, 299-321.
- Jeon, M. M., Kang, M., & Desmarais, E. (2016). Residents' Perceived Quality Of Life in Cultural- Hereditage Tourism Destination. *Research Quality Life*, 11, 105-123.
- Jimura, T. (2011). The impact of World heritage Site designation on local communities: A case study of Ogimachi, Shirakawa-mura, Japan. *Tourism Management*, 32, 288- 296.
- Julião, C. S. (2013). Cidade, Cultura e Turismo. O Impacto Turístico em Guimarães: Capital Europeia da Cultura 2012. Tese de mestrado, Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril.
- Jun, J., & Kyle, G. T. (2011). Understanding the Role of Identity in the Constraint Negotiation Process. *Leisure Sciences*, 33(4), 309-331.
- Jun, J., Kyle, G., & O'Leary, J. T. (2006). Perceived Constraints to Art Museum Attendance. *Northeastern Recreation Research Symposium*, 459-466.
- Kay, P. L., & Wong, E. (2008). Marketing cultural attractions: understanding non-attendance and visitation barriers. *Marketing Intelligence & Planning*, 27(6), 833-854.
- Khan, M. J., Chelliah, S., & Ahmed, S. (2017). Factors influencing destination image and visit intention among young women travellers: role of travel motivation, perceived risks, and travel constraints. *Asia Pacific Journal of Tourism Research*, 22(11), 1139-1155.
- Kim, S. S., Lee, C., & Klenosky, D. B. (2003). The influence of push and pull factors at Korean national Parks. *Tourism Management*, 24, 169-180.
- Kozak, M. (2002). Comparative analyses of tourist motivations by nationality and destinations. *Tourism Management*, 23, 221-232.

- Kreag, G. (2001). The impacts of Tourism. Sea Grant Minnesota. Retrieved from <http://www.seagrant.umn.edu/tourism/pdfs/ImpactsTourism.pdf>
- Kyle, G. T., & Mowen, A. J. (2003). An Examination of the relationship between leisure constraints, involvement and commitment. *Northeastern Recreation Research Symposium*, 328- 337.
- Lawton, L., & Daniels, M. (2009). Resident Non-Visitation to a National Museum Site: The Steven F. Udvar-Hazy Center. *Visitor Studies*, 12(1), 16-29. doi:10.1080/10645570902769092.
- Lepp, A., Gibson, H., & Lane, C. The Effect of Uganda's official Tourism website on travel Motivation and Constraints. *Journal of Travel & Tourism Marketing*, 31, 712-730.
- Liu, Y. (2014). Cultural Events and Cultural Tourism Development: Lessons from the European Capitals of Culture. *European Planning Studies*, 22(3), 498-514.
- Madeira, N. (2010). Marketing e comercialização de produtos turísticos. Retrieved from http://web.spi.pt/turismo/Manuais/Manual_IV.pdf.
- Marques, V. C. (2011). Turismo Cultural em Guimarães: O perfil e as motivações do visitante. Tese de mestrado, Universidade do Minho. Retrieved from <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/18041/1/Tese%20-%20Vitor%20Marques%20-%202011.pdf>
- Marujo, N. (2014). A Cultura, o Turismo e o Turista: Que relação? *Revista de Investigación en Turismo y Desarrollo Local*, 7(16), 1-12.
- Marujo, N. (2015). O Contributo do Turismo de eventos para o desenvolvimento turístico de uma região. *Revista DELOS*, 8(23), 1-12.
- McKercher, B. & du Cros, H. (2002). *Cultural Tourism - The Partnership Between Tourism and Cultural Heritage Management* (1^a ed). Binghamton: The Haworth Hospitality Press.
- McKercher, B. (2002). Towards a Classification of Cultural Tourists. *International Journal of Tourism Research*, 7(16), 29-38.
- McKercher, B., & Du Cros, H. (2003). Testing a cultural tourism typology. *International Journal of Tourism Research*, 5, 45-58.
- McInton, R. W., Goeldner, C. R., & Ritchie, J. B. (1995). *Tourism Principles, Practices, Philosophies*. Canada: John Wiley & Sons, Inc.

- McShea, K. B. (2007). *Critical Success Factors for Cultural Heritage Tourism Operations*. Tese de mestrado, Universidade da Georgia). Retrieved from https://getd.libs.uga.edu/pdfs/mcshea_kaitlin_b_201008_mhp.pdf
- Mill, R. C., & Morrison, A. M. (2002). *The Tourism System*. Estados Unidos da América: Kendall/ Hunt Publishing Company.
- Moser, C. A., & Kalton, G. (2001). *Survey Methods in Social Investigation*. Aldershot: Ashgate.
- Mowen, A. J., Payne, L. L., & Scott, D. (2005). Change and Stability in Park Visitation Constraints Revisited. *Leisure Sciences*, 27(2), 191-204.
- Município de Ribeira de Pena (2014). *Agenda de Eventos. Ribeira de Pena// Convida Naturalmente*. Retrieved from <http://www.cm-rpena.pt/agenda/>.
- Município de Ribeira de Pena (2014). *Ribeira de Pena// Convida Naturalmente*. Retrieved from <http://www.cm-rpena.pt/>
- Município de Ribeira de Pena (2014). *Turismo: Alojamento. Ribeira de Pena// Convida Naturalmente*. Retrieved from <http://www.cm-rpena.pt/turismo/?id=8>.
- Município de Ribeira de Pena (2014). *Turismo: Restauração. Ribeira de Pena// Convida Naturalmente*. Retrieved from <http://www.cm-rpena.pt/turismo/?id=7>.
- Município de Ribeira de Pena (2014). *Cultura Ribeira de Pena// Convida Naturalmente*. Retrieved from <http://www.cm-rpena.pt/cultura/?id=8>.
- Município de Ribeira de Pena (2014). *Gastronomia. Ribeira de Pena// Convida Naturalmente*. Retrieved from <http://www.cm-rpena.pt/turismo/?id=2>.
- Município de Ribeira de Pena (2014). *NatourTracks. Ribeira de Pena// Convida Naturalmente*. Retrieved from <http://www.cm-rpena.pt/turismo/?id=9>.
- Município de Ribeira de Pena (2014). *Roteiros. Ribeira de Pena// Convida Naturalmente*. Retrieved from <http://www.cm-rpena.pt/turismo/?id=3>.
- Município de Ribeira de Pena (2018). *Estatísticas de visitantes ano 2017* (cedida pessoalmente pela Câmara Municipal).
- Munsters, W. (2004). *Culture X Tourism: merely and marriage of convenience?* Retrieved from <http://www.tram-research.com/atlas/Munsters.InauguralSpeech.pdf>
- NatourTracks (2017). *Atividades. Tours 4x4*. Retrieved from http://www.natourtracks.pt/atividades.php?cat=tours_4x4

- NatourTracks (2017). *Atividades. Wine Tours*. Retrieved from http://www.natourtracks.pt/atividades.php?cat=wine_tours
- NatourTracks (2017). *Atividades. Caminhadas*. Retrieved from <http://www.natourtracks.pt/atividades.php?cat=caminhadas>
- Newman, D., Sung, Y., Lai, H., & Shu, W. (2014). The Study of Clustering of Taiwanese Tourist Motivation Hong Kong. *Hospitality Review*, 31(3),4-33. Retrieved from <http://digitalcommons.fiu.edu/hospitalityreview/vol31/iss3/1/>
- Notícias de Vila Real (2018). *Abertura da Academia das Artes de Ribeira de Pena*. Retrieved from <https://www.noticiasdevilareal.com/abertura-da-academia-das-artes-de-ribeira-de-pena/>
- Okech, R. N. (2010). Socio-Cultural Impacts of Tourism on world Heritages Sites: Communities'. Prespective of Lamu (Kenya) and Zanzibar Islands. *Asian Pacific Journal of Tourism Research*, 15(3), 339-351. doi: 10.1080/10941665.2010.503624.
- Oliveira, M. R. (2009). *Os impactos dos Eventos turísticos: O caso da Viagem Medieval em Santa Maria da Feira*. Tese de mestrado, Universidade Fernando Pessoa. Retrieved from <http://hdl.handle.net/10284/1581>.
- Oliveira, R. A. (2013). Empreendedorismo e Inovação no Turismo. *A Herança Magna™ como atração cultural*. Tese de mestrado, Universidade de Coimbra. Retrieved from <http://hdl.handle.net/10316/36103>.
- Packer, J., & Ballantyne, R. (2002). Motivational factors and the visitor experience: A comparison of three site. *Curator*, 45(3), 183-198.
- Parker, G. (2007). The Negotiation of Leisure Citizenship: Leisure Constraints, Moral Regulation and the Mediation of Rural Place. *Leisure Sciences*, 26(1), 1-22.
- Pena Aventura Park (2018). *4x4 Wine Tour*. Retrieved from <http://park.penaaventura.com.pt>.
- Pena Aventura Park (2018). *Atividades*. Retrieved from <http://www.penaaventura.com.pt/>.
- Pèrez, X. C. (2009). Turismo Cultural: Uma visão antropológica. *Pasos. Revista do Turismo Y Património Cultural*. Retrieved from <http://www.pasosonline.org/Publicados/pasosoedita/PSEdita2.pdf>
- Pestana, H., & Gageiro, J. N. (1998). *Análise de dados para Ciências Sociais: A complementaridade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.

- PORDATA (2018). *Desempregados inscritos nos centros de emprego e de formação profissional no total da população residente com 15 a 64 anos 2017*. Retrieved from <https://www.pordata.pt/DB/Municipios/Ambiente+de+Consulta/Tabela>.
- PORDATA (2018). *População ativa, dos 15 aos 64 anos: total e por nível de escolaridade completo mais elevado*. Retrieved from <https://www.pordata.pt/Europa/Popula%C3%A7%C3%A3o+ativa++dos+15+aos+64+anos+total+e+por+n%C3%ADvel+de+escolaridade+completo+mais+elevado-1592>
- PORDATA (2018). *População residente analfabeta com 10 e mais anos segundo os censos: total e por sexo Censos 2011*. Retrieved from <https://www.pordata.pt/DB/Municipios/Ambiente+de+Consulta/Tabela>
- PORDATA (2018). *Taxa de desemprego (2017)*. Retrieved from <https://www.pordata.pt/DB/Europa/Ambiente+de+Consulta/Tabela>
- PORDATA (2018). *Taxa de emprego: total e por sexo (2017)*. Retrieved from <https://www.pordata.pt/Europa/Taxa+de+emprego+total+e+por+sexo-1758>
- Porto Canal (2017). *Ribeira de Pena homenageia padroeira do concelho com majestosa procissão*. Retrieved from http://portocanal.sapo.pt/um_video/yqBzHyM13wYsd25OZ8dl/
- Prentice, R., Davies, A., & Beeho, A. (1997). Seeking Generic Motivations for Visiting and Not Visiting Museums and Like Cultural Attractions. *Museum Management and Curatorship*, 16(1), 47-70.
- Prentice, R., Davies, A., & Beeho, A. (1997). Seeking generic motivations for visiting and not visiting museums and like cultural attractions. *Museum Management and Curatorship*, 16(1), 45-70.
- Remoaldo, P. C., Vareiro, L., & Santos, J. F. (2014). Tourist's Perceptions of World Heritage destination: the case of Guimarães [Portugal]. *Tourism Hospitality Research*, 14(4), 206-218.
- Ribeiro, A., Pereira, C., Nunes, C., & Rei, E. (2012). *Roteiro da Biodiversidade e Paisagem no Concelho de Ribeira de Pena*. Ribeira de Pena. Câmara Municipal de Ribeira de Pena.
- Richards, G. (2009). *Turismo Cultural: Padrões e implicações*. Baía: Centro de Tradução, Universidade Estadual de Santa Cruz, Bahia.

- Rita, P., & Antunes, J. (2014). A importância do marketing no desenvolvimento de destinos e produtos turísticos. In Costa, C; Brandão, F.; Costa, R.; Zélia, B. (Eds) *Turismo nos Países Lusófonos: Conhecimento, Estratégia e Territórios*, 1 , pp. 187-204. Escolar Editora, Lisboa.
- Ritchie, J. R., & Crouch, G. L. (2010). A modelo of destination competitiveness/ sustainability: Brazilian Perspectives. *Revista de Administração Pública*, 44(5), 1049-1066.
- Ritchie, J. R. B., & Crouch, G. L. (2013). *The Competitive Destination: A Sustainable Tourism Perspective*. Cambridge, M. A.: CABI Publishing.
- Ruschmann, D. (2008). *Turismo e Planeamento Sustentável: A proteção do meio ambiente*. Retrieved from <https://www.livrebooks.com.br/livros/turismo-e-planeamento-sustentavel-doris-van-de-meene-ruschmann-kvk5ujzbzdic/baixar-ebook>.
- Ryan, C., Chaozhi, Z., & Zeng, D. (2011). The impacts of Tourism at UNESCO heritage site in China- a need for a meta- narrative? The case of The Kaiping Diaolou. *Journal of Sustainable Tourism*, 19(6), 747-765.
- Samdhl, D. M., & Jekubovich, N. J. (1997). A Critique of Leisure Constraints: Comparative Analyses and Understanding. *Journal of Leisure Research*, 29(4), 430-452.
- Searle, M. S., & Jackson, E. L. (1985b). Recreation non-participation and barriers to participation: considerations for the management of recreation delivery system. *Journal of Park and Recreation Administration*, 3, 23-25.
- Tan, W. (2017). Repeat Visitation: A study from the perspective of leisure constraint, tourist experience, destination images, and experiential familiarity. *Journal of Destination Marketing & Management*, 6, 233-242.
- Thapa, B. (2012). Why did they not visit? Examining structural constraints to visit Kafue National Park, Zambia. *Journal of Ecotourism*, 11(1), 74-83.
- Tian, S., Crompton, J. L., & Witt, P. A. (1996). Integrating Constraints and Benefits to Identify Responsive Target Markets for Museum Attractions. *Journal of Travel Research*, (11), 233-242.
- Timothy, J. D., & Boyd, W. S. (2003). *Heritage Tourism*. USA: Prentice Hall.
- Trivago (2018). *Encontre o seu hotel ideal e compare os preços de vários websites*. Retrieved from <https://www.trivago.pt>

- UNESCO (2018). *About us: UNESCO in brief*. Retrieved from <https://en.unesco.org/about-us/introducing-unescourism&hl=pt-PT&sa=X&ei=QDrSVN->
- Varão, C., Batista, C., & Martinho, V. (2006). *Métodos de amostragem: Metodologias de Investigação I*. Lisboa. Departamento de Educação. Faculdade de ciências sociais da Universidade de Lisboa. Retrieved from <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/ichagas/mi2/MetodosAmostragemT2.pdf>
- Vareiro, L. (2008). *Turismo como estratégia integradora dos Recursos locais: o caso da NUT III-Minho- Lima*. Tese de doutoramento, Universidade do Minho.
- Wong, P. K., & Polonsky, M. J. (2009). Marketing Cultural attractions: Understanding non-attendance and visitation barriers. *Marketing Intelligence & Planning*, 27(9), 833-854.
- WTO (2001). *Apuntes de Metodologia de la Investigación en Turismo*. Madrid: OMT.
- Yang, X., Reeh, T., & Kreisel, W. (2011). Cross-Cultural Perspectives on Promoting Festival Tourism: An Examination of Motives and Perceptions of Chinese Visitors Attending the Oktoberfest in Munich (Germany). *Journal of China Tourism Research*, 7, 377-395.
- Zeithaml, V. A., Bitner, M. J., & Gremler, D. D. (2014). *Marketing de Serviços: A empresa como foco no cliente*. New York: The McGraw-Hill Education, LLC.
- Zheng, C., Zhang, J., Zhang, H., & Quian, L. (2017). Exploring sub-dimensions of intrapersonal constraints to visiting "Dark Tourism" sites: a comparison of participants and no-participants. *Asia Pacific Journal of Tourism Research*, 22(1), 21-33.

Apêndices

Apêndice 1: Relatório de estágio



**Universidade
de Aveiro**
Ano 2018

Departamento de Economia, Gestão,
Engenharia Industrial e Turismo

Relatório de estágio

Mestrado em Gestão e Planeamento em Turismo

Entidade de estágio: Pena Aventura Park

Título: Estágio na empresa Pena Aventura Park



Cátia Maria Teixeira de Sousa
Outubro de 2018

Índice

1.Introdução.....	1
2. Caracterização da entidade acolhedora (Pena Aventura Park).....	2
2.1.Introdução	2
2.2.Enquadramento Geográfico.....	3
2.3.Atividades desenvolvidas pelo Pena Aventura Park.....	3
2.3.1.Atividades realizadas em Meio aéreo.....	3
a) Fantasticable.....	3
b) Fantasticable Duplo	4
c) Salto Negativo.....	5
d) Slide	5
2.3.2. Atividades realizadas em Meio terrestre	6
a) Paintball.....	6
b) Percurso Aventura.....	6
b1) Percurso Aventura Infantil.....	7
b2) Percurso Aventura de dificuldade média	7
b3)Percurso Aventura de dificuldade elevada.....	7
c) Tiro ao alvo	8
d) Escalada	6
e) Alpine Coaster.....	8
f) Minigolfe	9
g) Percursos Pedestres	10
g1) PR1: Caminho do Abade	10
g2) PR2: Levada do Louredo	10
g3) PR3: Levada de Agunchos.....	10
h) Tour Polaris.....	10
2.3.3. Atividades realizadas em Meio Aquático.....	10

a) Stand Up Paddleboarding ou SUP	10
b) Rafting.....	11
c) Canoagem.....	11
d) Canyoning	12
e) Canoa Raft.....	12
f) Caminhada Aquática.....	13
2.4. Organização interna.....	14
2.4.1. Parcerias e colaborações externas	15
2.4.2. Princípios, Regulamentos e Normas do Pena Aventura Park ...	15
3. Reflexão Crítica acerca do Estágio no Pena Aventura Park.....	16
3.1. Introdução.....	16
3.2. Descrição das atividades desenvolvidas durante o estágio	17
3.2.1. Percurso Aventura Médio e difícil	17
3.2.2. Percurso Aventura Fox (Kids).....	17
3.2.3. Alpine Coaster.....	17
3.2.4. Slide.....	18
3.2.5. Crasy Carts	19
3.2.6. Tiro ao Alvo	20
3.2.7. Segway	21
3.2.8. Outras atividades	21
3.3. Dificuldades e Limitações sentidas	21
3.4. Contributos do estágio para a minha formação profissional	22
3.5. A articulação entre o mestrado de gestão e planeamento em turismo e a realização de atividades lúdicas e de aventura ligadas ao Turismo Natureza.....	23
4. Conclusões e sugestões	25
Referências	26
Anexos.....	28

Índice de Figuras

Figura 1: Fantasticable.....	4
Figura 2: Fantasticable Duplo.....	4
Figura 3: Salto Negativo.....	5
Figura 4:Slide.....	5
Figura 5: Paintball.....	6
Figura 6: Percurso Aventura.....	7
Figura 7: Tiro ao alvo.....	8
Figura 8: Escalada.....	8
Figura 9: Alpine Coaster.....	9
Figura 10: Minigolfe.....	9
Figura 11: Percursos Pedestres.....	10
Figura 12: Tour de Polaris.....	10
Figura 13: Stand Up Paddleboarding ou SUP.....	10
Figura 14: Rafting.....	11
Figura 15: Canoagem.....	12
Figura 16: Canyoning.....	12
Figura 17: Canoa Raft.....	13
Figura 18: Caminhada Aquática.....	13
Figura 19: Horário de funcionamento.....	14

1. Introdução

O presente relatório de estágio foi realizado no âmbito da unidade disciplinar Estágio/Projeto/Dissertação do segundo e último ano do Mestrado em Gestão e Planeamento em Turismo, pertencente à Universidade de Aveiro.

Dividido em duas componentes, a componente descritiva e crítica, este relatório procura, em termos descritivos, evidenciar a informação relativa ao estágio, nomeadamente em termos de duração, caracterização da entidade acolhedora e atividades por ela desenvolvidas. Este relatório procura demonstrar quais os benefícios que a realização deste estágio permitiu gerar, tanto para mim, estudante, como para a própria entidade de acolhimento, bem como os benefícios e contributos que este estágio teve para a dissertação desenvolvida no âmbito do Mestrado em Gestão e Planeamento em Turismo.

A realização deste relatório torna também possível estabelecer uma ampla relação entre o plano ou componente académica desenvolvida no mestrado, com a componente prática, o estágio num local turístico e o contacto direto com os clientes. Neste contexto, serão analisadas as competências que foram adquiridos ou melhorados com esta combinação.

Assim sendo, o relatório vai estar dividido em dois grandes capítulos. O primeiro capítulo é onde se encontra a caracterização da entidade acolhedora - o Pena Aventura Park - em termos geográficos, atividades desenvolvidas, organização, principais parcerias e colaborações externas, princípios, regulamento e normas do Pena Aventura Park.

O segundo capítulo trata-se de uma reflexão geral sobre o estágio no Pena Aventura Park, as atividades por mim desenvolvidas, dificuldades e limitações sentidas ao longo da sua realização e contributos do estágio para a minha formação profissional. A este nível analisa-se também a articulação entre o mestrado em Gestão e Planeamento em Turismo e as atividades desenvolvidas no próprio estágio.

2. Caracterização da entidade de acolhimento (Pena Aventura Park)

2.1. Introdução

Os objetivos da realização deste estágio curricular, em termos gerais, são a obtenção de um contacto direto com uma empresa do setor do turismo, a fim de aprofundar a minha formação prática numa atividade de índole turística e aplicação dos conhecimentos e competências teórico-práticas adquiridas no Mestrado em Gestão e Planeamento em Turismo. Os objetivos específicos são:

- A monitorização e gestão das atividades dos clientes a fim de garantir a sua satisfação;
- O contacto direto com os clientes para testar a capacidade de resolução de problemas e melhorar a qualidade de serviço da empresa.
- Promoção e dinamização das atividades intrínsecas da empresa onde se desenvolve o estágio curricular, indicando novas estratégias e sugestões para a melhoria da qualidade de serviços e equipamentos da empresa, nomeadamente melhorias em termos de inovação e surgimento de novos projetos e atividades.

O estágio curricular ocorreu num período de três meses, mais especificamente três meses e dez dias, tendo tido início no dia 5 de março e terminado no dia 15 de junho de 2018.

O contato e conversações surgiram inicialmente entre o meu orientador de estágio da Universidade de Aveiro (Rui Augusto da Costa), Professor Auxiliar e coordenador dos estágios curriculares do Mestrado em Gestão e Planeamento em Turismo da universidade de Aveiro e o Coordenador de atividades do Pena Aventura Park, Marco Pereira, que ficou incumbido de me orientar e acompanhar ao longo do estágio. O contacto foi ajustado através do meu próprio contacto direto com o coordenador de atividades do Pena Aventura Park, Marco Pereira, no sentido de pormenorizar os aspetos e procedimentos legais para garantir o estágio na empresa.

2.2. Enquadramento Geográfico

A empresa Pena Aventura Park localiza-se em Bustelo - Salvador, pertencente ao concelho de Ribeira de Pena, distrito de Vila Real.

Trata-se de um lugar composto por 16 hectares, situado junto ao parque Nacional do Alvão, constituído por locais de prática de atividades, restauração e alojamento (*bungalows* de montanha) (Pena Aventura Park, 2018).

O Pena Aventura Park é gerido por uma empresa privada ligada ao turismo de aventura, criada em 2007, e é definido como sendo “um parque de atividades lúdicas e de desporto de aventura” (Pena Aventura Park, 2018). De acordo com Alves (2013), através da entrevista dada pelo coordenador de atividades do Pena Aventura Park, Marco Pereira, o parque é descrito como um local que é propício para todas as idades, propondo atividades em campo aberto que proporcionam aos clientes uma sensação de liberdade e “pura adrenalina” (p. 58).

Este parque destaca-se por garantir ao cliente um elevado contacto com a natureza e biodiversidade, aproveitando a vantagem competitiva que a natureza lhe fornece (Alves, 2013:58).

2.3. Atividades desenvolvidas pelo Pena Aventura Park

2.3.1. Atividades realizadas em meio aéreo

a) Fantasticable

O Fantasticable é uma atividade realizada num cabo com 1538 metros, colocado a 150 metros de altura (considerado um dos maiores do mundo), que liga os lugares de Lamelas e Bustelo, onde as pessoas podem deslocar-se a uma velocidade máxima de 130 km/h.

Para a realização desta atividade é necessário preencher o requisito de pesar mais de 35 quilos e menos de 135 quilos.



Figura 1: Fantasticable

Fonte: Pena Aventura Park (2008)

No que respeita ao equipamento para a realização desta atividade, é necessária a utilização de um capacete e um arnês de Asa Delta, tratando-se de uma descida efetuada numa posição horizontal (Pena Aventura Park, 2018).

b) Fantasticable Duplo

Trata-se de uma descida no Fantasticable realizada por duas pessoas, onde as duas pessoas têm que ter uma diferença máxima de peso de 40 kg e em que o peso máximo dessas duas pessoas juntas é de 150 kg.



Figura 2: Fantasticable duplo

Fonte: Pena Aventura Park (2008)

c) Salto Negativo

O Salto Negativo é uma atividade onde os praticantes se encontram presos a dois cabos e são projetados no sentido vertical a 15 metros de altura, em 1 segundo, atingindo uma velocidade equivalente a 500 km/h, causando um aumento de adrenalina (Pena Aventura Park, 2018).



Figura 3: Salto Negativo

Fonte: Pena Aventura Park (2008)

d) Slide

O Slide é um desporto de aventura onde os praticantes deslizam por um cabo de aço com cerca de 100 metros de comprimento, utilizando como suporte a plataforma da parede de escalada (Pena Aventura Park, 2018).



Figura 4: Slide

Fonte: Pena Aventura Park (2008)

2.3.2. Atividades realizadas em meio terrestre

a) Paintball

A atividade de *Paintball* é um jogo onde duas equipas se confrontam, exigindo rápidas reações e pensamento estratégico por parte dos membros da equipa. Todos os participantes desta atividade adquirem um marcador de pressão (arma) que dispara bolas de tinta biodegradável, lavável e não tóxica que têm somente o objetivo de marcar o adversário atingido. Trata-se de uma atividade bastante segura, se for praticada respeitando toda as regras de segurança.

O Pena Aventura dispõe de dois cenários devidamente preparados para a realização de vários jogos (Pena Aventura Park, 2018).



Figura 5: Paintball

Fonte: Pena Aventura Park (2008)

b) Percurso Aventura

O Percurso Aventura é uma atividade que oferece ao praticante a possibilidade de percorrer um circuito de habilidades em altura em forma de ponte, integrando-se com a natureza em locais até aí não acessíveis (ao nível da copa das árvores) e incorporando inúmeras atividades ao longo do circuito.

O Pena Aventura dispõe, neste momento, de três percursos aventura: (i) Percurso Aventura Infantil; (ii) Percurso Aventura de dificuldade média; e (iii) Percurso Aventura de

dificuldade alta, com diferentes graus de dificuldade e, onde é possível, pôr à prova as capacidades e resistência dos praticantes.



Figura 6: Percurso Aventura

Fonte: Pena Aventura Park (2008)

b1) Percurso Aventura Infantil

O Percurso Aventura Infantil é formado por diferentes pontes suspensas entre árvores, uma mina artificial, um obstáculo de cordas que as crianças terão de transpor sem tocar e um slide que acrescentam ainda mais emoção a todo o percurso. As crianças deverão ter no mínimo 5 anos e no máximo 10 anos.

b2) Percurso Aventura de dificuldade média

O Percurso Aventura de dificuldade média é composto por diferentes pontes suspensas entre torres e árvores, com um *slide* inserido no percurso. O cliente deverá ter mais de 10 anos ou mais de 1,40 m.

b3) Percurso Aventura de dificuldade elevada

O Percurso Aventura de dificuldade alta é composto por alguns obstáculos que se encontram suspensos em pontes com o formato de arborismo que os praticantes terão de transpor. Diz respeito a um percurso bastante extenso e de grande exigência física e técnica, sendo extremamente necessário ter um pouco de equilíbrio e preparação física.

Em todos os percursos aventura acima referidos é recomendada a utilização de luvas de proteção, (embora estas não se encontrem incluídas no preço), um capacete e um arnês com dois mosquetões que têm que estar presos obrigatoriamente na corda de aço - “linha de vida” - situada ao longo do percurso. É recomendado aos clientes que efetuam um percurso

aventura pela primeira vez e que queiram fazer o percurso mais elevado, a realização do Percurso de dificuldade média, para garantir a sua segurança (Pena Aventura Park, 2018).

c) Tiro ao alvo

No tiro com arco utiliza-se um arco com flecha com o objetivo de acertar num alvo colocado à frente do praticante. Esta atividade é realizada de acordo com um “briefing” do monitor responsável (Pena Aventura Park, 2018).



Figura 7: Tiro ao alvo

Fonte: Pena Aventura Park (2008)

d) Escalada

A atividade de escalada tem como principal objetivo atingir o ponto mais alto de uma estrutura artificial ou plataforma de cerca de 10 metros, onde o cliente testa a sua resistência e controlo corporal nas quatro vias de escalada de diferentes graus de dificuldade (Pena Aventura Park, 2018).



Figura 8: Escalada

Fonte: Pena Aventura Park (2018)

e) Alpine Coaster

O *Alpine Coaster* é uma das mais recentes atividades do Pena Aventura Park, onde as pessoas andam num veículo semelhante a um “tobogã”, efetuando um percurso de cerca de 700 metros de curvas, contracurvas e *loopings* horizontais (Pena Aventura Park, 2018).



Figura 9: Alpine Coaster

Fonte: Pena Aventura Park (2018)

f) Minigolfe

Nesta atividade, os participantes testam a sua calma e concentração num campo com quatorze pistas bem enquadradas no espaço natural envolvente, tentando colocar a bola no respetivo buraco no menor número de jogadas possível (Pena Aventura Park, 2018).



Figura 10: Minigolfe

Fonte: Pena Aventura Park (2018)

g) Percursos Pedestres

Os Percursos Pedestres existem para dar a conhecer o património cultural do concelho de Ribeira de Pena, nomeadamente as suas tradições, costumes e crenças. Os percursos permitem também dar a conhecer aos visitantes os ambientes naturais e históricos, promovendo ao mesmo tempo a saúde, através da prática da atividade física (Pena Aventura Park, 2018).



Figura 11: Percursos pedestres

Fonte: Pena Aventura Park (2018)

g1) PR1: Caminho do Abade

O Caminho do Abade trata-se de um caminho, ao que tudo indica, percorrido pelo senhor “Abade” para celebrar as missas de domingo, com cerca de 6 km (5,5 km). Este percurso tem início na Igreja Matriz de Ribeira de Pena (Igreja do Salvador) e vai até à Igreja Paroquial de Santo Aleixo de Além Tâmega, tendo uma duração de 2h30 a 3h00 e grau de dificuldade baixo. Tem como principais locais de interesse a Igreja do Divino Salvador, a Casa Museu de Camilo, a Casa da Ribeira e a Ponte de Arame. O limite de pessoas é, no mínimo, 4 e no máximo 40.

g2) PR2: Levada do Louredo

O percurso da levada de Louredo tem início, apesar de se partir do Pena Aventura Park, na Portela de Santa Eulália e segue até à levada de Louredo. Percorre-se uma distância de 6 km e o percurso tem uma duração de 2h00 a 2h30, bem como um grau de dificuldade baixo. Os principais locais de interesse são os moinhos, as levadas e as sepulturas medievais da Póvoa. O limite de pessoas é no mínimo 4 e no máximo 40.

g3) PR3: Levada de Agunchos

O percurso da levada de Agunchos permite contemplar a beleza natural dos caminhos percorridos pela Levada de Agunchos durante 12km. O percurso tem uma duração de 4h00 a 4h30. O limite de pessoas é no mínimo 6 e no máximo 40.

h) Tour de Polari

O Tour de Polaris é uma viagem todo o terreno turístico que permite conhecer algumas aldeias típicas da Serra do Alvão. Nesta viagem é possível observar o Cai D'alto (cascata de 60 metros) no Rio Poio (Pena Aventura Park, 2018).



Figura 12: Tour de Polaris

Fonte: Pena Aventura Park (2018)

2.3.3. Atividades realizadas em meio aquático

a) Stand Up Paddleboarding ou SUP

Atividade aquática derivada do surf, onde o praticante se coloca de pé em cima da prancha e usa o remo para se movimentar na água (Pena Aventura Park, 2018).



Figura 13: Stand Up Paddleboarding ou SUP

Fonte: Pena Aventura Park (2018)

b) Rafting

Consiste numa descida pelos rios de águas bravas que permite às pessoas adquirir uma experiência que promove o *espírito de equipa*.

Contém dois percursos que variam em termos de extensão e duração. O percurso emoção da Garça trata-se de um percurso de dificuldade fácil/média no rio Tâmega situado na ponte de Cavez.

Dura aproximadamente 2h30, sendo percorridos 7 km. Mínimo: 4 pessoas.

O percurso Águas Vivas de Vidago diz respeito a um percurso de dificuldade média situado em Vidago, com 25 km de extensão e com duração de aproximadamente 4h30, feito com um número mínimo de pessoas 6, e máximo de 16 (Pena Aventura Park, 2018).



Figura 14: Rafting

Fonte: Pena Aventura Park (2018)

c) Canoagem

Trata-se de uma atividade que promove o convívio, estimula a interação com a água e a natureza e possibilita observar paisagens únicas. Há dois níveis: o de iniciação (águas paradas) e a descida ao Rio Tâmega/ Ribeira de Pena - Friúme (“Ilha dos amores”), que variam em termos duração e época do ano.

O primeiro tem duração de 2h e decorre entre março e outubro, enquanto o segundo dura 3h, decorre todo o ano (de maio a setembro (de maio a setembro é fácil mas nas restantes épocas do ano a dificuldade é média) (Pena Aventura Park, 2018).



Figura 15: Canoagem

Fonte: Pena Aventura Park (2018)

d) Canyoning

O Canyoning diz respeito a uma descida de cursos de água com grandes declives, usando cordas e recorrendo a saltos para ultrapassar obstáculos, permitindo às pessoas a descoberta e aventura (Pena Aventura Park, 2018).



Figura 16: Canyoning

Fonte: Pena Aventura Park (2018)

e) Canoa Raft

Canoa *Raft* consiste em descer um rio de águas bravas numa embarcação insuflável de dois lugares estando em contato com paisagens naturais. Inclui material completo, variando o grau de dificuldade conforme a idade e duração. Pessoas com idade maior ou igual a 12 anos podem efetuar o percurso fácil/ médio e maiores de 16 anos já podem praticar o

percurso de nível alto, com duração de aproximadamente 4h cada (Pena Aventura Park, 2018).



Figura 17: Canoa Raft

Fonte: Pena Aventura Park (2018)

f) Caminhada Aquática

Consiste em caminhar no leito do rio sem existir a necessidade de cordas, sendo o primeiro passo para o Canyoning. Dura cerca de 2km e 3h, com período recomendado de realização de maio a setembro, e é permitido a pessoas com idade superior a 12 anos (figura 18) (Pena Aventura Park, 2018).



Figura 18: Caminhada Aquática

Fonte: Pena Aventura Park (2018)

2.4. Organização interna

O Pena Aventura Park trata-se de uma empresa gerida pelos sócios-gerentes Artur Cardoso, César Cardoso e pelo coordenador de atividades Marco Pereira. É constituído por uma vasta equipa que realiza atividades, com cerca de 8 funcionários fixos e, no momento do estágio, cerca de 13 funcionários temporários e alguns estagiários que estão a terminar o seu curso profissional, licenciatura, ou mesmo, o mestrado.

Ao possuir o princípio básico da “segurança” tanto para os monitores, como especialmente para os clientes, os monitores recebem a cargo do coordenador de atividades Marco Pereira a formação adequada para executar em segurança todas as atividades do Pena Aventura Park e informação de como atuar em casos de emergência (ex. se a pessoa se sentir mal e tiver que ser retirada, ou mesmo se fora das atividades, tropeçar e cair e tenham que ser acionados os meios de emergência).

Estando inscrita na RNAAT (Registo Nacional de agentes de animação turística), a empresa Pena Aventura Park possui um seguro, tanto para os clientes como para os monitores, no que respeita aos acidentes a nível pessoal e profissional, cumprindo assim todos os parâmetros legais de segurança.

O horário de funcionamento do Pena Aventura Park difere entre as diferentes épocas e períodos do ano (Figura 19).

Horário	
De 16 de Setembro a 30 de Abril Todos os dias: 10h – 18h Anualmente fechamos no dia 25 de Dezembro.	De 01 de Maio a 15 Julho Segunda Sexta: 10h – 18h Sábado Domingo: 10h – 20h
De 16 Julho a 15 Setembro Todos os dias: 10h – 20h	

Figura 19: Horário de funcionamento

Fonte: Pena Aventura Park (2018)

Em termos de preços, o Pena Aventura detém um documento que contém todos os preços para as diferentes épocas e normas relativas a cada atividade, relativamente ao número de pessoas, idade, peso e equipamentos permitidos (ver anexo 1).

2.4.1. Parcerias e colaborações externas

A empresa Pena Aventura Park possui, como principais parceiros, as seguintes entidades (Pena Aventura Park, 2018):

- ACP- Automóvel Club de Portugal;
- Orbitur,
- Getaway Van;
- World of Discoveries;
- Ach. Brito;
- Viagens Abreu;
- DLX- Managment Corporate Sport;
- Sindicato Nacional de Polícia;
- SINAPOL;
- NatourTracks (empresa local);
- Work It;
- Weduc e Haix;
- Município de Ribeira de Pena.

2.4.2. Princípios, regulamentos e normas do Pena Aventura Park

Um dos principais princípios e lemas do Pena Aventura Park é a segurança, assegurar o bem-estar do cliente aquando da realização das atividades, das suas movimentações no interior do parque e segurança dos monitores, funcionários e restantes colaboradores.

Seguindo um modelo de turismo sustentável, o Pena Aventura Park procura garantir a proteção do ambiente envolvente revelando a existência de preocupações ambientais, no sentido de garantir a preservação e sustentabilidade ambiental do meio envolvente do Parque (Alves, 2013:58). O Pena Aventura Park respeita o ambiente e detém bastantes requisitos ambientais, tendo escolhido todos os materiais relativos às instalações de equipamentos e uso do espaço de acordo com o ambiente natural onde se localiza (Alves, 2013:59).

O Pena Aventura Park tenta proteger o ambiente, através de ações a nível ambiental que envolvem os clientes como o “Limpar Portugal” e atividades mais direcionadas a crianças no sentido de as educar e criar nelas uma dinâmica direcionada para a reciclagem.

Proporciona também atividades para adultos para que percebam bem a razão pela qual se protege o meio ambiente, sensibilizando-os quando estes praticam as atividades (ex. *canyoning*) (Alves, 2013: 59).

O parque tenta continuamente seguir o princípio da Ecovantagem, no sentido de que tenta, da melhor forma possível, efetuar o menor número de alterações do meio que o rodeia, permitindo a minimização de custos, uma vez que proteger o meio ambiente é sinónimo, muitas vezes, da diminuição desses mesmos custos no que respeita à implementação de atividades (ex. utilização das árvores para sustentar as plataformas pertencentes aos percursos de aventura) (Alves, 2013:61). Ao seguir o princípio da sustentabilidade, algumas das principais regras são não deitar o lixo para o chão, não fazer fogueiras e não estragar os equipamentos e o meio ambiente que o rodeia.

O Pena Aventura Park tem um regulamento que possui normas e regras internas relativamente aos recursos humanos do Parque, dos clientes e monitores. Possui normas e regras de cada atividade desenvolvida pelo Parque no sentido de garantir a segurança de todas as atividades envolvidas.

3. Reflexão crítica acerca do Estágio no Pena Aventura Park

3.1. Introdução

Após terminar o estágio no Pena Aventura Park é importante efetuar uma reflexão crítica a respeito dos três meses e dez dias em que colaborei com esta entidade privada.

Assim, ao longo das seguintes subsecções irei fazer uma reflexão sobre as atividades por mim desenvolvidas no parque e a sua dinâmica, bem como uma descrição das principais dificuldades e limitações por mim sentidas no decorrer do estágio. Irei também evidenciar de que forma este estágio me enriqueceu a nível profissional e irei também descrever a forma como o estágio e o mestrado em Gestão e Planeamento em Turismo se articularam.

3.2. Descrição das atividades desenvolvidas durante o estágio

3.2.1. Percorso Aventura Médio e difícil

Os Percursos Aventura médio e difícil são atividades que permitem ao cliente percorrer um circuito de habilidades que o testam em termos de concentração, astúcia, agilidade e

força. Tal como em todas as atividades, tive formação para poder monitorizar esta atividade ao realizar esta atividade mais do que uma vez. No “*briefing*” dado aos clientes são mencionadas as principais regras de segurança, que são o uso obrigatório do capacete e a colocação correta do arnês e restante funcionamento do sistema. Como o próprio nome indica, o percurso difícil detém um grau de dificuldade maior e valores acrescidos em termos de concentração, astúcia, agilidade e força. Esta atividade requer uma comunicação calma e cuidada com o cliente, pois as pessoas podem estar nervosas.

3.2.2. Percurso Aventura Fox (Kids)

Esta atividade requer atenção redobrada pois os clientes são, neste caso, crianças e, muitos deles, têm ainda pouca agilidade. Muitas destas crianças tinham que, através das chamadas “torres”, ser constantemente acompanhadas ou mesmo retiradas e ajudadas pelos monitores (incluindo eu), devido à sua dificuldade em avançar.

Tal como em todas as atividades, os monitores permanentes e responsáveis pela atividade fornecem a formação adequada, indicando quais os procedimentos que devem ser tomados aquando da realização da atividade, nomeadamente a colocação correta e obrigatória do capacete e do arnês, bem como a forma como os clientes devem interagir e proceder. Ao chegar ao local do percurso é feito o chamado “*briefing*”, que consiste numa breve explicação sobre o funcionamento da atividade e respetivas regras.

3.2.3. Alpine Coaster

O *Alpine Coaster*, tratando-se de uma atividade num veículo semelhante a um tabogã, em que se desce pela montanha durante cerca de 700 metros, requer alguns procedimentos e regras ao nível de monitorização. Tal como em todas as atividades, foi necessária uma grande formação, tendo sido nesta atividade que tive uma formação maior e mais profunda e onde me foram ensinados praticamente todos os mecanismos de funcionamento do sistema, bem como os procedimentos a adotar nas várias situações que surgissem.

Ao desempenhar o papel de monitor nesta atividade é importante referir aos clientes, através de um contacto direto com os mesmos, e na maioria das vezes mais descontraído, as principais regras de funcionamento e segurança da atividade. Tem também que se sublinhar que, caso não haja o cumprimento destas regras, os clientes são impedidos de continuar a

realizar a atividade, uma vez que, não podendo garantir a sua segurança e a dos outros clientes, não estão reunidas as condições para a realização da atividade. As principais regras de segurança que tive que mencionar constantemente no chamado “*briefing*” foram o uso obrigatório do cinto de segurança e a distância de cerca de 25 metros que tinha que ser deixada entre os carros, embora se desse sempre uma distância considerável no ponto de partida e houvesse pouca possibilidade de os carros se encontrarem. É ainda importante referir que as regras mudam consoante as condições climatéricas, uma vez que, quando chove, é obrigatório travar nos pontos indicados pelos triângulos de segurança que dizem “*brake*”, para que o percurso seja efetuado com a devida segurança. No caso de trovoadas, por a pista ser toda em metal, a atividade não pode ser realizada por questões de segurança.

3.2.4. Slide

O *Slide* encontra-se direcionado para os clientes com idade superior ou igual a seis anos e, tal como em todas as outras atividades, para que pudesse realizar esta atividade como monitora, foi-me dada uma formação abrangente acerca dos procedimentos e principais regras de segurança a ter em conta quando desempenhava o papel de monitora nesta atividade. Em termos de segurança é obrigatório explicar aos clientes o uso imprescindível do capacete, arnês e do gri gri “*Singing rock*” de segurança, que é colocado no arnês do cliente para que ele suba as escadas até à plataforma de *slide*. Importa referir que, no chão, existe uma zona delimitada por um quadrado vermelho, sendo dito aos clientes que não podiam estar nessa zona, devido ao constante regresso do gri gri de segurança aquando da subida dos outros clientes. Caso não se cumprisse essa regra de segurança os clientes podiam sofrer ferimentos.

Ao ter a formação para a realização desta atividade, foi-me fornecida informação sobre a utilização correta de todo o equipamento, bem como sobre os procedimentos a adotar aquando da permanência na torre de *slide*, no que respeita à colocação adequada da roldana e do mosquetão na corda de aço do *slide*.

Tratando-se de uma atividade realizada a uma altura significativa, foi-me indicado, por parte dos monitores responsáveis, que era imprescindível o uso de uma comunicação mais

delicada com o cliente de modo a transmitir-lhe segurança, acalmá-lo e a encorajá-lo a realizar a atividade, perdendo muitas vezes alguns minutos neste procedimento

3.2.5. Crasy Carts

Os *Crasy Carts* são uma atividade pertencente a um dos parceiros do Pena Aventura Park - a NatourTracks.

Esta atividade é destinada a visitantes de todas as faixas etárias, uma vez que a entidade contém carros adequados a diferentes faixas etárias: carros pequenos (- 3 anos), carros médios (+5 anos) e carros normais (para os adultos e crianças com altura e idade adequada).

Tal como em todas as outras atividades, nos *Crasy Carts*, que correspondem a uma atividade que exige inúmeros cuidados de segurança e atenção, foi também necessária uma abrangente formação sobre todas as regras de segurança e procedimentos de realização desta atividade. Para melhor perceber o funcionamento do *cart*, realizei a atividade no sentido de perceber as considerações que teria que transmitir posteriormente aos clientes. Neste âmbito destaca-se a relevância de fornecer informação sobre a sensibilidade do volante e o facto do carro não ter travões, bastando retirar o pé do acelerador para o *cart* parar.

No chamado “*briefing*” dado ao cliente, foi referida a obrigatoriedade do uso do capacete, cinto de segurança, a proibição de retirar o pé de dentro dos carros e de sair dos carros no final antes da devida autorização do monitor. Sendo posteriormente explicadas as condições da realização dos chamados “*drifts*” (peões), uma vez que, por questões de segurança, só podem ser efetuados numa zona única, na zona indicada por uma bandeira e referindo a extrema proibição ao longo da pista. Devido à dificuldade de controlo do veículo e ao receio de alguns clientes, tornou-se necessário um constante acompanhamento e ajuda ao longo da pista.

3.2.6. Tiro ao alvo

O Tiro com arco trata-se de uma atividade em que se testa a concentração, habilidade e pontaria dos clientes a partir dos 5 anos de idade. Como em todas as outras atividades, tive formação para poder ser monitora nesta atividade e acompanhar os respetivos clientes. Foi-

me explicada pelos monitores responsáveis a forma correta de colocação do arco, da flecha e posicionamento do corpo, no sentido de fazer essa prática demonstrativa na frente dos clientes. Relativamente às importantes regras de segurança, é referida a proibição de transposição da área delimitada do balcão que dá acesso aos alvos até se esgotarem todas as flechas e o monitor dar autorização. Os clientes foram avisados que não deviam colocar em risco a segurança dos outros participantes tendo comportamentos de risco, nomeadamente o de apontar o arco na direção das pessoas. No caso do não cumprimento das referidas regras de segurança é imediatamente interrompida a atividade, uma vez que não se cumprem os requisitos considerados necessários para a sua realização.

3.2.7. Segways

Esta atividade requer bastante destreza e cuidado por parte dos monitores. Como tal, para que fosse possível monitorizar e realizar o acompanhamento adequado dos clientes nesta atividade, os monitores permanentes e responsáveis pelas atividades do parque começaram por me dar a formação adequada para que eu pudesse, posteriormente, realizar esta atividade como monitora. Esta formação, tal como em todas as atividades, implica a realização da atividade no sentido de perceber o seu funcionamento e poder falar com base na própria experiência, para que se consiga, de facto, ajudar os clientes ou grupo de clientes.

Uma das regras básicas desta atividade é o uso imprescindível do capacete, pelo que devemos lembrar ao cliente que é obrigatório o seu uso. De seguida, no chamado “*briefing*”, explica-se ao cliente o funcionamento do sistema, regras de segurança e o circuito, acompanhando o cliente nos primeiros momentos até garantir a sua segurança, deixando-o posteriormente à vontade ao longo do percurso. Sublinha-se ainda que o não cumprimento das regras da atividade e do parque implica o impedimento de realizar a atividade ou de continuar a realizá-la.

3.2.8. Outras atividades

Ao longo do estágio fui realizando diversas outras atividades no parque, tive a oportunidade de efetuar o acompanhamento de grupos e de ter responsabilidade pelos

mesmos aquando da realização das atividades, no sentido de garantir uma satisfatória experiência e a qualidade de serviços prestados a esses mesmos grupos. Durante o meu estágio tive a oportunidade de acompanhar maioritariamente crianças com idades compreendidas entre os 9 e os 13 anos. Uma outra atividade era o acompanhamento dos clientes aos chamados “*Bungalows*” ou zona de alojamento, onde, primeiramente, era entregue a chave aos clientes e, depois, tínhamos a função de garantir a sua boa instalação, combinando, posteriormente, horários de pequeno almoço e começo das atividades.

Tive também a oportunidade de ajudar na organização de uma prova de Ciclismo, XCO de Ribeira de Pena, organizada pela Federação Portuguesa de Ciclismo em parceria com a Câmara Municipal, com o apoio e patrocínio do Pena Aventura Park.

3.3. Dificuldades e limitações sentidas

No início do estágio não detinha qualquer tipo de formação no que respeita a nenhuma das atividades realizadas pelos monitores no Pena Aventura Park. Numa fase inicial deparei-me com dias longos e cansativos (mas necessários) de aprendizagem e aquisição de muitos e novos conhecimentos, uma vez que a inexistência de qualquer tipo de formação relativa à prática de atividades de animação turística e a falta de conhecimento acerca dos procedimentos e técnicas que devem ser implementados aquando da realização das atividades poderia colocar em causa, não só a minha segurança como a segurança dos próprios clientes, pondo em causa a legitimidade do Parque no que respeita ao seu princípio básico, a segurança.

No que respeita à adaptação, como é próprio de mim, existiu inicialmente (nos primeiros dias) uma fase complicada, pois tive que me adaptar rapidamente à dinâmica do Parque e aos feitios de cada colega de trabalho. Apesar de ter sido muito bem recebida, sentia-me muitas vezes envolvida no meio de um espaço carregado e pesado de nervosismo e elevada responsabilidade, que com o tempo fui encarando de forma normal, pois, de facto, o cargo de monitora requeria muita atenção, discernimento e responsabilidade.

Uma outra dificuldade por mim sentida estava relacionada com aspetos físicos, com as capacidades físicas que detenho, devido ao problema de saúde que tenho e à falta de

prática de exercício físico. Vi-me deparada com um cansaço extremo e problemas musculares.

No que respeita às principais limitações por mim encontradas, foram as dificuldades a respeito da comunicação, devido à falta de aparelhos que permitissem a comunicação entre os monitores das atividades e, destes, com o coordenador de atividades Marco Pereira, tendo que se utilizar os próprios telemóveis.

3.4. Contributos do estágio para a minha formação profissional

Tratando-se o projeto de dissertação do estudo dos constrangimentos relativos à visita a atrações culturais no concelho de Ribeira de Pena e, localizando-se o Pena Aventura Park no mesmo concelho, o estágio permitiu-me ter uma melhor perceção das dinâmicas, tanto das atrações turísticas como da dinâmica corporativa existente entre as várias entidades públicas e privadas pertencentes ao concelho de Ribeira de Pena.

Um outro contributo, é o facto de ter obtido uma melhor perceção no que respeita à dinâmica relativa às motivações que levam os visitantes a efetuar a visita ao concelho de Ribeira de Pena, verificando-se que existem falhas nas abordagens ao mercado adotadas no destino de Ribeira de Pena, uma vez que, apesar de já existir a ligação entre o local de estágio (Pena Aventura Park) e as atrações culturais do Concelho através dos roteiros culturais e atividades realizadas em ambiente de natureza, existe a possibilidade de fortalecer ainda mais essa ligação.

A realização deste estágio possibilitou-me adquirir uma maior perceção relativamente à realidade no que respeita ao contacto direto com o cliente e a identificação de estratégias e soluções que permitam garantir a satisfação do cliente e a boa prestação de serviços por parte das empresas públicas e privadas. Em termos de marketing, este estágio permitiu perceber que em Ribeira de Pena existem poucos estudos (acerca das tendências) feitos de forma anual, em termos demográficos, socioculturais, tecnológicos, económicos, ambientais e de transporte, no sentido de assegurar o fornecimento dos serviços básicos e manutenção e criar novas atrações. Também não existem muitos estudos em que constem os pontos fortes, fracos e oportunidades e ameaças (análise SWOT) do concelho de Ribeira de Pena, para que posteriormente possam ser selecionados os problemas encontrados.

Ao longo do estágio, vi-me confrontada com diversas situações no que respeita a algumas falhas existentes no concelho de Ribeira de Pena, nomeadamente falta de infraestruturas de restauração e em termos de alojamento, tendo que existir melhorias relativamente à capacidade e qualidade de serviços prestados pelas entidades já existentes. Uma outra situação que o estágio me ajudou a perceber foi a falta de incentivo para que a população residente participe, de forma mais ativa, nas atividades culturais existentes nas várias aldeias do concelho de Ribeira de Pena.

3.5. A articulação entre o mestrado em Gestão e Planeamento em Turismo e a realização de atividades lúdicas e de aventura ligadas ao Turismo Natureza

Verificou-se uma articulação entre o estágio realizado no âmbito do turismo de natureza e o mestrado em Gestão e Planeamento em Turismo. Em termos particulares, o objetivo do meu estágio era monitorizar e gerir as atividades dos clientes para que seja possível garantir a sua satisfação e o contacto direto com os clientes no sentido de testar as minhas capacidades de resolução de problemas. Mais especificamente, este estágio permitiu uma maior perceção e inovação no que respeita a projetos futuros em âmbito cultural e dinâmica cultural de um determinado destino.

Tendo escolhido a vertente de turismo cultural, e ao ter já anteriormente uma abrangente especialização cultural, o mestrado de Gestão e Planeamento em Turismo, ao ter como principal objetivo a detenção de conhecimentos e novas competências técnicas nas áreas de gestão e planeamento em turismo, vai-me permitir desenvolver novas estratégias económicas, culturais, sociais e ambientais que serão uteis e aplicáveis nos organismos públicos e privados pertencentes a um determinado destino.

Através das unidades curriculares que tive nos dois anos de mestrado, Gestão de Qualidade de Serviços, Desenvolvimento e Planeamento Integrado dos Destinos Turísticos, Inovação em Turismo, Gestão do Sistema Turístico, Comportamento e Liderança nas Organizações, Turismo e Desenvolvimento Económico e Marketing estratégico dos destinos turísticos, foi possível adquirir novas perspetivas multidisciplinares pertencentes a este setor económico, reunindo novos conhecimentos e competências neste âmbito.

Mais especificamente, a unidade curricular de Gestão de Qualidade de Serviços permitiu perceber, não só os fundamentos do marketing de serviços, como também permitiu ter uma maior percepção sobre as expectativas e percepções dos clientes aquando da prestação de um determinado serviço e de quais os procedimentos e estratégias que devem ser adotados para melhorar a qualidade de um determinado serviço e satisfazer o cliente. Possibilitou também perceber a importância da compreensão das exigências dos clientes, de estratégias de recuperação de um serviço ao selecionar o cliente e, entre outras coisas, alinhar o projeto com os padrões de serviço (inovação e padrões de serviços definidos pelo cliente) e gestão da procura e capacidade (Zeithaml et al., 2014). Tudo isto é útil aquando do confronto com a realidade vivida no local de estágio.

A unidade curricular Comportamento e Liderança nas Organizações permitiu saber como lidar com os monitores permanentes e com o coordenador de atividades e perceber qual a importância da existência de um bom ambiente de trabalho, boa relação entre colaboradores e chefias e a importância que detém o facto de existir liberdade de expressão de opiniões no sentido de trocar ideias para melhorar o serviço prestado ao cliente e garantir a sua satisfação. Esta área disciplinar permite uma maior sensibilização no que respeita aos comportamentos que devem ser tidos em contexto organizacional, tanto por parte dos monitores como dos próprios líderes dessas mesmas instituições.

Através da unidade curricular de Marketing estratégico dos destinos turísticos percebeu-se que é possível, através de uma abordagem de marketing, “promover e revitalizar os destinos turísticos” e, por outro lado, desenvolver estratégias de marketing mais orientadas para as organizações, neste caso, mais orientadas para o Pena Aventura Park, para que exista uma adequada coordenação entre o Pena Aventura Park e os serviços prestados pela comunidade de Ribeira de Pena (Rita & Antunes, 2014, 189). Esta área disciplinar permitiu ainda perceber que, tanto o Pena Aventura Park com as restantes entidades públicas e privadas, têm a necessidade de fornecer produtos e serviços locais eficientes e acessíveis, bem como a necessidade de promover os valores e imagem de Ribeira de Pena no sentido de consciencializar os clientes das vantagens diferenciadoras que Ribeira de Pena tem (Rita & Antunes, 2014:190).

4. Conclusões e sugestões

O estágio realizado no Pena Aventura Park permitiu-me obter novos conhecimentos e competências que, no futuro, me irão ajudar, uma vez que me dão uma noção do que é lidar com a realidade, de como é trabalhar na vertente do turismo e a forma como devemos lidar, tanto com os clientes como com os nossos colegas de trabalho e os nossos superiores.

De forma geral, descrevo a experiência como gratificante, não só a nível profissional, mas também a nível pessoal, pois permitiu-me amadurecer o meu sentido de responsabilidade e desenvolver as minhas competências intelectuais, comportamentais e linguísticas.

Em termos de sugestões, mediante aquilo que pude observar e vivenciar no período de estágio, primeiramente, e não querendo de forma nenhuma criticar e desvalorizar o trabalho protagonizado pelas entidades do Pena Aventura Park, sugiro que coloquem mapas do parque em placards maiores nos principais pontos de interceção pois deparei-me, muitas vezes, com pessoas a interromper os monitores que se encontravam em plena realização de atividades para perguntar onde se localizava um determinado sítio ou para onde se tinham que deslocar para realizarem a atividade seguinte. Embora existam panfletos entregues pela receção aquando da compra dos ingressos, na minha opinião acho que não é suficiente.

Uma outra importante sugestão é, em termos de comunicação, pois uma vez mais vi-me deparada com algumas limitações neste âmbito. Acho que, em cada atividade, devia existir (fora do alcance do cliente), um aparelho de comunicação que permitisse, em caso de emergência ou pedido de ajuda, entrar em contacto direto com as principais entidades, tornando a resposta mais rápida.

A um nível de gestão, sugiro a implementação de um plano de gestão de visitantes e atividades, no sentido de, não só controlar a sazonalidade do Parque, mas também a dinâmica de realização de atividades, fazendo com que os monitores dessas atividades não estejam constantemente sobrecarregados e haja uma diminuição do tempo de espera por parte dos clientes, embora ache que o tempo de espera mediante a situação até não é longo.

Por fim, considero que o estágio no Pena Aventura Park foi uma experiência muito gratificante e me irá ajudar futuramente.

Referências

- Alves, P. R. (2013). *Será que as marcas que se alicerçam no meio ambiente se preocupam realmente com este, ou será mais uma forma de negócio* (Relatório de estágio, Universidade do Minho). Retrieved from <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/29117/1/Pedro%20Ricardo%20Casas%20Alves.pdf>
- Pena Aventura Park (2018). *Quem somos*. Retrieved from http://www.penaaventura.com.pt/quem_somos.php
- Pena Aventura Park (2018). *Atividades: Fantasticable*. Retrieved from <http://www.penaaventura.com.pt/atividades.php?id=fantasticable>
- Pena Aventura Park (2018). *Atividades: Voo Duplo*. Retrieved from https://www.penaaventura.com.pt/atividades.php?id=fantasticable_duplo
- Pena Aventura Park (2018). *Atividades: Salto Negativo*. Retrieved from https://www.penaaventura.com.pt/atividades.php?id=salto_negativo
- Pena Aventura Park (2018). *Atividades: Slide*. Retrieved from <http://www.penaaventura.com.pt/atividades.php?id=slide>
- Pena Aventura Park (2018). *Atividades: Percursos Pedestres*. Retrieved from http://www.penaaventura.com.pt/atividades.php?id=percursos_pedestres.
- Pena Aventura Park (2018). *Atividades: Tour de Polaris*. Retrieved from https://www.penaaventura.com.pt/atividades.php?id=tour_polaris
- Pena Aventura Park (2018). *Atividades: Escalada*. Retrieved from <http://www.penaaventura.com.pt/atividades.php?id=escalada>
- Pena Aventura Park (2018). *Atividades: Mini Golf*. Retrieved from <http://www.penaaventura.com.pt/atividades.php?id=minigolfe>

Pena Aventura Park (2018). *Atividades: Percurso Aventura*. Retrieved from http://www.penaaventura.com.pt/atividades.php?id=percurso_ventura

Pena Aventura Park (2018). *Atividades: Crasy Cart*. Retrieved from http://www.penaaventura.com.pt/atividades.php?id=crazy_cart

Pena Aventura Park (2018). *Atividades: Paintball*. Retrieved from <http://www.penaaventura.com.pt/atividades.php?id=paintball>

Pena Aventura Park (2018). *Atividades: Alpine Coaster*. Retrieved from http://www.penaaventura.com.pt/atividades.php?id=alpine_coaster.

Anexo 1 - Preçário do Pena Aventura Park



PREÇÁRIO

ALPINE COASTER

Material Incluído	Idade	Preço	Observações
Equip. Completo	3 - 8 anos	56 / 2 descidas	Acompanhado por 1 adulto
Equip. Completo	Adultos	106 / 2 descidas	Crianças a partir de 9 anos

OBS.: A atividade não é permitida a Crianças com menos de 3 anos

CAMINHADA AQUÁTICA

Nível	Material Incluído	Idade	Preço	Duração	Observações
Fácil	Equipamento Completo	≥12 anos	25€/pessoa (Grupo min. 3pax.)	2km/3horas	Min. 3 pessoas

OBS.: Recomendamos trazer ténis para molhar, fato de banho e toalha

CANOA RAFT

Nível	Material Incluído	Idade	Preço	Duração	Observações
Fácil/Méd	Equipamento Completo	≥12 anos	30€/pessoa	4horas Aprox.	Min. 3 pessoas
Alto	Equipamento Completo	≥16anos	40€/pessoa	4horas Aprox.	Min. 3 pessoas

Nota: Atividade sujeita a marcação.
Equipamento da responsabilidade dos participantes: fato de banho, toalha e ténis para molhar.
Equipamento incluído: fato térmico, pagaia, capacete e colete

CANOAGEM | INICIAÇÃO ÁGUAS PARADAS (APROX. 2 HORAS)

Material Incluído	Idade	Preço	Duração	Observações
Equipamento Completo (Trazer ténis para molhar, fato de banho e toalha)	8 anos	30€	2horas	Min. 2pessoas
		20€		Min. 3pessoas

CANOAGEM | DESCIDA DO RIO TÂMEGA

Material Incluído	Limite de Idade	Preço	Duração	Observações
Equipamento Completo (Trazer ténis para molhar, fato de banho e toalha)	8 anos	45€	3horas	Min. 2pessoas
		30€		Min. 4pessoas

CANYONING

Troço	Nível	Material Incluído	Idade	Preço	Duração
A	Fácil	Equipamento Completo	≥12 anos	35€/pessoa	4horas Aprox.
B	Médio	(Trazer ténis para molhar,	≥16 anos	45€/pessoa	6horas Aprox.
C	Difícil	fato de banho e toalha)	≥18 anos	65€/pessoa	8horas Aprox.

ESCALADA (ESTRUTURA ARTIFICIAL)

Material Incluído	Idade	Preço	Duração
Equipamento Completo	≥5 anos	7€/pessoa	1hora Aprox.

FANTASTICABLE | PACOTE DE VOO ÚNICO

Épocas do ano	Material Incluído	Lim. Min. Peso	Lim. Máx. Peso	Preço
Época Alta (21 Jun a 21 set)	Equipamento Completo	35kg	130kg	25€/Pessoa
Época Baixa (22 set a 20 Jun)	Equipamento Completo	35kg	130kg	20€/Pessoa

OBS: O transporte será assegurado desde a recepção do "Pena Aventura" até ao local de partida no Fantasticable (Bustelo). A realização das descidas no Fantasticable, poderão estar sujeitas à ordem de chegada dos clientes, pelo que será recomendável reservar antecipadamente a atividade.

KARTCROSS (OXO)

Percursos	Material Incluído	Idade	Preço	Observações
Iniciação off-road (18kms)	Capacete e Fato macaco	2º ocupante ≥12 anos	1pax p/veículo 40€/pax 2pax p/veículo 25€/pax	
Emoção off-road (40kms)	Capacete e Fato macaco	2º ocupante ≥12 anos	1pax p/veículo 100€/pax Grupo min. 2 Veículos 2pax p/veículo 60€/pax Grupo min. 2 Veículos	

OBS.: Obrigatório para o condutor carta de condução

MINIGOLFE

Material Incluído	Idades	Duração	Preço
Equip. Completo	> 5 anos	1hora Aprox.	3€/Pessoa

PERCURSO AVENTURA

Nível	Material Incluído	Altura Mínima	Peso
Médio	Equipamento completo (Luvas não incluídas)	≥1,40m ≤2m	10€/Pessoa
Difícil			

PAINTBALL | PACOTE MÍNIMO

Material Incluído	Número Mínimo	Idade Mínima	Preço
Kit Base +100 Bolas	4 Pessoas	≥12 Anos	20€/Pessoa

PAINTBALL | PACOTE MÉDIO

Material Incluído	Número Mínimo	Idade Mínima	Preço
Kit Base +150 Bolas	4 Pessoas	≥12 Anos	23€/Pessoa

PAINTBALL | PACOTE MÁXIMO

Material Incluído	Número Mínimo	Idade Mínima	Preço
Kit Base +250 Bolas	4 Pessoas	≥12 Anos	30€/Pessoa

Recargas: 100 Bolas 8€ - 200 Bolas 13€ - Saco com 500 Bolas 30€ - Caixa com 2000 Bolas 100€
Obs: Kit Base (Marcador semi-automático, Botija de ar comprimido, Máscara de proteção, Colete protetor, Protetor de pescoço, Fato-macaco camuflado)

POLARIS RANGER RZR

Percursos	Material Incluído	Idade	Preço	Observações
Iniciação off-road (18kms)	Capacete e Fato macaco	2º ocupante ≥12 anos	1pax p/veículo 55€/pax 2pax p/veículo 35€/pax	
Emoção off-road (40kms)	Capacete e Fato macaco	2º ocupante ≥12 anos	1pax p/veículo 120€/pax Grupo mín. 2 Veículos 2pax p/veículo 75€/pax Grupo mín. 2 Veículos	

OBS.: Obrigatório para o condutor carta de condução

RAFTING

Nível	Material Incluído	Idade	Preço	Observações
Iniciação Médio	Equip. Completo	≥12 anos	35€/Pessoa	4Horas Aprox.
Médio/Superior	Equip. Completo	≥16 anos	50€/Pessoa	4Horas Aprox.

OBS.: Recomendamos ténis para molhar, fato de banho e toalha

SLIDE (ESTRUTURA ARTIFICIAL)

Material Incluído	Idade	Preço
Equipamento Completo	Mais de 6 anos	7€ / Pessoa

ROTEIROS CULTURAIS | ITINERÁRIO I — VILA DE SALVADOR, FRÍUME E SANTA MARINHA

Grau de Dificuldade	N.º Pessoas	Duração	Preço
Médio/Baixo	Min. 4 pessoas Máx. 20 pessoas	3,5 a 4 horas	Até 10 pessoas: 7,50 € Mais de 10 pessoas: 5 €

Observações: Os interessados devem trazer roupa e calçado adequado assim como água.

ROTEIROS CULTURAIS | ITINERÁRIO II — VILA DE CERVA E ARREDORES

Material Incluído	N.º Pessoas	Duração	Preço
Baixo	Min. 4 pessoas Máx. 20 pessoas	3horas	Até 10 pessoas: 7,50 € + 10 pessoas: 5 €

Observações: Os interessados devem trazer roupa e calçado adequado assim como água.

SALTO NEGATIVO

Material Incluído	Lim. Min. Peso	Lim. Máx. Peso	Preço	Observações
Equipamento Completo	35kg	110kg	10€/Pessoa 12€/Pessoa	1 Salto 2 Saltos

SEGWAY X2

Mod.	Material Incluído	Idade	Preço	Duração	Observações
Adventure	Equipm. Completo	≥ 12 anos	10€/Pessoa	30min.	
Adventure	Equipm. Completo	≥ 12 anos	20€/Pessoa	60min.	Min. 2Pessoas Máx. 4Pessoas

STAND UP PADDLEBOARDING

Material Incluído	Idade	Duração	Preço	Observações
Equipamento completo (Trazer ténis para molhar, fato de banho e toalha)	≥ 8 Anos ≥ 8 Anos	2horas Aprox. 2horas Aprox.	30€/Pessoa 25€/Pessoa	Min. 2pessoas + 3 pessoas

OBS.: SUP Iniciação águas paradas (aproximadamente 2 horas).

TIRO COM ARCO

Material Incluído	Idades	Duração	Preço
Equip. Completo	>5 anos	30 minutos Aprox.	7€/Pessoa

Apêndice 2 - Tabela dos constrangimentos dos 25 artigos analisados

Constrangimentos intrapessoais

Autor (ano)	Davies & Prentice (1995)	Tian, Crompton, & Witt (1996)	Samdahl & Jekubovich (1997)	Prentice, Davies & Beeho, (1997)
Constrangimentos intrapessoais				
Estudo empírico (Sim ou não)	Não	Sim	Sim	Sim
Tema	Oferta latente de visitas a museus e outras atrações patrimoniais	Constrangimentos para visitar museus	Análise dos constrangimentos intrapessoais, interpessoais e estruturais de experiências de lazer de homens e mulheres residentes na Georgia	Identificar os constrangimentos relativos a atrações culturais (museus)
1. Falta de interesse	Falta de interesse /relutância em viajar	Eu não tenho interesse em museus		Atrações desse tipo não interessam às pessoas/Prefiro passar tempo em outras atividades/Geralmente não penso em visitar essas atrações
2. Falta de segurança/ confiança	Falta de segurança			Incapaz de se permitir visitar
3. Falta de hábito	Falta de hábito de visitar os locais			
4. Falta de consciência	Falta de consciência			
5. Falta de conhecimento	Dificuldade em perceber o código de funcionamento dos museus	A informação é complicada de perceber/ as exposições são complicadas para a pessoa		Sente-se incapaz de entender essas atrações
6. Motivos de saúde			Saúde	Dificuldades em visitar por problemas de saúde
7. Problemas psicológicos				
8. Falta de habilidade				
9. Falta de capacidades físicas e motoras				
10. Barreiras linguísticas				
11. Razões sociodemográficas			Idade	Grupo social do entrevistado

12. Medo relativo a uma ação associada à prática de uma atividade				
13. Más experiências infantis dos visitantes	Más experiências de infância			

Autor (ano)	Fredman & Heberlein (2005)	Mowen, Payne, & Scott (2005)	Jun, Kyle, & O'Leary (2006)	Parker (2007)
Constrangimentos intrapessoais				
Estudo empírico (Sim ou não)	Sim	Sim	Sim	Sim
Temas	Constrangimentos para visitar montanhas	Constrangimentos de visitas ao parque de Clevend para encontrar estratégias de negociação desses mesmos contrangimentos de forma a minimizá-los	Constrangimentos para visitar os museus de arte	Constrangimentos associados ao lazer
1. Falta de interesse		Não gosto de atividades ao ar livre/ocupados com outras atividades		
2. Falta de segurança/confiança			Falta de autoconfiança	Presença autoridade (segurança)
3. Falta de hábito				
4. Falta de consciência				
5. Falta de conhecimento				Sensação que devia estudar mais
6. Motivos de saúde	Problemas de saúde	Saúde fraca		
7. Problemas psicológicos				Capacidade psicológica (problemas psicológicos)
8. Falta de habilidade	Percepção de auto-habilidade		Falta de habilidade	
9. Falta de capacidades físicas e motoras				Capacidade física
10. Barreiras linguísticas				
11. Razões sociodemográficas	Idade		Gênero e etnia	

12. Medo relativo a uma ação associada à prática de uma atividade		Medo do crime	Medo do crime	
13. Más experiências infantis dos visitantes				

Autor (Ano)	Delgado (2008)	Lawton & Daniels (2009)	Wong & Polonsky (2009)	Hudson, Hinch, Gordon, & Simpson (2010)
Constrangimentos intrapessoais				
Estudo empírico (Sim ou não)	Sim	Sim	Não	Sim
Tema	Identificar os principais constrangimentos associados às visitas ao Pavilhão do Conhecimento (um museu de ciência)	Identificação dos constrangimentos relativamente à visita ao Museu Nacional do Ar e do Espaço	Identificação das barreiras, constrangimentos e inibidores para visitar atrações culturais	Constrangimentos que influenciam a participação em práticas de desporto
1. Falta de interesse	Reduzido interesse /Falta de Interesse/ Preferência por outras atividades	Não tenho interesse na história do ar e do espaço	Produtos não relevantes ou de interesse/ tem interesses diferentes/ não reflete auto-identidade ou percepção/ "Muito virtuoso"/ Os "bons" eram o tipo de pessoas que foram lá/ Um luxo/ Outras coisas são mais importantes	
2. Falta de segurança/ confiança	Falta de segurança			
3. Falta de hábito				
4. Falta de consciência				
5. Falta de conhecimento				
6. Motivos de saúde	Falta de saúde	Estou com pouca saúde		

7. Problemas psicológicos	Stress/ Ansiedade/Depressão		Percepções de que a experiência é desconfortável, não se mantém, não é divertido/muito desafiador/ deprimente/ chato/ fisicamente desconfortável, frio	
8. Falta de habilidade				
9. Falta de capacidades físicas e motoras	Falta de capacidade física embora a pessoa seja saudável/ Falta de capacidade física	As barreiras físicas dificultam a visita		
10. Barreiras linguísticas				
11. Razões sociodemográficas				Idade para praticar o desporto / Crianças abaixo dos 18 anos
12. Medo relativo a uma ação associada à prática de uma atividade	Medo de alguma ação associada à prática de uma atividade (ex: subir a locais elevados).			
13. Más experiências infantis dos visitantes				

Autor (ano)	Jun & Kyle (2011)	Thapa (2012)	Chen, Hua, & Wang (2013)	Cho, Bonn, & Brymer (2014)
Constrangimentos intrapessoais				
Estudo empírico (Sim ou não)	Sim	Sim	Sim	Sim
Temas	Constrangimentos associados ao golfe recreativo	Examinar os constrangimentos estruturais entre visitantes internacionais e domésticos da Zâmbia	Avaliar os efeitos mediadores da imagem da China relativamente à relação que existe entre os constrangimentos de viagem e intenção de viajar. Impacte dos constrangimentos na intenção de visitar.	Constrangimentos do enoturismo
1. Falta de interesse				Falta de interesse em visitar regiões vinícolas / não estar interessado em conversar com fabricantes de vinho/ Não quero saber mais sobre o vinho

2. Falta de segurança/ confiança				
3. Falta de hábito				
4. Falta de consciência	O meu jogo é inconsciente/ Eu acho o meu jogo inadequado na companhia de outros			
5. Falta de conhecimento	Sou muito inexperiente			
6. Motivos de saúde	Fico frustrado facilmente		A minha saúde é uma preocupação para viajar para a China	
7. Problemas psicológicos				
8. Falta de habilidade				
9. Falta de capacidades físicas e motoras	Eu não tenho energia para jogar / não estou em forma suficiente			
10. Barreiras linguísticas			A linguagem é um grande problema para eu ter férias na China	
11. Razões sociodemográficas				
12. Medo relativo a uma ação associada à prática de uma atividade				
13. Más experiências infantis dos visitantes				

Autor (ano)	Ghimire, Green Poudyal, & Cordell (2014)	Lepp, Gibson, & Lane (2014)	Drule, Băcilă, Ciornea, & Chiș (2015)	Albayrak, Caber, & Crawford (2017)
Constrangimentos intrapessoais				
Estudo empírico (Sim ou não)	Sim	Sim	Sim	Sim
Temas	Constrangimentos relativamente às atividades de recreação ao ar livre	Motivações e constrangimentos intrapessoais, interpessoais e estruturais para viajar para o Uganda	Identificação de segmentos através das motivações, benefícios e constrangimentos relativos à visita aos mosteiros ortodoxos	Constrangimentos para participar nas atividades de aventura
1. Falta de interesse				Eu não gosto desta atividade
2. Falta de segurança/ confiança	Problemas de segurança pessoal em áreas de atividade		Confiança em si mesmo	
3. Falta de hábito				
4. Falta de consciência				
5. Falta de conhecimento				Eu não tenho conhecimento para fazer esta atividade/ Eu não sei o que esperar
6. Motivos de saúde	Razões pessoais e de saúde	Problemas de saúde		
7. Problemas psicológicos			Encontrando paz interior/questões diárias / stress/ arrependimento/ fortalecimento da fé em Deus /encontrar Deus/ Resgatar a alma e Problemas pessoais/ Obter orientação. Resgatar a alma e Problemas pessoais	
8. Falta de habilidade				

9. Falta de capacidades físicas e motoras	Condição fisicamente limitativa			
10. Barreiras linguísticas	Barreiras linguísticas, não entendem a linguagem/ Paradigma cultural			
11. Razões sociodemográficas				
12. Medo relativo a uma ação associada à prática de uma atividade	Sinto medo na floresta ou em outras configurações naturais	Medo do crime/medo de viajar para longe de casa/ medo do oceano/Medo da insegurança/ medo de viajar para fora da área de residência	Medo de ser repreendido/Medo de não encontrar o que se procura	
13. Más experiências infantis dos visitantes				

Autor (ano)	Božić, Jovanović, Tomić, & Vasiljević (2017)	Gedecho (2017)	Khan, Chelli, & Ahmed (2017)	Tan (2017)	Zheng, Zhang, & Quian (2017)
Constrangimentos intrapessoais					
Estudo empírico (Sim ou não)	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Temas	Constrangimentos no turismo doméstico para visitar destinos complexos com múltiplas ofertas, contendo atrações culturais e naturais	Constrangimentos para a visita à Zona Sul de Omo.	Constrangimentos intrapessoais, interpessoais e estruturais de viagem na imagem de destino e comportamento de viagem de indivíduos	Constrangimentos que levam o turista a repetir a visita a partir das percepções, imagem de destino e familiaridade	Constrangimentos associados ao <i>dark tourism</i>

1. Falta de interesse	Falta de interesse		Não estou interessado nas atividades/ Não estou interessado em viajar	Falta de interesse	Falta de interesse por esse local / interesse em outras áreas e falta de inclinação para esses locais
2. Falta de segurança/ confiança		Ameaça de segurança	Viajar envolve risco	Insegurança	
3. Falta de hábito					
4. Falta de consciência					
5. Falta de conhecimento					
6. Motivos de saúde					
7. Problemas psicológicos	Stress/ Ansiedade/ Depressão				
8. Falta de habilidade					
9. Falta de capacidades físicas e motoras					
10. Barreiras linguísticas		Limitação ao não falar idiomas (barreiras linguísticas)			
11. Razões sociodemográficas					
12. Medo relativo a uma ação associada à prática de uma atividade					
13. Más experiências infantis dos visitantes					

Constrangimentos interpessoais

Autor (ano)	Davies & Prentice (1995)	Tian, Crompton, & Witt (1996)	Samdahl & Jekubovich (1997)	Prentice, Davies & Beeho, (1997)
Constrangimentos interpessoais				
Estudo empírico (Sim ou não)	Não	Sim	Sim	Sim
Tema	Oferta latente de visitas a museus e outras atrações patrimoniais	Constrangimentos para visitar museus	Análise dos constrangimentos intrapessoais, interpessoais e estruturais de experiências de lazer de homens e mulheres residentes na Georgia	Identificar os constrangimentos relativos a atrações culturais (museus)
1.Falta de companhia			Ausência de parceiros de lazer/ Parceiro de lazer incompatível	
2.Responsabilidades familiares/trabalho (sociais) e inclusão de crianças	Crianças não querem visitar	Inclusão no grupo de crianças que não queriam visitar	Responsabilidades familiares	Considera visitar essas atrações apenas quando estiver de férias
3. Falta de socialização/	Falta de socialização			
4.Falta de aprovação social				

Autor (ano)	Fredman & Heberlein (2005)	Mowen, Payne, & Scott (2005)	Jun, Kyle, & O'Leary (2006)	Parker (2007)
Constrangimentos interpessoais				
Estudo empírico (Sim ou não)	Sim	Sim	Sim	Sim
Tema	Constrangimentos para visitar montanhas	Constrangimentos de visitas ao parque de Cleveand para encontrar estratégias de negociação acerca desses mesmos constrangimentos de forma a minimizá-los	Constrangimentos para visitar os museus de arte	Constrangimentos associados ao lazer

1.Falta de companhia	Falta de amigos para participar	Ninguém ir para os parques/ Os meus amigos têm interesses diferentes / estão ocupados com outras atividades	Falta de parceiros	
2.Responsabilidades familiares/trabalho (sociais) e inclusão de crianças		Ocupados com responsabilidades familiares	Responsabilidades familiares	
3. Falta de socialização/				Vários tipos de relacionamentos
4.Falta de aprovação social				Falta de aprovação social

Autor(ano)	Delgado (2008)	Lawton & Daniels (2009)	Wong & Polonsky (2009)	Hudson, Hinch, Gordon, & Simpson (2010)
Constrangimentos interpessoais				
Estudo empírico (Sim ou não)	Sim	Sim	Não	Sim
Tema	Identificar os principais constrangimentos associados às visitas ao Pavilhão do Conhecimento	Identificação dos constrangimentos relativamente à visita ao Museu Nacional do Ar e do Espaço	Identificação das barreiras, constrangimentos e inibidores para visitar atrações culturais	Constrangimentos que influenciam a participação em práticas de desporto
1.Falta de companhia		Eu não tenho ninguém para ir comigo/ minha família / amigos gostam de fazer outras coisas	Ninguém com quem ir e não poderia ir sozinho	Falta de amigos que querem participar/ Os meus amigos têm interesses diferentes / estão ocupados com outras atividades

<p>2. Responsabilidades familiares/ de trabalho (sociais) e inclusão de crianças</p>	<p>Restrições resultantes da existência de crianças na família ou no grupo de viagem/ outros compromissos familiares e sociais</p>	<p>Tenho muitos compromissos de trabalho</p>		<p>Barreiras parentais/ Procura de emprego / Escolher escola para aprender Inglês / Encontrar uma creche para os filhos</p>
<p>3. Falta de socialização/</p>	<p>Relação entre cônjuges/ entre pais e filhos/ interpessoais e extrafamiliares/ Restrições resultantes da existência de crianças na família ou no grupo de viagem</p>		<p>Percepção de que as instituições culturais não são para as pessoas (para si mesmo)/ os consumidores não as entendem; O envolvimento é muito difícil, pouco familiar/ falta de envolvimento passado, experiência passada/ falta de socialização com instituições culturais</p>	
<p>4.Falta de aprovação social</p>	<p>Falta de aprovação social. Determinadas pessoas não aprovaram a participação</p>			

Autor (ano)	Jun & Kyle (2011)	Thapa (2012)	Chen, Hua, & Wang (2013)	Cho, Bonn, & Brymer (2014)
Constrangimentos interpessoais				
Estudo empírico (Sim ou não)	Sim	Sim	Sim	Sim
Tema	Constrangimentos associados ao golfe recreativo	Examinar os constrangimentos estruturais entre visitantes internacionais e domésticos da Zâmbia	Avaliar os efeitos mediadores da imagem da China relativamente à relação que existe entre os constrangimentos de viagem e intenção de viajar. Impacte dos constrangimentos na intenção de visitar.	Constrangimentos do enoturismo
1. Falta de companhia	Minha família / amigos não me querem jogar comigo/ os meus amigos têm innteresses diferentes		A minha família e amigos me desencorajam a viajar para a China/ a minha família e amigos não querem viajar comigo para a China	
2. Responsabilidades familiares/trabalho (sociais) e inclusão de crianças	Ocupados com as responsabilidades familiares			
3. Falta de socialização				Não estou interessado em conversar com fabricantes de vinhos
4. Falta de aprovação social				

Autor (ano)	Ghimire, Green Poudyal, & Cordell (2014)	Lepp, Gibson, & Lane (2014)	Drule, Băcilă, Ciornea, & Chiș (2015)	Albayrak, Caber, & Crawford (2017)
Constrangimentos interpessoais				
Estudo empírico (Sim ou não)	Sim	Sim	Sim	Sim
Tema	Constrangimentos relativamente às atividades de recreação ao ar livre	Motivações e constrangimentos intrapessoais, interpessoais e estruturais para viajar para o Uganda	Identificação dos segmentos através das motivações e constrangimentos relativos à visita aos mosteiros ortodoxos	Constrangimentos para participar nas atividades de aventura
1. Falta de companhia	Sem companheiro/ninguém para fazer atividades	Viajar sozinho/ Falta de companheiro(a) de viagem)		Eu não tenho ninguém para ir comigo
2. Responsabilidades familiares/ de trabalho (sociais) e inclusão de crianças	Deficiência no membro da família	Obrigações de família/ trabalho		
3. Falta de socialização		Falta de sincronização com outros (falta de contato verbal e físico)	Falta de conveniência/Encontrando um mundo diferente e melhor influência de grupos de referência/ Influência de outros relativamente à participação em serviços religiosos.	
4. Falta de aprovação social				

Autor (ano)	Božić, Jovanović, Tomić, & Vasiljević (2017)	Gedecho (2017)	Khan, Chelli, & Ahmed (2017)	Tan (2017)	Zheng, Zhang, & Quian (2017)
Constrangimentos interpessoais					
Estudo empírico (Sim ou não)	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Tema	Constrangimentos no turismo doméstico para visitar destinos complexos com múltiplas ofertas, contendo atrações culturais e naturais	Constrangimentos para a visita à Zona Sul de Omo.	Constrangimentos intrapessoais, interpessoais e estruturais de viagem na imagem de destino e comportamento de viagem de indivíduos	Constrangimentos que levam o turista a repetir a visita a partir das percepções, imagem de destino e familiaridade experiencial	Constrangimentos associados ao <i>dark tourism</i>
1. Falta de companhia	Falta de parceiro(a) de viagem adequado(a)/ Falta de companhia/ Os meus amigos e a minha família não recomendaram	As pessoas que me acompanham não entram em museus/ Nenhum dos meus amigos vai	Ninguém para viajar comigo/Não é divertido viajar para a Índia sozinho/ Família e amigos não estão interessados em viajar para a Índia	Ocupado com outras atividades. Os que conheço não podem participar na viagem	
2. Responsabilidades familiares/ de trabalho (sociais) e Inclusão de crianças					
3. Falta de socialização		Falta de mão-de-obra educada			
4. Falta de aprovação social					

Constrangimentos estruturais ou situacionais

Autor (ano)	Davies & Prentice (1995)	Tian, Crompton, & Witt (1996)	Samdahl & Jekubovich (1997)	Prentice, Davies & Beeho, (1997)
Constrangimentos situacionais e estruturais				
Estudo empírico (Sim ou não)	Não	Sim	Sim	Sim
Tema	Oferta latente de visitas a museus e outras atrações patrimoniais	Constrangimentos para visitar museus	Análise dos constrangimentos intrapessoais, interpessoais e estruturais de experiências de lazer de homens e mulheres residentes na Georgia	Identificar os constrangimentos relativos a atrações culturais (museus)
1. Falta de acesso	Acesso limitado/Falta de transportes	Não é fácil chegar aos museus de Galveston: - Os locais são inconvenientes; - Os museus de Galveston estão muito longe de onde eu moro		Dificuldades em chegar a essas atrações/Nenhuma dessas atrações é na área de residência do entrevistado
2. Recursos financeiros (custos e despesas)	Custos de transporte / Falta de dinheiro	Custos: - Os preços dos ingressos são muito altos; - Não tenho dinheiro suficiente; - Os museus de Galveston não são bons obter um maior rendimento	Dinheiro	Preços de entrada muito caros
3. Falta de informação e conhecimento				
4. Falta de tempo	Falta de tempo	Falta de tempo: - Não tenho tempo suficiente; - Estou muito ocupado; - Eu tenho coisas mais importantes para fazer.	Falta de tempo	Falta de tempo
5. Clima	Possibilidade de mau tempo			

6. Problemas com instalações		Repetição: - Visualizar repetidamente as instalações e conteúdo do museu/ Já efetuou a visita à maioria dos museus de Galveston; - Após a visita, não tenciona regressar para efetuar uma outra visita		
7. Capacidade de criação de oportunidades				
8. Equipamentos e serviços de apoio				
9. Dificuldades de planeamento				
10. Atividades e programas inadequados ou não atraentes				
11. Outras questões				

Autor (ano)	Fredman & Heberlein (2005)	Mowen, Payne, & Scott (2005)	Jun, Kyle, & O'Leary (2006)	Parker (2007)
Constrangimentos estruturais ou situacionais				
Estudo empírico (Sim ou não)	Sim	Sim	Sim	Sim
Tema	Constrangimentos para visitar montanhas	Constrangimentos de visitas ao parque de Clevend para encontrar estratégias de negociação acerca desses mesmos contrangimentos de forma a minimizá-los	Constrangimentos para visitar os museus de arte	Constrangimentos associados ao lazer
1. Falta de acesso	Elevada distância	Os parques estão muito distantes / nenhuma maneira de chegar aos parques / falta de transporte público	Acesso ao transporte/ Localização inconveniente	Acessibilidade

2. Recursos financeiros (custos e despesas)	Falta de dinheiro	Custos elevados	Custo dos ingressos	Recursos
3. Falta de informação e conhecimento		Falta de informação		
4. Falta de tempo	Número de atividades de lazer/ Número de outras viagens	Falta de tempo	Disponibilidade de tempo	Falta de tempo
5. Clima				
6. Problemas com instalações			Instalações insuficientes	
7. Capacidade de criação de oportunidades		Prosseguir recreação noutra lugar (encontrar aquilo que procura em termos de condições, espaço e sentimentos)		
8. Equipamentos e serviços de apoio				
9. Dificuldades de planeamento		Os parques estão muito lotados		
10. Atividades e programas inadequados ou não atraentes			Programas insuficientes	
11. Outras questões				

Autor (ano)	Delgado (2008)	Lawton & Daniels (2009)	Wong & Polonsky (2009)	Hudson, Hinch, Gordon, & Simpson (2010)
Constrangimentos estruturais ou situacionais				
Estudo empírico (Sim ou não)	Sim	Sim	Não	Sim
Tema	Identificar os principais constrangimentos associados às visitas ao Pavilhão do Conhecimento (um museu de ciência)	Identificação dos constrangimentos relativamente à visita ao Museu Nacional do Ar e do Espaço	Identificação das barreiras, constrangimentos e inibidores para visitar atrações culturais	Constrangimentos que influenciam a participação em práticas de desporto

1. Falta de acesso	Localização/acessibilidade inadequada: - Localização a elevada distância da residência / - Falta de transportes	O museu está muito longe de onde eu vivo/ falta um meio de transporte/ O museu não está perto de outras atrações/ O tráfego em torno do Udvar-Hazy Center é mau	Fisicamente difícil de obter/ dificuldades de acesso aos transportes públicos	
2. Recursos financeiros (custos e despesas)	Falta de dinheiro / Preço do bilhete para participar na atividade ou visitar a atração demasiado elevado /Preço de outros fatores (ex: viagem, equipamento) demasiado elevado	A taxa de estacionamento é muito alta/ eu não tenho dinheiro suficiente	Perceções de que não podiam comparecer devido a rendimentos limitados ou à falta de preços de concessão/ custo do encontro geral e custos suplementares	Falta de dinheiro
3. Falta de informação e conhecimento	Falta de informação/Disponibilidade e conhecimento das oportunidades	Não sei onde o museu está localizado/ nunca ouvi falar do museu/ é difícil encontrar o museu	Falta de conhecimento, consciência e informações sobre as atrações culturais/ informação não acessível para pessoas que não falam inglês/ pessoal incapaz de fornecer informações em outras línguas ou incapaz de auxiliar na explicação de exposições	Falta de informação sobre a prática do desporto
4. Falta de tempo	Falta de tempo / Compromissos profissionais	Não tenho tempo suficiente	Os consumidores pobres não têm tempo para participar/ Sem necessidade urgente de participar/ Participar em férias/ Inconveniência do horário de funcionamento e horários de atividades	

5. Clima	Condições climatéricas adversas/ Estação do ano não apropriada para a atividade			
6. Problemas com instalações				
7. Capacidade de criação de oportunidades				
8. Equipamentos e serviços de apoio	Serviços e equipamentos existentes na atração turística e que permitem desfrutar dos principais recursos da atração são inadequados		Muito sério, muito confronto e muito intelectual/ Atmosfera geral de "manter fora"/ Não é necessário voltar a visitar/ A equipa de serviço não era amigável ou acolhedora e não conseguiu auxiliar a experiência	
9. Dificuldades de planeamento		Planear uma visita é difícil	Difícil organizar uma visita ou viagem/horário de funcionamento não era adequado/ muito planeamento necessário	Medo da falta de segurança pessoal dentro do parque
10. Atividades e programas inadequados ou não atraentes	Disponibilidade (e conhecimento) das oportunidades			
11. Outras questões			Ofertas de qualidade; Representa a distinção de classe que é "não para mim"	

Autor (ano)	Jun & Kyle (2011)	Thapa (2012)	Chen, Hua, & Wang (2013)	Cho, Bonn, & Brymer (2014)
Constrangimentos estruturais ou situacionais				
Estudo empírico (Sim ou não)	Sim	Sim	Sim	Sim
Tema	Constrangimentos associados ao golfe recreativo	Examinar os constrangimentos estruturais entre visitantes internacionais e domésticos da Zâmbia	Avaliar os efeitos mediadores da imagem da China relativamente à relação que existe entre os constrangimentos de viagem e intenção de viajar. Impacte dos constrangimentos na intenção de visitar	Constrangimentos do enoturismo
1. Falta de acesso		Distância relativamente ao parque é muito elevada/condições precárias das estradas para dentro e fora do parque	A China está muito longe	Acesso inconveniente: - O aeroporto não se encontra localizado perto das regiões vinícolas/a região do vinho está longe da área de residência dos visitantes/ inexistência de estradas com boas condições de deslocação no acesso a todas as áreas vinícolas
2. Recursos financeiros (custos e despesas)		As despesas de viajar e ficar no parque são muito elevadas	É caro dispor de férias na China	
3. Falta de informação e conhecimento		Não há informações suficientes sobre o parque		As informações sobre as regiões vinícolas são difíceis de obter/não conheço as regiões vinícolas
4. Falta de tempo		Não há tempo suficiente para visitar durante a viagem		
5. Clima		Condições meteorológicas não adequadas para visitar o parque	A poluição ambiental é uma grande preocupação	

6. Problemas com instalações				
7. Capacidade de criação de oportunidades				
8. Equipamentos e serviços de apoio		Não há suficientes hospedagens e acampamentos de qualidade ao redor do parque	A higiene na China não é adequada	
9. Dificuldades de planejamento	O jogo é muito difícil		Elevada lotação de visitantes na China	O número de agências de viagens que oferecem <i>tour</i> de vinho é limitado
10. Atividades e programas inadequados ou não atraentes				Falta de oferta de pacotes turísticos para visitar as regiões vinícolas
11. Outras questões				

Autor (ano)	Ghimire, Green Poudyal, & Cordell (2014)	Lepp, Gibson, & Lane (2014)	Drule, Băcilă, Ciornea, & Chiş (2015)	Albayrak, Caber, & Crawford (2017)
Constrangimentos estruturais ou situacionais				
Estudo empírico (Sim ou não)	Sim	Sim	Sim	Sim
Tema	Constrangimentos relativamente às atividades de recreação ao ar livre	Motivações e constrangimentos intrapessoais, interpessoais e estruturais para viajar para o Uganda	Identificação dos segmentos através das motivações e constrangimentos relativos à visita aos mosteiros ortodoxos	Constrangimentos para participar nas atividades de aventura
1. Falta de acesso	Transporte inadequado			
2. Recursos financeiros (custos e despesas)	Dinheiro insuficiente	Custos de transporte	Falta de dinheiro	A atividade é muito dispendiosa
3. Falta de informação e conhecimento	Informações inadequadas sobre locais para atividades	Falta de informação		Não tenho informação sobre os fornecedores que oferecem essa atividade

4. Falta de tempo	Tempo insuficiente (por causa da carga horária de trabalho de longas horas de trabalho, responsabilidades familiares, cuidar das crianças ou outras obrigações domésticas ou também por causa de trabalho voluntário ou outras obrigações externas)	Disponibilidade de tempo (Falta de tempo)	Falta de tempo	Eu não tenho tempo para ir
5. Clima				
6. Problemas com instalações	Instalações inadequadas em áreas de atividade			
7. Capacidade de criação de oportunidades				
8. Equipamentos e serviços de apoio	Sentir-se indesejável e confortável em áreas de recreação ao ar livre			
9. Dificuldades de planeamento	Áreas de atividade mal mantidas / Áreas de atividade lotadas			
10. Atividades e programas inadequados ou não atraentes				
11. Outras questões				

Autor (ano)	Božić, Jovanović, Tomić, & Vasiljević (2017)	Gedecho (2017)	Khan, Chelli, & Ahmed (2017)	Tan (2017)	Zheng, Zhang, & Quian (2017)
Constrangimentos estruturais ou situacionais					
Estudo empírico (Sim ou não)	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Tema	Constrangimentos no turismo doméstico para visitar destinos complexos com múltiplas ofertas, contendo atrações culturais e naturais	Constrangimentos para a visita à Zona Sul de Omo	Constrangimentos intrapessoais, interpessoais e estruturais de viagem na imagem de destino e comportamento de viagem de indivíduos	Constrangimentos que levam o turista a repetir a visita a partir das percepções, imagem de destino e familiaridade experiencial	Constrangimentos associados ao <i>dark tourism</i>
1. Falta de acesso	Falta de transporte	Má sinalização / Falta de opções de transporte / Dificuldade em encontrar F&B / Má qualidade das estradas	As áreas que eu quero visitar estão muito longe na Índia	Falta de transporte local	
2. Recursos financeiros (custos e despesas)	Falta de dinheiro	Caro (custos elevados) / ausência de receitas para que o governo local aposte no desenvolvimento do turismo		Os parques de estacionamento são muito caros	
3. Falta de informação e conhecimento			Nenhuma informação sobre os lugares para visitar na Índia e atividades para participar	Falta de informação	
4. Falta de tempo	Falta de tempo			Falta de tempo	
5. Clima			O clima é favorável na Índia		
6. Problemas com instalações					
7. Capacidade de criação de oportunidades					

8. Equipamentos e serviços de apoio		Desenvolvimento de infraestruturas como eletricidade, telefone, estradas e água, inadequado	Demasiados equipamentos exigidos		
9. Dificuldades de planeamento		Falta de guias de orientação por parte do governo	Demasiado planeamento envolvido	Lotado/ inseguro para ir	
10. Atividades e programas inadequados ou não atraentes					
11. Outras questões					

Apêndice 3 - Oferta cultural do concelho de Ribeira de Pena

Atrações Culturais
<p>1. Museus:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Museu da Venda Nova - Museu do Linho; - Museu da Escola: Casa da Cultura; - Museu do Minério :Museu do Volfrâmio; - Casa Museu: Casa de Camilo Castelo Branco

Património cultural/histórico
<p>1. Igrejas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Igreja Matriz do Divino Salvador; - Igreja Matriz de Santa Marinha; - Igreja Paroquial de São Pedro (Cerva); - Igreja Matriz de Santo Aleixo de Além Tâmega; - Igreja Paroquial de Canedo (Salvador); - Igreja matriz de Alvadia; - Igreja de Santa Bárbara (Seirós- Canedo); - Igreja de São João (Limões- Cerva);
<p>2. Capelas</p> <ul style="list-style-type: none"> - Capela de São João- Canedo; - Capela de Santa Bárbara (Cerva); - Capela da Senhora da Guia (Santa Marinha); - Capela de São Domingos (Choupica)

- Santa Marinha);
- Capela de São Tiago (Venda Nova- Santa Marinha);
- Capela da Granja Velha (Santa Marinha);
- Capela da Casa de Matos (Canédo);
- Capela de S. Sebastião;
- Capela de Nossa Senhora do Socorro- Alvite ;
- Capela das Almas - Lamas;
- Capela da Senhora de Fontelos- Canedo;
- Capela de Santa de Senhora da Graça (Ruival);
- Capela de S, Gonçalo (Friúme)
- Capela de Santa Luzia (Póvoa);
- Capela Nossa Senhora de Comceição (Salvador- Portela);
- Capela da Senhora dos Remédios (Lamas);
- Capela de Nossa Senhora da Livração (Penalonga);
- Capela de São João (Penalonga);
- Capela do Bom Jesus Burgos- Cerva);
- Capela da Nossa Senora do Perpétuo Socorro (Alvite- Cerva);
- Capela de São Jorge (Adoria-Cerva);
- Capela da Nossa Senhora da Piedade (Quintela- Cerva);
- Capela da Senhora da Ajuda (Agunchos- Cerva);
- Capela de Santo António (Cabriz);
- Capela de São Bentinho (Cadaval - Cerva);
- Capela dos tojais (Tojais- Limões- Cerva);

3. Cruzeiros

- Cruzeiro de Salvador (Centro de Ribeira de Pena);
- Cruzeiro de Limões (Cerva);
- Cruzeiro frente à Capela de Santa Bárbara;
- Cruzeiro de Formoselos (Cerva)

4. Relógio do Sol:

- Penalonga- Canedo
- Cerva e Limões;
- Santo Aleixo;
- Santa Marinha;
- Alvadia;
- Salvador;
- Friúme.

Locais que podem ser visitados:

-♦Roteiro Tessouros de Ribeira de Pena:

Moinhos:

- Moinhos de Bustelo;

Aldeia:

- Aldeia de Alvite ;

Património cultural e natural

- Ponte de arame ou pênsil (ligação de Rebordelo e Arnóia);

- Ponte de Alvite (Cerva);

- Ponte do Lourêdo;

- Menir de Pedra d'anta;

♦Roteiro Maria Moises:

-Aldeia: Santo Aleixo d'Alem Tâmega;

- Património Natural:- Poldras de Santo Aleixo; Ilha dos Amores.

- Solares: Casa da Temporã; Casa de Cimo de Vila; Casa do Enxertado.

♦Roteiro Camiliano:

Igreja: Igreja Matriz do Salvador; Capelas: Capela da Nossa S^a da Guia; Capela da Granja Velha.

Património cultural: Casa de Barroso

Programas Culturais

1. Roteiros Culturais:

- Roteiro Camiliano;
- Roteiro Maria Moises;
- Roteiro Tessouros de Ribeira de Pena;

2. Caminhos Culturais

- Rota do linho;
- Levada de Santo Aleixo;
- Vale do Poio;
- Rota do volfrâmio;

3. Natourtracks

Caminhadas:

- Subida ao Cai D'Alto – Rio Poio;
- Ciclo do Linho;
- Trilho do Lobo
- Alvão;
- Levada de Santo Aleixo;
- Caminho do Abade.
- Tours 4x4
- Passeios 4x4 Aldeias serranas e descobrir RPN;
- Rota do Linho 4x4;

4. Circuitos Culturais:

- Circuito entre a Serra e o Vale;
- Circuito de Canêdo;

5. Criação do projeto social " Deixa o Bullying só"

Eventos Culturais

1. Convívios e comemorações

- Convívio da Castanha (novembro- 5ªed);
- Cantares das Janeiras nas várias freguesias do concelho (Anual);
- Congresso Internacional Camilo: O homem, o génio e tempo (Setembro- 2ªed);
- Juramento da Bandeira (Anual);
- Comemorações do dia mundial da criança (Anual);
- Gala da Academia de artes Douro e Tâmega (julho- 2ªed);
- Passeio de Motos e Motorizadas Clássicas (maio- 2ªed);
- Dia internacional dos Museus (maio- anual);
- Caminhada à levada de Agunchos (maio- 2ªed);
- Ribeira de Pena empreende (maio- 3ªed);
- Comemorações do 25 de Abril (Anual);
- Comemoração do dia internacional dos monumentos e sítios;
- Comemoração do dia internacional dos museus
- Semana Camiliana;
- Participação no projeto EULAC-MUSEUMS (promover o linho)
- Semana da floresta (fevereiro- anual);
- Rota do Poio (março- 3ªed);
- Taça de Portugal de Downill (novembro- 4ªed);
- Teatro(ocasional)
- Desfolhada tradicional (outubro-anual)

2. Feiras

- Feira das sopas de Cerva- 3 anos (Nov);
- Feira do Vinho e do mel- 3 anos (Junho);
- Feira do Livro (anual)
- Feira do Linho (Anual);
- Feira Anual do Gado (Carvalhais);
- Mercadinho de Natal (dezembro-3ª edição)

3.Festas

- Festival de Flocore;
- Festa da truta(4anos);
- São Brás em Ribeira de Pena (Fevereiro);
- Romaria da Nossa da Guia;
- Festa de Natal da Escola (dezembro);
- Festival de música Junior (Agosto);
- Carnaval da Venda Nova;
- Carnaval de Daivões ;

Festas dos Santos:

- SãoTiago;
- São Pedro (Paço e Cerva);
- Santa Marinha;
- Divino Salvador e a Senhora das Angústias;
- Santo António;
- São João Batista;
- São João;

4.Concertos:

- Ano Novo;
- Reis;
- Canções tradicionais de Natal;

<p>5. Exposições permanentes ou esporádicas:</p> <p>Exposição dos centros de Convívio; Exposição “Caminha para dentro: Não te há de faltar a distância” Exposição “No interior” Exposição de desenho e pintura- Alfredo Cabeleira Exposição “Olhares Camilianos”</p>
<p>6. Sessões de esclarecimento saúde e educação</p>
<p>7. Ações de sensibilização: saúde e educação</p>
<p>8. Sessões de Formação</p> <p>- Como criar o proprio emprego; - inovar no Turismo, valorizar o linho</p>
<p>9. Seminários de cariz ambiental</p>
<p>10. Workshops (ocasional);</p> <p>- Gestão do orçamento familiar; - Nutrição e treino; - Tortulhos de Ribeira de Pena.</p>

Gastronomia	Associações Culturais
<ul style="list-style-type: none"> - Milhos; - Arroz de Bacalhau na Hora; - Couves com Feijão; - Arroz de Morcela; quequelinho; - Carne Maronesa; - doce de chila com amendoa no forno; - vinho verde da região; - alheiras e morcelas de cervã; - Fritada de peixes do rio; - Capotes de Bacalhau; - Doçarias: - leite creme; rabanadas; os formigos, os bolos de farinha; morcelas doces; sarabulho doce; - Mel; 	<ul style="list-style-type: none"> - Associação cultural Recreativa de Melhe; - Cooperativa de desenvolvimento turísticos e cultural do Vale do Tâmega - Associação cultural e recreativa de Fragalhinha; - Associação Cultural Desportiva e recreativa de Angunchos; - Associação artesãos da Trofa; - Associação Cultural, desportiva e recreativa de Santa Marinha; - Associação desportiva recreativa e cultural os amigos de Cervã; - Cooperativa de Artesanato de Limões; - Confraria Gastronómica dos Milhos;

Apêndice 4 - Questionário

4.1. Versão original (versão em Português)

Data: _____ N° do questionário: ____

Importância das atrações culturais na visita ao concelho de Ribeira de Pena

Este questionário integra-se num estudo a desenvolver no âmbito de um projeto de mestrado, e tem como principal objetivo identificar constrangimentos para apreciar atrações culturais no concelho de Ribeira de Pena (ex. visitar museus, contemplar outras atrações culturais e participar em eventos culturais), bem como motivações para apreciar essas atrações. Este estudo é muito importante para desenvolver ações que fomentem mais visitas a atrações culturais do concelho de Ribeira de Pena e visitas mais enriquecedoras a esse concelho.

A informação recolhida terá um caráter confidencial, sendo utilizada somente para fins académicos.

A sua colaboração neste inquérito é fundamental para a realização do estudo. Agradeço, desde já, a sua colaboração.

1. Concelho de residência: _____

Parte I – Apreciação das atrações culturais do concelho de Ribeira de Pena

2. Durante esta visita que está a realizar ao concelho de Ribeira de Pena, neste concelho já visitou (ou planeia visitar) algum museu, já contemplou (ou planeia contemplar) alguma outra atração cultural, ou já participou (ou planeia participar) em algum evento cultural?

Não passe diretamente para a questão 6.

Sim se sim, assinale nos quadros seguintes os museus que visitou/planeia visitar, outras atrações culturais que contemplou/planeia contemplar ou eventos culturais em que participou/planeia participar.

Museus

Museu da Venda Nova	
Museu do Linho	
Museu da Escola: Casa da Cultura	
Museu do Minério: Museu do Volfrâmio	
Casa Museu: Casa de Camilo Castelo Branco	

Outras atrações culturais

Igrejas	
Capelas	
Relógios de Sol	
Monumento de Arquitetura Civil: Pelourinho de Cerva	
Monumentos arqueológico: Ponte Romana	
Monumento arqueológico: Castro da Cerva	
Monumento arqueológico: Santuário Rupestre Lamelas	

Eventos Culturais

Roteiros culturais (ex. Roteiro Camiliano, Roteiro Maria Moisés Roteiro Tesouros de Ribeira de Pena)	
Caminhadas culturais (ex. Subida ao Cai D'Alto Rio Poio, Ciclo do Linho, Trilho do Lobo – Alvão)	
Percurso de jipes (ex. Tours 4x4, Passeios 4x4 Aldeias serranas e descobrir RPN; Rota do Linho 4x4)	
Caminhadas solidárias (ex. relativas ao HIV, cancro da mama)	
Feiras (ex. Feira do Vinho e do Mel, Feira do Livro, Feira do Linho, Feira Anual do Gado).	
Comemorações culturais (ex. dia mundial da criança, Erguida da bandeira, Dia internacional dos Museus)	
Festas culturais e romarias (ex. festas das freguesias do concelho, Romaria da Nossa Senhora da Guia)	
Eventos de arte e música (ex. Gala da Academia de artes Douro e Tâmega)	
Palestras e Workshops culturais	

3. De que aspetos gostou mais nas atrações culturais que apreciou (que visitou, contemplou ou em que participou)?

1. _____
2. _____
3. _____

4. De que aspetos gostou menos nas atrações culturais que apreciou?

1. _____
2. _____
3. _____

Parte II – Motivações para visitar atrações culturais em Ribeira de Pena

5. Qual a importância dos seguintes fatores para ter decidido apreciar atrações culturais no concelho de Ribeira de Pena? Utilize uma escala de 1 (nada importante) a 5 (muito importante). Em cada linha, assinale com um círculo o número que melhor corresponde à sua opinião.

Divertir-se	1 2 3 4 5
Fuga da rotina	1 2 3 4 5
Descansar e relaxar	1 2 3 4 5
Distanciar-se dos problemas e frustrações do dia-a-dia	1 2 3 4 5
Interagir com outras pessoas	1 2 3 4 5
Obter valorização social (ex. aprovação por parte de outros, prestígio)	1 2 3 4 5
Obter novos conhecimentos e competências	1 2 3 4 5
Descobrir coisas novas e satisfazer a curiosidade	1 2 3 4 5
Ter novos desafios e experiências	1 2 3 4 5
Saber mais sobre a história e cultura de Ribeira de Pena	1 2 3 4 5
Acompanhar familiares e/ou amigos (crianças ou adultos) na visita	1 2 3 4 5
Participar ativamente em atividades e eventos culturais do concelho de Ribeira de Pena	1 2 3 4 5

Interesse pelo património cultural ou natural do concelho de Ribeira de Pena	1 2 3 4 5
--	-----------

Parte III – Constrangimentos à apreciação de atrações culturais no concelho de Ribeira de Pena

6. Em que medida concorda que os seguintes aspetos dificultaram que apreciase atrações culturais no concelho de Ribeira de Pena? Utilize uma escala de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente). Em cada linha, assinale com um círculo o número que melhor corresponde à sua opinião.

Constrangimentos	
Falta de interesse na cultura e em experiências culturais no Concelho	1 2 3 4 5
Existência de temas e atividades de pouco interesse nestas atrações	1 2 3 4 5
Tenho medo de realizar alguma ação durante a visita a estas atrações (ex. medo de subir escadas elevadas, medo de alturas)	1 2 3 4 5
A linguagem e a informação existente nestas atrações são difíceis de compreender e de grande complexidade	1 2 3 4 5
Tenho preferência por outro tipo de atividades	1 2 3 4 5
Prefiro visitar locais onde seja possível uma maior interação com outras pessoas	1 2 3 4 5
Falta de saúde e mobilidade para apreciar atrações culturais e participar nas suas atividades	1 2 3 4 5
Falta de segurança	1 2 3 4 5
Tenho más experiências infantis relativas à visita de atrações culturais	1 2 3 4 5
Falta de companhia	1 2 3 4 5
Reduzir o stress	1 2 3 4 5
Familiares ou amigos preferem visitar outras atrações/locais	1 2 3 4 5
Familiares ou amigos têm outros compromissos	1 2 3 4 5
A presença de crianças torna difícil a visita a estas atrações culturais ou a participação nas atividades culturais do Concelho	1 2 3 4 5
Não tenho conhecimento das atrações culturais existentes no Concelho	1 2 3 4 5
Não tenho informação relativamente às atrações culturais localizadas no Concelho	1 2 3 4 5
Constrangimentos	
Os transportes públicos que permitem ter acesso a essas atrações são inadequados	1 2 3 4 5
O custo de entrada nestas atrações é elevado	1 2 3 4 5
Neste momento existem poucas atividades culturais (ex. palestras, encenações, demonstrações) nestas atrações culturais	1 2 3 4 5
Equipamentos e serviços de apoio existentes nestas atrações são inadequados ou insuficientes	1 2 3 4 5
Considero que não vou encontrar nada de novo nestas atrações	1 2 3 4 5
Prefiro locais que proporcionem um maior à vontade e conforto	1 2 3 4 5
Outro(s). Qual(is)? _____	1 2 3 4 5

Parte IV – Sugestões para melhorar as atrações culturais em Ribeira de Pena

7. Que atividades gostaria que existissem no concelho de Ribeira de Pena? (pode assinalar mais do que uma opção)

Visitas guiadas a todas as atrações culturais	
Maior número de palestras e seminários de índole cultural	

Debates sobre diversas temáticas de índole cultural	
Maior número de exposições sobre a história e a cultura do concelho de Ribeira de Pena	
Formações sobre o património cultural e histórico do concelho de Ribeira de Pena	
Existência de <i>workshops</i> acerca da cultura do concelho de Ribeira de Pena	
Mais caminhadas em que se passe por atrações culturais	
Mais representações teatrais onde se apresente a história e a cultura do concelho de Ribeira de Pena	
Existência de um maior número de provas orientadas (ex. <i>peddy papers</i>) para descobrir mais sobre a cultura e a história do concelho de Ribeira de Pena	
Organização de mais visitas guiadas em que se realizem os vários caminhos e roteiros disponibilizados no concelho de Ribeira de Pena	
Existência de mais concertos e espetáculos musicais que promovam a cultura musical de Ribeira de Pena	
Existência de um maior número de feiras e festas culturais de diferentes temáticas culturais	
Existência de mais atividades culturais direcionadas para crianças (ex. teatros, caminhadas, histórias sobre a cultura da região, visitas esporádicas aos museus e suas exposições, aulas de dança típicas, atividades literárias sobre a história e cultura da região)	

8. Que outro tipo de atividades gostaria que decorressem nas atrações do concelho de Ribeira de Pena

1. _____
2. _____

9. Para melhorar a qualidade do serviço prestado nas atrações culturais no concelho de Ribeira de Pena, na sua opinião que estratégias precisam ser desenvolvidas?

1. _____
2. _____

Parte V – Caracterização da visita ao concelho de Ribeira de Pena

10. Meios de transporte utilizados para chegar ao concelho e para se deslocar no concelho (pode assinalar mais do que uma opção)

Avião Carro Comboio Autocarro Outro(s)
Qual(is)? _____

11. Como viaja?

Sozinho Se sim, passe diretamente para a questão 13. Acompanhado

12. Pessoas que o acompanham na visita

Número total de pessoas _____
Número de pessoas com menos de 10 anos _____
Número de pessoas com mobilidade reduzida _____

13. AlojamentoTurismo em espaço rural Estabelecimento hoteleiro Parque de campismo Outro Qual? _____**Parte VI – Caracterização socioeconómica****14. Género:** Feminino Masculino **15. Idade** _____**16. Estado Civil**Solteiro(a) Casado(a) Divorciado(a) Viúvo(a) Outro

Qual? _____

17. Tem filhos? Não Sim Quantos? _____ Idades _____**18. Habilitações literárias**

Ensino básico – 1º ciclo (antiga primária)	<input type="checkbox"/>
Ensino básico – 2º ciclo (antigo ciclo)	<input type="checkbox"/>
Ensino básico – 3º ciclo (antigo liceu)	<input type="checkbox"/>
Ensino secundário	<input type="checkbox"/>
Licenciatura	<input type="checkbox"/>
Mestrado	<input type="checkbox"/>
Doutoramento	<input type="checkbox"/>
Outras. Quais? _____	<input type="checkbox"/>

19. Situação perante o trabalhoEstudante Doméstico(a) Reformado(a) Empregado(a)

Desempregado(a)

Outra Qual? _____**20. Quanto dinheiro pensa gastar no concelho de Ribeira de Pena durante esta visita?**
_____ euros

Muito obrigada pela colaboração!

4.2. Versão em Espanhol

Fecha de llenado: _____ Número del cuestionario _____

Importancia de los atractivos culturales en la visita al municipio de Ribeira de pena

Este cuestionario es parte de un estudio que se desarrollará bajo un proyecto de maestría y tiene como objetivo identificar las limitaciones para apreciar las atracciones culturales en el municipio de Ribeira de pena (por ejemplo, visitar museos, contemplar otros atractivos y participar en eventos culturales, así como motivaciones para disfrutar de estas atracciones. Este estudio es muy importante para desarrollar acciones que fomenten más visitas a los atractivos culturales del municipio de Ribeira de pena y más enriquecedoras visitas a ese municipio.

La información recogida tendrá un carácter privado que se utiliza solamente para los propósitos académicos.

Su colaboración en esta encuesta es crucial para el estudio. Le agradezco su cooperación.

1. País de residencia: _____

Concejo de residencia (en el caso de los residentes en Portugal): _____

Parte I – Apreciación de los atractivos culturales del municipio de Ribeira de pena

2. Durante esta visita al municipio de Ribeira de pena, en este Concejo ha visitado (o planea visitar) algún museo, ya ha contemplado (o planifica contemplar) alguna otra atracción cultural, o ha participado (o planea participar) en algún evento ¿Cultural?

No Pasar directamente a la pregunta 6 .

Sí En caso afirmativo, marque en las siguientes tablas los museos que visitaba/planea visitar, otros atractivos culturales que contemplaba o planeaba considerar o eventos culturales en los que participó/planeó participar.

Museos

Museo de la Venda Nova	
El Museo de lino	
Museo de la escuela: Casa de la cultura	
Museo del mineral: Museo del tungsteno	
Casa Museo: Casa de Camilo Castelo Branco	

Otras atracciones culturales

Iglesias	
Capillas	
Relojes de sol	
Monumento de la arquitectura civil: Pelourinho de Cerva	
Monumento arqueológico: Puente Romano	
Monumento arqueológico: Castro da Cerva	
Monumento arqueológico: Santuário Rupestre Lamelas	

Eventos culturales

Itinerarios culturales (ej. guión Camiliana, guión María Moses, guión tesoros de Ribeira de pena)	
---	--

Caminatas culturales (por ejemplo, ascenso a CAI D´ alto Rio de Poio, ciclo de lino, Wolf Rail – Alvão)	
Ruta de los jeeps (por ejemplo, excursiones en 4x4, excursiones en 4x4 y descubrir RPN; Ruta de lino 4 x 4)	
Senderismo relacionado con la solidaridad (por ejemplo, el VIH, el cáncer de mama)	
Ferias (por ejemplo, Feria del vino y la miel, Feria del libro, Feria de lino, feria anual del ganado)	
Celebraciones culturales (e.g. día del mundo del niño, levantado de la bandera, día internacional de los museos)	
Festivales culturales y romanos (ej. festividades de las parroquias del municipio, peregrinación de nuestra Señora de la guía)	
Eventos de arte y música (por ejemplo, gala de la Academia de las artes del Duero y Tâmega)	
Conferencias y talleres culturales	

3. ¿Qué aspectos te gustaron más de las atracciones culturales que disfrutaste (que visitaste, contemplaste o participaste)?

1. _____
2. _____
3. _____

4. ¿Qué aspectos le gustaban menos de las atracciones culturales que disfrutó?

1. _____
2. _____
3. _____

Parte II – Motivaciones para visitar las atracciones culturales en Ribeira de pena

5. ¿Cuál es la importancia de los siguientes factores para haber decidido disfrutar de atractivos culturales en el municipio de Ribeira de pena? Utilice una escala de 1 (nada importante) a 5 (muy importante). En cada línea, marque con un círculo el número que mejor coincida con su opinión.

Divertido	1 2 3 4 5
Escape de rutina	1 2 3 4 5
Descanso y relax	1 2 3 4 5
Distanciarse de los problemas y las frustraciones de la vida cotidiana	1 2 3 4 5
Interactuar con otras personas	1 2 3 4 5
Obtención de apreciación social (por ejemplo, aprobación por otros, prestigio)	1 2 3 4 5
Consigue nuevos conocimientos y destrezas	1 2 3 4 5
Descubre nuevas cosas y satisface la curiosidad	1 2 3 4 5
Tienen nuevos retos y experiencias	1 2 3 4 5
Más información sobre la historia y la cultura de Ribeira de pena	1 2 3 4 5
Acompañar a familiares y/o amigos (niños o adultos) en la visita	1 2 3 4 5
Participar activamente en actividades culturales y eventos del municipio de Ribeira de pena	1 2 3 4 5
Interés por el patrimonio cultural o natural del municipio de Ribeira de pena	1 2 3 4 5

Parte III – Limitaciones a la apreciación de las atracciones culturales en el municipio de Ribeira de pena

6. ¿en qué medida está usted de acuerdo en que los siguientes aspectos le dificultaron disfrutar de atractivos culturales en el municipio de Ribeira de pena? Utilice una escala de 1 (estoy totalmente en desacuerdo) a 5 (estoy totalmente de acuerdo). En cada línea, marque con un círculo el número que mejor coincida con su opinión.

Restricciones	1	2	3	4	5
Existencia de temas y actividades de poco interés en estas atracciones	1	2	3	4	5
Tengo miedo de realizar alguna acción durante la visita a estas atracciones (por ejemplo, miedo a subir escaleras altas, miedo a las alturas)	1	2	3	4	5
El idioma y la información en estas atracciones son difíciles de comprender y de gran complejidad	1	2	3	4	5
Tengo preferencia por otros tipos de actividades	1	2	3	4	5
Prefiero visitar lugares donde es posible tener más interacción con otras personas	1	2	3	4	5
Falta de salud y movilidad para disfrutar de las atracciones culturales y participar en sus actividades	1	2	3	4	5
Falta de seguridad	1	2	3	4	5
Tengo malas experiencias de la niñez sobre la visita de las atracciones culturales	1	2	3	4	5
Falta de compañía	1	2	3	4	5
Reduzca el estrés	1	2	3	4	5
Familia o amigos prefieren visitar otras atracciones/lugares	1	2	3	4	5
Familiares o amigos tienen otros compromisos	1	2	3	4	5
La presencia de niños dificulta la visita a estas atracciones culturales o la participación en las actividades culturales de Ribeira de pena	1	2	3	4	5
No tengo conocimiento de los atractivos culturales que existen en Ribeira de pena	1	2	3	4	5
No tengo información sobre las atracciones culturales ubicadas en Ribeira de pena	1	2	3	4	5
El transporte público que permite el acceso a estas atracciones es inadecuado	1	2	3	4	5
El costo de entrar en estas atracciones es alto	1	2	3	4	5
Por el momento hay pocas actividades culturales (por ejemplo, conferencias, escenarios, demostraciones) en estas atracciones culturales	1	2	3	4	5
Los equipos y servicios de apoyo existentes en estas atracciones son inadecuados o insuficientes	1	2	3	4	5
Considero que no voy a encontrar nada nuevo en estas atracciones	1	2	3	4	5
Prefiero los lugares que proporcionan mayor facilidad y comodidad	1	2	3	4	5
Otro(s). Qual(is)? _____	1	2	3	4	5

Parte IV – Sugerencias para mejorar las atracciones culturales en Ribeira de pena

7. ¿Qué actividades le gustaría haber existido en el municipio de Ribeira de pena? (Puede señalar más de una opción)

Visitas guiadas a todas las atracciones culturales	
Mayor número de conferencias y seminarios de carácter cultural	

Debates sobre diversos temas de carácter cultural	
Mayor número de exposiciones sobre la historia y la cultura de Ribeira de pena	
Formaciones sobre el patrimonio cultural e histórico de Ribeira de pena	
Existencia de talleres sobre la cultura del Condado de Ribeira de pena	
Más senderismo en el que ir a través de atracciones culturales	
Más representaciones teatrales donde se presentan la historia y cultura del municipio de Ribeira de pena	
Existencia de un mayor número de pruebas orientadas (por ejemplo, papeles carroñeros) para conocer más sobre la cultura y la historia del municipio de Ribeira de pena	
Organizar visitas guiadas en las que se encuentran disponibles las diferentes rutas y rutas en el municipio de Ribeira de pena	
La existencia de más conciertos y actuaciones musicales que promueven la cultura musical de Ribeira de pena	
Existencia de un mayor número de ferias y festivales culturales de diferentes temáticas culturales	
Más actividades culturales dirigidas a los niños (por ejemplo, teatros, senderismo, historias sobre la cultura de la región, visitas esporádicas a museos y exposiciones, clases de danza típicas, actividades literarias sobre la historia y la cultura de Región)	

8. ¿Qué otro tipo de actividades le gustaría tener en las atracciones culturales en Ribeira de pena

1. _____
2. _____

9. Para mejorar la calidad del servicio ofrecido en los atractivos culturales del municipio de Ribeira de pena, en su opinión ¿qué estrategias se necesitan desarrollar?

1. _____

2. _____

Parte V – Caracterización de la visita al municipio de Ribeira de pena

10. Medio de transporte utilizado para llegar al condado y moverse en Ribeira de pena (puede señalar más de una opción)

Avión Coche Tren Autobús Otro(s)

Qual(is)? _____

11. Como viaja?

Solo Si es así, pase directamente a la pregunta 13 . Acompañado

12. Personas que te acompañan en la visita

Número total de personas _____

Número de personas menores de 10 años _____

Número de personas con movilidad reducida _____

13. Alojamiento

Turismo en el área rural Establecimiento hotelero

Parque de campismo Otro Qual? _____

Parte VI – Caracterización socio-económica

14. Género: Mujer Hombre

15. Edad _____

16. Estado Civil

Solo Casado(a) Divorciado(a) Viúdo(a) Otro
Qual? _____

17. ¿Tienes hijos? No Si ¿Cuántos? _____ Edades _____

18. Calificaciones literarias

Escuela primaria – 1er ciclo (ex-primaria)	<input type="checkbox"/>
Educación básica – 2º ciclo (ciclo antiguo)	<input type="checkbox"/>
Escuela primaria – 3er ciclo (vieja escuela)	<input type="checkbox"/>
Secundaria	<input type="checkbox"/>
Grado	<input type="checkbox"/>
Maestros	<input type="checkbox"/>
Doctorado	<input type="checkbox"/>
Otras. Quais? _____	<input type="checkbox"/>

19. Situación antes del trabajo

Estudiante Doméstico(a) Retirado Empleado Desempleados

Otra Qual? _____

20. ¿Cuánto dinero crees que gastas en el Condado de Ribeira de pena durante esta visita?
_____ euros

¡ Muchas gracias por su cooperación!

4.3. Versão Inglesa

Date: _____ Number of questionnaire: _____

Importance of the cultural attractions in the visit to Ribeira de Pena

This questionnaire is part of a study to be developed under a master's project and aims to identify constraints to appreciate cultural attractions in the municipality of Ribeira de Pena (e.g. visit museums, contemplate other attractions and participate in cultural events, as well as motivations to enjoy these attractions. This study is very important to develop actions that foster more visits to the cultural attractions of the municipality of Ribeira de Pena and more enriching visits to that county.

The information collected will have a confidential character, being used only for academic purposes.

Your collaboration in this survey is crucial for the study. I thank you for your cooperation.

1. Country of residence: _____

Municipality of residence (in the case of residents in Portugal):

Part I - Appreciation of the cultural attractions in Ribeira de Pena

2. During this visit to the Ribeira de Pena, has visited (or plans to visit) Some museum, has already contemplated (or plans to contemplate) some other cultural attraction, or has participated (or plans to participate) in some cultural event?

No Pass straightly for the question 6.

Yes If yes, Mark in the following tables the museums you have visited/plan to visit, other cultural attractions that contemplated/plan to contemplate or cultural events in which you participated/plan to participate.

Museums

Museum of Venda Nova	
The Linen Museum.	
School Museum: House of Culture	
Ore Museum: Museum of the Wolfram	
House Museum: House of Camilo Castelo Branco	

Other cultural attractions

Churches	
Chapels	
Sun clocks	
Monument of Civil Architecture: Pillory of Cerva	
Archeological Monuments: Roman bridge	
Archeological Monuments:: Castro da Cerva	
Archeological Monuments: Rock Shrine of Lamelas	

Cultural Events

Cultural itineraries (e.g. screenplay Camillian, screenplay Maria Moses, screenplay Treasures of Ribeira de Pena)	
Cultural hikes (e.g. Ascent to Cai D' Alto Rio Poio, Flax cycle, Wolf Rail – Alvão)	
Jeeps route (e.g. 4x4 tours, 4x4 mountain villages Tours and discovering RPN; 4 × 4 linen route)	

Solidarity-related hiking (e.g. HIV, breast cancer)	
Fairs (e.g. wine and Honey Fair, book fair, linen Fair, annual livestock Fair)	
Cultural celebrations (e.g. World Day of the child, Erected from the flag, International Day of the Museums)	
Cultural festivals and Romans (e.g. festivities of the parishes of the Council, pilgrimage of N ^a Senhora da Guia)	
Art and music events (e.g. Gala of the Academy of Douro Arts and Tâmega)	
Lectures and cultural workshops	

3. What aspects you liked most about the cultural attractions you enjoyed (which you visited, contemplated or participated in)?

1. _____
2. _____
3. _____

4. What aspects did you like less about the cultural attractions you enjoyed?

1. _____
2. _____
3. _____

Part II - Motivations to visit cultural attractions in Ribeira de Pena

5. What is the importance of the following factors to have decided to enjoy cultural attractions in the municipality of Ribeira de Pena? Use a scale of 1 (Nothing important) to 5 (very important). In each line mark with a circle the number that best corresponds to your opinion.

Fun	1 2 3 4 5
Routine escape	1 2 3 4 5
Rest and relax	1 2 3 4 5
Distance yourself from the problems and frustrations of everyday life	1 2 3 4 5
Interact with other people	1 2 3 4 5
Obtaining social appreciation (e.g. approval by others, prestige)	1 2 3 4 5
Obtaining new knowledge and skills	1 2 3 4 5
Discovering new things and satisfying curiosity	1 2 3 4 5
To have new challenges and experiences	1 2 3 4 5
Learn more about the history and culture of Ribeira de Pena	1 2 3 4 5
Accompany family members and/or friends (children or adults) on the visit.	1 2 3 4 5
Participate actively in cultural activities and events of the municipality of Ribeira de Pena	1 2 3 4 5
Interest in the cultural or natural heritage of the municipality of Ribeira de Pena	1 2 3 4 5

Part III - Constraints on the appreciation of cultural attractions in Ribeira de Pena

6. To what extent do you agree that the following aspects made it difficult for you to enjoy cultural attractions in the municipality of Ribeira de Pena? Use a scale of 1

(Nothing important) to 5 (very important). In each line mark with a circle the number that best corresponds to your opinion.

Constraints	
Lack of interest in culture and cultural experiences in the county	1 2 3 4 5
Existence of topics and activities of little interest in these attractions	1 2 3 4 5
I am afraid to perform some action during the visit to these attractions (e.g. fear of climbing high stairs, fear of heights)	1 2 3 4 5
The language and information in these attractions are difficult to comprehend and of great complexity	1 2 3 4 5
I have a preference for other types of activities	1 2 3 4 5
I prefer to visit places where more interaction with other people is possible	1 2 3 4 5
Lack of health and mobility to enjoy cultural attractions and participate in their activities	1 2 3 4 5
Lack of security	1 2 3 4 5
I have bad childhood experiences concerning the visit of cultural attractions	1 2 3 4 5
Lack of company	1 2 3 4 5
Reduce stress	1 2 3 4 5
Family or friends prefer to visit other attractions/Locations	1 2 3 4 5
Family or friends have other commitments	1 2 3 4 5
The presence of children makes it difficult to visit these cultural attractions or to participate in the cultural activities of the municipality	1 2 3 4 5
I have no knowledge of the cultural attractions that exist in Ribeira de Pena	1 2 3 4 5
I have no information regarding the cultural attractions located in Ribeira de Pena	1 2 3 4 5
Public transport that allows access to these attractions is inadequate	1 2 3 4 5
The cost of entering these attractions is high	1 2 3 4 5
At the moment there are few cultural activities (e.g. lectures, theatres, demonstrations) in these cultural attractions	1 2 3 4 5
Existing support equipment and services in these attractions are inadequate or insufficient	1 2 3 4 5
I consider that I will not find anything new in these attractions	1 2 3 4 5
I prefer places that provide greater ease and comfort	1 2 3 4 5
Other(s). What? _____	1 2 3 4 5

Part IV – Suggestions for improving cultural attractions in Ribeira de Pena

7. What activities would you like to have existed in the municipality of Ribeira de Pena? (You can point more than one option)

Guided tours to all cultural attractions	
Greater number of lectures and seminars of a cultural nature	
Debates on various themes of a cultural nature	
Greater number of exhibitions on the history and culture of the municipality of Ribeira de Pena	
Formations on the cultural and historical heritage of the municipality of Ribeira de Pena	
The existence of workshops on the culture of the municipality of Ribeira de Pena	
More hiking in which to go through cultural attractions	
More theatrical representations where the history and culture of the municipality of Ribeira de Pena are presented	

Existence of a greater number of evidence oriented (e.g. peddy papers) to find out more about the culture and history of the municipality of Ribeira de Pena	
Organising more guided tours in which the various routes and routes are made available in the municipality of Ribeira de Pena	
The existence of more concerts and musical performances that promote the music culture of Ribeira de Pena	
The existence of a greater number of fairs and cultural festivals of different cultural themes.	
More cultural activities directed towards children (e.g. theatres, hiking, stories about the culture of the region, sporadic visits to museums and exhibitions, typical dance classes, literary activities on the history and culture of Region)	

8. What other kind of activities would you like to take place in the attractions of Ribeira de Pena?

1. _____
2. _____

9. To improve the quality of service provided in the cultural attractions in the municipality of Ribeira de Pena, in your opinion what strategies need to be developed?

1. _____

2. _____

Part V – Characterization of the visit to the municipality of Ribeira de Pena

10. Means of transport used to get to the county and to move in the county (You can point more than one option)

Plane Car Train Bus Others(s)

What? _____

11. How do you travel?

Alone If so, pass directly to question 13. Accompanied

12. People who accompany you on the visit

Total number of people _____

Number of people under 10 years old _____

Number of people with reduced mobility _____

13. Accommodation

Tourism in rural area Hotel Establishment

Camping Park Other What? _____

Part VI – Socio-economic characterization

14. Gender: Female Male

15. Age _____

16. Marital statusSingle Married Divorced Widower Other What? _____**17. Do you have children?** No Yes How many? _____ Ages _____**18. Literary qualifications**

Basic teaching – 1st cycle (ancient primary)	
Basic teaching – 2nd cycle (ancient cycle)	
Basic teaching – 3rd cycle (ancient high school)	
Secondary teaching	
Graduation	
Master	
Doctorate degree	
Outras. Quais? _____	

19. Situation before the workStudent Domestic Retired Employee Unemployed
Other What? _____**20.** How much money do you think you spend in the county of Ribeira de Pena during this visit? _____ euros

Thank you so much for your cooperation!

4.4. Versão Francesa

Date: _____ Numéro du questionnaire: _____

Importance des attraits culturels lors de la visite de la municipalité de Ribeira de Pena

Ce questionnaire fait partie d'une étude à développer dans le cadre d'un projet de maîtrise et vise à identifier les contraintes d'apprécier les attraits culturels dans la municipalité de Ribeira de Pena (par exemple visiter les musées, contempler d'autres attractions et participer à des événements culturels) ainsi que des motivations pour apprécier ces attraits.

Cette étude est très importante pour développer des actions qui favorisent plus de visites aux attractions culturelles de la municipalité de Ribeira de Pena et des visites plus enrichissantes à ce comté.

L'information recueillie aura un caractère confidentiel, n'étant utilisée qu'à des fins académiques.

Votre collaboration dans ce sondage est cruciale pour l'étude. J'apprécie votre coopération.

1. Pays de résidence: _____

Municipalité de résidence (dans le cas de résidents au Portugal):

Partie I – Appréciation des attraits culturels du comté de Ribeira de Pena

2. Au cours de cette visite à la municipalité de Ribeira de Pena, dans ce Conseil a visité (ou envisagé de visiter) un musée, a déjà envisagé (ou envisagé de contempler) une autre attraction culturelle, ou a participé (ou envisagé de participer) dans certains cas Culturel?

Non Passer directement à la question 6 .

Oui Si oui, marquez dans les tableaux suivants les musées qu'il a visités/plans à visiter, d'autres attractions culturelles qu'il a envisagées/envisagé de contempler ou des événements culturels dans lesquels il a participé/prévoyez de participer.

Musées

Autres attractions culturelles

Musée de la Venda Nova	
Le Musée du lin	
Musée de l'école: maison de la culture.	
Musée du minerai: Musée du tungstène	
Musée de la maison: maison de Camilo Castelo Branco	

Églises	
Chapelles	
Des horloges solaires	
Monument de l'architecture civile: Pelourinho de Cerva	
Monuments archéologiques: Pont Romain	
Monuments archéologiques: Castro da Cerva	
Monuments archéologiques: Santuário Rupestre Lamelas	

Événements culturels

Itinéraires culturels (p. ex. scénario camillier, scénario Maria Moses, scénario trésors de Ribeira de Pena)	
Randonnées culturelles (p. ex. ascension vers CAI D ´ Alto Rio Poio, cycle du lin, Wolf rail – Alvão).	
Route des jeeps (p. ex. tours 4x4, circuits 4x4 de montagne et découverte de RPN; Route de lin 4 x 4).	
Randonnées liées à la solidarité (p. ex. VIH, cancer du sein)	
Foires (p. ex. Foire du vin et du miel, salon du livre, salon du lin, foire annuelle du bétail)	
Célébrations culturelles (p. ex. Journée mondiale de l'enfant, érigée à partir du drapeau, Journée internationale des musées).	
Festivals culturels et Romains (p. ex. festivités des paroisses de la commune, pèlerinage de notre-Dame du guide)	
Événements artistiques et musicaux (p. ex. Gala de l'Académie des arts du Douro et Tâmega).	
Conférences et ateliers culturels	

3. Quels aspects avez-vous aimé le plus au sujet des attractions culturelles que vous avez appréciées (que vous avez visitées, envisagées ou auxquelles vous avez participé)?

1. _____
2. _____
3. _____

4. Quels aspects avez-vous aimé moins sur les attractions culturelles que vous avez apprécié?

1. _____
2. _____
3. _____

Partie II – Motivations pour visiter les attractions culturelles à Ribeira de Pena

5. Quelle est l'importance des facteurs suivants pour avoir décidé de profiter des attractions culturelles dans la municipalité de Ribeira de Pena? Utilisez une échelle de 1 (rien d'important) à 5 (très important). Dans chaque ligne de repère avec un cercle le nombre qui correspond le mieux à votre opinion.

Amusement	1 2 3 4 5
Évasion de routine	1 2 3 4 5
Repose-toi et Détends-toi	1 2 3 4 5
Éloignez-vous des problèmes et des frustrations de la vie quotidienne	1 2 3 4 5
Interaction avec d'autres personnes	1 2 3 4 5
Obtention d'une appréciation sociale (par exemple, approbation par d'autres, prestige)	1 2 3 4 5
Acquérir de nouvelles connaissances et compétences	1 2 3 4 5
Découvrir de nouvelles choses et de satisfaire la curiosité	1 2 3 4 5
Ont de nouveaux défis et expériences	1 2 3 4 5
En savoir plus sur l'histoire et la culture de Ribeira de Pena	1 2 3 4 5
Accompagner les membres de la famille et/ou les amis (enfants ou adultes) lors de la visite	1 2 3 4 5
Participer activement aux activités culturelles et événements de la municipalité de Ribeira de Pena	1 2 3 4 5
Intérêt pour le patrimoine culturel ou naturel de la municipalité de Ribeira de Pena	1 2 3 4 5

Partie III – Contraintes sur l'appréciation des attraits culturels dans la municipalité de Ribeira de Pena

6. Dans quelle mesure acceptez-vous que les aspects suivants vous ont rendu difficile de profiter des attraits culturels de la municipalité de Ribeira de Pena? Utilisez une échelle de 1 (rien d'important) à 5 (très important). Dans chaque ligne de repère avec un cercle le nombre qui correspond le mieux à votre opinion.

Contraintes	
Le manque d'intérêt pour la culture et les expériences culturelles dans le comté	1 2 3 4 5
L'existence de sujets et d'activités de peu d'intérêt dans ces attractions	1 2 3 4 5
J'ai peur d'effectuer une certaine action lors de la visite de ces attractions (par exemple, la peur de monter les escaliers hauts, la peur des hauteurs).	1 2 3 4 5
La langue et l'information dans ces attractions est difficile à comprendre et de grande complexité	1 2 3 4 5
J'ai une préférence pour d'autres types d'activités.	1 2 3 4 5
Je préfère visiter des endroits où plus d'interaction avec d'autres personnes est possible	1 2 3 4 5

Manque de santé et de mobilité pour profiter des attraits culturels et participer à leurs activités	1 2 3 4 5
Manque de sécurité	1 2 3 4 5
J'ai de mauvaises expériences d'enfance concernant la visite d'attractions culturelles.	1 2 3 4 5
Manque de compagnie	1 2 3 4 5
Réduire le stress	1 2 3 4 5
La famille ou les amis préfèrent visiter d'autres attractions/lieux	1 2 3 4 5
La famille ou les amis ont d'autres engagements	1 2 3 4 5
La présence d'enfants rend difficile la visite de ces attractions culturelles ou de participer aux activités culturelles de la municipalité	1 2 3 4 5
Je n'ai aucune connaissance des attractions culturelles qui existent dans le comté	1 2 3 4 5
Je n'ai aucune information concernant les attractions culturelles situées dans le comté	1 2 3 4 5
Les transports publics qui permettent d'accéder à ces attractions sont insuffisants	1 2 3 4 5
Le coût d'entrée de ces attractions est élevé	1 2 3 4 5
À l'heure actuelle, il y a peu d'activités culturelles (p. ex. conférences, mises en scène, manifestations) dans ces attractions culturelles.	1 2 3 4 5
Les équipements et services de soutien existants dans ces attractions sont insuffisants ou insuffisants	1 2 3 4 5
Je considère que je ne trouverai rien de nouveau dans ces attractions	1 2 3 4 5
Je préfère les endroits qui offrent plus de facilité et de confort Autres.	1 2 3 4 5
Autre. Quel? _____	1 2 3 4 5

Partie IV – Suggestions pour l'amélioration des attraits culturels à Ribeira de Pena

7. Quelles activités aimeriez-vous avoir existées dans la municipalité de Ribeira de Pena? (vous pouvez pointer plus d'une option)

Visites guidées à toutes les attractions culturelles	
Plus grand nombre de conférences et de séminaires de nature culturelle	
Débats sur divers thèmes de nature culturelle	
Plus grand nombre d'expositions sur l'histoire et la culture de la municipalité de Ribeira de Pena	
Formations sur le patrimoine culturel et historique de la commune de Ribeira de Pena.	
L'existence d'ateliers sur la culture de la municipalité de Ribeira de Pena	
Plus de randonnées pour passer par les attractions culturelles	
Plus de représentations théâtrales où l'histoire et la culture de la municipalité de Ribeira de Pena sont présentées	
L'existence d'un plus grand nombre de preuves orientées (p. ex. les papiers du Trésor) pour en savoir plus sur la culture et l'histoire de la municipalité de Ribeira de Pena	

Organiser des visites guidées dans lesquelles les différentes routes et itinéraires sont disponibles dans la commune de Ribeira de Pena	
L'existence de plus de concerts et de représentations musicales qui favorisent la culture musicale de Ribeira de Pena	
L'existence d'un plus grand nombre de foires et de festivals culturels de différents thèmes culturels	
Plus d'activités culturelles destinées aux enfants (théâtres, randonnées, histoires sur la culture de la région, visites sporadiques de musées et d'expositions, cours de danse typiques, activités littéraires sur l'histoire et la culture de Région)	

8. Quels autres types d'activités aimeriez-vous avoir dans les attractions du comté de Ribeira de Pena?

1. _____
2. _____

9. Pour améliorer la qualité du service offert dans les attractions culturelles de la municipalité de Ribeira de Pena, à votre avis quelles stratégies faut-il développer?

1. _____

2. _____

Partie V – Caractérisation de la visite de la municipalité de Ribeira de Pena

10. Moyen de transport utilisé pour se rendre au comté et de se déplacer dans le comté (vous pouvez pointer plus d'une option)

Avion Voiture Train Bus Autres

Quel? _____

11. Comment voyagez-vous?

Seul Si oui, passez directement à la question 13. Accompagné

12. Les personnes qui vous accompagnent lors de la visite

Nombre total de personnes _____
Nombre de personnes âgées de moins de 10 ans _____
Nombre de personnes à mobilité réduite _____

13. Hébergement

Tourisme en zone rurale Etablissement de l'hôtel
Camping Autre Quel? _____

Partie VI – Caractérisation socio-économique

14. Genre Femelle Mâle

15. Âge _____

16. Matrimonial

Seul Marié Divorcé Veuf Autre Quel? _____

17. Avez-vous des enfants? Non Oui Combien? _____
Âges _____

18. Qualifications littéraires

École primaire – 1er cycle (ancien primaire)	<input type="checkbox"/>
Éducation de base – 2ème cycle (ancien cycle)	<input type="checkbox"/>
École primaire – 3ème cycle (vieille école)	<input type="checkbox"/>
Enseignement secondaire	<input type="checkbox"/>
Degré	<input type="checkbox"/>
Maîtres	<input type="checkbox"/>
Doctorat	<input type="checkbox"/>
Autres. Quel? _____	<input type="checkbox"/>

19. Situation avant le travail

Étudiant Domestique Retraite/ Réformée employé/
employée
Autre Quel? _____

20. Combien d'argent pensez-vous dépenser dans le comté de Ribeira de Pena pendant cette visite? _____ euros

Merci beaucoup pour votre coopération!